

# A Defesa Nacional

---



AGÔSTO  
1951

NÚMERO  
445

General RENATO BAPTISTA NUNES, Diretor-Presidente.  
General ANTONIO DE CASTRO NASCIMENTO, Diretor-Gerente.  
Coronel ADALARDO FIALHO, Diretor-Secretário.

RIO DE JANEIRO

BRASIL

# A DEFESA NACIONAL

FUNDADA EM 10 DE OUTUBRO DE 1913

Ano XXXVIII

BRASIL — RIO DE JANEIRO, AGOSTO DE 1951

N. 445

## SUMÁRIO

	Págs.
Editorial.....	3
<b>ASSUNTOS DE CULTURA PROFISSIONAL</b>	
Ética de estudante — Gen. Manoel de Azambuja Brilhante.....	5
As linhas telefônicas nas guerras modernas — Maj. Floriano Möller.....	9
Em defesa da cavalaria — Cap. Luis Felipe de Azambuja.....	15
Processos de conduta do tiro — Cap. Ayrton de Carvalho Mattos.....	33
A cavalaria e os P.P. — Cap. L.C. Silveira.....	45
Táticas de infiltração — Cap. Alberto Furtado.....	47
Educação física militar — Cap. Estevam Meireles.....	55
<b>ASSUNTOS DE CULTURA GERAL</b>	
Imigração — Professor Djacir Menezes.....	59
Problemas do Brasil — XV — Cel. Adalardo Fialho.....	71
A energia atômica e suas aplicações — Ten.-Cel. Orlando Rangel.....	85
Os militares e os problemas sociais — VII — Ten.-Cel. Biograndino da Costa e Silva.....	91
Conceito moderno de segurança nacional — Cap. Carlos de Meira Mattos.....	97
Números na mensagem presidencial.....	101
<b>GEOGRAFIA E HISTORIA</b>	
A Geografia e as operações militares — II — Ten.-Cel. Senna Campos.....	109
San Martín, cidadão da América — Cap. Germano Seidl Vidal.....	117
Patton — Cap. Tácito Theophilo.....	125
Mallet, o patrono da Artilharia — Cap. Jonas Correia Neto.....	131
<b>OPINIÕES</b>	
Diretoria de Armas.....	135
O militar e a política partidária — Ten.-Cel. A.C. Muniz de Aragão.....	139
Campo de recreio modelo "Lima Meireles" — Ten.-Cel. Hermenegildo de O. Carneiro.....	143
<b>DIVERSOS</b>	
Apresentação de oficiais do E.M.E. recentemente promovidos.....	147
Da provincia — Gen. Fernando Távora.....	149
A Fundação Osório.....	153
Dignificante exemplo — Ten.-Cel. Arold Ramos de Castro.....	155
"23 de abril de 1811".....	157
Português sem mestre — Sgt. Geraldino Maronês.....	159
Notícias militares.....	165
Noticiário & legislação.....	169



# EDITORIAL

Prezado leitor :

A redação desta revista, ao ensejo do mês de Caxias e recordando a figura inolvidável do maior dos nossos soldados, exemplo ímpar de amor, dedicação e fidelidade à profissão, ao Exército e à Pátria, vem apelar para você, leitor amigo e para todos os camaradas do Exército, mais uma vez, em favor da sobrevivência deste órgão da nossa classe. Porque a verdade nua e crua é esta: a sua, a nossa revista, a revista fundada há 38 anos por um grupo de oficiais idealistas, está condenada a desaparecer, se você não a amparar. O número de assinantes vem baixando nos últimos anos e isso num meio em que há mais de 10 mil assinantes potenciais. Essa queda alarmante é qualquer coisa de sintomático. Das duas, uma: ou a revista não se mantém pelo desinteresse da classe, hipótese que desprezamos, ou não satisfaz os seus leitores e, neste caso, você, leitor amigo, não deve concorrer com a sua omissão e indiferença, qualquer egoísmo, para que a única revista da classe, há tantos anos o veículo da difusão cultural do Exército, a tribuna onde camaradas, de Norte a Sul e de Leste a Oeste do país, expõem os seus pontos de vista e emitem as suas opiniões sobre assuntos profissionais, desapareça definitivamente. Para que isso não aconteça, contamos com a sua valiosa opinião. Mande-nos dizer quais os pontos fracos da revista, em linguagem franca, sincera, sem reboços. É preciso que você diga quais os assuntos que mais lhe interessam, novas seções que devam ser criadas ou até mesmo se alguma deva ser suprimida. A dosagem de cada seção não lhe agrada? Prefere mais temas de cultura geral? Profissional? História? Geografia? Traduções de bons artigos? Noticiário de atualidades militares mundiais? O que está certo? Errado? Você não pode negar-nos a sua opinião, para que, orientados por ela, possamos reerguer a sua revista. Somos os primeiros a reconhecer que ela possui pontos fracos. Retribuímos mal os colaboradores, o que influi decisivamente no valor dos assuntos. Mas isso é consequência, precisamente, do número insuficiente de assinantes. O preço de impressão é o mesmo, quer com poucos quer com muitos assinantes. Só um número elevado poderá deixar margem para a revista melhorar o seu programa de ação, no qual se inscreve e sempre se inscreveu o desejo sincero de retribuir os seus colaboradores à altura do valor dos seus temas. Reconhecemos, igualmente, em que pese à boa vontade e dedi-

cação de nossos representantes, que a distribuição é falha, irregular. Sabemos, através de cartas que recebemos, que há, em alguns casos, retardos de entrega de 2, 3 e até mais meses e isso apesar da revista, ultimamente, estar em dia com a publicação e a expedição ser pontual. Se o leitor desejar que os exemplares lhe sejam enviados diretamente, até mesmo para o endereço domiciliar, mande-nos dizer, pois o atenderemos. Todos esses pontos fracos e mais os que você indicar, estamos dispostos a corrigir. Confiamos também no seu talento, imaginação e cultura, para que não nos falte com a sua preciosa colaboração, pois é preciso não esquecer que esta revista deve ser o espelho da cultura dos nossos oficiais e nunca obra exclusiva de três ou quatro redatores a pontificarem sobre todos os assuntos, para o Exército inteiro. Indique-nos, ao menos, algum bom artigo para traduzir, aponte-nos a boa matéria, onde quer que se encontre. No papel anexo e que lhe pedimos que leia e divulgue entre os camaradas, encontram-se as novas condições de assinatura. Vamos ao ponto de autorizar descontos mensais para assinaturas anuais e isso apesar dos oficiais terem sido beneficiados com a substancial melhoria do novo Código de Vencimentos. Sete cruzeiros mensais, convenhamos, é quantia irrisória, quando se trata de manter viva uma das mais belas tradições da classe, quando se trata de manter estreitados, através da leitura, os laços de camaradagem e simpatia que unem os oficiais. Imaginemos, por instantes, leitor amigo, a desfavorável repercussão que teria, no estrangeiro, o desaparecimento da nossa revista, que mantém intercâmbio com quase tôdas as revistas militares do mundo. Não, não podemos deixar que isso aconteça e você, que comanda Corpo de Tropa ou chefia Estabelecimento, tem uma grande responsabilidade na reação desejada. É preciso convencer os seus subordinados, mais jovens, que assinar "A Defesa Nacional" é dever de solidariedade da classe, é prestigiar iniciativa que trabalha pelo aprimoramento da cultura profissional e geral dos quadros do Exército, é difundir a Geografia e História da Pátria, é oferecer oportunidade a todos para ampliarem os seus horizontes intelectuais, é levantar o clarim das opiniões, é, enfim, querer a continuação e não morte de uma instituição útil.

Neste mês em que se comemora o "Dia do Soldado", ao ensejo do aniversário de nascimento daquele que nos legou tantos exemplos de lealdade, abnegação e fidelidade ao Exército e à Pátria, ou seja, o ínclito Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, glorioso Duque de Caxias, temos a certeza de que os camaradas hão de ouvir de nosso apêlo e compreender, como o bravo soldado, quando desembainhou a sua invencível espada, em horror, que nas ocasiões de perigo é preciso passar à frente e tomar iniciativas que restabeleçam a situação e conduzam à Vitória, mesmo porque, hoje, mais do que nunca, sem uma sólida cultura profissional, nenhum Exército vencerá.

## ÉTICA DE ESTUDANTE

Ordem do dia do Exmo. Sr. Gen. Manoel de Azambuja Brillhante, Comandante da Escola Militar de Resende (Boletim Escolar n. 91, de 9 de maio de 1950)

O Cadete, futuro chefe, precisa ser digno deste nome. Necessita de valor moral e intelectual. Este necessário e aquêle indispensável ao exercício da autoridade militar, porque só as qualidades de caráter e vontade despertam o respeito e a admiração.

O Cadete é o detentor do dever cívico. Não falta aos compromissos. Não peca contra a dignidade. Lapidada o espírito na prática da verdade. Cultiva a integridade, através de diálogos com a consciência. Não mente, que a mentira corrompe o pudor. Não usurpa, visto que a cubija atrevida e solta constitui baixaza. Não busca, por processos ilícitos, alcançar êxitos a que suas qualidades físicas, intelectuais e morais não o habilitam. Tem a divulgação e o descrédito.

O Cadete não utiliza a fraude. Se o fizer, tornar-se-á triplemente nocivo. Aviltar-se-á. Furtará aos companheiros. Roubar-lhes-á a classificação, através de graus que não soube ou não quis conquistar com esforço e perseverança. Será prejudicial ao Exército. Se conseguir, mediante sucessivas e constantes mistificações, alcandorar-se ao oficialato, carecerá dos conhecimentos indispensáveis ao exercício dessa função. Será um frustrado, um incapaz.

O Cadete, como cidadão, deve conhecer os seus deveres e saber defender os seus direitos. Como militar, cumpre-lhe evitar a transigência que conduz à cumplicidade e afinal, ao amoralismo.

O grau e, em decorrência, a classificação são direitos que o Cadete conquista com labor, vontade e sa-

crifício. Colocam-no, ao fim do curso, numa extensa hierarquia que definirá o seu acesso aos diferentes postos, marcará sua carreira e condicionará a prosperidade de sua futura família.

O Cadete, por motivos de ética, se esforça por ocupar o lugar exato, compatível com o seu mérito. Não contribui para seu próprio dano, nem concorre para restringir a eficiência da coletividade armada. Embora não deseje ser fiscal de seus pares, não participa de atos contrários aos interesses do Exército. Evita a tolerância, oriunda da fraqueza humana, que favorece as más inclinações e prepara a dissolução dos costumes.

Assim, faça um apêlo e uma advertência aos Cadetes.

Conjuro-os para que não colaborem na intrujice e na trapaca, visto como as intenções impuras, nem por se disfarçarem encobrem as misérias que contêm. Não se desorientem nos caminhos turtuosos da ambição, que exige golpes de astúcia. Sintam sempre o sabor da tranqüilidade e a glória do íntimo e merecido consólo. Sejam os guardiães da verdade, em torno da qual os homens de bem param e escutam.

Advirto-os com a sanção de desligamento hoje imposta. A Escola Militar de Resende não é, nem permitirei que se torne, um reformatório. É um templo, onde as qualidades de cidadão são aprimoradas para que se transfundam em virtudes militares, não dá acolhida aos indecisos, aos fracos e aos desacreditados.

Ordem do dia do Exmo. Gen. Manoel de Azambuja Brilhante, Comandante da Escola Militar de Resende (Boletim Escolar n. 233, de 7 de novembro de 1950).

#### CADETES :

O ano letivo de 1950 está terminado. O momento convida a um exame de situação. É oportuna a análise do trabalho que produzistes. É edificante confrontar o esforço, que realizaste, e os resultados que conseguistes.

Muitos de Vós deverão prestar as provas finais. Outros, conquistaram média superior a cinco, que autoriza a aprovação imediata.

Estes, mais felizes, pois que sentem o prazer da tarefa bem cumprida, terão justo prêmio. Gozarão mais cedo as delícias das férias no lar paterno e no convívio dos entes amados. Não sofrerão as agonias e dúvidas que antecedem a realização dos exames. Os seus corações rebatem sonoramente porque a fadiga descansa no dever bem compreendido.

Aquêles, que não quiseram, não souberam ou não puderam conquistar a aprovação "a priori", serão submetidos às provas de fim de ano, quando jogarão a última cartada.

De qualquer maneira, uns e outros obtiveram o que mereceram. Estes, trabalhando com vontade e vigor, saem vitoriosos. Aquêles, por desperdício dos tempos de estudo, falta de compenetração ou deficiência de conhecimentos básicos, sofrem um insucesso, parcial ou total.

Cadetes, que ides prestar exames, executai-os com ética. Não pratiqueis a fraude, que corrompe o pudor e destrói a integridade. Não apeleis para a *proteção*, que constitui dupla baixa: — reconhecimento da própria incapacidade e pressuposição de que vossos Mestres possam transigrir.

A constatação da própria inaptidão é inadmissível no cidadão que se fez soldado e aspira o oficialato. O futuro chefe precisa de

valor moral e intelectual, indispensável ao exercício da autoridade militar. Se percebe que lhe faltam inteligência e vontade, não há alternativa, se é honesto. Resta-lhe somente se afastar, altaneiro e de cabeça erguida, da carreira para a qual não possui pendores.

A presunção de que os examinadores possam ser influenciados por terceiros macula, antes, quem a concebe. O conceito da transigência alheia constitui confissão da própria. Desonesto é quem propõe transação ilícita, mais do que quem a aceita. Inidóneo é aquêle que, através de processos inconfessáveis, busca alcançar êxitos, a que suas qualidades físicas, intelectuais e morais não o habilitam. Indigno é aquêle que não teme a divulgação e o descrédito.

Os cidadãos, de qualquer categoria, que tentam intervir junto aos professores, prejudicam o aluno. Tornam-se cúmplices de seus erros. Estimulam-no a persistir na vadiagem. Favorecem as suas más inclinações. Tornam-no céptico e dissoluto. Fazem-no acreditar na trapaça e na intrujice. Encaminham-no para os meandros tortuosos dos conchavos, que exigem golpes de astúcia. São traficantes da desonestidade. Agem na sombra mórbida da tolerância, que favorece as más inclinações e prepara a dissolução dos costumes.

O protectionismo não gera HOMENS. Cria fantoches, que se desmancham tão logo a mão tutelar abandone os cordéis. O Exército precisa de HOMENS, que saibam e possam servir, pensar, dirigir e sacrificar-se.

Os professores e instrutores desta Escola estão imunes de suspeita. Educadores, exercem a eminente prerrogativa de plasmar a inteligência e o moral da mocidade militar. A profissão singular, que adotaram, alcandoram-nos tão alto que, olhar para baixo, trar-lhes-ia a vertigem do abismo e o aniquilamento. Pontificam e orientam. Possuem a autoridade moral inflexível que afronta a prepotência dos aliciadores. São credores da vossa gratidão. Merecem o vosso respeito.

Cadetes, honrai os vossos mestres. Evitai os caminhos escusos e dissimulados, que corróem o conceito e preparam a desonra. Respeitai-os, como uma reverência à vossa própria individualidade ativa. Guardai, em tôdas as circunstâncias, a verdade. Experimental, sempre, o sabor da tranquilidade e a glória do íntimo e

merecido consólo. Educai o vosso pensamento na sinceridade e na boa fé. Séde honesto e confiai sempre na honestidade dos vossos diretores. Crêde na justiça que, severa e precisa, nunca tarda. Amai a responsabilidade. Tomai, como vossos exclusivamente, os insucessos que sofrerdes ou os êxitos que alcançardes. Constituí, cada um de vós, um **HOMEM**.

Para os seus equinos  
**RAÇÕES Prensadas**

*equinovita*

MOINHO FLUMINENSE S/A — TEL. 23-1829  
 AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, 463-A

## ARMAZÉM IDEAL

SECOS E MOLHADOS

Comprador, importador e exportador de cereais em alta escala

VENDAS POR ATACADO

Estoque permanente de ferragens em geral, querosene, gasolina —  
 Bebidas e conservas nacionais e estrangeiras

**ASSAD ABIGUENEM**

COMERCIANTE E INDUSTRIAL

REFINARIA SÃO JOSÉ — RUA D. FERNANDO, 42

Usina de Arroz "SÃO PEDRO" — Máquina para Cangica  
 Moinho de Fubá e Farinha de Mandioca

INSTALAÇÕES MODERNAS À RUA AQUIDABAN

End. Teleg. ABIGUENEM — Caixa Postal, 8

R. Bernardo Horta, 313 — Cachoeiro de Itapemirim

Estado do Espírito Santo



# AS LINHAS TELEFÔNICAS NAS GUERRAS MODERNAS

Tenente LUIZ MARIA PERFILO

Publicação da "Revista Militar Argentina"  
(Transcrito da Revista "Ejército", Espanha)

(Trad. do Maj. FLORIANO MÖLLER)

As experiências da última guerra permitem crer que o telefone não perdeu sua importância, mas que seu emprego sofreu certas limitações. Com efeito: a rapidez e mobilidade das operações com elementos mecanizados, a amplitude dos setores de emprego; a necessidade de colaboração estreita e eficiente com a Aeronáutica; a direção do tiro de artilharia por meio dos observadores avançados, situados o mais à frente possível; a transmissão rápida das informações sobre o inimigo e outras atividades peculiares às operações modernas, exigiram o emprego intensivo do rádio.

As transmissões devem ser, hoje, mais do que nunca, rápidas, seguras e terem uma flexibilidade tal, que possam continuar cumprindo sua missão, apesar das variantes que imponha a situação tática. A experiência faz admitir que essa missão será realizada principalmente pelo rádio. Mas, para não deixar assentado um princípio errôneo, devemos lembrar que as tropas americanas lançaram, em onze meses de guerra, na frente europeia, um milhão e meio de quilômetros de fio, para uso telefônico-telegráfico.

Não obstante isso, os americanos reconhecem, também, que fizeram uso do rádio com êxito, na direção das operações combinadas e que só ele poderá acompanhar o ritmo destas operações sem a perda da ligação entre os elementos em presença.

O uso do telefone parece desenvolver-se de preferência para a re-

taguarda do que para a frente; porém isso não significa que haja perdido sua importância, senão que a experiência aconselhou proporcionar transmissões seguras aos serviços da retaguarda, começando por dotá-los de unidades que executem essa finalidade.

São dignas de consideração as vantagens que apresenta o emprego dos cabos múltiplos na retaguarda e em outras circunstâncias. A vantagem técnica que um cabo múltiplo oferece, permitindo grande número de comunicações simultâneas e o fato de poder ser empregado em instalações de caráter semi-permanente e mesmo em instalações de campanha, leva-nos a admitir que, com seu emprego intenso, teremos tôdas as vantagens de caráter técnico, mas também as inconvenientes que apresenta a construção das linhas telefônicas sob o ponto de vista de vulnerabilidade, tempo de instalação e a necessidade de quantidades apreciáveis de pessoal e de material.

O alto rendimento que se obtém nos exercícios de tempo de paz, com o emprego da rede telefônica na defensiva, não serão conseguidos na guerra, em virtude dos explosivos poderosos, das grandes concentrações de fogo de artilharia, dos projéteis dirigidos, etc. Por isso, a interrupção das linhas telefônicas será o normal, e só o emprego de meios rádio, ao abrigo do fogo inimigo, atenderá satisfatoriamente esse desideratum.

Nesta situação, a base do sistema de transmissões deve ser constituída pelos meios rádio; pe-

lo emprego de sinais convencionais (artifícios de sinalização) e por mensageiros; as experiências da 2ª Grande Guerra assim o fazem acreditar.

É fora de dúvida que o emprego tático dos meios de comunicações sofreu modificações.

#### REDES RADIO

Na 2ª Grande Guerra, foi feito emprego intensivo do rádio e das ondas ultra-curtas (micro-ondas). Em todos os escalões, o emprego do rádio foi constante e proveitoso. Nas operações combinadas para o assalto às ilhas do Pacífico, como única forma de assegurar a direção coordenada das mesmas nas selvas; para a ligação com os elementos de reconhecimento, colunas de marcha e formações isoladas; na Europa, não só para manobrar e acionar enormes massas de soldados e equipamentos, senão também para uma eficiente cooperação entre todas as forças que intervêm nas operações; na busca de informações, na propaganda e nas transmissões para a retaguarda; no salvamento de naufragos ou de aviadores abatidos. Enfim, seria interminável enumerar as aplicações que se fizeram do rádio.

É digno de nota referir que um dos aperfeiçoamentos técnicos mais importantes foi o emprego das ondas eletromagnéticas de muito alta frequência (micro-ondas). Estas ondas se propagam em linha reta e, mediante dispositivos direcionais e de transmissão múltipla, permitem várias comunicações simultâneas, telefônicas e telegráficas, de posto a posto. Sendo o feixe eletromagnético dirigido, as possibilidades de o inimigo captar essas comunicações são escassas. Sua instalação rápida e fácil, da mesma forma que a economia de material, a facilidade de manutenção e seu grande rendimento, permitem admitir que, no futuro, se fará deste processo de comunicações rádio um emprego intenso e proveitoso, sendo seu campo de aplicação o mais diversificado.

Tudo isto permite pensar que a última contenda mundial estabe-

leceu para sempre o verdadeiro valor do rádio nas ações militares, especialmente nas operações combinadas, dissipando o temor de sua falta de segurança.

#### LINHAS TELEFONICAS PERMANENTES

As linhas telefônicas permanentes exigem muito tempo para sua construção, se bem que constituam a base das comunicações do Exército. O critério atual é preparar desde o tempo de paz, no próprio território, linhas de caráter operacional, com as características e exigências dessas linhas.

No referente a material, faz-se necessário empregar fios e cabos que, por suas características técnicas, permitam o maior número possível de comunicações e, especialmente, efetuar a construção de linhas telefônicas subterrâneas, em sua totalidade. Não é necessário lembrar a necessidade deste tipo de construção, em uma época em que os meios modernos de destruição tornam facilmente vulneráveis as linhas aéreas.

É indubitável que a despesa para a construção de linhas subterrâneas seja muito elevada; porém, só assim, quando for necessário, poder-se-á contar com a rede telefônica-telegráfica permanente, — tão importante no tempo de paz e especialmente na guerra.

Por outro lado, a possibilidade de manter o sigilo da localização das linhas, permitirá evitar os atos de sabotagem e a destruição de parte das mesmas.

O exame das atividades dos Grupos de Exército, na Europa, torna patente o emprego intenso das redes telefônicas permanentes francesas e das deixadas pelas alemãs e a necessidade de se contar com um pessoal técnico capaz, para os trabalhos de construção, conservação e de reparação das linhas. Os técnicos franceses desenvolveram, nesse sentido, uma atividade digna de todos os encômios.

Por sua vez, estabeleceu-se, durante a invasão, a ligação telefônica entre a Normândia e a Inglaterra,

por meio de dois cabos submarinos, lançados logo após o desembarque. Enquanto um atingia Longnes, nas proximidades de Arromanches, o outro se destinava a Cherburgo, chegando o navio que os lançava, a este pórt, no mesmo instante que as vanguardas americanas alcançavam as portas da cidade. Tudo isto põe em evidência a importância e a vantagem de se possuir uma rede telefônica-telegráfica permanente, densa e eficiente, já construída desde o tempo de paz.

#### MATERIAL DE TRANSMISSÕES

É fora de dúvida que o ideal é possuir um material moderno e que satisfaça os últimos adiantamentos técnicos nesse ramo do conhecimento humano. Isto depende, em primeiro plano, da capacidade industrial ou do poder aquisitivo no estrangeiro. Também se deve procurar alcançar a maior simplicidade no material e muito especialmente na obtenção de equipamentos de características específicas, segundo o escalão a que se destinarem, de forma a solucionar satisfatoriamente o problema das transmissões. Por sua vez, os esforços devem tender para os escalões inferiores, com o objetivo de dar ao Cmt. de Pelotão a ligação radioelétrica com seu Comandante de Companhia, o que, por certo, não é problemático, dado que já foi conseguido na 2ª Grande Guerra.

Existe outra tendência, que é a de efetuar uma redução no peso e dimensões dos aparelhos de transmissões, tanto telefônicos, como radioelétricos, incluindo o respectivo meio de transporte. Um estudo dos mesmos permitirá reduzir os elementos constituintes desses conjuntos, tanto quanto do material em si.

No que se refere aos aparelhos, será necessário executar a sua construção com essa idéia, empregando para isso material e características técnicas adequadas. Muitos países trabalham na consecução desse objetivo, com amplo êxito, sendo digna de menção a declaração do "War Department" do Exército Americano, de que "o

equipamento volumoso de comunicações já passou à história".

Atualmente, o material de transmissões de bôlso, as baterias do tamanho de uma barra de chocolate, os aparelhos de rádio portáteis e o equipamento de rádio-sonda deram, ao Serviço de Transmissões, um aspecto desconhecido na última guerra.

Leveza é a aspiração do programa atual de realizações do Corpo de Transmissões (Signal Corps), o qual tem por objetivo adaptá-lo a um Exército caracterizado pela rapidez e mobilidade, e no qual já é considerado antiquado a maior parte do equipamento de transmissões utilizado na última guerra.

Alguns dos êxitos alcançados consistem: um equipamento de radar, que anteriormente era transportado por cinco viaturas de 2 1/2 toneladas, foi reduzido ao tamanho de uma mesa de escritório, comum, sendo agora transportado em uma só viatura; a construção de acumuladores diminutos, que pesam apenas 150 gramas e que armazenam energia elétrica suficiente, empregados em baterias de quatro elementos e usados para acionar um transmissor com um alcance de 30 quilômetros; um quadro comutador que pesa apenas pouco mais de um quilograma e válvulas de rádio de menos de dois centímetros de altura.

#### CONCLUSÕES

O valor de um chefe geralmente se avalia por sua capacidade de ação para executar uma manobra e pela maneira de transmitir a seus subordinados as ordens que os permita executá-las. Para fazê-las chegar a destino, necessita dispor de transmissões rápidas e seguras, que funcionem nas condições mais desfavoráveis e que sejam capazes de acompanhá-los sem perder o contacto.

O emprego do rádio permite desenvolver tráfego volumoso, utilizando muito pouco pessoal e sem que seja necessário uma grande quantidade de material.

A construção de linhas telefônicas exige grande quantidade de pessoal, de material e de tempo, em relação com as rédes rádio, sendo vulneráveis à sabotagem, à circulação de viaturas e ao fogo inimigo.

As ondas ultra-curtas (micro-ondas) são vulneráveis unicamente nos postos de origem.

É necessário uma organização minuciosa para o suprimento do material.

Devem estabelecer-se linhas de fio, ainda que poucas, que permitam grande volume de tráfego, protegidas do fogo inimigo e da circulação das viaturas e da tropa.

As reservas devem dispor de meios de transmissões seguros e em funcionamento contínuo, única forma de poderem intervir oportunamente.

As linhas telefônicas não asseguram, por si só, as transmissões em uma situação defensiva.

É necessário possuir, nas áreas de operações, grandes reservas de material de transmissões.

O rádio é o principal meio de transmissões numa situação de defensiva dinâmica (móvel). As linhas telefônicas mais seguras, sob o ponto de vista da escuta inimiga, não merecem nenhuma confiança, desde que estejam expostas aos bombardeios da aviação e aos fogos da artilharia pesada.

O rádio permite emprego muito vantajoso, com um tráfego intenso, porém necessita freqüências e equipamentos disponíveis, para assegurar constantemente as comunicações, nos deslocamentos, no decurso do combate e sobretudo nos movimentos retrógrados.

Na defensiva em largas frentes, é necessário conformar-se em ocupar fracamente o terreno e basear a defesa nos fogos de artilharia, no apoio da aviação e nos contra-ataques. Estas ações não podem ser executadas sem um sistema de transmissões totalmente seguro.

As unidades combatentes devem possuir meios de comunicações seguros, que lhes permitam comunicar-se com seus serviços.

O pessoal para atender os postos de rádio deve ser muito capaz e constituído de elementos especializados.

Todo o pessoal, sem exceção, deve velar por que se faça um emprego racional e adequado dos meios de transmissões.

O rádio é o meio em que deverão basear-se as transmissões no futuro, no decorrer das operações. Todos os escalões, sem exceção, deverão possuir meios de transmissões rádio.

Os problemas de transmissões sempre são capitais. Para a frente, meios rádio. Para a retaguarda, meios telefônicos, telegráficos e radioelétricos.

As linhas telefônicas mantêm sua importância na retaguarda, mas não na frente de combate.

O material de transmissões deve ser simplificado e reduzido em peso e dimensões, do mesmo modo que os meios de transporte.

As linhas telefônicas serão estabelecidas normalmente, até o batalhão, sem chegarem às companhias.

O emprego intenso dos campos minados dificulta a construção das linhas telefônicas.

Dever-se-á dispor de pilhas, baterias e válvulas sobressalentes, nas proximidades dos elementos que as utilizem, dado o seu rápido desgaste.

Os sinais convencionais (artifícios de sinalização) nunca devem ser esquecidos, uma vez que estes e os mensageiros são, em último caso, os meios mais seguros de comunicações.

A desorganização das transmissões do inimigo deixa este sem a informação adequada e sem meios para emitir suas ordens.

As transmissões com fio estão sujeitas a interrupções, porém seu uso, em si, não denuncia a presença nem a situação das tropas, como faz o rádio.

Necessita-se pouco material e alguma habilidade para localizar um aparelho rádio de certa potência.

Os alemães mantinham "silêncio absoluto de rádio" no âmbito de suas unidades blindadas, até que se efetuasse o contacto, momento em que os aparelhos rádio eram postos em funcionamento, sem tomar quaisquer medidas de segurança criptográfica. A sua teoria era que a informação captada pelo inimigo, nesse momento, não teria nenhum valor.

As transmissões são vitais para a conduta adequada da batalha.

No futuro se fará um emprego intenso das ondas ultra-curtas, dos cabos múltiplos e da transmissão múltipla ("carrier").

Sem transmissões, surge a incerteza; a incerteza gera toda classe de rumores, base do desespero e do caos.

\* \*

"Expofesso" se reproduziram várias conclusões que figuram nos regulamentos, para reafirmar o valor e a atualidade das mesmas, se bem que o emprego das transmissões deva sofrer modificações.

Os conceitos que foram expostos expressam uma forma de interpretar e tirar conclusões, surgidas da análise da bibliografia da 2ª Grande Guerra.

## TAPEÇARIA "A NOIVA"

MARCA REGISTRADA

RUA DA CONSTITUIÇÃO, 22 — TELEFONE 22-0133

TAPEÇARIAS — CORTINAS — DECORAÇÕES

J. Leite & Abreu Ltda.

Rio de Janeiro

## JEORGE DIB CHAMON

Comerciante de Fazendas, Armarinhos, etc,

RUA NESTOR GOMES S/N — CASTELO — ESTADO E. SANTO

EIS O INSTRUMENTO QUE A  
PERFEIÇÃO TÉCNICO-ARTÍSTICA CREOU

para sua alma... e para  
o presente e futuro...

PIANOS

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

SCHWARTZMANN

LOJA-EXPOSIÇÃO: AV. RIO BRANCO, 257-A - RIO DE JANEIRO



# EM DEFESA DA CAVALARIA

Cap. LUIZ FELÍPPE DE AZAMBUJA

## I — APRESENTAÇÃO

Não pense, quem nos der a honra de intentar a leitura dêste artigo, que nêle vai encontrar originalidades na legitima acepção do termo. As idéias nêle contidas foram, em sua maior parte, colhidas na farta documentação que se acha esparsa, seja nas "notas" do Curso de Cavalaria da Escola de Aperfeiçoamento de Officiais e da Escola de Estado-Maior, seja nas publicações sôbre o assunto de que nos ocuparemos, em revistas militares nacionais e estrangeiras.

Nosso trabalho foi, apenas, o de reuni-las em um único corpo, encadeando-as por uma codificação metódica e seguindo um raciocínio lógico, para torná-las suficientemente compreensíveis.

Não temos mérito além do que significa voltar a bater numa velha tecla, a fim de que seu som não se torne em definitivo ausente de ouvidos que precisam continuar a ouvi-la, antes de a ação pertinaz da ferrugem seja capaz de anular por completo sua capacidade vibratória.

Ao redigir o presente trabalho, despimo-nos completamente de nossa qualidade de oficial de Cavalaria, no que tange ao alinhamento de razões, por intermédio das quais concluímos a indiscutibilidade da questão existencial da Arma. Guiou-nos, isto sim, a honestidade de propósitos, a preocupação de efetuar um julgamento desapassionado e imparcial, que constituem a linha única de procedimento para quem tem que encarar os problemas da organização militar — que se situam muito acima das contingências do "espi-

rito de Arma" — com os olhos voltados para a maior aptidão do Exército para o cumprimento da parte que lhe toca na cooperação de esforços em busca da vitória final.

Se, apesar disto, alguém pretender acusar-nos de facciosismo, pedimos que procure penetrar na linha de raciocínio que nos norteou, que medite sôbre a origem de nossa argumentação e que exponha com equanimidade suas conclusões. Se não fôr outro caminho para chegar ao mesmo destino, erramos o nosso e daremos a mão à palmatória.

## II — FINALIDADE

- A) O presente trabalho se destina:
- 1, a demonstrar que a Cavalaria ainda não desapareceu e que continua a ser necessária no campo de batalha;
  - 2, a estabelecer a compreensão da organização atual da DC, por forma a eliminar as bases da controvérsia cavalo ou motor;
  - 3, a equacionar os problemas que mais diretamente incidem sôbre as causas de ineficiência da Cavalaria.
- B) Em razão desta finalidade, este artigo é dedicado à leitura e à meditação, particularmente:
- 1, dos colegas de Cavalaria que já se acham à beira do caminho, ensurdecidos pelo barulho dos motores e obumbrados pela majestade da mecanização;
  - 2, dos colegas das outras Armas e dos Serviços que con-

sideram o desaparecimento da Cavalaria como iniludível ou que, sem ter ainda desposado este radicalismo, precisam ser alertados sobre a falsidade de semelhante interpretação.

### III — A NECESSIDADE DA CAVALARIA

#### A) *A Cavalaria ainda existe*

Quando éramos alunos da E.E.M., estávamos saindo de uma aula em que o instrutor, com muita facilidade de linguagem e elogiável entusiasmo, fizera um belo estudo sobre a "Cavalaria no ataque", e tivemos, acidentalmente, a oportunidade de ouvir, da parte de um colega de outra Arma, a seguinte expressão textual: "Os Cavaleiros fazem uma força louca para demonstrarem que a Cavalaria ainda existe".

Em verdade, não temos meios para testar o grau de convicção e de sinceridade com que esse nosso distinto colega emitiu tão contristadora sentença. Entretanto, naquele momento sobrou-nos a certeza de que semelhante conceito, como outros do mesmo qualite que andam por aí, refletem um ambiente predominantemente falso, que tende a propagar-se no meio militar. E, por não ser verdadeiro, torna-se grandemente prejudicial à estabilidade do clima de confiança e de compreensão que deve existir entre as Armas, bem como ao espírito de cooperação que as deve aglutinar, em benefício do conjunto de que são partes.

Não pretendemos argumentar com o objetivo de demonstrar que a Cavalaria ainda existe. Seria perder tempo para provar uma evidência, como aquela de que, ao apanharmos uma brasa com as mãos nuas, o mínimo que pode acontecer é queimarmos os dedos. Não obstante, é o caso de serem nossos colegas alertados sobre a incongruência dessas idéias por demais evoluídas, as quais fazem lembrar os malefícios que decorrem de uma receita com dosagens consideravelmente aumentadas.

A vitória na guerra, como já se tem dito tantas vezes, é fruto de uma íntima, perfeita cooperação de todos os elementos encarregados de acionar a máquina bélica em terra, no mar e no ar. Se este é um postulado sobre o qual não padece dúvida, podemos apropriar-nos da teoria dos ângulos equivalentes para dizer que ele também é verdadeiro no âmbito de qualquer um dos componentes das Forças Armadas. Isto pôsto, pressupor, ou — o que é pior — difundir que a Cavalaria não mais existe é mais do que mostrar desconhecimento das linhas gerais da organização militar mundial e, particularmente, da sul-americana, já que são poucos os países que, devido talvez à sua situação excepcional, não têm suas DC se ombreando com os demais tipos de Grandes Unidades; é colaborar direta e eficazmente para o solapamento do moral das Forças Terrestres, cuja constituição é amparada por pilastras dentre as quais uma, consoante tal tese, prejudica a harmonia do conjunto, imputando-lhe uma aparência antiquada, desarticulada, capenga e, por conseguinte, ineficiente.

As leis da evolução são inelutáveis, mas não impõem saltos. Enquadram processos lentos de adaptação, muito principalmente nos domínios da arte da guerra, em que fatores geográficos, geopolíticos, econômicos, sociais, etc., possuem tão importantes pontos de incidência. Os ensinamentos postos em relêvo nas últimas guerras são valiosos, sem dúvida, mas não podem ser transplantados por mera ação de um mimetismo inconsequente. As exigências da aclimação têm que ser obedecidas. Por isso, têm que ser examinadas refletida, ponderada, desapassionadamente, pois podem muito bem ser frutos que sazouaram em um determinado "habitat" e que, em outro, sob condições muito diferentes, podem não apresentar o mesmo amadurecimento.

A obediência aos princípios da evolução, mesmo àqueles que se revistam de caráter axiomático, deve resultar de um trabalho de

inteligência e de equanimidade. "Nem sempre se percebe bem, ou se lhe presta a devida atenção, ao fato de que os mais simples arranjos para a ação combinada dos homens, a melhor acomodação de suas atividades e energias para a realização de uma tarefa comum, requerem dispêndio considerável de inteligência, subjugação espontânea, voluntária ou forçada, dos mais díspares característicos individuais, recálque de fortísimos egoísmos..." (Cel. J.B. Magalhães — *Noções Militares Fundamentais*).

A aceitação impensada de radicais transformações oriundas do fenômeno da evolução é uma forma de ostentar excentricidade ou snobismo que, em nosso caso particular, não encontra razões de subsistência. Porque, em nossa organização militar, as Grandes Unidades de Cavalaria continuam a ocupar seu lugar ao sol, perfeitamente integradas no conjunto de suas co-irmãs; e nossa organização não foi e nem há indícios de que venha a ser modificada. Porque, nos estabelecimentos de ensino do Exército, mesmo naqueles em que se estuda a guerra do Futuro — através da aplicação de modernos processos de combate e de material de utilização muito recente e que, por isso mesmo, funcionam como verdadeiros "Laboratórios de Idéias" — não se acha excluído o Curso de Cavalaria, no qual são os alunos treinados no emprégo clássico da Arma, já ajustada às contingências ditadas pela evolução.

Quer parecer-nos, pois, que, sobre este assunto, não se faz necessária maior força de argumentação.

#### B) A Cavalaria ainda é necessária no Campo de Batalha

Para que possamos compreender tôdas as facetas sob que se apresentam as necessidades de um Comando em campanha, torna-se indispensável que examinemos o conjunto de princípios em que se resume a arte da guerra, no que se

relaciona à batalha e, por conseguinte, à tática.

Seguiremos, para tanto, idêntico método ao adotado em "notas" da E.E.M. sobre o tema. Seremos, porém, bem mais extensos. Comentaremos todos os princípios que nos parecem de maior interesse para a demonstração que pretendemos fazer, a fim de que a eliminação ou o grupamento dos que conduzem a conclusões semelhantes, seja feita naturalmente, pela própria sequência do raciocínio. A não ser assim, não estaríamos em guarda contra o erro elementar, quicá falta de sinceridade, da adoção de uma conclusão final estabelecida "a priori", quando o que nos interessa é que ela seja lógica, justa, verdadeira.

Pode-se dizer que, de um modo geral, os países enunciam seus princípios de guerra de diferentes formas, mas conservam, em essência, a mesma significação imutável que os individualiza. Não é preciso muito trabalho para se chegar à comprovação desta verdade. Se assim é, tomemos como paradigma os Estados Unidos, onde, segundo o Ten.-Cel. Frank Skelly (Military Review n. 5, 1949), são 9 os princípios de guerra:

- 1, o do objetivo;
- 2, o da simplicidade;
- 3, o da unidade de Comando;
- 4, o da ofensiva;
- 5, o da manobra;
- 6, o da massa;
- 7, o da economia de força;
- 8, o da surpresa;
- 9, o da segurança.

A importância relativa de cada um desses princípios não pode ser pre-estabelecida. A aplicação de um depende intimamente da de outros, em grau de intensidade que varia com as circunstâncias. O traço de ligação que existe entre eles não prejudicará, entretanto, à série de considerações que faremos sobre cada um dos sete de que nos vamos ocupar, já que deixaremos à margem o da simplicidade e o da unidade de comando, por julgarmos que são destituídos de interesse imediato para o presente estudo, que faremos à base das idéias ex-



pendidas pelo referido autor norte-americano.

### 1. Princípio do objetivo

É o que compreende a concentração de todos os esforços para o cumprimento da missão comum. Esta, numa dada operação, é dividida em partes variáveis, como pedras de um quebra-cabeça, e cada uma delas é distribuída aos diferentes elementos que integram o conjunto.

A marcha para o objetivo — que deve ser judiciosamente escolhido — até sua integral conquista, que é, em essência, a imposição da própria vontade à do inimigo, precisa ser executada, como diz o Marechal Montgomery, com o firme propósito de atingi-lo. Comporta sempre várias fases, nas quais o esforço solicitado não é o mesmo para todos aqueles elementos.

Cada um deles possui suas peculiaridades de emprego, que resultam das características que lhes são próprias. Só renderá o máximo de que é capaz se a obediência a essas peculiaridades não for subvertida. O empenho de forças que possuem grande potência de fogo e pequena mobilidade tática em missão que requer sobretudo muita fluidez, grande velocidade e acentuada flexibilidade, ou vice-versa, corresponde a uma antecipada disposição de meios de que só o inimigo usufruirá excelentes proveitos.

Disso se pode inferir que, para chegar ao objetivo e o conquistar com economia e rapidez, o Comando precisa dispor em suas mãos de elementos que, pela sua organização, equipamento e treinamento, sejam capazes de enfrentar e vencer as reações opostas pelo inimigo, em cada uma das fases da batalha, até sua feliz consecução. Em outras palavras: éle necessita coordenar a ação de elementos diversos, por intermédio dos quais obterá o indispensável conhecimento sobre o inimigo, anulará sua capacidade de resistência e impedirá sua fuga do campo de batalha. Etapas, portanto, diferentes que re-

pelem o emprego de meios homogêneos.

### 2. Princípio da ofensiva

Já é por demais trivial o aforismo de que "só a ofensiva conduz à vitória".

Mas a vitória estaria sempre ao alcance de qualquer grupamento de forças, se o difícil, o complexo não fosse potencializar a capacidade de realizar a ofensiva e escolher o momento mais oportuno para desencadeá-la. A situação pode revestir-se de circunstâncias que imponham ao Comando a adoção de um compasso de espera, durante o qual será forçado a manter outra qualquer atitude, inicialmente, até que surja o momento desejado e propício. Enquanto isto não se der, mormente em se tratando do início das operações, éle precisará iludir o inimigo, retardá-lo por todas as formas, perturbá-lo, desarticulá-lo, aspirá-lo para onde for mais conveniente. Este gênero de missão requer elemento especificamente capaz de a cumprir, cujo empenho não importe em enfraquecimento da massa que se pretende lançar posteriormente; exige meios que disponham de grande mobilidade tática e de apreciável mobilidade estratégica, porque o emprego, alternado ou concomitante de ambas, em conjunção com sua potência de fogo, é que lhes permitirá satisfazer a finalidade dessa difícil missão.

Quer parecer-nos que esta conclusão sublinha aquela a que chegamos quanto ao princípio do objetivo. A intimidade existente entre ambos não é de molde a proporcionar ilações substancialmente semelhantes.

### 3. Princípio da manobra

O ritmo acelerado da guerra atual impõe ao Comando a necessidade de dispor de elementos dotados de grande mobilidade estratégica, que possam ser colocados rapidamente face ao objetivo com um mínimo possível de desgaste físico. O aumento considerável da velocidade e do raio de ação só se

torna realmente útil para os deslocamentos na direção do inimigo, quando a rede de comunicações não só é bastante densa, como também é dotada da indispensável capacidade de tráfego. No caso contrário, as vantagens da grande mobilidade estratégica decaem de modo substancial, dando origem à necessidade de lançar no tablado os elementos que se qualificam pela posse de indiscutível mobilidade tática, se o Comando deles dispuser em tal eventualidade, muito comum aliás...

E durante a batalha? O desbordamento é a manobra por excelência da surpresa, enquanto o envolvimento o é da força. Mas ambas se desenvolvem sob o signo da mobilidade, que será tática ou estratégica, conforme, ainda sob este aspecto, as condições sob que se apresenta a rede de estradas.

Nos países com rarefeito traçado de comunicações, com grandes espaços impermeáveis ou com permeabilidade precária para viaturas, parece perigoso exagerar os cuidados e as atenções com os elementos que possuem grande mobilidade estratégica e reduzida mobilidade tática em detrimento daqueles que se caracterizam pela última, em alta dose.

Como em outros tantos casos, a virtude ainda se situa na solução intermediária.

#### 4. Princípio da massa

Corresponde à imposição da vontade quando e onde for julgado mais oportuno. É por seu intermédio que o Comando adquire absoluta superioridade material e moral, que o capacita para o desencadeamento de uma ação brutal, onde o inimigo está mais fraco e quando ele menos espera.

Temos assim que, para obter a massa no ponto desejado, é necessário deslocar efetivos para esse ponto, ou manobrar com eles; mas uma concentração deste gênero tem finalidade nitidamente ofensiva e esta condiciona a existência de um objetivo. Aliás, o ponto de concentração deve ser aquele que

maiores facilidades apresente para se chegar com rapidez ao objetivo. Vemos, então, o princípio da massa como se fôra a origem dos demais, estudados. Dada a sua conexão com eles, poderíamos grupar todos sob este mesmo título e chegaríamos às mesmas conclusões a que nos levou o exame separado de cada um.

#### 5. Princípio da economia de forças

Consiste em dosar os meios de modo adequado à missão. É o que se traduz na E.E.M. por "quem dá a missão, dá os meios".

Como cada elemento possui sua aptidão especial para o cumprimento de missões que lhe são clássicas, a melhor maneira de os empenhar judiciosamente é ditada pela preocupação de obedecer a essas peculiaridades. O esquecimento deste preceito elementar implicará num prematuro malbarato de esforços preciosos, que devem ser economizados, sem que deles se tenha obtido o grau de rendimento que se teve em vista.

Em muitas eventualidades, o Comando terá de decidir pela adoção de uma atitude defensiva em uma parte da frente, enquanto reúne os meios necessários para configurar sua superioridade em outra parte. Essa diversidade de atitudes enquadrada variedade de missões que, por sua vez, exigem elementos especificamente aptos para elas. Convém não esquecer esta verdade acacia: a homogeneidade de organização reflete similitude de modos de ação.

A defensiva "para ganhar tempo" é uma modalidade que se pode revestir da forma de "negaça". As tropas dela encarregadas têm de atuar em larga frente, explorando ao máximo sua mobilidade tática, sem se empenhar, tanto quanto possível, em uma ação decisiva. Com mais forte razão, se se visar atrair o inimigo para onde se pretende derrotá-lo pela manobra futura.

Entretanto, para tomar tais decisões, o Comando precisará estar na posse efetiva da indispensável

liberdade de ação, pôsto que, sem isso, êle não poderá agir com desembaraço. Disto se conclui que o principio da economia de forças, além de salientar a necessidade que tem o Comando de, possuir meios com aptidões diferentes, tem estreitos pontos de contacto com o da segurança, que estudaremos mais adiante.

#### 6. Principio da surpresa

Constitui como que a cúpula do emprêgo inteligente dos demais, já que, pelas inestimáveis vantagens que oferece, a surpresa deve ser buscada em tôdas as situações e por tôdas as formas.

Possui verso e reverso, isto é, tanto enquadra medidas que visem surpreender o inimigo, como outras capazes de evitar que sejamos por êle surpreendidos.

Podemos alinhar entre seus mais importantes componentes, como o fêz a Comissão dos Chefes de E. M. do Canadá, o segredo, o disfarce, a originalidade, a audácia e a rapidez. Nesta série de palavras encontra-se uma enorme gama de procedimentos ardilosos, de cuja utilização a História está cheia de eloquentes exemplos.

Queremos, entretanto, salientar um aspecto que não pode ficar nas entrelinhas. É o que se refere à busca da surpresa, seja pela introdução de material desconhecido no campo de batalha, seja pelo lançamento de meios conhecidos mas abandonados pelo outro contendor, que se deixou impregnar pelo conceito de sua desvalia.

Só vemos um modo de evitar esta forma de surpresa: levantar proficientemente, durante a paz, o potencial bélico exato, real, dos possíveis inimigos, para que a resposta aos seus ardis esteja condensada em nossa própria estrutura militar. CRECY, POITIERS e AZINCOURT, muito embora retratem processos em desuso, apresentam-nos um significativo exemplo que não deve cair no olvido. Modernamente, a amarga experiência dos blindados alemães na Rússia

merece, neste particular, um aprofundado estudo.

#### 7. Principio da segurança

É por seu intermédio que o Chefe adquire a necessária LIBERDADE DE AÇÃO para a montagem e para a execução de sua manobra.

Embora com aparência despresticiosa, é este principio que cria o ambiente favorável para a aplicação dos demais. A perda da iniciativa, no panorama geral da batalha, pode não configurar a derrota imediata, mas é o caminho direto para ela.

Todos os escalões devem-lhe obediência irrestrita, inclusive aqueles aos quais estão afetos os mais transcendentais problemas da defesa nacional.

Já que estamos emprestando a este principio uma importância incomensurável, raciocinemos com os demais e verifiquemos se a conclusão a que chegarmos corrobora ou não semelhante conceito. Ora, a vitória é alcançada pela completa destruição das forças inimigas e, para lograr esse desideratum, é necessário aplicar o principio da ofensiva. Mas a ofensiva origina a existência implícita de um objetivo que, para ser atingido com êxito, requer superioridade de meios, isto é, massa suficiente para impor a vontade do atacante. E a massa, por seu turno, precisa ser concentrada ou manobrada, tendo em vista colocá-la na região mais favorável.

Mas não é possível ser forte em todos os pontos; para sê-lo em um dêles, é necessário economizar meios nos outros, onde a dosagem deve ser adequada à missão, de tal modo que o fortalecimento da massa não venha a prejudicar o cenário geral da manobra. Esta, por sua vez, tem que ser arquitetada sob o signo da surpresa, a fim de evitar o contra-golpe do inimigo, por meio do qual, se não decretar o malôgo, pelo menos aumentará extraordinariamente a soma global de sacrifícios.

E essa desenvoltura do Chefe, essa faculdade sem peias de pes-

sar, de decidir, de agir, de ordenar, de comandar por quem é propiciada? Pura e unicamente pela LIBERDADE DE AÇÃO que lhe foi proporcionada pela correta aplicação do princípio da segurança. É, pois, uma conclusão perfeitamente emoldurada pela lógica a de que a segurança é essencial para a realização da manobra e constitui uma necessidade permanente para o Comando, em qualquer ação de guerra.

—o—

Assim considerando, vamos explorar, então, o princípio da segurança, examinando as exigências de sua exata aplicação, no que respeita à tática.

Os meios encarregados das missões de segurança, por imposição da unidade de comando, pertencem à massa para a qual trabalham e devem ser proporcionais a ela. Sua forma de ação é indistintamente individualizada, o que exige deles um grau de especialização condizente, por isso que, na ausência disso, seu emprego não seria econômico e provocaria um desgaste prematuro, sumamente prejudicial à massa.

E, em que consistirá esse grau de especialização? Naturalmente na posse de características que os recomendem, que os tornem aptos para o cumprimento cabal deste gênero de missão, para a qual a potência de fogo tem que ser relativamente forte para, inclusive, "conquistar" a informação, se necessário; a mobilidade estratégica deve ser grande, para que a busca de informes possa ser profunda no espaço, se a situação e as condições do terreno o permitirem; a mobilidade tática precisa ser igualmente ponderável, para que a ditadura do terreno não dificulte, nem impeça o cumprimento da missão. Em realidade, o órgão destinado à segurança precisa ter:

1 — VELOCIDADE: para compensar a perda de tempo gasto para a coleta dos informes, de modo a não prejudicar o deslocamento da massa para que está trabalhando.

2 — POTENCIA DE FOGO: para vencer as resistências do inimigo que se antepõem ao seu contacto com o grosso.

3 — FLUIDEZ: para atuar em qualquer terreno e sob quaisquer condições atmosféricas.

4 — FLEXIBILIDADE: para amoldar-se às diferentes formas sob que se pode apresentar a incógnita "inimigo".

5 — RAIOS DE AÇÃO: suficiente, para que os informes que fornece retratem situações, no tempo e no espaço, que permitam ao Comando agir com oportunidade.

### CONCLUSÃO

A simples inspeção das características acima identifica a Cavalaria como sendo a Arma por excelência especializada para as missões de segurança terrestre.

Apta especificamente para este gênero de missão, constitui um elemento precioso e insubstituível nas mãos do Comando, muito particularmente nos teatros em que a precariedade das comunicações condiciona e limita o emprego de elementos organizados à base da mobilidade estratégica.

Satisfeitas que sejam as exigências da segurança do Chefe, o objetivo estará à vista. Nessa ocasião, a Cavalaria, como reserva móvel, continuará a ser um trunfo inestimável à disposição do Comando, seja para influir no desenrolar das operações, seja para isolar com rapidez o campo de batalha, fechando suas saídas e impedindo a retirada inimiga.

Se nos pusermos no ângulo do outro contendor, face a uma operação ofensiva, fácil será depreender as necessidades que se depaeram ao Comando de empenhar elementos com as referidas características, pôsto que a questão para ele seria em tal caso, a da ingente troca do espaço pelo tempo. E os diferentes aspectos por que se pode apresentar esta permuta, quer em benefício da organização de uma posição em que se pretende barrar a progressão do inimigo, quer para a ocupação de outra à retaguarda

com a finalidade de recuperar a liberdade de ação, constituem um clima ideal para o emprêgo de elementos velozes, fluídos, flexíveis, como são os de Cavalaria.

Se nenhum dos dois contendores dispuser de Cavalaria, a situação se torna por certo equilibrada. Mas, se um dispuser e outro não, o desequilíbrio é francamente desfavorável para o último. A lição da História não deixa dúvida a respeito.

—o—

Algumas objeções poderão surgir para restringir a atualidade e a eloquência da verdade que esta conclusão encerra.

Uma delas será certamente a de que, na última guerra, a Cavalaria esteve ausente dos campos de batalha da Itália, da França e do Pacífico. Concordamos, porque isto é verdadeiro. A superfície dos mares, o signo das operações levadas a cabo (pelo menos em seu início), as condições geográficas dos diversos teatros, foram fatores que afastaram o emprêgo de um elemento, como o de Cavalaria, cuja capacidade ofensiva é limitada no espaço e cuja aptidão para a manobra, somente após um longo desenrolar dos acontecimentos, poderia ter sido explorada. Apesar disso, já são numerosos os autores concordes em que, se os Aliados possuissem um elemento de Cavalaria na Península Italiana, a vitória teria sido muito mais rápida e econômica do que foi, desde que motivos de ordem diplomática não desaconselhassem a aceleração das operações. A quem levantar esta objeção, sollicitamos que também concorde conosco quando dissermos, como fazemos agora, que a Cavalaria esteve presente na Rússia, onde se cobriu de louros excepcionais face às supermodernizadas tropas alemãs.

Outra objeção será a de que, nos Estados Unidos, a Cavalaria foi engolfada pelos blindados. Também é verdadeiro. É uma solução norte-americana para o caso norte-americano. Não nos compete aplaudir, porque as nações são dirigidas por

homens e os homens são falíveis; não nos cabe apurar, porque nada temos que ver com o assunto. Ao que se tiverem impressionado com o exemplo dos Estados Unidos, concitamos que meditem sobre a matéria; que procurem sentir o problema no seu aspecto geral e, não, num restrito ambiente local; que comparem essa solução com a de outros povos menos radicalistas, com a preocupação de captar elementos para a solução que mais interessa, que é a nossa; e que concluam, finalmente, sobre qual poderá ser o veredito inapelável do Futuro.

#### IV — A ORGANIZAÇÃO DA CAVALARIA. NEM SO CAVALO. NEM SO MOTOR

O estudo que fizemos sobre os princípios de guerra conduziu-nos à conclusão de que a Cavalaria ainda é necessária no campo de batalha, por isso que sua substituição por outro elemento qualquer, para o cumprimento das missões que lhe são clássicas e que requerem suas tradicionais características, reduz-se a um mau emprêgo de meios, com reais prejuízos a várias dessas regras basilares.

Ao acompanhar a seqüência de nosso raciocínio, o leitor não poderá deixar de ter constatado, à exuberância, que essa Cavalaria, no ponto de vista de sua organização, tem que ser mista em seu conjunto, englobando, entretanto, um "núcleo potencial hipomóvel" suficientemente forte para atender às exigências postas em relêvo (Cap. J. Fragomeni — Conferência da E.E.M. — 1948).

Ao dar prosseguimento às nossas considerações, partiremos da presuposição de que a organização atual de nossa D.C. é sobejamente conhecida; por isso, apenas tentaremos iluminar sua perfeita compreensão, a fim de enfrentar a corrente dos que consideram os elementos hipomóveis como verdadeiras peças de museu, relíquias do Passado, ou exemplares embolorados pela antiguidade e pelo desuso.

Supomos, antes de mais nada, que não haja discordância em que o arcabouço militar de uma nação não promana somente dos domínios da tática e da estratégia.

A economia dos povos gradua, em grande parte, a capacidade de preparação material dos mesmos para a guerra. A não ser que a irrefletida aplicação de suas disponibilidades seja feita para fins de constituição de uma poderosa máquina bélica, sem vislumbrar o perigo de uma grave depressão econômica decorrente, as inversões em benefício de suas Forças Armadas precisam ser estipuladas pela prudência, mesmo naqueles países que ostentam sólida economia ativa e majestática fortaleza financeira.

Isto não quer dizer, obviamente, que essas razões de prudência sejam levadas a tal porte que originem um estado de desinteresse, de despreocupação, de menoscabo ao trato dos negócios relativos à defesa nacional. O antigo conceito de tradicional pacifismo não mais pode ser encarado e, muito menos, pôsto em execução, diante da crua realidade dos fatos que pontilham o atual convívio internacional. Sua dolorosa significação impõe, a todos os povos, a dura necessidade de manter sua potencialidade bélica em termos de permanente eficiência, mesmo que isto importe em sacrifícios. É que a questão reside em poder sopesar o primeiro golpe, normalmente desencadeado de surpresa, para somente depois, quando se patentear a praticabilidade da resposta, ir ferir o agressor em seu próprio coração, com um máximo de rapidez e um mínimo de desgaste.

Para os países que não dispõem de avantajado índice econômico-financeiro; que possuem incipiente organização industrial; que precisam sangrar os cofres públicos com o estabelecimento de uma forte corrente de importação improdutiva, esse problema se torna consideravelmente mais delicado. Além do mais, sua corrida armamentista, quando os horizontes políticos se acham desanuviados, ou espelha

uma irreflexão, ou denuncia intenções que podem vir a ser mal interpretadas. O traço de prudência que precisam assinalar, na constituição de seu poderio militar, não deve evidenciar nem um nem outro desses dois aspectos negativos.

Em suma, para esses países a questão gravita em torno do dilema: ou se fortalecem militarmente, enfraquecendo as finanças públicas, ou fortificam as finanças públicas em detrimento de sua própria capacidade de defesa. Como ambas as proposições são desfavoráveis, a solução justa, principalmente para aqueles de sólida economia agro-pecuária, será a do termo médio, isto é, acompanhar a evolução "compensando a carência do que não produzem e que tanto lhes custaria obter nas horas difíceis da guerra, com o incremento da produção do que possuem dentro das próprias fronteiras, ou em vizinhança acessível" (Tenente-Coronel D. J. H. Menendez — "Algo mais sobre Cavalaria e Mecanização" — Revista do Círculo Militar — Argentina — 1948).

Alguém dirá que, apesar de tudo isso, a marcha para a motomecanização das forças terrestres é inapelável. Desde já apertamos a mão, prazerosamente, desse alguém, porque não somos refratários a esse ponto de vista. Apenas não aplicamos a essa sentença um caráter eminentemente silogístico, pôsto que dela continuamos a excluir o "núcleo potencial" da Cavalaria. Não por mero espírito de conservantismo sistemático, mas porque, para nós, os argumentos da tática e da economia já são sobremodo convincentes. A surpresa no campo de batalha e a falta de um meio fluido nas mãos do Comando; a inexistência de uma indústria pesada, a presença do cavalo dentro das próprias fronteiras e a "menor distância entre os campos de pastagem e o estômago do cavalo, do que entre os poços petrolíferos e os tanques de abastecimento", são pedras no sapato que não nos deixam andar de outra maneira...

Suponhamos, entretanto, que não bastem estas duas ordens de argumentos. Acrescentemos, então, os de origem geográfica a que já aludimos de passagem. A tirania do terreno, em tôdas as suas diferentes modalidades, é indistarcável. O terreno condiciona as operações, influi poderosamente na tomada da decisão e no planejamento dela decorrente, impõe as bases gerais de desdobramento dos meios, os quais se devem amoldar submissamente às suas exigências, se não quiserem ser derrotados antes mesmo de terem terçado armas. É impossível, além disso, isolar o terreno das condições climáticas que lhe são peculiares e que, geralmente, irritam ainda mais seu temperamento despótico, exigindo que o material e o equipamento, para não falar no homem também, sejam capazes de suportar e de eliminar toda a sorte de entraves que podem opor ao desenrolar normal das operações.

A experiência histórica é farta de ensinamentos neste particular. A vitória fimesa na batalha de SUOMUSSALMI, em 1939, foi devida, em grande parte, "à maneira pela qual as tropas russas estavam equipadas para os combates hibernais, caracterizando a superficialidade de sua preparação". (Ten.-Cel. A. Petersen — Military Review — Dez. 949).

Durante a batalha de MOSCOU, as divisões germânicas foram canalizadas para onde se tornou mais fácil aos russos decretarem a anulação de seu ímpeto ofensivo. E qual a causa disso? Deficiência de equipamento, impropriedade de material e, além disso, "é que a Alemanha não contava com Cavalaria. Faltava-lhe a Arma com que poderia acudir rapidamente em apoio às suas divisões blindadas. Não tinha com que desbordar, com rapidez, as zonas mais fortificadas da barragem". (Ten.-Cel. Menendez).

A contra-ofensiva russa dá-nos uma amostra de como se podem desenrolar as operações em florestas, em guerra de movimento, em terrenos lamacentos ou pantanosos. "Um fator que contribuiu

bastante para a superioridade do Exército Soviético, nesses especializados tipos de guerra, foi o emprego da Cavalaria, a cavalo". (Military Review — Fev. 951 — página 92).

Na frente italiana, foi Patton, sobre cujas convicções mecanizadas não podem pairar dúvidas, que evidenciou o que poderia ter feito, "se dispusesse de uma D.C. completa, com artilharia de montanha".

Muitos outros exemplos poderíamos apresentar, se não quiséssemos apenas lançar mão dos que são mais conhecidos, dentre os que conseguiram furar a muralha da obcecção evolucionista.

A mecanização é mesmo um fato irretorquível. Seria absurdo pensar, na era da potência de fogo protegida e da larga utilização da mobilidade estratégica, em oferecer resistência, em ser cego e surdo, em ser panegrista irredutível do que é obsoleto, diante do impulso renovador da moderna organização militar. O exemplo da França frente às "panzers" alemãs é um escapulário para ser usado pelos povos que não querem sentir o amargor da derrota. É necessário, entretanto, domar o ímpeto desse movimento tumultuoso das profundas transformações, interpretando a natureza íntima de seu sentido e adaptando-o, com sensatez e equilíbrio, à realidade da vida e das exigências da defesa nacional.

Uma vez que o advento do motor é imposição do fluxo evolucionista atual, a solução do bom-senso não há de ser nem a do 8 e nem a do 80, ou por outra, nem só cavalo, nem só motor. "O natural será motorizar quem se desloca a 4 km/h, ao invés de quem faz a 8 km/h. Conduzir em automóveis quem se move mais lenta e pensadamente e, não, quem o faz mais rápida e confortavelmente". (Tenente-Coronel Menendez).

#### CONCLUSÃO

A prudente interpretação do fenômeno evolutivo e o acurado estudo dos fatores táticos, econômicos, geográficos e históricos, ana-

lissados objetivamente à luz da realidade brasileira, presidiram e inspiraram, sem dúvida, o grau adequado de modernização que deveria ser introduzido na organização de nossa D.C., a fim de que as suas novas linhas não determinassem o desaparecimento das suas indispensáveis qualidades de fluidez, flexibilidade e potência.

A sensata fórmula de "nem só cavalo, nem só motor" manteve o enquadramento do "núcleo potencial hipomóvel" dentro dos velhos moldes, em seu aspecto geral, em proveito da faculdade de operar em qualquer terreno e sob quaisquer condições atmosféricas. Introduzindo o motor em dosagem equilibrada, aumentou consideravelmente a capacidade de investigação da D.C. e a possibilidade de seu comandante fazer valer a própria vontade muito mais longe e com muito mais acentuada rapidez, em harmonia com a velocidade da massa.

Vemos, assim, que o aparecimento do motor na organização da D.C. não afetou suas características essenciais. Pelo contrário, suplementou-as. "A combinação bastante feliz do cavalo e do motor constitui a sua mais marcante característica. Como se trata de um ponto delicado e muito discutido, é preciso fixar bem que:

- o motor e o cavalo não estão associados com tarefas comuns, mas, sim, combinados judiciosamente, com missões específicas diferentes, embora visando "uma resultante comum: a missão da D.C.;
- trabalhando em combinação, dentro de suas tarefas precipuas, o motor não fica amarrado ao cavalo e, muito menos, o cavalo ao motor". (Capitão J. Fragomeni — Conferência na E.E.M. — 1948).

A borrasca que se abateu sobre a Cavalaria já passou e, mais uma vez, ela emergiu incólume. A controvérsia "cavalo ou motor" carece de oportunidade, porque a resposta definitiva aí está na organização atual da D.C. Tenham fé os ca-

valarianos. Confiem os camaradas das outras Armas. O céu está limpo e nele resplandece o arco-íris anunciador da bonança a refletir, com letras de ouro, o crisol de glórias da Cavalaria, enteixado nos verbos:

### EXPLORAR, COBRIR E COMBATER.

#### V — OS PROBLEMAS DA CAVALARIA

Temos, pois, uma Cavalaria com sua organização inteligentemente adaptada à natureza da guerra moderna. Satisfatória mobilidade estratégica, notável mobilidade tática, grande potência de fogo ofensiva ou defensiva são os atributos que lhe são peculiares, tendo-se presente, é natural, o gênero de missões para que é particularmente apta.

Estamos, por conseguinte, muito adiantados nos terrenos do bom-senso e da reflexão. Não é o caso, então, de copiarmos soluções alheias, porque temos a nossa solução, fruto do nosso trabalho de inteligência, aplicado às nossas circunstâncias particulares. Muito mais do que copiarmos, o caso é de sermos copiados.

Vencida que foi esta importante etapa, em que pé se acham, entretanto, as questões relativas à nossa Cavalaria? A confusão em que se processou a crise tremenda que envolveu seus destinos produziu, é bem de ver, tumultuosas oscilações no clima de confiança com que precisa ser estimada. Além disso, a focalização de suas prementes necessidades passou "ipso facto" para segundo plano, aguardando talvez o raiar da nova aurora que se desenhava imprecisa.

Hoje já podemos asseverar que não basta ter Cavalaria; é necessário tê-la eficiente. Para isto, é urgente dar solução adequada aos problemas que a afligem e que são numerosos. Daí nossa intenção de pôr em evidência alguns dentre eles, que nos parecem de significação essencial. Não abordaremos, de propósito, aqueles atinentes aos meios motorizados e motomecanizados da D.C., porque são do con-



senso geral e não requerem comentários especiais. No que respeita ao Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, faremos um estudo à parte, futuramente.

Queremos deixar bem claro que, nas considerações que apresentaremos a seguir, não nos moveu qualquer espírito de censura a quem quer que seja. A elevação de propósitos, que desejamos fique impressa em nosso presente trabalho, não constitui caldo propício para a fermentação de sentimentos mal-sãos.

#### A) O problema da remonta

O Brasil ocupa o 4º lugar mundial em criação cavalar com, aproximadamente, 6,5 milhões de animais, em cômputo global. A maior condensação acha-se situada nos estados de Minas e Rio Grande do Sul, cujos índices se acham muito distanciados dos demais.

O exame perfunctório dos dados estatísticos existentes no I.B.G.E. dá-nos a impressão de que a situação do País é boa, neste particular, por isso que a classificação em que está colocado tende a ser mantida, quiçá melhorada, devido ao acréscimo anual que se verifica.

Entretanto, se nos detivermos no estudo dos diferentes aspectos que não podem ser expressos pela linguagem fria dos números, cuja consulta é imprescindível para a avaliação do que dispomos em função das necessidades militares, chegaremos a uma conclusão que, infelizmente, é diversa daquela.

Focalizemos, então, os quadrantes, através dos quais se opera, a nosso ver, semelhante transformação.

A população equina do País apresenta esse elevado valor quantitativo pela soma das existências no grande número de parcelas em que se divide o extenso território nacional. Mas uma boa parte dessas parcelas não poderá ser tida em linha de conta, quando estivermos vivendo determinadas circunstâncias anormais. Afastadas como se acham do centro de gravidade de utilização de equídeos — que é a

zona de desdobramento de nossas D.C. — o fornecimento do produto de suas manadas exigiria o empenho de valiosos meios de transporte, sumamente necessários para outras finalidades, ou demandaria um largo espaço de tempo para chegar ao destino, que poderia não ser condizente com a situação. Isto sem considerar as questões do depauperamento físico, resultante de longas e consecutivas jornadas de viagem e da necessidade de aclimatação, que não é de menor importância.

Examinando, pois, o quadro de distribuição de nossa população equina com essa orientação, vemos que seu valor quantitativo, realmente útil para nossa Cavalaria, é bem menor do que nos pareceu de início.

Mas isto ainda não é nada. Se pesquisarmos o valor qualitativo de nossa criação cavalar, à vista das exigências que o animal reuno deve satisfazer, sentiremos a impressão de que aqueles 6,5 milhões eram u'a mola distendida que, posta em liberdade, comprimiu-se a ponto de causar preocupações.

Por que isto? É que já se foi a época em que nossos campos eram habitados por grandes manadas lúzidas, de bastas crinas esvoaçando ao vento e de longas coias que tocavam ao chão. Já vão longe os tempos em que elas constituíam um padrão de riqueza sólida, um motivo de orgulho permanente para os proprietários de enormes latifúndios. Já se acham nos rincões da lembrança e da saudade os dias em que a doma de potros bravios se misturava com a faina das "marcações" e dos "rodeios", num ambiente legítimo de festa regional. A sucessiva divisão das propriedades, o toque científico emprestado à criação, os movimentos revolucionários de que, principalmente, o Rio Grande do Sul foi teatro e a desusada valorização da produção bovina e ovina, talaram a criação cavalar e deram novos moldes à vida no campo, originados do cadinho de um rendimento econômico muito mais imediato e menos incerto.

Hoje, o criador não se interessa pela existência de equídeos em sua fazenda, além do número indispensável ao trabalho no campo. O boi e a ovelha requerem menos cuidado e rendem muito mais, em muito menos tempo. Um bovino com três anos, ou menos, é um capital vivo, pronto para ser trocado por moeda, ao passar pela porteira de entrada dos frigoríficos, dos matadouros ou das charqueadas. O equídeo, com essa idade, continua a demandar despesas e cuidados especiais; terá que passar ainda pelos perigos da doma e, se tudo correr bem, será colocado talvez pela metade, ou pouco mais, do que rendeu o bovino. Isto, se tiver satisfeito às exigências do comprador quanto à altura, à pelagem, etc.

Já tivemos, no Sul do País, um tipo de cavalo, cujos atributos principais eram a resistência, a rusticidade e a sobriedade. Não o possuímos mais e seu desaparecimento não foi sucedido por um substituto à altura. Tem-se a impressão de que as injeções de sangue estrangeiro, que nossa criação cavalara tem recebido, não têm sido feitas sob receita. Se o fossem, não teríamos este panorama confuso que nela se observa.

Não arriscaremos a defender a excelência desta ou daquela raça, muito embora nutramos simpatia pela crioula, pelo simples fato de que já foi experimentada em duras oportunidades e deu satisfatórios resultados. Mas este é um problema que tem de ficar nas mãos dos técnicos, porque comporta a criação de um tipo equino nacional, o que representa uma obra de grande alcance no tempo, de execução lenta e complexa.

Enquanto os técnicos não nos derem o produto de seu trabalho científico, teremos que enfrentar o problema com medidas de pronto efeito, como as que são requeridas no momento atual. Entre elas, a do estímulo ao criador, o que se pode apresentar das seguintes formas: pela propaganda sincera e inteligente sobre o que significa, para o País, o crescimento, em largas proporções, de sua população

solípede, já que os muares não estão excluídos do interesse militar; pelo pagamento de preços compensadores, sempre que o Estado for adquirente, para que a formação e a manutenção de suas tropilhas tenham bases realmente econômicas; pela criação e pelo fomento de exposições-feiras oficializadas, nos moldes das que são realizadas com o gado bovino, não só para consolidar o mercado cavalara, como também para avivar o interesse, a boa vontade e o orgulho dos fazendeiros; pelas francas facilidades para o padreamento por reprodutores pertencentes ao Estado, bem como pelo fornecimento, a preços razoáveis, de garanhões capazes de espalhar o sangue da preferência dos órgãos técnicos interessados, dos Ministérios da Guerra e da Agricultura.

Este conjunto de medidas poderia dar corpo a um plano de ação para resultados imediatos, com intuito entrosamento em outro, que vise objetivos mais remotos, de execução mais difícil e morosa.

O problema da remonta é de importância essencial para a eficiência da Cavalaria. Como muito bem disse o Tenente-Coronel Jonathas Cunha, frente a uma turma da E.E.M. em manobras no terreno, "CAVALARIA É CAVALO". Sim, ela precisa de cavalos fortes, resistentes, sóbrios, rústicos, em grande quantidade e, tanto quanto possível, ao pé da obra.

O balanço que se pode fazer atualmente, entre as disponibilidades e as necessidades, é sumamente desfavorável para as últimas. Têm a palavra, para confirmar ou não o acerto desta asserção, os oficiais que, de uns tempos a esta parte, têm integrado as Comissões de Compra de Cavalos.

#### B) O problema do arreamento

Já vem de muito longe a querela sobre o arreamento em uso pela nossa Cavalaria. Enquanto alguns batem palmas à comprovação de suas vantagens, outros — talvez a maioria — são unânimes em atestar que ele não satisfaz ao fim a que se destina. Formamos sinceramen-

te entre estes. Temos a convicção de que se impõe sua substituição e, por tal motivo, computamos essa questão entre os problemas essenciais da Arma.

Muitas e variadas têm sido as provas — premeditadas ou não — a que esse tipo de arreamento tem sido submetido. E disso têm resultado pareceres às vezes cem por cento antagônicos.

Somos de opinião que as provas premeditadas não podem entrar em pauta para se chegar a um juízo infosismável, se não tiverem sido levadas a efeito sob condições tanto quanto possível aproximadas às realidades da guerra. E a razão disto é muito simples. Nos dias sombrios de uma campanha bélica, o material a usar terá de ser forçosamente, aquêle que se possuir e, em consequência, serão baldados todos os esforços de seleção, por meio de que, como sói acontecer, são postas de lado as selas que não apresentam condições ótimas de utilização; a fiscalização sobre o homem, no momento de ensilhar e de desensilhar, não poderá ser levada ao exagêro, como sucede em manobras e outros exercicios em campanha, o que aumentará o número de animais indisponíveis; os cuidados com a alimentação e com a hygiene da cavallhada não obedecerão, via de regra, ao regime de quartel e acarretarão o emagrecimento e o estado de limpeza sumária; os animais serão ensilhados a varrer, sem desprezar os mais magros e os que possuem cruzes altas; o nível médio de eficiência dos quadros, no que se refere ao aproveitamento do cavallo, decrescerá fatalmente, por variadas razões; nem sempre as etapas serão normais, estabelecidas em função do conforto ou do grau de treinamento da cavallhada.

Se, nas provas premeditadas, forem obedecidas essas diferentes imposições de indispensável realismo, teremos resultados que, ou se sobrepõem aos fornecidos por aquêlas que não foram executadas com essa finalidade precípua, ou muito dêles aproximar-se-ão.

Não duvidamos que esse arreamento, desde que fabricado exata-

mente de acôrdo com as especificações de um rigoroso caderno de encargos, venha a proporcionar resultados satisfatórios, muito diferentes daqueles que, durante longos anos de experimentação e de observação na tropa, tivemos occasião de colher. Mas, convenhamos que esta espécie de fabricação é muito diversa da que efetivamente os Corpos recebem; e que os provimentos em tempo de guerra, quando a produção em série e a escassez de matéria-prima poderão sobrepor a quantidade à qualidade, não serão diferentes do suprimento normal.

Mas as deficiências desse tipo de arreamento não residem apenas nos defeitos de fabricação e na inferioridade do material empregado. A manta de pano alvadio, por exemplo, é responsável por uma boa parte delas, mesmo sendo muito útil... para a cama do cavaleiro. Ela se amolda a tôdas as anfractuosidades do lombo do cavallo e isto está muito longe de ser uma vantagem. Quando o animal é gordo e foi bem ensilhado, pode não acontecer nada. Quando é não o é, os pontos de fricção, ao invés de serem cobertos, o que sucede com o uso da "carona", ficam salientes. O movimento da sela, natural com a atadadura do animal, e o peso do material e do cavaleiro se encarragam de decretar as esfoladuras de rins, de lombo e outras fontes de indisponibilidade, que constituem a flagelo de uma tropa de Cavalaria. Se o lombo estiver molhado, essas consequências serão certamente mais graves e imediatas.

Outras deficiências há ainda, relativas ao conforto proporcionado ao homem, aos meios de contenção do animal, ao transporte do material, etc. Não nos dedicaremos aos seus detalhes, porque já existem estudos aprofundados sobre o assunto, feitos na época da saudosa Inspeção de Cavalaria. Para corroborar nosso ponto de vista, julgamos que os aspectos já abordados são mais do que suficientes.

A solução para o problema não é difficil. Pelo menos já foi equacionada e só falta tirar, agora, o valor de X. Referimo-nos à fórmula preconizada pela referida Inspeção e

que, num ato de justiça, deve ser chamada de "Solução General José Pessoa", como homenagem a esse cavalheiro de estirpe, a esse grande Chefe a quem tanto deve a Cavalaria Brasileira.

Para a integração da eficiência de nossa Cavalaria, não se pode deixar sem reexame a questão de seu arreamento. Apontamos a solução acima, porque ela já percorreu uma boa parte da senda para se transformar em realidade e resultou de um trabalho de planejamento em que cooperaram todas as unidades da Arma, achando-se, portanto, cimentada pelas lições inatacáveis da experiência. A não se imprimir novo impulso a esta solução no sentido de realizá-la completamente, impõe-se submeter o material em uso a novas e duras provas, quando, para mais não seja, para mostrar que equêles que lhe são hostis estão laborando em erro.

**RES NON VERBA.** Se ficarmos convencidos, usaremos de bom grado o barrete. Os interesses superiores da Arma estão acima, muito acima dos pontos de vista puramente pessoais.

### C) O problema do Armamento

A dotação de armamento de nossa D.C. é satisfatória, tendo em vista suas necessidades normais, para o cumprimento das missões que lhe são peculiares. O aumento de sua potência de fogo tem que ser dosada de modo a não prejudicar sua principal característica, que é a mobilidade, muito embora a introdução do motor, nos T.C. das unidades hipomóveis e em alguns de seus elementos orgânicos, tenha ampliado bastante sua autonomia de transporte em capacidade e rapidez. Convém ter presente que a potência de fogo ofensiva ou defensiva da Cavalaria pode ser considerada forte, não pelo número de armas de que é dotada, mas pelo rendimento que elas permitem, devido à capacidade de manobra da D.C. e aos processos defensivos, que lhe são próprios.

O raciocínio que orientou a dotação é judicioso e a substituição das armas atualmente em uso, por

outras de maior efeito destruidor, não encontrará óbices de grande monta, conseqüentemente.

No que respeita aos meios de defesa anticarro, somos de parecer, entretanto, que a D.C. é fraca em demasia. As operações contra blindados assumirão cunho de normalidade para essa G.U. Se houver possibilidade de ter um elemento de carros à sua disposição, a situação de inferioridade estará amenizada, visto como possui ampla capacidade para enquadrar reforços, particularmente deste tipo. Mas isto não será comum e, por tal motivo, impõe-se o aumento de sua dotação em meios anticarro, a fim de que a ação dos blindados, que porventura surgirem na zona que lhe foi atribuída, possa ter adequada resposta dentro de seus próprios quadros de organização e de dotação.

A vulnerabilidade aos ataques aéreos é, também, uma constante preocupação para todos os Chefes de Cavalaria. Tendo que atuar, as mais das vezes, muito distante das zonas de defesa aérea e dificilmente podendo contar com o reforço de uma unidade especializada, a D.C. precisa dispor de meios de defesa ativa mais fortes do que aquêles que lhes são atualmente atribuídos.

O problema do armamento se reduz, portanto, a aspectos de caráter imediato, no que se relaciona aos seus meios de defesa anticarro e antiaérea; mediato, no que tange às suas demais armas.

Solucionado que seja o primeiro, o outro será uma questão de manter devidamente atualizado o poder destruidor das armas de porte individual ou de uso coletivo.

### D) O Problema dos quadros

Não temos a mais leve intenção de ferir suscetibilidades. Não obstante, somos forçados a dizer que, se entre os quadros da Cavalaria há elementos inexpugnáveis ao impeto da exagerada extrapolação de ensinamentos proporcionados pela última guerra, há também, entre os oficiais, aquêles aos quais dedicamos o presente trabalho.

Se tivéssemos a preocupação de colocar os problemas da Arma em ordem de importância, daríamos a este a evidência de um 1º lugar, sem qualquer tergiversação, pelo muito que significa, pelas suas incomensuráveis conseqüências, pelo torvo contórno com que se nos afigura.

A Cavalaria jamais poderá ser realmente eficiente, se seus quadros não depositarem nela, com a máxima força de sua convicção, uma fé inabalável na inalterada grandiosidade de seu destino. E, para que este padrão moral subsista e se afirme, não pode haver iconoclastas em seus quadros. E, pelo contrário, absolutamente indispensável que as peculiaridades da organização da Arma sejam compreendidas, sejam estudadas com consciência, sejam defendidas com ardor, com entusiasmo, com orgulho, ao invés de criticadas e, muito menos, ridicularizadas.

Quando o "espírito de Arma" bem interpretado fenece, tudo está perdido. E os sintomas de seu definhamento — contra os quais se torna necessário o erguimento de uma intransponível barreira — são o desinteresse pelas suas tradições, a dúvida sobre sua real valia, a incompreensão de seus problemas e de suas necessidades, a substituição de uma mentalidade de luta pelas conveniências de um espírito de displicente comodismo, diante de pretensos fatos consumados.

Se a "mística do cavalheiro" está sofrendo progressivo solapamento, a questão é a de procurar meios sinceros, honestos, leais para sua devida reentronização e, não, a de prestar-lhe uma assistência indiferente e apática.

Trata-se, sem dúvida, de um problema de base para a Cavalaria que precisa ser atacado com decisão e firmeza em todos os quadrantes, particularmente no reduto da Escola Militar, de onde o oficial da Arma tem que sair com a mentalidade rijamente estruturada pelas linhas morais que não podem faltar a um futuro Chefe de Cavalaria. Quanto a isto, é doloroso têmos de confessar que não é raro o acontecimento de chegarem Aspi-

rantes aos Corpos, para os quais o cavalo, em vez de ser aquêlê velho amigo merecedor de cuidado, de carinho, de amizade e de compreensão, é um animal incômodo, anti-higiêncio e mal intencionado. É que já vêm ostentando uma mentalidade "jeepeana", inadmissível para um novel oficial de cavalaria, por ser como erva ruim que, depois de ter tomado conta do terreno muito difícil se torna extirpá-la.

A apresentação de Aspirantes às unidades deve constituir sempre um motivo de júbilo plenamente justificado, para que os clarins toquem, em festa, um "reunir" das mais puras esperanças e promessas. Porque sua chegada deve representar uma excelente injeção de sangue jovem, de mocidade estuante, de vibração incontaminada, de atividade infatigável, em benefício das coisas da Arma que escolheram, em obediência às suas inclinações pessoais.

Quando isto não ocorre invariavelmente, algo deve estar errado e só há uma solução para o caso: procurar a origem do erro e eliminá-la, como for mais conveniente. "Dura veritas, sed veritas"!

Não estamos pecando pelo exagero. A falsa interpretação do fenômeno evolutivo por um lado; os defeitos de formação da gente nova por outro; a falta de estímulo por todos êles, inclusive no que respeta à disparidade das condições de acesso na carreira, relativamente às outras Armas, vem agindo de modo surdo e pertinaz para minar o moral do cavalheiro que, nos dias que passam, tem que ser como o sertanejo de Euclides da Cunha, para se não deixar levar de roldão.

Eis o extenso contórno do problema dos quadros: se o alicerce está abalado, urge restituir-lhe a antiga solidez. Os grandes males — e este é um deles — exigem grandes remédios. É preciso aplicá-los.

#### CONCLUSÃO

Muitos outros problemas há, ainda, que mereceriam os nossos comentários, se não nos tivéssemos proposto a examinar aquêles que

consideramos diretamente relacionados com a maior eficiência da Cavalaria. Os quatro a que acabamos de nos dedicar assumem, para nós, a mais alta prioridade. Por tal motivo, somos de parecer que as soluções que reclamam não podem ser procrastinadas indefinidamente, e não ser que se não queira elevar a Cavalaria ao nível de eficácia que precisa ostentar para ser capaz de satisfazer, na parte que lhe é devida, as necessidades do Comando, antes, durante e depois da batalha.

Ela já é, por si mesma, uma Arma de rápido desgaste e de difícil recomplemento. A eliminação de todos os defeitos que, direta ou indiretamente, cooperam para o aumento de suas deficiências, é obra de grande alcance, para cuja consecução não haverá esforços mal gastos. A semente plantada em terra fértil tem germinação sempre garantida.

#### VI — CONCLUSÃO FINAL

Quando o nome da Cavalaria tiver desaparecido completamente da organização e dos regulamentos militares; quando seu padrão de eficiência for passível de geral descrédito; quando vozes em uníssono encherem o espaço, propagando sua desnecessidade; quando as flâmulas brancas, agitando-se ao longe, denunciarem que os últimos cavaleiros riscaram o horizonte pela derradeira vez, afugentados pela evolução como as trevas pela luz do sol, ainda haverá lugar para que o espírito da Arma se alteie sobranceiro, soerguido pela homenagem de gratidão e de respeito devida às suas imorredoiaras glórias. Terá brotado, então, de suas raízes vestustas, um novo rebento com outro nome que, no cenário da guerra, terá herdado sua imarcescível predestinação, porque as missões que lhe são clássicas são imutáveis, por serem eternas.

Se os progressos nos domínios do átomo, da bacteriologia ou de qualquer outro ramo de Ciência derem margem a que se anule definitivamente a procura da decisão por intermédio das Forças Terrestres, não

há de ser somente a Cavalaria, com organização mista ou totalmente motomecanizada, que há de desparecer do tablado, mas todas as Armas, tradicionais ou modernas, sucumbirão ao mesmo sôpro de infernal desvario.

Procuramos provar exaustivamente que, na era que estamos vivendo, focalizando particularmente o caso brasileiro, a Cavalaria ainda constitui uma das vigorosas colunas que sustentam o monumento da moderna organização militar, cuja estrutura deve ser adaptada, nas devidas proporções, às diferentes espécies de determinantes a que está sujeita.

Sabemos muito bem que não dispomos do indispensável poder de persuasão para nos atirmos à lição, em defesa da Cavalaria, com a certeza de ouvir a alviçareira clarinada de um sucesso integral e imediato. Sobre-nos a esperança, entretanto, de que a tese de que nos ocupamos seja premiada pelo interesse dos colegas das outras Armas e dos Serviços, para que o estudo da mesma e a meditação sobre o que ela encerra sirvam para apagar a fogueira crepitante de todas as inquietações; para moderar a violência do impulso de modernização a que aludimos repetidas vezes; para amalgamar o sentimento de confiança na Cavalaria com os liames espirituais que devem existir indestrutivelmente entre os quadros das diferentes classes da Tropa.

Resta-nos a convicção ainda — e nos dirigimos agora aos colegas de Arma — de que não há razão para ficar à beira do caminho, em continência ao motor, porque a organização atual da Cavalaria atende às necessidades da guerra moderna e aos imperativos da segurança nacional. Se seu grau de eficiência tem arestas, não há de ser com indiferença nem com desânimo que elas serão aparadas. Na vanguarda do dispositivo escolhido para as eliminar, bem como para fortalecer a insuperável mística da Arma, há de haver sempre um pósto de honra para quem quiser cumprir com tão transcendental finalidade.

O tropel cadenciado dos cavalos e o ronco poderoso dos motores ajustaram-se na pauta do organismo da D.C., para compor um dobrado marcial. Ao som de seus

compassos é que a Cavalaria celebrará, por muito tempo ainda, sua parcela de gloriosa cooperação pela conquista da vitória final.

O CALOR "NÃO TEM VEZ"

com uma

*Cayrú*

bem gelada

Clara, leve e puríssima, Cayrú é a cerveja que o seu paladar exige! De sabor provocante e inconfundível, Cayrú é uma cerveja exatamente como você gosta — sempre uma delícia, em casa, no bar, em qualquer momento, em qualquer lugar! Esta sempre Cerveja Cayrú.

\* Produto da Cia. Cervejaria "Cayrú" \*

Os pedidos de latéx devem ser dirigidos — Departamento Comercial, Caminho de Itaúnas, 1002, Buzioscooco, Rio de Janeiro.

# PROCESSOS DE CONDUTA DO TIRO

## REGULAÇÕES COM OBSERVAÇÃO AÉREA

Cap. AYRTON DE CARVALHO MATTOS

### A) REGULAÇÃO PERCUTENTE DE PRECISAO

#### Conduta do Observador :

O principio geral da conduta das regulações pelo observador aéreo (OAE) é o mesmo que pelos observadores terrestres.

Muitas vezes, o OAE regula o tiro, avaliando as correções, por não poder utilizar instrumentos de observação. Observando a pequenas distâncias e com predominância de vistas, éle poderá estimar, com precisão, os desvios em alcance e direção. Para isso, deve estabelecer uma referência, no terreno, à medida que os tiros forem sendo executados.

O tiros curtos, em relação ao ponto de regulação, são melhor observados, propiciando correções mais precisas que os tiros muito longos. A altitude do ponto de regulação será difficilmente avaliada. Se o OAE tiver dificuldade em observar o ponto de incidência, poderá pedir tiro fumígeno para localizar os arrebitamentos.

As correções enviadas pelo OAE são baseadas nos desvios observados em relação à linha peça-ponto de regulação. Uma vez que a posição do observador varia, constantemente, torna-se muito importante, para éle, materializar essa linha, no terreno. Isso será facilmente obtido, quando o OAE voar sobre a zona de posições, ou na própria direção peça-ponto de regulação. A melhor posição é quando o avião voa, transversalmente, ao plano de tiro, pois oferece mais segurança, para a Bia. que atira, em não ser localizada.

#### O OAE :

- envia a mensagem inicial, após estabelecer contacto :  
"AQ CAFÉ — MT — AS CZA — RG SB PV — REG — CAMBIO";
- após o cotejo da CT, responde : "CERTO — CAMBIO".  
A diferença, para a regulação percuteute de precisão, é que o OAE não manda o lançamento do ponto de regulação. O primeiro tiro é dado ao comando do OAE, de modo que a CT avisará quando a peça estiver pronta para atirar, e o OAE, ficando em condições de observar, transmitirá "FOGO — CAMBIO". Os demais tiros serão dados QP ;
- observado o primeiro tiro, éle faz um lance de 400 m, em alcance, caso necessite de uma escala, no terreno :  
"RD — ALO (ENC) 400 — CAMBIO";
- busca, então, enquadrar o ponto de regulação entre dois tiros intervalados de 100 m, sem prender-se à necessidade de quebrar, sucessivamente, o enquadramento inicial, como no caso da observação terrestre :  
um tiro — "RD — ALO 400 — CAMBIO"  
tiro seguinte — "ES40 — ENC 100 — CAMBIO".



- tudo o mais se passa como na conduta de tiro com o observador terrestre axial.

**Conduta da CT :**

É a mesma que no caso da observação terrestre axial, com pequenas alterações.

**Controlador-Ajustador :**

- coteja a mensagem inicial do OAE :

"AQ CACIQUE — MT — AS CZA — RG SB PV — REG — CAMBIO" ;

- recebendo o "CERTO", faz a orientação inicial do transferidor de locação (T.LOC), colocando a linha 0-32 em coincidência com a linha peça — CZA ou PV (ou outro ponto que o OAE tenha dado como referência), e informa ao Calculador os elementos para o 1º tiro ;

- transmite a resposta à mensagem inicial de OAE :

"PT — EX EI — RG SB PV — 02 Q1 — QP — CAMBIO"

Embora o 1º tiro seja ao comando do OAE, os demais o serão, quando prontos, de modo que, na resposta, convencionou-se dizer QP. A CT informa, para o 1º tiro : "PEÇA PRONTA — CAMBIO" ; após este, e cada um dos demais tiros : "PEÇA ATIROU — CAMBIO". Como auxílio, a CT poderá alertar o OAE e o piloto com o aviso : "ATENÇÃO", a fim de que observem o tiro. A informação da duração do trajeto é, especialmente, necessária, quando se trata de grandes alcances ;

- loca as correções do 1º tiro, enviadas pelo OAE ;

- dá nova orientação ao T.LOC, que tinha sua linha 0-32 coincidente com a linha peça-ponto de referência. Os transportes subsequentes devem ser feitos com o T.LOC., orientado segundo a linha peça-ponto de regulação.

Para isso, faz-se o bordo do transferidor de derivas e alças (TDA) coincidir com a linha peça-ponto locado em consequência das correções do 1º tiro, após o lance de 400 m, em alcance, caso ele seja feito (que é o ponto de regulação) e gira-se o T.LOC., até que o seu quadrículo fique paralelo ao bordo do TDA, no sentido conveniente.

- daí em diante, tudo se passa como na regulação, com observação axial.

Ao terminar a regulação, a CT poderá dar outra missão ao OAE. Se outras missões estiverem programadas, a CT transmitirá : "SIGA INSTRUÇÕES". Se for a última, a CT dirá : "NÃO NECESSITO MAIS DE VOCE — OBRIGADO".

Se o avião é forçado a aterrar, o OAE transmitirá : "FORÇADO A ATERRAR".

- Para regulações com grande alcance e avião de alta velocidade, haverá, sempre, um tempo código, que é o tempo da duração do trajeto para o alcance do PV, ou para o alcance do CZA.

Logo que o OAE designa o ponto de regulação, a CT enviará "TEMPO CÓDIGO MAIS (MENOS) TANTO". A duração do trajeto é necessária como orientação do OAE, colocando-o em posição de observar, bem como, de distinguir o tiro de sua Bia., dos que estejam caindo, no momento, no terreno.

Logo que a peça atire, a CT enviará ao OAE : "PEÇA ATIROU". 5 segundos antes do final do tempo da duração do trajeto, enviará "ATENÇÃO".

Para ajudar ao OAE, a Bia, que atira poderá extender, na direção do tiro, um painel, em seta.

Exemplo de regulação percentente de precisão, com observação aérea :

Situação :

- a) Material : Bia, 105, apontada para o CZA (cenda zona de ação) ;
- b) Transmissões : RAD — 103 no avião — CAFÉ.  
RAD — 103 na CT — CACIQUE ;
- c) Elementos do CZA : L 5400<sup>m</sup> D — 3400 m ;
- d) Deriva de vigilância : 2600 ;
- e) Graduação da prancheta : normal de referência ;
- f) CZA : canto de quadrícula KN ;
- g) CG — 4.

#### DESENVOLVIMENTO DA MISSÃO

AVIÃO A CT	CT AO AVIÃO	CT A LF
CACIQUE AQ CAFÉ CÂMBIO	—	—
—	CAFÉ AQ CACIQUE CÂMBIO	—
AQ CAFÉ — MT — AS CZA — RG SB PV — REG — CÂMBIO	—	—
—	AQ CACIQUE — MT AS CZA — RG SB PV — REG — CÂMBIO	—
CERTO — CÂMBIO	—	—
—	PT — EX EI — RG SB PV — 02 Q1 — QP — CÂMBIO	—
ENTENDIDO — CÂMBIO	—	—

—	—	02 AT — RG — EX EI DER 2600 — S300 — SO 02 Q1 — AMC — A 281
—	PEÇA PRONTA — CÂMBIO	—
FOGO — CÂMBIO	—	—
—	—	FOGO
—	PEÇA ATIROU — CÂMBIO	—
RD — ALO 400 — CÂMBIO	—	—
—	RD — ALO 400 — CÂMBIO	—
CERTO CÂMBIO	—	—
—	—	QP A 324
—	PEÇA ATIROU — CÂMBIO	—
ES 50 — ENC 100 — CÂMBIO	—	—
—	ES 50 — ENC 100 — CÂMBIO *	—
CERTO — CÂMBIO	—	—
—	—	DER 2613 — A 315
—	PEÇA ATIROU — CÂMBIO	—

(\*) Não esquecer de re-orientar o T. LOC.

RD — MLH — ALO 50 — CÂMBIO	—	—
—	RD — MLH — ALO 50 — CÂMBIO	—
CERTO — CÂMBIO	—	—
—	—	Q3 A 320
—	Q3 — CÂMBIO	—
ENTENDIDO — CÂMBIO	—	—
—	PEÇA ATIRANDO — PEÇA ATIROU — CÂMBIO	—
DR 7 — 2C — 1L — CÂMBIO	—	—
—	DR 7 — 2C — 1L — CÂMBIO	—
CERTO — CÂMBIO	—	—
—	—	DER 2611 — A 320
—	PEÇA ATIRANDO — PEÇA ATIROU — CÂMBIO	—
BD — 1C — 2L — CÂMBIO	—	—
—	BD — 1C — 2L — CÂMBIO	—
CERTO — CÂMBIO	—	—

—	RG T — SIGA INSTRUÇÕES — APAGO	—
—	—	REP DER V

## B) REGULAÇÃO PELO CENTRO DO IMPACTO (CI)

### Conduta do Observador :

Um tiro é dado, inicialmente, na zona em que se deseja regular. Se o arrebatamento coincide com um detalhe do terreno, facilmente identificável, na carta ou foto aérea, ou próximo dele, o OAE comanda "RD — Q6 — R AL".

Se tal não acontecer, êle transporta o tiro para uma região melhor, e dá uma série de seis tiros.

O OAE loca o ponto médio da série de arrebatamentos, numa carta ou foto. Pode, então, informar as coordenadas do CI; deixar cair a foto ou carta, na CT, com o CI locado; ou ainda, aterrar e entregar a informação.

### Conduta da CT :

É idêntica à da regulação pelo CI, com observação conjugada; trata-se de comparar os dados da carta (elementos iniciais) com os dados da regulação (elementos finais). Utiliza-se a fôlha de cálculo para execução da regulação com observação conjugada, preenchendo-se os dados necessários.

### Antes da Regulação

#### S/3 ou Adjunto do S/3 :

- escolhe o tipo de regulação e região onde vai regular :
- designa quem vai conduzir a regulação, CH, CV ou CAJ ; normalmente, é o CAJ.

#### CAJ (ou CH ou CV) :

- informa os "ELEMENTOS CONHECIDOS" ao Calculador para que êle preencha a fôlha de cálculo :

Cota da peça	61 m
Deriva do AA	2200 "
Distância do AA	4050 m
Altura do Arreb.	25 m (tirado da carta)

- calcula o sitio para a peça e informa ao Calculador :

$$\frac{25 - 61}{4,1} = - \frac{36}{4,1} = - 9'' ;$$

- transmite o "COMANDO AO OBSERVADOR" :

"AQ CAMPO — OBSERVE CI REGIÃO FAZENDA CABRAL — COORDENADAS (94000 — 103.260) — CAMBIO".

**Calculador :**

- determina a alça, e fica de posse dos "ELEMENTOS INICIAIS DE TIRO":

Carga	5
Deriva	2200
Sítio	291
Alça	249

- transmite os "COMANDOS PARA A BIA":

02	AT
RG	CI
6	EX 5 EI
DER	2200
S	291
SO	02 Q 1
AMC	
A	249

- após as correções enviadas pelo OAE, transmite para a LF:

Q6 — A 249

Não se comanda intervalo, como na regulação terrestre, a fim de que as peças atirem o mais rapidamente possível, visando facilitar, ao OAE, observar os tiros.

**Depois da regulação :****Controlador-Ajustador (CAJ) :**

- após a mensagem do OAE: "CI EM COORDENADAS" (94080 — 103.060), loca o CI, na carta, e retira os "ELEMENTOS FINAIS":

Direção DER 2222

Alcance 3840 m, informando ao Calculador, bem como, a cota do CI (35 m), retirada da carta.

**Calculador :**

- faz o "CÁLCULO DO SÍTIO DO PM", em relação à peça:

Média das cotas (cota do CI) — 35 (retirada da carta)

Cota da Bia. : 61

Diferença : — 26

26

S = ————— = — 7"

3,84

Cor. Compl. Sítio : 0

Sítio total : — 7"

- de posse dos "ELEMENTOS FINAIS" e "ELEMENTOS INICIAIS DE TIRO", calcula as "CORREÇÕES":

Direção DER INICIAL	2200
DER FINAL	2222
CORREÇÃO	DR 22

**Alcance :**

Alça Inicial 249

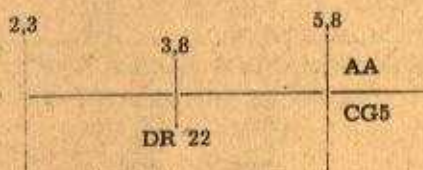
Sítio Inicial — 9

Elev. Inicial 240

Sítio total — (—) 7

Alça RG PM 247

- faz a ajustagem da TGT e informa aos demais Calculadores :  
AJT TGT! TB! CG5! AL 3840! A 247!
- faz a "ESCALA DAS CORREÇÕES EM DIREÇÃO" e informa aos  
CONTROLADORES :



O exemplo que ilustrou esse caso faz parte do seguinte exercício :

1. O S/3 de um grupo, a fim de ter validade sobre toda a zona de ação, decidiu regular com CI, utilizando o observador aéreo, pois o ponto era desenhado da observação terrestre. A prancheta de tiro é a carta da Vila Militar de 1/20000.
2. A situação é a seguinte :  
PV (93.475 — 101.810 — 22)  
CB/1 (96.473 — 100.053 — 61)
3. O CB está sob a PD. As mensagens trocadas para cumprir a missão de tiro foram as seguintes :

CT ao OAE	OAE à CT	CT às PEÇAS
CAFÉ AQ CAMPO — CAMBIO	—	—
—	CAMPO AQ CAFÉ — CAMBIO	—
AQ CAMPO — OB- SERVE CI REGIAO FAZ. CABRAL — COORD (94.000 — 103.260) CAMBIO	—	—
—	AQ CAFÉ — OB- SERVE CI REGIAO FAZ. CABRAL — COORD (94.000 — 103.260) — CAMBIO	—
CERTO — CAMBIO	—	—
—	—	O2 AT — RG CI 6 EX 5 EI — DER 2.200 — S291 — SO 02 Q1 — AMC — A 249

—	PRONTO PARA OB- SERVAR — CÂMBIO	—
ENTENDIDO — Q1 — PEÇA PRONTA — CÂMBIO	—	—
—	FOGO — CÂMBIO	—
—	—	FOGO
PEÇA ATIROU — CÂMBIO	—	—
—	RD — Q6 — RAL — CÂMBIO	—
RD — Q6 — RAL — CÂMBIO	—	—
—	CERTO — CÂMBIO	—
—	—	Q6 — QF — A 249
PEÇA ATIRANDO — PEÇA ATIROU — CÂMBIO	—	—
—	CI em (94.080 — 103.060) — CÂMBIO	—
CI em (94.080 — 103.060 — CÂMBIO	—	—
—	CERTO — CÂMBIO	—
RGT — SIGA INS- TRUÇÕES — APAGO	—	—
—	—	02 REP DER V



**FOLHA DE CÁLCULO PARA EXECUÇÃO DA REGULAÇÃO COM OBSERVAÇÃO CONTIGUADA**  
 (TEMPO ALTO E CENTRO DE IMPACTO)

ELEMENTOS CONHECIDOS		ELEMENTOS INICIAIS		SÍTIOS (2) ESPERADOS		ELEMENTOS INICIAIS DE TIRO	
Cota da peça	51	DO de 01	—	Para 01	Carga	5	
Cota de 01	—	DO de 02	—	—	Tempo (3)	—	
Cota de 02	—	—	—	S1 =	Deriva	2200	
Deriva do A.A.	2200	L1 de 01	—	Para 02	Sítio (4)	291	
Distância A.A.	4050	L1 de 02	—	—	Alça (5)	249	
Altura arreb. (1)	35			S2 =			
<b>COMANDOS AOS OBSERVADORES</b>		<b>COMANDOS PARA A BIA.</b>		<b>INFORMAÇÕES DOS OBSERVADORES</b>			
Para 01	Para 02			N. tiro	L1	02	Sítios
AT 01	AT 02	02	AT	1	01	01	02
RG (6)	RG (6)	RG (6)	Cl	2	—	—	—
Q	Q	6	5 El	3	—	—	—
L1	L1	EX	2200	4	—	—	—
S	S	DER	291	5	—	—	—
Avisar QP	Avisar QP	S	02 Q1 AMC	6	RD — Q6 — RAL		
Observe Cl	—	SO	249	7	—	—	—
Região Faz.	—	A	—	8	—	—	—
Cabral — Coord.	—	Q6 — QP — A 249	—	9	Cl em COORD.		
(94.000 — 103-250)	—	—	—	10	(94.000 — 103-990)		
—	—	—	—	11	—		
—	—	—	—	12	—		

Módulo

Cota segundo 01	35	Média das cotas	2222	Tempo	
Sítio P. M.	61	Cota da b'ia.		Direção	2200
DO de 01 (7)	- 28	Diferença DIL.	3840	Sítio	281
Alt. arreb.	- 7	$S = \frac{Dt}{Dil.}$		Alça	249
Cota de 01	0	Cor. comp. sítio			
Cota P. M. (8)	- 7	Sítio total			

## CORREÇÕES

Cota segundo 02		Direção		Alcance	
Sítio P. M.					
DO de 02 (7)		Deriva inicial	2200	Alça inicial	249
Alt. arreb.		Deriva final	2222	Sítio inicial	- 9
Cota de 02		Centragem		Elev. inicial	240
Cota do P. M. (8)		Deriva do C. B.	2222	- sítio total	(-) 7
Média das cotas		Correção (10)	DR 23	Alça RG P. M.	247

AJT TGT: Todas BIA | CR 5 | AL 2840 | A 247 | TE - |



Escala das correções em direção

Artyon de Oswaldo Mattes (Op.)

Tc. T. / 27 - Mod. 11

E. A. O. - D. E. / 108 - C. A.

# A CAVALARIA E OS PP

Cap. L. C. SILVEIRA, do Regimento Osório

Abordamos anteriormente o problema da instrução equestre na Cavalaria, e tivemos a oportunidade de salientar que as durações de 10 e 34 horas, respectivamente, para os períodos de Adaptação e de Formação (Instrução básica militar), são diminutas, face às ne-

cessidades advindas do preparo do homem para *cavaleiro militar*.

Hoje, em largos traços, pretendemos, com os dados que se seguem, provar que é verdadeira a nossa assertiva.

Tomemos para isto a página 27 a) do PP 21-1, 2ª Parte:

QUADRO 1

N. DA SESSÃO	HORAS	ASSUNTOS	REF. E OBS.
1	1/2 cada	Conduzir o cavalo a mão. Montar e apeiar por salto.	R-9 e
2		Montar a cavalo	.....
3		Os estribos	.....

Vejamos o desenvolvimento do que está programado:

## Sessão 1:

a) Retirar o arreamento da arrecadação, conduzir o Pelotão às baias, colocar o arreamento no terreno, enfrenar, ensilhar, entrar em forma... 20 minutos;

b) Conduzir o cavalo à mão e devidas correções... 10 minutos.

Conclusão: No primeiro dia ficamos nas baias, pois o tempo se esgotou, e há outras sessões programadas.

## Sessão 2:

a) Retirar o arreamento da arrecadação, conduzir o Pelotão às baias, colocar o arreamento no terreno, enfrenar, ensilhar, entrar em forma... 15 minutos;

b) Conduzir o cavalo à mão e

devidas correções, deslocamento para o picadeiro... 10 minutos;

c) Entrar no picadeiro, dispor o Pelotão e devidas correções... 5 minutos;

Conclusão: Chegamos ao picadeiro mas não montamos porque, como no dia anterior, o tempo se esgotou.

## Sessão 3:

a) Retirar, conduzir, etc. (idêntico às sessões 1 e 2)... 10 minutos;

b) Entrar em forma, etc. (idem, idem)... 5 minutos;

c) Entrar no picadeiro, dispor o Pelotão, correções, etc... 3 minutos;

d) Ensinar, fazer executar e corrigir o "montar" e "apeiar por salto"... 12 minutos.

**Conclusão:** Até que enfim conseguimos montar e assim mesmo...

Entretanto (ver Quadro 1), há um "deficit" nos assuntos programados; ficaram restando:

— montar e aprear

— os estribos; como calçá-los e ajustá-los.

Cumpra ainda ressaltar que:

1°. abstraimos por completo qualquer fração de tempo para o ato mais elementar da instrução

equestre — a limpeza sumária dos animais — e que deve precedê-la;

2°. o tempo contido para a letra a) da Sessão n. 1 é benevolente se levarmos em conta a categoria dos instruídos — *recrutás* —;

3°. a diminuição progressiva dos tempos para os assuntos de letras a) e b) das Sessões 1, 2 e 3 implica num aproveitamento que dificilmente se dá na prática.

Continuando, na citada pág. 27 a) temos:

#### QUADRO 2

N. DA SESSÃO	ASSUNTOS	REF. E OBS.
8 9 10	O trote elevado. Volteio a pé firme e a galope Posição do cavaleiro a cavalo. Sentido. Passeio prolongado no exterior.	R-9.....

Dos assuntos programados no quadro acima, tomemos — o volteio — que, no dizer do nosso R-9 (RECCC) "é a ginástica especial do cavaleiro, que, desenvolvendo e conservando a flexibilidade, confiança e energia, proporciona-lhe meios para sair-se bem de certas situações difíceis".

Sendo ginástica e devendo ser ministrado no período de adaptação, sua intensidade será fraca, ou melhor, transformando em tempo, de 25 a 30 minutos em cada sessão, que juntando a um "mínimo" de 20 minutos consumidos nos atos preparatórios (retirar o arreamento, limpeza sumária, etc., etc.) não deixa margem para se cogitar de assuntos restantes da sessão, como seja o trote elevado de tanta necessidade nas guarnições do Sul.

Desponta logo uma conclusão:

— ou daremos três sessões de volteio e "arquivaremos" o restante, inclusive o passeio prolongado ou realizaremos este, reduzindo aquele a duas sessões, ou ainda sacrificaremos ambos, a fim de não avolumarmos o "deficit" com que ficamos a partir das sessões 1 a 3 (Quadro 1).

No caso, pouco importa o deliberado — tanto faz o volteio

"morrer" na 9ª, como na 10ª sessão, ou sacrificá-lo, porque, de qualquer modo, ficará "em paz" até o início da "Instrução Básica da Arma", ou seja durante o prazo de 2 meses.

Agora perguntamos: com tão longa interrupção posterior, valerá a pena ministrá-lo desde logo? Não depende o volteio principalmente da continuidade de treinamento?

E, se isto é verdadeiro, como de fato é, porque não prevê-lo nas sessões que se seguem, a fim de que o recruta, progressivamente o execute com perfeição e desembaraço?

São perguntas que nos permitem descansar da longa e vã procura de sessões para balizador no PP 2-1...

São perguntas que servem para nos distrair dos penosos cálculos feitos em busca de acomodação dos conhecimentos necessários ao vedete, estafeta e explorador (usando as denominações antigas) com os tempos prescritos para os mesmos no PP citado acima...

São perguntas que nos trazem à lembrança o comandante Colin, cujo livro, nossa bíblia de tenente, jaz na estante, ofuscado pelos "capas cinzas"...

# TÁTICAS DE INFILTRAÇÃO

(Artigo do Ten.-Cel. Thomas J. Badger, publicado no COMBAT FORCES JOURNAL de fevereiro de 1951)

Tradução do Cap. ALBERTO FORTUNATO.

*Para proteger-se contra a infiltração, a Artilharia deve ser reunida dentro de um perímetro e organizada defensivamente por homens decididos.*

*Unidades de Artilharia perdem canhões por ação de infiltrantes.*

## I — ARTILHARIA

Afirmações como esta, aparecidas na imprensa, causaram dúvidas aos artilheiros que pretendem manter a tática de artilharia em dia com as constantes modificações dos métodos de guerra.

Estarão as técnicas e princípios de tática de artilharia ensinadas preparando verdadeiramente os artilheiros para a sua função no conflito Coreano?

Seria a ação, na Coréia, tão diferente das ações da 2ª Guerra Mundial, a ponto de tornar inúteis as muitas lições aprendidas através de amarga experiência? Teriam as lições a serem aprendidas em novas experiências, na 2ª Guerra Mundial, sido corretamente avaliadas e acentuados os pontos mais importantes?

Embora as respostas a estas perguntas tenham que esperar por informes de combate mais completos, é razoável supor que serão desenvolvidas novas técnicas como resultado da ação Coreana.

Informes não oficiais declaram que os princípios atualmente ensinados são corretos e viáveis. Desde que isto seja verdade, será bom recordar algumas das lições aprendidas nas experiências com infiltrantes da 2ª Guerra Mundial, bem como das informações a esse respeito recebidas da Coréia.

Há dois conceitos em conflito. Para a máxima proteção contra a atividade aérea inimiga e o tiro de contra-bateria, todos os canhões e elementos de um grupo devem ser bem dispersados. Quanto maior a dispersão, maior a proteção. Por outro lado, para a proteção de uma área contra a infiltração, é desejável o mínimo de dispersão. Não é possível ter tanta dispersão quanta seria desejável para a proteção contra a aviação e contra-bateria inimigas, e, ao mesmo tempo, ter um perímetro compacto para a proteção máxima contra infiltrantes.

Para se obter qualquer benefício, proveniente das lições aprendidas na experiência do combate, essas lições devem ser examinadas sob a luz das condições reinantes, tais como o tipo do inimigo, suas táticas, suas armas e possibilidades, as armas de nossa tropa, a experiência dela e o terreno.

Qualquer plano de segurança tem de ser um meio termo lógico, como compreensão de que não podemos ter o mesmo grau de segurança para todas as contingências. Não se pode seguir cegamente a nenhuma série de experiências; elas devem ser adaptadas a cada situação particular. Se o inimigo está empregando infiltrantes em larga escala, provavelmente ele não possui superioridade aérea, porque

se ele tivesse empregaria seu poderio aéreo para neutralizar a nossa artilharia. Assim sendo, é relativamente seguro diminuir a defesa antiaérea em qualquer plano destinado a combater a infiltração. Não é meu propósito relacionar, aqui, todas as características desejáveis para uma posição de artilharia. No entanto, até que tenhamos pólvora de artilharia que não produza chama nem fumaça, e o inimigo deixe de empregar armas de pequeno calibre com alta velocidade de tiro, o desenfiamiento permanecerá de importância primordial. Os princípios de cobertura e disfarce também se aplicam a qualquer posição. Se o inimigo não nos puder ver, ou encontrar, não poderá infiltrar-se em nossas posições.

As limitações do terreno podem não permitir outra escolha quanto à área a ocupar, mas, se não temos escolha, o tamanho do nosso perímetro deve ser uma de nossas primeiras considerações. A aritmética apresenta um forte argumento a favor de uma área pequena e um perímetro pequeno. Quanto maior a área, mais postos de segurança, o que significa menos homens para mais homens e menos homens para outras atividades. Inversamente, quanto menor a área, menor o número de postos de segurança, o que significa mais repouso para os homens, e mais homens para as atividades normais. Se as Baterias de um grupo se instalarem tão afastadas umas das outras que não se apoiam mutuamente, o resultado será perímetros separados por Bateria, os quais nunca podem ter a resistência de uma defesa coordenada de grupo.

Informes da Coreia indicam que os perímetros de grupo estão sendo reduzidos de, pelo menos, 50 %, pelo emprego de dois métodos simples. Primeiro — todas as viaturas que não forem necessárias à eficiência do tiro imediato são mandadas para um escalão à retaguarda. Os tratores das peças são mantidos em abrigos a cerca de cem metros das respectivas peças. Segundo — exceto trinta ou cin-

quenta tiros mantidos nos espaldões das peças, toda a munição deve estar sobre rodas. Isso elimina a necessidade de uma área para dispersão de munição dentro do perímetro do Grupo.

Vamos agora considerar o objetivo provável dos infiltrantes:

A missão deles pode ser a destruição das peças ou de outro material, paralização da CENTRAL DE TIRO, ou matar ou ferir pessoal de artilharia dentro do perímetro.

Ou pode visar obter observação que permita regular, dentro do perímetro, tiros de artilharia ou de morteiro. A experiência e o conhecimento dos hábitos do inimigo nos darão indicações valiosas quanto ao tipo de infiltração a esperar.

Entretanto, da mesma maneira que nós não iremos sempre atacar todos os objetivos de um mesmo modo, um inimigo inteligente e alerta variará suas táticas de infiltração, quer quanto aos objetivos, quer quanto à maneira de atingir esses objetivos. Uma vez poderá tentar destruir as peças com explosivos; da próxima vez poderá querer apenas observar.

Se o inimigo dispõe de artilharia, morteiros e munição, a observação pode ser o seu objetivo imediato.

Informes não oficiais mostram que ambos os tipos de infiltração foram empregados na Coreia. Uma unidade não teve infiltrantes na área de posições e as únicas baixas sofridas, foram causadas por tiros de contra-bateria, que se supõe terem sido regulados por um observador nas imediações.

As três primeiras baixas de uma outra unidade foram o S-3, S-2 e um homem da CENTRAL DE TIRO, todos mortos a baioneta. Um perímetro pequeno é a melhor defesa contra a penetração da área.

O controle de todos os observatórios terrestres da área, pela inclusão de todos esses observatórios dentro do perímetro, é o ideal. Entretanto, o terreno, as distâncias a cobrir e os homens disponíveis para essa missão, tornaram isso, normalmente, impossível.

Para compensar esta deficiência, podem ser ocupados observatórios fora do perímetro, durante o dia, ou em certas situações pode ser instalada, dia e noite, fora do perímetro, uma combinação de postos de observação e postos de escuta. Estes postos devem ser guarnecidos por sentinelas de alerta que compreendam que só podem abandonar seus postos mediante ordem. Cada posto deve ser guarnecido com um número suficiente de homens, de modo a permitir o descanso aos que não estiverem de quarto. Tão cedo quanto possível, deverão ser estabelecidas comunicações por fio, tendo, pelo menos, um outro meio de comunicação disponível para dar alarmes.

Cada posto deve ser organizado para proteção em todas as direções. Isto inclui a excavação de abrigos, cobertura dos abrigos e a completa circundação do posto com rédes baixas de arame farpado, combinadas com armadilhas, chocalhos e artificios pirotécnicos. Nos itinerários de acesso ou bueiros, devem ser colocadas minas e armadilhas. Todos os postos, quer sejam parte do perímetro ou estejam fora dele, devem receber grande quantidade de granadas de mão.

Não devemos esquecer de que todo terreno com comandamento, deixado desocupado, será ocupado pelo inimigo. Se for impraticável cobrir com postos de segurança todo o terreno dominante, é preciso tomar precauções adicionais para proteger o perímetro.

Pela manhã e à tarde deverão ser mandadas patrulhas através das trilhas pouco usadas, leitos de riachos ou quaisquer outros itinerários suspeitos de aproximação inimiga. Na selva, esta distância pode ser menos de trezentos metros, mas, em terreno limpo, ela poderá ser consideravelmente maior.

O patrulhamento é muito aconselhável, mesmo quando a infiltração é uma possibilidade remota. Ele é absolutamente indispensável se os infiltrantes estiveram recentemente dentro do perímetro, ou se o perímetro é particularmente vulnerável ou muito pequeno.

Os infiltrantes empregarão todos os truques possíveis. Com os corpos de infiltrantes japoneses da 2ª Guerra Mundial foram encontrados esquemas, mostrando exatamente como entrar na área, a localização de peças e como deveriam se retirar. Era evidente que eles tinham permanecido escondidos diversos dias, enquanto estudavam a posição. Muitas vezes seus itinerários passavam sobre rochedos e montanhas considerados intransponíveis à noite.

O patrulhamento, desde que não se torne pro-forma, torna esses infiltrantes inseguros e ineficientes. Frequentemente a instrução de patrulhamento dos artilheiros é insuficiente. O pessoal de artilharia deve ser eficiente nesse mister, mesmo que seja preciso pedir empréstados à Infantaria apoiada instrutores capazes, até que a unidade possa ter confiança em sua própria capacidade.

Uma arma muito prática que um S-4, apenas normalmente engenhoso, poderá proporcionar à unidade, é o morteiro de 81 mm com bom suprimento de granadas iluminativas. As posições para essas armas devem ser organizadas e colhidos os dados necessários a permitir a iluminação pronta e eficiente, a pedido de qualquer sentinela. As únicas vantagens que tem um infiltrante são a surpresa e não ser visto; se lhes forem tiradas essas vantagens, todas as demais estarão com os defensores.

Tal como os postos de segurança, o perímetro deve ser completamente cercado com arame farpado, tão logo seja possível. Chocalhos, artificios pirotécnicos e armadilhas devem ser presos ao arame. Os efeitos de córregos, trilhas e bueiros devem ser cobertos com rédes adicionais, minas antipessoal e armadilhas. O emprêgo indiscriminado de minas tende a causar mais baixas às nossas tropas do que ao inimigo. Deve-se, portanto, manter um controle cuidadoso da localização das minas. Todos os postos do perímetro devem estar dentro do arame farpado, com abrigos escavados, protegidos por sacos de areia, tendo cobertura contra gra-

nadas e cargas de demolição e dotadas de algum tipo de armamento automático. Novamente pode ser necessário ao S-4 empregar sua engenhosidade para obter algumas metralhadoras calibre .30.

Muitos informes de combate recebidos da Coreia acentuaram o valor do armamento antiaéreo na defesa terrestre.

Uma vez que os vermelhos têm falta de poderio aéreo, as armas antiaéreas têm sido empregadas na sua missão de defesa terrestre.

Os oito canhões duplos de 40m/m e as oito metralhadoras quádruplas de .50 que constituem a Bia. de AAAé, normalmente adida a um Grupo de apoio direto, dão mais do que o dobro da potência de fogo efetiva disponível normalmente para a defesa terrestre do Grupo.

Essas armas devem ser coordenadas e integradas na defesa do perímetro. As informações mais recentes têm mostrado que elas são de valor inestimáveis para esta missão.

Cada dia passado em uma posição torna a posição mais vulnerável à infiltração.

Havendo informantes civis em operação, será preciso ter sempre completamente organizada uma posição de muda. Estas posições são escavadas por "bulldozers", e o grupo deverá, de preferência, se deslocar de uma para outra, pelo menos, a cada quarenta e oito horas.

Se não se dispuser de terreno para tais movimentos, a única solução para enfrentar essa situação é o aperfeiçoamento diurno da posição por meio de melhor organização do terreno, mais arame farpado, minas, e melhor disfarce.

Muito embora um inimigo possa localizar a posição em uma carta, se não puder dizer onde estão as principais instalações, postos de segurança ou os limites do perímetro, seu trabalho será mais difícil.

As armas dos infiltrantes são cargas de demolição, granadas, morteiros e armas portáteis, e os abrigos podem fornecer proteção contra essas armas.

Devem ser postas sentinelas durante todo o tempo, quer junto a cada peça, quer próximo a CENTRAL DE TIRO. Todas as sentinelas devem ser ligadas por telefone; os alarmes, informes e as ordens devem ser transmitidas através dele com o mínimo de ruído. Além disso, devem ser previstos meios secundários e de emergência.

Sempre que tiver lugar qualquer ação dentro do perímetro, o oficial de maior posto deve assumir o comando imediatamente.

Suas ordens, por meio de telefone, ou a sua presença pessoal, irão imediatamente restaurar a confiança dos homens, particularmente a dos inexperientes. Se possível, ele deve permanecer onde puder dirigir e controlar as ações em todo o perímetro. É absolutamente vital manter qualquer ação localizada ou confiada a uma determinada área. O fogo indiscriminado, ruído, e as ordens contraditórias podem, facilmente, causar maior dano do que o inimigo. Um número mínimo de caminhos claramente definidos deve ser demarcado para o tráfego noturno.

*A segurança da posição começa quando o primeiro homem chega a posição.*

Normalmente, o Subcmt. do Grupo coordena a defesa de toda a área do Grupo.

Cada Bateria deve ter um oficial de segurança, responsável perante o Cmt. da Bia. pela segurança da Bia. O plano de segurança deve ser conhecido por todos. Cada sentinela deve conhecer o setor pertencente ao seu posto e os correspondentes aos postos adjacentes. Os fogos devem se apoiar mutuamente, e deve haver recobrimento. É aconselhável a preparação de fichas de alcances, contendo as distâncias para os pontos notáveis do terreno. É aconselhável construir armações em H para impedir às metralhadoras, principalmente à noite, de atirarem fora dos seus setores.

Diversas Baterias, na Coreia, tiveram que combater infiltrantes com efetivos de duzentos a quinhentos homens. Para fazer isto,



as peças devem estar em condições de auxiliar com os seus tiros diretos, de preferência fazendo apenas um conteiramento. Se todos os caminhos de aproximação não puderem ser cobertos por meio de conteiramentos, então deverão ser preparadas posições secundárias, ainda dentro do perímetro, de onde seja possível bater êsses caminhos.

Além das trincheiras rasas nas posições das peças, os serventes das peças devem ter abrigos individuais (fox-holes), dos quais possam, como indivíduos, auxiliar a defesa da área do Grupo. Devem ser praticadas alertas, até que cada homem saiba sua posição e sua função na defesa aproximada da área.

*Os artilheiros devem combater o inimigo enquanto está fora da posição. Não há nenhuma segurança no combate em si.*

A segurança deve ser coordenada com tôdas as unidades no perímetro. Não contem com a Infantaria ou outras tropas apropriadas para ajudá-los a estabelecer postos de segurança em suas áreas. Se houver Infantaria disponível, empreguem-na para obter o máximo de vantagem; mas não se esqueçam de que as tropas que não estão sob seu comando podem retirar-se sem aviso prévio. Portanto, preparem um plano para pôr em ação que só empregue suas próprias tropas.

Informações vindas da Coréia indicam que foi necessário colocar a artilharia bem à frente (dentro de 300 metros das primeiras linhas), de modo que a área da Artilharia possa ficar próxima à área de reservas da Infantaria.

Porém, mais importante do que isto, é que, ter a Artilharia bem à frente, permite à Infantaria preparar planos de contra-ataques, no caso da Artilharia estar sendo ultrapassada pelos infiltrantes.

Uma ilustração autêntica da importância da coordenação da segurança ocorreu em Luzon, perto de Balet Pass.

A guarnição de um trator-dozer, de uma unidade de Engenharia, entrou no perímetro ao entardecer, cavou abrigos individuais

(fox-holes) e pôs em posição uma metralhadora, justamente a 200 metros à retaguarda de um pósto de segurança da Artilharia.

Durante a noite, os japoneses tentaram se infiltrar; o pósto de segurança abriu fogo, e em seguida a guarnição do trator.

Os artilheiros foram apanhados pelo fogo da guarnição do trator e, na manhã seguinte, foram encontrados quatro japoneses mortos, mas havia também dois artilheiros mortos e dois feridos.

Não se pode negar o fato de que a Artilharia é vulnerável a ataques aproximados feitos por um inimigo ousado e corejoso.

Mas, se a posição estiver bem organizada, tôdas as vantagens estarão com o defensor.

*A característica de uma boa unidade é matar um inimigo por tiro disparado nos postos de segurança.*

Não há prática mais perigosa do que a do fogo indiscriminado dentro do perímetro, principalmente à noite. Nenhuma arma deve permanecer com cartuchos na câmara e o comando deve punir severa e rigorosamente os transgressores.

Numa análise final, não importa o quanto seja bom o plano de segurança. Seu valor será medido pelas qualidades de combatente dos soldados como indivíduos.

Um soldado calmo e confiante, que compreenda e saiba como empregar tôdas as suas armas, irá agir bem, mesmo dentro de um plano de segurança deficiente.

Mas, um soldado indeciso e cheio de medo arruinará o melhor plano de segurança e será prejudicial a toda a unidade.

Uma unidade, no Pacífico, fracassou em seus primeiros encontros com o inimigo por causa de certas Normas Padrão-de-Ação que todos conheciam bem, mas que acentuavam, de modo fantástico, os perigos da infiltração. Qualquer um que as lesse, tinha a impressão de que a selva estava infestada de infiltrantes armados de faca, e que a probabilidade de não ser morto na primeira noite era mínima. O fato dessa unidade, mais tarde, ter-se tornado de eficiência

notável, foi devido, principalmente, a terem os seus homens ganhado confiança em si mesmos, em suas sentinelas e em suas armas.

Eles provaram que um atacante-infiltrante, embora perigoso, está se defrontando com uma posição mais forte, que é a sua — a do homem no abrigo individual.

## II — INFANTARIA E CAVALARIA

(Parte de um artigo — "Típicas de combate na Coreia" — escrito pelo Capitão John R. Flynn, em COMBAT FORCES JOURNAL)

A infiltração é uma tática favorita dos Norte-Coreanos e não há razão para pensar que o Exército Vermelho não seja favorável a ela também.

(Informes alemães dizem que unidades inteiras dos russos se infiltraram numa posição, durante a noite — Nota do Editor de Combat Forces Journal).

Na Coreia, aprendemos a preparar uma defesa de perímetro contra a infiltração. Normalmente os pelotões organizam seus próprios perímetros, mas algumas vezes eles se juntam para fazer um perímetro de companhia. Tudo depende da missão, o terreno e outros fatores. Empregue o seu bom senso na escolha da natureza e extensão da sua posição defensiva e você se sairá bem.

Após estabelecer o seu perímetro, localize todos os pontos prováveis de infiltração e prepare planos de fogos para cobri-los. Ensine aos seus homens a esperar até que o

inimigo chegue a 75 metros — ou mesmo até 25 metros, dependendo do terreno e dos campos de tiro que você tiver — antes de abrir fogo. Quando abrir fogo, atire com tudo o que tiver. O fogo esporádico e espalhado pode afugentar os infiltrantes, mas o fogo pesado custer-lhes-á caro e haverá menos infiltrantes da próxima vez.

Infiltrantes Norte-Coreanos atacaram um pelotão da Cia. K. do 7º R.C., em duas noites sucessivas, em setembro passado. O pelotão estava aferrado em uma posição entre duas colinas, ocupadas por dois outros batalhões do regimento.

Em duas noites, o pelotão matou 180 soldados inimigos e feriu a um número ignorado. O pelotão teve seis feridos. O pelotão mostrou notável precisão, retirando dos mortos inimigos as granadas, armas e munições, as quais foram usadas contra o inimigo nos assaltos posteriores.

Quando atacado por bandos infiltrantes, mantenha a sua posição a todo custo.

Isole os bandos e destrua-os com armas pesadas e fogo de artilharia. Um grupo infiltrante não dispõe de suprimento de munição, alimento e água, a menos que possa romper através de sua posição, na frente. Lembre-se de que ele está visando os seus pontos de suprimento.

Para suplantar a vantagem psicológica que o infiltrante possui, devemos instruir os nossos soldados a esperarem ação noturna e a estarem aptos a combater eficientemente à noite.

**AUTOMÓVEIS PONTIAC — CAMINHÕES G. M. C.**

**CONCESSIONÁRIA:**

**AUTO DISTRIBUIDORA ITAPEMIRIM S. A.**

END. TEL. "ADISA" — 0 — CAIXA POSTAL, 76

Escritório:

Av. Rio Branco, 106 — Sala 1211

R I O

Rua D. Joana, 5/7

CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

Estado do Espírito Santo

## ABRIGO PARA DOIS

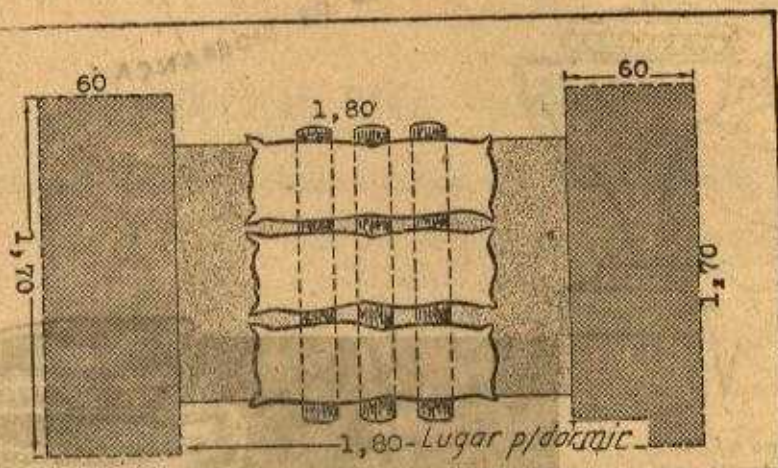


Fig. 1 — Vista vertical — Troncos cobertos com sacos de areia e disfarçados

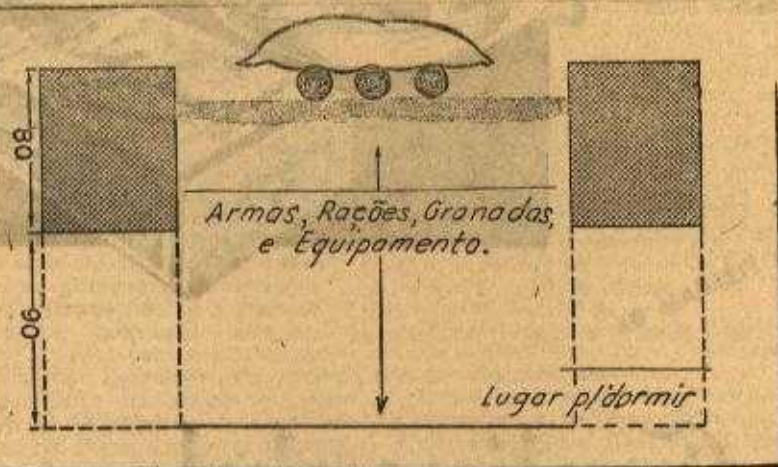


Fig. 2 — Vista horizontal

Como não tínhamos castelos ou fazendas para serem usados como postos de comando, aperfeiçoamos os abrigos e chegamos a este que aparece nas figuras desta página. Tem estas vantagens:

- (1) Protege-o dos tiros de artilharia e de morteiros (inclusive o tiro de tempo e arrebatamentos no ar) e do metralhamento.
- (2) Proporciona um certo conforto e isolamento.
- (3) Protege da chuva, neve e frio.
- (4) É lugar excelente e seguro para descansar durante o dia.
- (5) É ideal para alertas noturnos.

# EDUCAÇÃO FÍSICA MILITAR

## Observações sôbre a ginástica comum em prática no Exército

Pelo Cap. ESTEVAM MEIRELES — Chefe do  
Dep. de Ed. Fis. da Academia Militar  
das Agulhas Negras

Antes de iniciar a exposição de observações colhidas na prática da ginástica comum do C-21-20 e do estudo comparativo com a ginástica de condição do Exército Americano, transcrevo trechos seguintes do regulamento n. 7, que dizem:

"As aplicações compreendem sete famílias distintas de exercícios; etc.

Elas têm por fim aperfeiçoar, pondo em ação, o mais economicamente possível, todos os meios físicos de que o homem dispõe e que desenvolveu pelos exercícios educativos e pelos flexionamentos".

Ainda o Regulamento n. 7 — 1ª Parte, cita quais os meios físicos que o homem desenvolve e aperfeiçoa pelos exercícios físicos, que são:

*A saúde. A força. A resistência. A agilidade. A virilidade.*

As observações que passarei a expor são publicadas com o fito único de cooperar pelo aperfeiçoamento dos processos do treinamento físico em prática no nosso Exército (Finalidade da Escola de Educação Física do Exército), apresentando sugestões àquele órgão do Exército para o problema e divulgando-as para conhecimento dos colegas dos corpos de tropa.

A ginástica comum em prática no Exército se compõe estruturalmente de aplicações das sete famílias em combinação com flexionamentos e educativos, todos estes exercícios com as finalidades supra citadas. Isto é, os educativos e flexionamentos preparando o ho-

mem para as aplicações e as aplicações aperfeiçoando os meios físicos que aquêles primeiros exercícios desenvolveram.

O recruta que se nos apresenta nos quartéis, conforme conclusões da Escola de Educação Física e observações de todos nós, é particularmente fraco de músculos de braços e de músculos de tronco (abdominais e lombares).

A Escola de Educação Física procurou resolver o problema por acréscimo na sessão preparatória existente de mais um flexionamento de braço e de mais um de tronco e na própria dita dos períodos iniciais do treinamento físico de, obrigatoriamente, um educativo da família de trepar e outro da família de levantar e transportar. As qualidades físicas que os flexionamentos proporcionam são: flexibilidade, vigor e harmonia de formas.

Os exercícios educativos aumentarão a força muscular e a potência de coordenação nervosa.

Dados os objetivos dos flexionamentos, podemos dizer desde logo (confirmado pela observação) que não foi racional o acréscimo de mais um flexionamento de braço e de mais um de tronco. Basta apenas um de braço, um de tronco, um de pernas, um combinado e um da caixa torácica para aquecer progressivamente o organismo e proporcionar ao homem flexibilidade, vigor e harmonia de formas. Nosso homem carece mais é de força, de resistência e de agilidade. Muito lógica pois a idéia da obrigatorie-

dade de um educativo de trepar e de um de levantar e transportar na sessão de ginástica comum de fraca intensidade.

Temos observado que os exercícios sintéticos são muito mais interessantes que os analíticos. Porque, pois, aumentar o número destes últimos na sessão de ginástica, se não há necessidade?

Querendo sessões de ginástica atraentes, devemos reduzir, sempre que possível, os flexionamentos ao mínimo indispensável. Precisamos poder contar com o trabalho consciente e interessado dos homens. E, se o trabalho não é objetivo, é difícil ao instrutor obter a plena cooperação de seus homens, por mais hábil que seja. É muito fácil ao homem fazer corpo mole, assim o preferindo. O flexionamento enérgico, completo e contínuo só será feito, sempre, pelo homem convencido de que o exercício deve assim ser feito. Resumindo, pois, julgamos que a sessão preparatória deveria constar de apenas um flexionamento de braço, um de tronco, um de pernas, um combinado e um de caixa torácica. Isto com relação aos flexionamentos. Na sessão propriamente dita, devemos desenvolver no homem não só a força como a resistência. O soldado com resistência muscular é capaz de maior quantidade de trabalho na unidade de tempo. Ele pode precisar durar no esforço e só o fará se possuir músculos e organismo resistentes.

Os exercícios educativos desenvolverão a força e a resistência. Para tal, porém, é preciso saber o número de repetições que o homem faz diariamente dos exercícios para daí ir graduando. Por exemplo:

**Suspensão alongada** — **Flexão dos braços.** Se na sessão anterior repetiu cinco vezes o exercício, deverá fazer agora seis ou mais vezes o mesmo exercício. É a vez de, através da emulação, levar o homem a se esforçar no trabalho. O mesmo se dirá das aplicações. O homem deve saber o trabalho que está fazendo e deve ser levado a fazer esforços cada vez maiores para se adestrar. Se deve lançar

o peso de cinco quilos, um paralelepípedo, ou um objeto pesado qualquer, que não o faça sem se poder concretizar o esforço num número ou numa distância atingida. Lançando de uma linha (cal, barbante, risco no chão, etc.) a outras no solo que referenciem distâncias, empenhar-se-á muito mais, não só nas sessões posteriores, em lançar mais longe, como para competir com os próprios companheiros, querendo dar provas de valor físico. Devemos acabar o quanto possível com os trabalhos físicos vagos para os homens. Os exercícios da família de marchar, por exemplo, podem ser feitos enquanto se faz a marcha em espiral, enquanto se faz a marcha dos g-nestas, a marcha em serpentina, formar o oito, etc. Então aqueles exercícios adquiririam até o aspecto de jogo: saber que escola, empregando tais e tais marchas, formaria primeiro o oito, o círculo, o caracol, etc. Os exercícios da família levantar e transportar se prestam também para jogos do tipo citado. E também deslocamentos em distâncias graduadas. Os exercícios da família atacar e defender-se devem, sempre que possível, ser feitos com o caráter de competição. Disputa, por exemplo, entre as duplas, em melhor de três, para se determinar os vencedores do dia. Poder-se-ia colocar junto a cada uma delas um homem aproximadamente do mesmo porte que seria o juiz e iria se medir com o vencedor. As aplicações da família correr, nas suas diferentes modalidades, isto é, corrida rasa de velocidade, de fundo, de obstáculos ou rústicas, são as mais fáceis de se graduar e do homem ter conhecimento do trabalho efetuado. As de saltar, da mesma forma. Expusemos várias observações que, a nosso ver, tornarão o trabalho físico na sessão de ginástica comum mais atraente e mais objetivo. Voltemos agora ao problema do nosso recruta, deficiente de meios físicos. No período de adaptação será ele submetido às seguintes modalidades de trabalho: sessão de ginástica comum, sessão de jogos militares.

A sessão de jogos militares, logo no período de adaptação é condenável. A sessão de jogos militares, na forma indicada pelo C-21-20, isto é, trinta a trinta e cinco minutos de jogos, é uma atividade de grande caráter competitivo. Os homens, no período de adaptação, deficientes de resistência circulo-respiratória, de força ou agilidade, poderiam ser levados no calor da disputa a ultrapassarem suas possibilidades físicas. O trabalho físico indicado seria só a ginástica racional, composta dos exercícios que atingissem os grupos musculares mais importantes do corpo humano e aplicações da família correr que desenvolvem a resistência circulo-respiratória. A ginástica a que nos referimos não é a que tem por base as aplicações e sim a composta de flexionamentos e educativos, dado os objetivos que temos imediatamente em vista. O que observamos é que a ginástica comum do C-21-20 é a base de aplicações, quando o homem ainda não está em condições físicas para tal. Temos que exercitar-lhe os meios físicos objetivamente, para depois prover-lhe o trabalho de aplicações, de jogos e dos desportos. Sabemos perfeitamente que as aplicações, os jogos e os desportos não atingem todos os grupos musculares importantes do corpo quanto o faz uma ginástica racional. Esta completa aquelas atividades físicas, como é completada por elas. Em síntese, o homem, na primeira fase, procura desenvolver a saúde, a força, a resistência, a agilidade, a coordenação de movimentos, a virilidade e a harmonia de formas e numa segunda e terceira fase ele buscará aperfeiçoar os meios físicos citados, desenvolver e aperfeiçoar a destreza e desenvolver os valores morais e sociais. Tudo isto por meio dos exercícios físicos. Esta é, ao nosso ver, a orientação lógica dos trabalhos da educação física. A variedade de trabalho que apresenta o C-21-20 e com as épocas fixadas para sua introdução no plano geral de treinamento veio apresentar algumas consequências prejudiciais ao treina-

mento. Reconhecemos o valor que a variedade representa para a atração dos exercícios no treinamento físico. Entretanto, o principal de tudo é que as tropas atinjam determinados índices de valor físico. Os trabalhos deverão ser objetivados neste sentido. Por outro lado, variando-se constantemente os exercícios, há perda de continuidade quanto ao treinamento físico e ainda perda de tempo com as sessões de estudo. O trabalho diário não pode apenas ser avaliado pelo grau maior ou menor de suor que a turma apresenta. O termo trabalho físico não tem o sentido vago que ordinariamente lhe é dado. O trabalho físico é o meio de treinar o homem, de desenvolver-lhe a força e a resistência dos músculos dos braços, das pernas e do tronco e a resistência orgânica. Tudo, porém, cada dia, harmônicamente. Uma sessão de corrida constitui um trabalho incompleto. É o caso de se fazer também uma sessão só de trepar ou de levantar e transportar, as quais seriam as mais indicadas para a ginástica do soldado. A corrida é o exercício mais simples para desenvolver a resistência. Mas não devemos esquecer que diariamente devemos dar ao homem exercícios de braços e exercícios de tronco. Antes da corrida ou qualquer aplicação, jogos ou desportos, o homem deveria fazer uma ginástica geral dos meios físicos. Após a ginástica dos meios físicos, as tropas então fariam as aplicações, ou jogos ou desportos. Assim, o trabalho físico diário estaria completo e os homens atingiriam os níveis de valor físico que quiséssemos. A ginástica dos meios físicos seria composta de exercícios escolhidos (educativos e flexionamentos) entre os que atinjam todos os grupamentos musculares importantes do corpo humano e, assim, interessariam também a todos os órgãos e às grandes funções, melhorando-as e aperfeiçoando-as. Como foi este o critério da organização das séries de exercícios de condição encontradas no "Physical Training", cito-as como um exemplo para nós. A gi-

nástica dos meios físicos a que nos referimos acima é a mesma série de exercícios de condição. Transcrevo a seguir as vantagens que o FM-21-20 apresenta para tal modalidade de trabalho físico e as quais indico aos colegas especialmente para que reflitam sobre elas no nosso caso:

"(1) Podem ser feitos em qualquer local. (2) Não exigem aparelhos. (3) São facilmente adaptáveis a agrupamentos numerosos. (4) Podem facilmente se adaptar às diferenças fisiológicas individuais. (5) Podem ser regulados na dosagem e na progressão. (6) São compostos de exercícios selecionados para atingir e desenvolver os diferentes grupos musculares do corpo."

Encarecendo a importância da progressão e da continuidade, o citado regulamento diz: "poderá haver progressão se se podem saber quantas vezes são executados os exercícios cada vez. O total de trabalho pode ser exatamente determinado se os mesmos exercícios são executados cada dia e a contagem cumulada (indicação do ritmo) é empregada. É praticamente impossível medir-se a dosagem de atividades com exatidão, se sempre estão sendo ministrados exercícios novos. O uso da série de exercícios de condição elimina a grande perda de tempo proveniente de continuada apresentação e ensino de exercícios novos." Para proporcionar variedade nos exercícios, o FM-21-20 apresenta duas séries que, entretanto, são consideradas de igual dificuldade e valor. Uma organização poderá empregar apenas uma, o ano todo. Para variar, usa-se várias vezes uma, antes de se introduzir a outra. O mesmo regulamento apresenta, como atividades sucedâneas para uma posterior, variedade da ginástica dos meios físicos, a série de exercícios com arma, a série de exercícios com troncos de árvore, um trabalho em várias oficinas que chama de "curso

de força" e ainda a ginástica acrobática, como o nosso C-21-20. De qualquer forma, a orientação geral é a de preparar primeiro o homem, para depois aplicar. De acordo com o exposto, a divisão do treinamento físico militar dos corpos de tropa comportaria quatro períodos:

1 — *Período de adaptação* — Os homens experimentam dores musculares pronunciadas e maiores cansaços, até se adaptarem ao trabalho. Este período se observa sempre nos indivíduos sem preparo físico, quando começam a se exercitar vigorosamente. A severidade deste período depende do estado físico dos homens e do total de atividades a eles ministradas.

2 — *Período de preparação* — Passado o período de adaptação, começa o desenvolvimento físico dos homens. Desenvolvem a força, a resistência, a agilidade, a coordenação de movimentos, a harmonia de formas e melhora a saúde.

3 — *Período de aplicação* — Intimamente ligado com o anterior, até uma época em que predomina. Neste período, os homens aperfeiçoam os meios físicos, cultivam e aperfeiçoam a destreza, cultivam os valores morais e sociais.

4 — *Período de conservação* — A melhoria do valor físico dos homens, a princípio rápida, atinge níveis altos mas depois os progressos são menores. O problema é mantê-los nestes níveis. Assim, expusemos as nossas principais idéias, fruto de anos de prática na especialidade e do estudo dos nossos regulamentos e do regulamento americano. O C-21-20 é uma primeira adaptação do regulamento francês. Os processos pedagógicos do método francês são ainda do tempo da infância da pedagogia. Quanto às finalidades, os exercícios físicos de qualquer método são idênticos em escolha e o agrupamento deles é que pode variar. As bases pedagógicas do FM-21-20 são bem modernas e as nossas muito arcaicas, ainda.

## IMIGRAÇÃO

Prof. DJACIR MENEZES

**APRESENTAÇÃO** — Uma das grandes dificuldades que enfrenta o candidato ao Concurso à EEM é o estudo da Imigração, ponto importante sob vários aspectos, tendo mesmo sido uma das questões em 1949.

Procurando facilitar o trabalho de nossos leitores que se preparam para aquela rde prova, publicamos, neste número, uma conferência sobre o tema, realizada pelo próprio professor da cadeira de Sociologia e Economia Política da EEM, o Sr. Djaçir Menezes. Assim terão coligidas e concatenadas num único trabalho, idéias e informações fornecidas em tempo útil, o que será sem dúvida uma sólida base para o raciocínio a ser desenvolvido, quando carecerem abordar o problema.

Actescente-se que esta publicação foi autorizada pela Escola de Estado-Maior. — Nota da Redacção.

**A IMIGRAÇÃO.** Imigração e aculturação. O homem marginal. Relações de raça. Análise científica do problema no Brasil. Os "quistos" raciais

### 1ª PARTE

1. E com o descobrimento da América e início do estabelecimento de suas colónias que começa a história da imigração. Claro que outrora se assinalaram grandes migrações humanas, de que temos notícias quando estudamos o desenvolvimento da civilização. Para nosso objetivo, interessa-nos aquelas que abrem a colonização nas terras do Novo Mundo.

Os que vieram povóar as plagas americanas, via de regra, escapavam de opressivas situações políticas na Europa ou vinham atraídos por perspectivas de enriquecimento fácil, com a imaginação exaltada pelas versões de corriam sobre as terras descobertas. Mas o ponto de partida para estudo da história da imigração deve ser situado na data da Independência norte-americana, quando mais se avolumam as correntes colonizadoras. Pouco antes, a Revolução francesa agitara o velho mundo; e a Revolução industrial, que começara no Século XVII, vinha alterando os quadros sociais da Inglaterra e produzindo seus efeitos pelas demais nações. Verifica-

va-se um crescimento de efetivos demográficos de par com o aumento da riqueza, que se concentrava nos centros industriais nascentes. O capitalismo bancário se organizava, as sociedades anónimas ajudavam a formação de empresas, as ciências progrediam na investigação das coisas naturais, os transportes ligavam os centros produtores com outros continentes, que, dessarte, entravam na área de civilização europeia. Não seria por mera coincidência qua a obra de Adam Smith lançaria os fundamentos científicos da Economia política quando madrugava a Declaração da independência formulada pelas 13 colónias norte-americanas.

Era o tempo em que a Europa entrava rapidamente em ascensão: o sistema económico, desembaraçado das relações feudais, avançava e criava outros quadros políticos, expandindo suas forças pelos mercados internacionais. Por outro lado, o empobrecimento das camadas inferiores da população fazia aumentar as correntes migratórias, principalmente para a América do Norte, onde a liberdade de



trabalho e iniciativa constituíam vigorosos atrativos para os homens do velho mundo. Essas correntes migratórias procediam da Inglaterra, da Irlanda, da Alemanha e rumavam, de preferência, para a América do Norte, para o Canadá, para a Austrália. Em menor escala, para as regiões sul-americanas.

2. A industrialização progressiva dos Estados Unidos, que se acelerou a partir da terceira década do Século XIX, quando se desenvolvem as companhias de estrada de ferro, influuiu no género de imigrantes: em vez de procederem do N.O. da Europa, passaram a vir do S.E. (Itália, Rússia, Balcans, Áustria-Hungria), modificando-se a composição étnica dos elementos caldeados no "melting pot" americano. Mas a indústria, ansiosa de aproveitar os recursos naturais do país, absorvia as correntes migratórias, facilmente assimiladas graças à legislação conveniente aos seus interesses. Só no cerrar do século, acentuar-se-ia o espirito "purista", exigindo restrições e impondo condições limitativas sobre os advenas. Chineses e Japoneses, que constituíam uma oferta de mão-de-obra a salário baixo, sofreram as primeiras restrições de entrada. Mas enquanto assim crescia a entrada de contingentes demográficos na grande pátria do norte, nós continuávamos com insignificante contribuição. A legislação da metrópole embaraçara a indústria; e depois da Independência até as iniciativas de Mauá, por volta de meado do Século XIX, o braço escravo seria a fonte de nossa mão-de-obra: a riqueza nacional era agrícola. O ciclo da mineração abria caminhos para a hinterlândia — mas as cidades decaíram e os caminhos foram desaparecendo. A Assembléa Constituinte de 1823 discutira o problema do imigrante: clamou-se pela liberdade de cultos, para que viessem povos de outras crenças. Em 1824, 126 alemães fundam a colônia de S. Leopoldo, que supera a de Nova Friburgo. Outros núcleos germânicos de agricultores aparecem. Em 1840, Campos Vergueiro inicia a

imigração por conta dos fazendeiros. O braço livre abria espaço na lavoura por sua iniciativa. Mas os fazendeiros não queriam saber de colonos livres — e a "lei de terras" seria expressão de seus interesses. Ela seria posteriormente regulamentada por uma Repartição Geral de Terras Públicas. Visava evitar a apropriação de terras devolutas — mas nada evitou; os particulares continuaram estendendo largamente seus domínios.

Mas, nesta altura, já se distinguia claramente os dois processos: um, seria a colonização, que instalaria núcleos dêmicos dedicados preferentemente à atividade agrícola; outro, importaria apenas braços para as grande lavouras já estabelecidas, por meio de salariado, por meio de parceria.

Essa dificuldade, criada na doação de terras a colonos estrangeiros, obedecia a inspiração dos interesses dos fazendeiros. O próprio senador Vergueiro, que se esforçava por introduzir imigrantes europeus na agricultura, condenava o sistema: queria-os ligados à fazenda para a qual fôsse contratados, uma espécie de servos da gleba salarizados. O ano de 1850, na história social do Brasil, é um marco: O Dr. Blumenau funda a colônia de Sta. Catarina que tem seu nome e torna-se modelar, mas lamentavelmente única; cessa a importação do braço negro; promulga-se a já mencionada "lei das terras"; o surto industrial, de que Mauá será o expoente, data daquela metade do século.

3. Os capitais que se investiam no tráfico negreiro derivaram, a partir de 1850, para outras atividades. E nos anos que seguem, fundam-se 62 empresas industriais, 14 bancos, 3 caixas econômicas, 20 companhias de navegação a vapor, 23 companhias de seguros, 4 companhias de colonização, 3 de transportes urbanos, 2 de gás, 8 estradas de ferro, 8 de mineração. — tudo isso, como sinala Caio Prado, num espaço de dez anos, aproximadamente.

Fortalece-se a estrutura econômica da sociedade em formação.

Nos começos do Século XX, a imigração japonesa, organizada planificadamente em Tóquio, por instituições oficiais, dirige-se regularmente para S. Paulo. Os mais altos coeficientes demográficos foram sempre verificados na corrente que se encaminhou para a Argentina, constituindo mão-de-obra industrial que incrementou as atividades de transformação naquele país.

Depois da última guerra, os "deslocados" que vieram para terras americanas atingiram cerca de 877.000, orientados pela Organização Internacional de Refugiados, para diversos países. Desde 1947, apenas 26.000 foram dirigidos para o Brasil. Em 1948, imigrantes, em caráter permanente, contamos 21.500.

4. O ponto que interessa mais diretamente à Economia política é o que se relaciona com os efeitos produzidos nos quadros de atividade produtiva por estes contingentes que representam o Trabalho.

As restrições legais que os países impõem à imigração ou emigração afetam a mobilidade de um dos fatores da produção. Na teoria econômica, a mobilidade dos fatores produtivos constitui um dos problemas mais relevantes. Estes fatores gozam de mobilidade variável, como acontece com os capitais e com o trabalho, até o solo, que é de mobilidade nula. A troca dos demais fatores, entre diversos mercados nacionais, contribui, segundo os ensinamentos da Economia liberal, para o nivelamento de seus respectivos preços, regulados que são pelas leis de oferta e procura. Pretendem seus teóricos que, desta maneira, se atenuam as desigualdades na distribuição dos agentes produtivos, corrigindo, até certo ponto, o artifício das fronteiras políticas em unidades econômicas que as transcendem.

O solo, riquezas geológicas, condições climáticas e naturais, constituem riquezas inamovíveis, que são as premissas de desigualdade originária de distribuição dos fatores de produção. Então, a mobilidade dos fatores trabalho e capital des-

lina-se a atenuar os efeitos econômicos, para diminuição dos desequilíbrios de níveis de vida entre os povos da terra. São aquelas condições naturais que determinam localização da agricultura, da indústria e do comércio, de modo geral. Ora, o problema econômico das migrações humanas não é senão o da mobilidade do fator Trabalho. A imigração da mão-de-obra abre ao capital novas perspectivas de aplicação e exploração de riquezas, nos países novos, facultando níveis de vida mais altos. Por sua vez, a presença de mais elementos humanos atrai novos capitais, oferecendo-se mais amplas oportunidades de desenvolvimento econômico. O poder de compra que se distribui, nas retribuições dos fatores produtivos, amplia as possibilidades de mercado com aumento da capacidade de consumo das populações trabalhadoras.

5. Os países de altos índices demográficos, que se constituem como fontes de imigração, incapacitados de assegurar níveis de vida aos nativos, vêem, na corrente emigratória, um processo de equilíbrio dos mercados de trabalho interno. Diminui-lhes a pressão dos desempregados, os efeitos do "chomage" crônico sobre suas indústrias e agricultura.

No período de crise, alivia-se o mercado de trabalho com a sangria feita. Entre esses próximos, na Europa, verifica-se a formação de correntes de trabalhadores que se deslocam, temporariamente, de regiões para outras, sob efeito dos períodos cíclicos, evitando a baixa excessiva de salários e moderando a intensidade das crises econômicas.

Quando os países entram a liberdade de comércio exterior, com políticas cambiais restritivas, mobilizadas para fins de determinada política econômica, facilitando certas exportações e dificultando outras, e importando também restritivamente, — a mobilidade do trabalho, caracterizada pela migração, representa o corretivo inevitável; e inversamente, quando os entraves são feitos à migração: a liberdade de comércio exterior tende a suavizar os efeitos restricionistas. Mas

há que considerar os serviços que se não deslocam, os fatores imóveis, que impedem, consequentemente, o nivelamento de equilíbrio indicado em toda a plenitude.

6. Os movimentos protecionistas não são correlativos de restricionismo no terreno migratório, como se poderia concluir apressadamente. O protecionismo quis defender a indústria nacional, mas não cogitou jamais de nacionalismos econômicos, no sentido de autarquias fechadas como recrudescceu no período de entre-guerras. Mas o restricionismo, no campo migratório, se caracterizou por certo nacionalismo autárquico, hostil às idéias do liberalismo do Século XIX. Vimos como Itália e Alemanha, permitindo a saída de nacionais, procuraram mantê-los no estrangeiro sob influência direta de seus próprios governos, para utilizá-los como agentes políticos.

Outro aspecto importante. A imigração acarreta maior oferta de mão-de-obra, logo, a queda dos salários. A competição do alógena despertou a reação dos trabalhadores nacionais, em diversos países. E seus sindicatos começaram a defender os salarizados, batendo-se contra a imigração estrangeira. Defenderam certo nacionalismo econômico, ditado pelas circunstâncias. Por seu lado, os capitais a serem empregados, para ampliação do parque industrial, exigem maior volume de força de trabalho a sua disposição, preferindo que se faculte a imigração, a fim de tê-la mais barata. Todos esses aspectos são conexos e complexos, dentro do problema geral da migração internacional.

"O temor de ver, pela imigração, a densidade da população atingir um ponto em que a parte de cada participante do produto social deve necessariamente diminuir, acha-se, em suma, à base de todas as preocupações que conduziram a uma legislação restritiva" — escreve Citroen. Tal ocorreria com o superpovoamento. Mas este fenômeno não se produz senão de modo relativo. Isto é, não se verificou jamais o acúmulo de seres humanos

em certa área a ponto de faltar espaço a novas unidades. Assim, o que se discute, nas teorias sobre população, é o superpovoamento relativo, que se constata com a inferioridade do nível de utilidade marginal do trabalho. Noutras palavras: quando há abundância de capital e solo em relação à mão-de-obra, o trabalho encontra uma remuneração tão baixa que lhe não permite prover as necessidades fundamentais do trabalhador e da sua família. Não quer isso dizer que haja superpovoamento, mas combinação desproporcionada entre os fatores da produção capaz de aumentar a produtividade dos recursos existentes pela ampliação de sua exploração, — o que facilitaria mais alto nível de vida. Está operando aqui a lei dos rendimentos decrescentes, a que se liga a teoria do "optimum" de população.

#### Bibliografia:

Fleddéus e Van Fleek, *Technology and Livelihood*, Russell Sage Foundation, N. Y., 1944.

H.A. Citroen, *Les Migrations Internationales*, Librairie de Médecis, Paris, 1948.

G. Mortara, *Estudos Brasileiros de Demografia*, monografia n. 1, julho de 1947.

Fernando Carneiro, in *"Digesto Econômico"*, *Interpretação da Política Imigratória Brasileira*, ns. 45, 46, 47, S. Paulo.

Simonsen, *Ensaio Socias, Políticos e Econômicos*, Federação das Indústrias, S. Paulo, 1943.

#### Nota:

"Os oficiais alunos deverão estar em condições de responder o seguinte Questionário:

1. Quais as causas mais fortes da imigração para a América? De ordem econômica ou política?
2. Quando se iniciou a imigração para o Brasil, de colonos livres?
3. Para onde afluíram os capitais empregados no tráfico negreiro a partir de 1850?

4. Que entende por mobilidade dos fatores da produção?
5. Que importância tem essa mobilidade sobre a migração?

6. O restricionismo imigratório tem alguma relação com o proteccionismo econômico?
7. Que vem a ser *utilidade marginal do trabalho*?

## 2ª PARTE

1. Deixamos de lado inúmeros problemas relativos à colonização promovida por organismos oficiais ou orientada por organismos privados quer de inspiração social, quer de objetivos comerciais. São aspectos importantes, mas que nos desviariam do programa traçado. Passamos agora a considerar os desajustamentos "raciais" e aculturativos, tal como podemos observá-los no meio brasileiro, de acordo com alguns estudiosos do assunto. Para isso, devemos começar estabelecendo alguns conceitos preliminares e fundamentais.

Os antropólogos denominam de cultura tudo que resulta do esforço criador humano. Assim, o que não é um produto da natureza, é um produto da cultura. Esta representa a totalidade das criações humanas e exprime uma conquista progressiva de domínio das coisas. Caracteriza o próprio desenvolvimento histórico do homem, que se afirma elaborando técnicas de vida e formas de convivência. É a atmosfera em que se expandem as qualidades que o distinguem dos seres animais. Ao lado de coisas realmente criadas, que representam a *cultura material*, há produtos espiritualmente elaborados, e representam a *cultura não-material*: crenças, hábitos, técnicas de fazer as coisas, regras de agir. As duas formas são apenas dois aspectos, que se não separam senão teoricamente, dada a sua interpenetração prática na exteriorização da atividade humana.

Cada homem procede de determinada cultura, que é sua ambiência e o explica. Quando a imigração africana começou a povoar as selvas brasileiras, as culturas transplantadas sofreram o impacto do novo meio. Entraram em contacto com as culturas existentes aborígenes e a lusitana. Os

resultados foram estudados por Nina Rodrigues e outros, nos começos do século. Depois, por métodos mais modernos de antropologia cultural, pelo prof. Artur Ramos. A herança africana, deformada pelas condições sociais, Nina denominou de *sincretismo* — fusão de crenças originando "religiões mestiçadas": o que se dava no plano biológico se refletia no plano espiritual. O fenómeno passou a ser examinado dentro dos chamados *processos aculturativos*.

2. Aludimos, na primeira nota de aula, ao "processo de interação" como fundamental às comunidades humanas. Os diversos tipos de interação social foram classificados nas 4 formas fundamentais: *competição, conflito, acomodação e assimilação*.

O processo competitivo se manifesta na atividade econômica, entre produtores que disputam o domínio de mercados e de clientela. A competição pode levar por "status", isto é, luta por posição mais elevada na sociedade. Na competição, os indivíduos podem não se achar em contacto e comunicação; no conflito, sempre entram em contacto consciente, evocando-se certa tensão de ânimos, existentes nas rivalidades entre grupos, entre facções, entre culturas. Na acomodação, o ajustamento é típico: a organização das relações e atitudes sociais visam a reduzir ou prevenir o conflito, controlar a competição, assegurar a estabilidade de pessoas ou grupos divergentes.

Na acomodação, pessoas ou grupos se interpenetram, adquirindo atitudes comuns, partilhando de objetivos comuns, incorporados na vida cultural da comunidade. Mas os indivíduos só *externamente* ajustam-se ao meio social: seu modo de julgar, de compreender as atitudes dos demais sofre pouca in-

fluência. Internamente, sua *Weltanschauung*, isto é, sua intuição e atitude das coisas, não mudou. Quando essa atitude íntima também muda, dando-lhe novos critérios de julgamento, transfigurando-lhe a experiência em função da nova situação, então o processo, atingindo sua psicologia, chama-se *assimilação*.

A assimilação oferece três aspectos gerais:

O primeiro é *biológico*. Neste caso, não se distingue da *amalgamação*: é a fusão de raças diferentes por meio do "interbreeding", isto é, da mestiçagem e do casamento. A mistura de raças é fenómeno histórico: jamais houve raças "puras", mas grupos que, isolados em certas áreas, durante certos períodos de tempo, elaboraram culturas diferentes, modificando-se dentro de seus "habitats".

O aspecto social é o que vem a seguir. Exprime a *aculturação*, que é a transmissão de elementos culturais de um grupo a outro. Traduz o conflito e a fusão de culturas, que se inicia, como todo processo interativo, pelo contacto: mudança de atitudes, de linguagem, etc.

O terceiro aspecto é uma especialização, para o estudo particular das populações americanas, dentro do capítulo da aculturação: é o da *americanização*. É a maneira por que se processa a participação do imigrante na vida americana, preparando-o para assumir atitudes, critérios valorativos, ideais da cultura existente no continente. Os resultados da aculturação foram examinados sob três aspectos: o da *aceitação*, o da *adaptação* e o da *reacção*, segundo o grupo receptor acolha facilmente a acção cultural do grupo influente, ou derive uma combinação dos traços das duas culturas em presença, ou, enfim, se manifestem movimentos contra-aculturativos.

3. De posse daquelas indicações teóricas, o exame dos chamados problemas raciais se resumem, nos seus fundamentos, ao estudo das relações entre raças. Como se distribuem elas em certo espaço?

Para responder, faz-se a análise *ecológica*. Como se miscigenaram? Eis o estudo biológico. Como se ajustaram socialmente? Entra-se no estudo do *processo aculturativo*. Dentro d'este, muitos problemas sociais emergem: econômico, político, religioso.

Foi, incontestavelmente, o processo de trocas mundial, acelerado com o desenvolvimento econômico, que determinou a multiplicidade de contactos entre povos os mais diversos do globo. O que, noutra passagem destas notas, denominamos de "europeização" de regiões afastadas dos centros civilizados, é o mesmo fenómeno agora abortado. Os *desajustamentos* e conflitos sempre existiram, observados por historiadores, por sociólogos, por psicólogos e economistas. As culturas consideradas "inferiores" se desagregaram em contacto com as "superiores", mais adiantadas e capazes pelo domínio das técnicas e da ciência que lhes corresponde. A colonização das Américas é ilustrativa. Judeus e negros ofereceremos ainda hoje exemplos de comunidades culturais em situações de conflito. São problemas que se agravam e exigem métodos antropológicos, para encaminhamento de soluções científicas. Como disse Robert Park, um grande estudioso do problema, é a consciência crescente do problema que vem mostrando a sua generalidade. Eles emergem onde quer que se verifiquem contactos entre culturas diferentes, que não se ajustem facilmente dentro dos processos normais de equilíbrio.

4. Com a facilidade de comunicações que abreviam cada vez mais as distâncias físicas, as *distâncias sociais*, que se exprimem nas relações entre culturas historicamente atrasadas e avançadas, são o factor mais sério de harmonização das comunidades humanas. Principalmente se notarmos que as culturas tendem a ser subordinadas às mais avançadas pelo sistema de parasitismo econômico que pode estabelecer-se.

Em face das perspectivas assinaladas, o citado sociólogo norteamericano indagou: "como se po-

derá estabelecer e manter uma ordem social eficiente num mundo quase completamente urbanizado, industrializado e cosmopolita?"

O "melting-pot" das raças é um cadinho histórico onde se precipitam as correntes agitadas pelas guerras e modificações advindas do progresso científico. Seus problemas passam ao primeiro plano.

5. Dentro de cada cultura, pois, se formam padrões de julgamento pelos quais seus membros aferem o valor dos fatos e das coisas. Znaniecki chamou de *impedimentos axiológicos* aos conflitos resultantes de avaliações feitas diversamente, segundo padrões elaborados em culturas diferentes. Ex.: imigrantes evangélicos, no regime imperial, no Brasil, não podiam casar, porque só o casamento religioso da igreja católica era válido. Para celebrar o matrimônio, teria de abandonar a sua crença. O "impedimento axiológico" interceptava a continuidade religiosa — diz Willems.

Quando uma pessoa se acha a caminho de assimilação em cultura diversa, poderá, em certos momentos, oscilar entre a aceitação de estalões heterogêneos na aferição dos valores por que pauta a conduta. Isso envolve interessantes problemas de psicologia social, já estudados, com abundância de material, por cientistas como Kymball Youg, Parck, Ogburn, Stonequist e muitos mais. Os padrões aferidores, a que nos referimos, são constituídos por *representações coletivas*, socialmente transmitidas no processo educativo: são *valores sociais*. Um objeto, uma idéia ou uma norma oferecem *valor* por que, a seu respeito, há experiência capitalizada, partilhada pelos membros do grupo, que lhes dispensa aprovação. Toda cultura é *emoção-cêntrica* — isto é, considera-se absoluta e acima das outras, servindo aos seus participantes de termo de comparação, em frente às demais, como ponto de referência universal. Na base dos conflitos culturais está exatamente essa atitude fundamental.

6. Ao entrar no país, o imigrante procede de outro meio, onde

se formou: vai iniciar contacto com cultura diversas. A língua é o veículo mais importante no contacto cultural. Os filhos aprendem rapidamente os novos hábitos e integram-se no meio, às vezes mesmo desprezando a ascendência estrangeira, e provocando incompatibilidades na família, conforme observaram estudiosos norte-americanos, apontando tais desajustamentos como erros da "escola liberal".

Acontece, porém, que muitas vezes ocorrem, na cultura que recebe o imigrante, sinais de reação, exprimindo certa repulsa em relação ao *ádvēna*. Essa inaceitação pelo meio reveste-se de formas variadas, que lhe incutem *ressentimentos* contra o grupo dominante. Tal era a situação do mulato, em certas áreas do Brasil, a do anglo-indiano, na Índia, a do judeu, em alguns países da Europa.

"Como o mestiço parece estar na divisa de duas raças, não pertencendo realmente a nenhuma delas, o imigrante se encontra, durante a fase aguda do conflito mental, na divisa das duas culturas, sendo de fato alheio a ambas. Robert Park denominou esse tipo de "marginal man", homem marginal. A marginalidade cultural é uma situação de conflito, e os sintomas típicos são os recalcamientos, os sentimentos de inferioridade com suas compensações, as psicoses, os crimes e os suicídios".

A marginalidade constitui exceção. Exprime, psicologicamente, uma crise de personalidade. Verifica-se quando o indivíduo interioriza o conflito entre culturas, subjetiviza-o em caso pessoal. Tem suas raízes afetivas, e o ressentimento é o sistema mais característico do processo que se desenvolve na sua mente, onde se refletem os desajustamentos irrompidos na ordem cultural. Manifesta-se como despeito, reação, rivalidade contra a cultura onde estão situados, numa resistência à assimilação, que se revela nos sentimentos de constante valorização da cultura originária. Esforça-se o marginal para evitar contactos, aceitação de hábitos nativos.

7. Inúmeros sintomas, nas populações dos Estados do Sul, em núcleos alemães, servem de material de estudo. Quando o governo central deixou ampla liberdade a tais núcleos de colonização, vimos como se incentivou a formação de agrupamentos pouco permeáveis às influências nacionais. Essa impermeabilidade era dificultada pela organização que tomavam tais imigrantes, com instituições educativas na própria língua e procurando estabelecer estilos de vida nos moldes de sua pátria. Cercados por cultura estranha, estão constantemente vigilantes, o que lhes acua uma espécie de "consciência racial", que os afasta sempre de melhores entendimentos com o meio nacional, criando situações de conflito indesejáveis. O *reducto de Clemenstadt*, que orgulhou Ernst Wagemann, no Espírito Santo, como "magnificência e esplendor das criações do espírito alemão", resulta, como ele mesmo apontou, de descaso do poder público e da ignorância do povo. O quadro anexo, mostra a composição de nossa imigração durante três anos.

Formam-se, objetivamente, as condições culturais de conflito, que tem sua incubação histórica; sua interiorização é o aspecto subjetivo, observável nos fenômenos de crise da personalidade. E esse drama, que se realiza na mente individual, em conexão com as relações sociais, se exprime na chamada atitude de ambivalência, que é a manifestação de atração e repulsa, de aprovação e desaprovção, pelo mesmo objeto, fato ou pessoa. Todo comportamento humano implica na aceitação de um esboço de valores culturais determinados — e o indivíduo que "perdeu", com a mudança para nova cultura, seu sistema valorativo, sem assimilar moralmente outro sistema, a que se ligam sentimentos de desconfiança, tem dificultado a assimilação do alógeno. Se o meio, como sucedia em várias cidades do sul, cheio de imigrantes alemães, fortalece essas atitudes, — o que se dá não é mais a marginalidade individual, mas cultural, é todo um grupo que revive, dentro

de outro país, condições inteiramente diversas, com uma série grave de problemas de ordem social e política.

A isso se denominou de *questões raciais*. No fundo, não se tratava de problemas de raça, mas de diferenças culturais, que em certo momento, tiveram fatores políticos agravando-os. Os caracteres "raciais", que diferenciavam esses grupos humanos dos nativos serviam apenas para o reconhecimento rápido, a fim de facilitar a discriminação. Mas eram acidentais no exame do processo. No fundo, o problema era apenas um problema de *aculturação*. E os métodos mais necessários para o tratamento da questão estavam à mão do poder público: escolas para ensino obrigatório da língua nacional, de suas tradições, de sua história aos descendentes, não se admitindo segregação dos elementos nacionais. Foi o que depois veio a fazer parcialmente.

"O insulamento cultural — escreve autor citado — priva as populações rurais de descendência germânica, da oportunidade de participação de meio social mais amplo. Assim, facilitam-se as tendências mais ou menos acentuadas de fixar a marginalidade, isto é, de transformar o grupo marginal em minoria étnico-cultural".

8. Outros grupos, no atual caldeamento brasileiro, podem suscitar problemas de relações raciais. Os núcleos negros entre nós não constituíram movimentos contra-aculturativos, pois a fusão dos elementos étnicos, desde a madrugada da nacionalidade, constitui um fator de aculturação relevante. Japoneses e Italianos acudiram sempre em larga escala, em relação a outros imigrantes. (Os demais aspectos do problema serão discutidos oralmente).

#### Bibliografia:

G. Mortara — *Estudos brasileiros de Demografia*, monografia n. 1, Fundação G. Vargas, 1946.

E. Wagemann — *A Colonização alemã no Espírito Santo*, I.B.G.E., Rio, 1946.

A. Ramos — *A Aculturação Negra no Brasil*, Brasiliense, S. Paulo, 1942.

E. Willems — *Assimilação e Populações Marginais no Brasil*, Brasiliense, S. Paulo, 1940.

D. Pierson — *Técnica e Pesquisa em Sociologia*, S. Paulo, Comp. Melhoramentos, s/d.

R. Park and E. Burgess, *Introduction to the Science of Sociology*, Chicago, 1942.

C. Wissler, *An Introduction to Social Anthropology*, Henry Holt & Co., N.Y., 1929.

K. Young — *Handbook of Social Psychology*, Routledge & Kegan Paul Ltd., London, 1948.

Max Luchere — *Cartas do Brasil*, Brasiliense, S. Paulo, 1942.

Anuário Estatístico do Brasil, I. B. G. E., Rio.

Nota:

Os oficiais alunos deverão estar em condições de responder o seguinte *Questionário*:

I) Que é cultura?

II) Distinguir contacto pessoal e interação social.

III) Em que se distingue acomodação e assimilação?

IV) O processo contra-aculturativo é de natureza do competitivo? Conhece alguns exemplos de contra-aculturação no meio brasileiro?

V) Por que a cultura tende ao etnocentrismo?

VI) A ambivalência é sintoma de marginalidade?

VII) Que caracteriza o "quisto racial"? Raça é fenômeno antropológico ou cultural?

## MOVIMENTO DA POPULAÇÃO

### ESTRANGEIROS ENTRADOS NO PAÍS

#### 2. IMIGRANTES, SEGUNDO ALGUMAS NACIONALIDADES — 1924

ANOS	IMIGRANTES						
	Total	Segundo algumas nacionalidades					
		Alemães	Espanhóis	Italianos	Japonezes	Portugueses	Russos
95 052	22 168	7 238	13 844	2 673	23 237	559	26 303
82 547	7 175	10 062	9 846	6 330	21 508	756	26 870
118 686	7 674	8 892	11 977	8 407	38 791	751	42 194
97 974	4 878	9 070	12 487	9 084	31 236	616	30 603
75 126	4 228	4 436	5 493	11 169	33 882	823	18 097
98 186	4 351	4 565	5 288	16 648	38 879	839	25 516
62 610	4 180	3 213	4 253	14 076	18 740	2 699	15 444
27 465	2 621	1 784	2 914	5 632	8 152	370	5 992
31 494	2 273	1 447	2 155	11 678	8 499	461	4 981
46 081	2 180	1 693	1 920	24 494	10 695	79	5 020
45 027	3 629	1 429	2 507	21 930	8 732	114	7 686
29 595	2 423	1 203	2 127	9 611	9 327	29	4 862
12 773	1 226	355	462	3 305	4 628	19	2 779
34 677	4 642	1 150	2 846	4 557	11 417	52	9 913
19 388	2 348	290	1 882	2 524	7 435	19	4 890
22 668	1 975	174	1 004	1 414	15 120	17	2 979
18 449	1 185	409	411	1 268	11 737	12	3 452
9 938	483	125	89	1 548	5 777	23	1 923
2 425	9	37	3	—	1 317	—	1 059
1 308	2	9	1	—	146	—	1 150
1 593	—	30	3	—	419	—	1 121
3 168	22	74	180	—	1 414	20	1 476
13 039	174	203	1 059	6	6 342	28	(1) 5 227
19 753	561	653	3 234	1	8 921	18	(2) 5 315

FONTE — Departamento Nacional de Imigração.

NOTA — Os dados deste quadro se referem apenas aos estrangeiros entrados em caráter permanente e em primeiro estabelecimento.

- (1) Dos quais, 975 norte-americanos, 706 poloneses, 577 franceses, 524 ingleses e 491 apátridas.  
 (2) Dos quais, 732 norte-americanos, 561 poloneses, 437 franceses, 328 ingleses e 614 apátridas.



## 3. IMIGRANTES, SEGUNDO VARIOS ASPECTOS — 1945/47

a) Nacionalidade, sexo e idade

NACIONALIDADE	Anos	IMIGRANTES							
		Total	Segundo o sexo		Segundo os grupos de idade (Anos completos)				
			Mas- culino	Femi- nino	0 a 6	7 a 11	12 a 17	18 a 29	30 e mais
Alemães .....	1945	22	8	16	3	—	1	10	1
	1946	174	84	90	6	10	5	131	—
	1947	961	246	315	137	51	21	305	—
Argentinos .....	1945	69	53	37	20	3	6	79	—
	1946	79	35	44	11	4	4	57	—
	1947	52	27	25	24	3	3	23	—
Belgas .....	1945	9	5	4	—	—	1	3	—
	1946	163	79	84	10	5	8	130	—
	1947	134	68	66	20	3	7	94	—
Bolivianos .....	1945	16	12	4	1	—	—	15	—
	1946	17	13	4	7	—	—	9	—
	1947	4	2	2	—	2	—	2	—
Chilenos .....	1945	20	10	10	3	1	2	34	—
	1946	11	1	10	1	—	1	8	—
	1947	12	6	6	—	2	4	0	—
Espanhóis .....	1945	74	38	36	9	4	5	52	—
	1946	203	129	74	15	12	15	153	—
	1947	(1) 653	417	235	32	23	73	483	—
Franceses .....	1945	53	31	22	1	2	3	43	—
	1946	577	309	268	54	25	38	434	—
	1947	437	232	205	46	21	27	323	—
Gregos .....	1945	4	2	2	1	—	—	3	—
	1946	82	62	20	6	2	7	65	—
	1947	299	217	32	19	25	15	227	—
Holandeses .....	1945	12	10	2	1	—	—	17	—
	1946	242	184	58	23	3	5	206	—
	1947	(1) 237	164	102	50	12	11	190	—
Húngaros .....	1945	3	—	3	—	—	—	3	—
	1946	219	117	102	23	4	7	173	—
	1947	316	112	104	19	6	10	167	—
Inglêses .....	1945	79	45	33	8	6	6	65	—
	1946	524	257	267	66	22	12	412	—
	1947	323	135	183	63	10	9	251	—
Italianos .....	1945	130	61	119	20	9	23	120	—
	1946	1 059	615	444	71	40	75	509	—
	1947	(1) 3 284	2 048	1 235	236	139	230	2 405	—
Japonêses .....	1945	6	1	5	—	—	—	6	—
	1947	1	1	—	—	—	—	—	—
Libaneses .....	1945	4	2	2	—	—	—	4	—
	1946	155	109	46	27	7	5	111	—
	1947	581	427	154	57	20	18	402	—
Norte-americanos .....	1945	788	441	347	113	51	32	510	—
	1946	973	539	436	164	47	30	710	—
	1947	(2) 732	367	362	123	37	31	510	—
Paraguaios .....	1945	64	33	26	3	2	3	53	—
	1946	27	17	10	5	—	—	18	—
	1947	6	2	4	—	—	—	6	—

NACIONALIDADE	Anos	IMIGRANTES							
		Total	Segundo o sexo		Segundo os grupos de idade (Anos completos)				
			Mas- culino	Femi- nino	0 a 5	7 a 11	12 a 17	18 a 59	60 e mais
es .....	1945	44	21	23	1	1	2	36	4
	1946	703	430	273	30	21	19	614	22
	1947	531	339	192	36	23	11	478	13
êses .....	1945	1 414	984	430	101	50	72	1 136	55
	1946	6 342	4 532	1 750	400	355	431	5 019	137
	1947	(2) 6 921	4 997	3 921	1 040	917	946	5 780	235
os .....	1945	6	4	2	—	—	—	5	1
	1946	45	30	15	4	2	1	37	1
	1947	82	45	37	4	3	2	68	5
.....	1945	5	3	2	—	—	1	4	—
	1946	42	29	13	2	2	6	32	—
	1947	139	111	28	14	4	7	106	8
.....	1945	33	21	12	1	—	—	31	1
	1946	103	53	43	10	3	—	90	3
	1947	(1) 153	88	64	15	3	2	130	2
eslovacos .....	1945	7	3	4	1	—	—	6	—
	1946	116	63	53	8	4	3	97	4
	1947	99	60	39	13	2	8	72	4
tos .....	1945	80	45	35	14	—	2	62	2
	1946	53	27	26	8	2	—	43	—
	1947	27	13	14	7	3	—	17	—
as .....	1945	8	5	3	—	—	—	6	2
	1946	991	300	191	40	8	15	405	22
	1947	614	386	228	50	20	28	498	16
.....	1945	145	97	59	19	3	3	118	2
	1946	625	382	233	52	25	29	494	26
	1947	(3) 590	293	290	81	36	17	412	42
L .....	1945	3 198	1 936	1 232	320	132	162	2 448	106
	1946	13 039	8 447	4 592	1 643	607	717	10 259	413
	1947	(4) 18 753	10 853	7 873	2 093	1 415	1 484	13 078	671
.....	1945	100,00	51,11	38,89	10,10	4,17	5,11	77,27	3,35
	1946	100,00	64,78	35,22	8,00	4,66	5,59	78,67	3,17
	1947	100,00	57,35	41,98	11,16	7,55	7,01	69,74	3,58

FONTE — Departamento Nacional de Imigração.

NOTA — Os dados deste quadro se referem apenas aos estrangeiros entrados em caráter permanente e em primeiro estabelecimento.

- (1) Inclusive 1 de sexo e idade não declarados.  
 (2) Inclusive 3 de sexo e idade não declarados.  
 (3) Inclusive 2 de sexo e idade não declarados.  
 (4) Inclusive 12 de sexo e idade não declarados.

## ALCACIBAS GOMES COELHO

COMPRADOR DE CAFÉ

RUA QUINTINO BOCAIUVA, 6

ALEGRE

E.E. SANTO

# PROBLEMAS DO BRASIL

Coronel ADALARDO FIALHO

XV

## POPULAÇÃO

*Explicação necessária: embora este artigo tenha sido escrito antes do censo de 1950 e baseado no de 1940, todas as suas conclusões subsistem válidas. De fato, o censo de 1950 nada mais fez do que confirmar as tendências da população brasileira já reveladas no de 1940, tais como a concentração da população nas cidades, principalmente nas capitais, a transmigração das populações do Nordeste para o Sul do país, a distribuição da população geral pelas grandes regiões naturais do país e pelos quadros urbano, suburbano e rural, etc. (Nota do Autor).*

### INTRODUÇÃO

Quais são as tendências da população brasileira? Tem elas correspondido às aspirações da Nação? Ou, ao contrário, tem-nas decepcionado? O que é preciso fazer em face da revelação fria dos números? Eis algumas perguntas que nos propusemos à vista do resultado do último censo feito no Brasil, em 1940 e da estimativa feita para os anos posteriores. O Brasil é um vasto país despovoado, muitos dizem, mas esquecendo-se de que número não é força, nem cultura. Se o fosse, alguns países da Ásia Oriental ocupariam hoje lugares proeminentes no mundo civilizado. O número, contudo, no dizer do professor Giorgio Mortara, sendo um dos elementos de que depende a posição de um povo, pode tornar-se fator decisivo de superioridade. Há cem anos, diz ele, a população dos Estados Unidos era inferior tanto à do Reino Unido, como

à da Itália e pouco superior à metade da população da França.

Hoje, os Estados Unidos têm um número de habitantes aproximadamente igual à soma dos habitantes desses três países. "Há cem anos, a população do Brasil não chegava a um terço da do Reino Unido ou da Itália, nem a um quinto da população da França. Hoje, o número de habitantes do Brasil excede tanto o da França, como o da Itália e é pouco inferior ao do Reino Unido". Outros fatores que podem influir na superioridade de um povo são "a extensão, a situação geográfica e a configuração do país, os seus recursos naturais, o clima, o estado sanitário, intelectual e econômico da população, o nível da técnica produtora e a coesão social e nacional". Quanto à extensão, é interessante alongarmos um pouco, porque está na moda o "espaço vital".

Para A. Toynbee, pensador político inglês, o futuro pertencerá às

nações de estrutura continental, como a Rússia, os Estados Unidos e a China. Estas são senhoras de grandes populações e de impérios geográficos imensos. Para ele, os Estados de limites estreitos e acanhados não possuem perspectivas animadoras. As descobertas e aperfeiçoamentos científicos do presente momento histórico tornam o mundo demasiado pequeno.

O aeroplano, o rádio, a máquina, em geral, tornaram o mundo uma unidade. William Ziff, jornalista americano, corrobora as idéias de Toynbee. Afirmava ele, durante o último conflito mundial, que o ciclo industrial que se seguisse ao término da conflagração de 1939-45, exigiria grandes Estados nacionais, dotados de vastos corpos geográficos. Os "Estados — Continente" e não mais os "Estados — Ilha", como a Inglaterra e o Japão, estariam destinados a governar o mundo. Nessa ordem de idéias, chegava mesmo a indicar os novos centros de poder do mundo. Seriam, em ordem de importância, os Estados Unidos, a Rússia, a China e o Brasil. E exclamava: "Pela primeira vez na História, uma nação sul-americana guindar-se-á à posição de potência!" O Brasil deverá comandar o Sul do Atlântico. Como negar a tais Estados, dentro em breve, justa projeção internacional, de vez que combinarão o fator espaço com um capital demográfico elevado, ao lado de excelente posição geográfica? Essas nações estariam indicadas para enfrentar e resolver os problemas técnicos e econômicos de nossa época, os quais são, até certo ponto, incompatíveis com os pequenos e liliputianos espaços vitais. Nelas seria viável a existência de largos arcabouços manufatureiros e processos de planificação econômica, sem os quais adianta Ziff — a democracia mostrar-se-á impotente para arcar com as questões árduas e intrincadas deste após guerra, tumultuário e caótico. Para o Sr. Cristovam Dantas, o Brasil, na esfera demográfica, pode ser considerado uma força de vitalização do Ocidente. "Aumentando à razão

de quase um milhão de indivíduos, anualmente, e dotado de um território — continente, pesará na balança dos destinos da civilização."

Não há dúvida que o Brasil possui condições favoráveis para tornar-se um "Estado-Continente". Mas essas condições não são tão otimistas, como muitos julgam. Não é só questão de trazer milhões de indivíduos para aqui. Antes de tudo, devemos nos lembrar que o Brasil é um país tropical, com uma infinidade de problemas intrincados a resolver. Enquanto os Estados Unidos são 100 % habitáveis e exploráveis, o Brasil tem vastos espaços mortos. São as florestas equatoriais amazônicas, onde o clima socializa a vida, retendo somente os fortes. A camada de "humus" vegetal do pampa argentino possui 7 metros de profundidade, contra pouco mais de 2, que é a média do território brasileiro.

O pampa argentino, o Sul da Austrália, a Ucrânia, certas regiões dos Estados Unidos e do Canadá, essas, sim, são das mais férteis do mundo. E depois, há um limite para a densidade ótima, para o bem-estar coletivo nas condições atuais da civilização. Essa densidade é de 15 habitantes por km<sup>2</sup>, já atingida e até ultrapassada no Sul do Brasil. É verdade que a nossa densidade de população geral — 5,5 — é baixa, ao passo que no continente europeu é de 36 habitantes por km<sup>2</sup>. Devemos subtrair da área do nosso país as vastas florestas amazônicas, extensos charcos existentes no Paraná, em Santa Catarina e outros Estados, regiões imensas de verdadeiras estepes, em Mato Grosso, Estados e mais Estados flagelados pelas sêcas, enormes e inacessíveis regiões montanhosas, etc., etc.

O professor Mauricio de Medeiros diz que "não nos devemos deixar iludir pelos cálculos empíricos que atribuem ao nosso país capacidade para abrigar 600 milhões, como se vê no plano Neurath, ou mesmo 900 milhões, como se lê em alguns enfáticos e levianos escritores".

Para ele, Castro Barreto foi quem, até hoje, abordou, com mais realismo, esse problema, fornecendo os melhores argumentos para desfazer-se essa fantasia. "A capacidade da população de um país não se mede apenas pela vastidão de sua área, mas sim pela riqueza do solo, em substâncias minerais e em azotados de origem vegetal, pelas possibilidades de fornecimento de água necessária à alimentação do homem e à dos animais indispensáveis à sua vida orgânica e social, bem como para os misteres colaterais do trabalho e da higiene do homem. Tomando por base uma só dessas necessidades — a do azoto vegetal produzido por milha quadrada (840 acres), tècnicamente, essa área abrigaria 32.640 indivíduos, considerando 80 g como ração média diária de consumo por indivíduo. Em tais condições, porém, e tendo em vista apenas esse fator — azoto vegetal — não restaria espaço para a criação de animais, de cujas substâncias azotadas também precisa o homem em sua ração diária". Diz, textualmente, Castro Barreto:

"Foi partindo dessas bases científicas que os especialistas americanos demonstraram que a saturação da sua população está próxima, admitindo para 1970 esse grau de saturação, dentro do crescimento normal da sua população, que deverá atingir 197 milhões por essa época". Continua o professor Maurício de Medeiros: "A expressão saturação é empregada pelos pesquisadores de acôrdo com a logística e dentro do quadro-padrão da vida do povo americano, isto é, viver confortavelmente e não mesquinha e miseravelmente, como as nações super-povoadas. Superpovoar o Brasil seria transformá-lo, na melhor das hipóteses, numa Polônia, num Japão ou talvez numa China".

"Essas são verdades científicas, que jamais deveriam ser esquecidas pelos nossos governos, tentados freqüentemente pelos sonhos de centenas de milhões de habitantes enchendo as nossas estatísticas."

"O que devemos ter como objetivo não é a quantidade e sim a qualidade. Até aqui, em face dos níveis de nossa produção, não podemos nos vangloriar de nosso elemento humano como fator de produção, pois seu índice é dos mais baixos do mundo."

"Certamente, os imigrantistas esperam resolver esse aspecto do problema intensificando a imigração. Razão de mais para que reservemos uma especial atenção à qualidade do imigrante, já no conjunto de suas características morfológicas, que facilitem sua adaptação ao meio físico; já no de seus hábitos mentais, que não entrem em conflito com o meio moral; já, finalmente e, a meu ver, principalmente, no das suas condições psíquicas higidas, que nos assegurem tranqüilidade quanto à sua e à saúde mental de sua descendência". Demos a palavra, agora, ao professor Hermes Lima, o qual, em brilhante conferência, declarou que "só o regime democrático convém ao desenvolvimento do nosso país, à prosperidade da nossa Pátria. Assinala que a democracia está chamada a resolver, antes de tudo, o problema humano brasileiro. Somos um país vasto, já com uma grande população, porém, essa população, no seu todo, está atrasada no seu desenvolvimento. Não é instruída, não é sadia. Sua capacidade produtiva é pequena. Sua capacidade de consumo ridícula. O Brasil cresce como a China: extensão, população e miséria. Nossa democracia tem de enfrentar essa ingente tarefa da valorização do nosso elemento humano, e para isso terá naturalmente de começar pelas indispensáveis reformas econômicas. No passado, e também até certo grau no presente, nossa economia consistiu na exploração da terra para dela tirar produtos que se destinavam à exportação. A economia escravocata brasileira organizou-se nesse sentido. Assim se organizando, nosso sistema econômico servia, antes de tudo, aos interesses ligados à venda dos produtos nos mercados consumidores

estrangeiros. Eram os interesses de uma minoria. O desenvolvimento e a cultura do povo brasileiro ficaram sem proteção adequada. A própria população livre, que cresce, não encontrava meios de educar-se e trabalhar de modo produtivo. Um exemplo: em 1882, as estatísticas mostram que nos Estados do Rio, Minas, São Paulo, Bahia, Pernambuco e Ceará, a relação entre a massa de trabalhadores e desocupados, de 13 a 45 anos, era a seguinte:

— trabalhadores livres	1.434.170
— escravos de lavoura	650.540
— desocupados	2.822.583

Estes últimos preenchem mais de 50 % do total.

Com a República, houve um surto de industrialização, que representou, sem dúvida, apreciável progresso. Porém a industrialização de um país deve, acima de tudo, servir aos interesses do povo desse país, e seu desenvolvimento está limitado às condições sociais, ao nível cultural e técnico da população. Industrializar nosso país constitui, sem dúvida, uma tarefa necessária. Porém, sua base de desenvolvimento tem de ser nosso próprio mercado interno. Ora, que mercados podemos ter, com uma população cujos índices de saúde, cultura, capacidade produtiva e de consumo são ainda tão baixos? Vemos, pois, através da abalizada opinião de eminentes vultos do cenário nacional que a questão qualidade interessa muito mais que a questão quantidade. Uns reconhecem o melhoramento das condições sanitárias do povo, outros indicam soluções econômicas, ou políticas, ou sociais, para resolver-se o problema humano no Brasil.

Para corroborar a opinião do professor Hérnês Lima sobre a baixa capacidade produtiva da população brasileira, não há como citar-se a renda nacional. Ela é a melhor expressão do trabalho de um povo. Por uma estatística sobre a média da renda real que abrange o período de 1925 a 1934, avaliada a renda em dólares uniformizados quanto ao poder de

compra (mostrando, assim, não a riqueza absoluta, mas a relativa), os Estados Unidos figuram em primeiro lugar, com uma renda de 1381 dólares por habitante e a China em último, com uma renda de 120 dólares por habitante, ou sejam, 11,5 vezes menos. A Argentina figura em 6º lugar, com 1000 dólares por habitante e o Brasil em 18º lugar, com 450 dólares por habitante. A renda do Brasil é 3 vezes inferior à dos Estados Unidos, 2,2 vezes inferior à da Argentina e apenas 3,7 vezes superior à da China, que ocupa, na lista, o 35º lugar. Mas vejamos uma estatística mais recente do Departamento de Geografia e Estatística da Prefeitura do Distrito Federal sobre a renda nacional de 1912 a 1946. Em 1912, cada habitante dava a renda de 236 cruzeiros; em 1922 — 402 cruzeiros; em 1932 — 359 cruzeiros; em 1942 — 874 cruzeiros; em 1943 — 998 cruzeiros; em 1944 — 1205 cruzeiros; em 1945 — 1343 cruzeiros e, finalmente, em 1946 — 1970 cruzeiros.

Se, porém, se atualizar o poder aquisitivo da moeda, levando em conta os dados sobre o custo da vida, ter-se-á ajustado os números acima à renda real por habitante, que é a que, verdadeiramente, exprime a situação do país. Tem-se, assim, partindo daqueles 236 cruzeiros apontados para 1912, que a renda real por habitante, em 1922, foi de 193 cruzeiros; em 1932, foi de 152 cruzeiros; em 1942 — 192 cruzeiros; em 1943 — 198 cruzeiros; em 1944 — 218 cruzeiros; em 1945 — 207 cruzeiros e em 1946 — 262 cruzeiros. Praticamente, a renda real, por habitante, não aumentou, nesses 35 anos. Chegou mesmo a diminuir, atingindo o seu ponto mais baixo em 1932, quando o país esteve convulsionado por desordens internas. Os números acima, reveladores de nossa debilidade econômica, mostram que o progresso brasileiro estacionou. Nossa população sofre de depressão crônica.

Tôdas essas considerações servem para mostrar a cautela com

que devemos encarar o problema humano no Brasil. Há qualquer coisa que vai mal em nosso organismo e, antes de trazer milhões de séres para aqui, é preciso, prudentemente, considerar se isso será um bem ou um mal. Certamente será um bem, se melhorarmos as condições de trabalho do meio ru-

ral brasileiro. Folheemos agora o livro das estatísticas da população brasileira. Vejamos, principalmente, os resultados do censo de 1940, o último realizado em nossa terra. Entremos nos detalhes. Ver-se-á, ainda mais eloquentemente, com que seriedade e prudência deve ser encarado o fator humano no Brasil.

#### ALGUNS DADOS SOBRE A POPULAÇÃO BRASILEIRA

Em 1846, a população do Brasil, estimada, orçava em 6.800.000 almas.

Dai por diante realizaram-se censos periódicos e que revelaram :

Em 1872.....	10.112.000 habitantes
Em 1890.....	14.330.000 habitantes
Em 1900.....	17.320.000 habitantes
Em 1920.....	30.640.000 habitantes
Em 1940.....	41.400.000 habitantes
Em 1944 (estimativa).....	44.400.000 habitantes
Em 1946 (estimativa).....	47.200.000 habitantes
Em começo de 1948 (estimativa) (1).....	48.000.000 habitantes

Na população do mundo, a do Brasil representa cerca de 2 % ; na do hemisfério ocidente, 18 % ; na da América Latina, 34 % ; na da América do Sul, 47 % . Na América Latina, o Brasil ocupa o primeiro lugar com 47,2 (em 1946) milhões de habitantes, seguido pelo México, com 22,7 milhões, Argentina, com 14,5 milhões, Colômbia, com 10,4 milhões ; Peru, com 7,7 milhões ; Chile, com 5,4 milhões, Cuba, com 5,0 milhões e os demais países, nenhum dos quais atinge 5 milhões de habitantes.

A população do Brasil, nos últimos cem anos, aumentou de 40,4 milhões de habitantes. Seria interessante avaliar a contribuição genuinamente brasileira para essa cifra, visto que entraram no país, nos últimos cem anos, 5 milhões de imigrantes. Dêstes, porém, emigraram, ou voltaram à pátria de origem, 1,5 milhões (30 %). Fica-

ram 3,5 milhões. Subtraindo-se, pois, de 40,4 milhões os 3,5 milhões que ficaram, tem-se 36,9 milhões. "É claro, porém, diz o professor Giorgio Mortara, de cujos dados nos valem largamente, neste trabalho, que a imigração concorre para o crescimento da população, não somente de maneira direta, como também de maneira indireta, pela sua contribuição para a reprodução. No caso, pode-se calcular que essa contribuição representa pouco mais de um décimo do crescimento natural verificado, atingindo apenas 3,7 milhões.

Fica, portanto, a cifra de 33,2 milhões, como expressão aproximada do excedente de nascimentos independente de imigração".

Vejamos agora como se distribui a população do Brasil. Tomaremos por base a estimativa feita para 1944, pelo "Serviço Nacional de Recenseamento".

(1) O censo de 1950 revelou 52.645.479 habitantes.

É a seguinte a distribuição, por regiões :

Regiões	Superfície (km <sup>2</sup> )	População (hab.)	Densidade (hab./km <sup>2</sup> )
Norte.....	3.556.831	1.591.000	0,45
Nordeste.....	976.546	10.713.800	10,97
Leste.....	1.232.049	16.828.100	13,66
Sul.....	827.423	13.922.400	16,83
Centro-Oeste.....	1.918.340	1.344.700	0,70
Brasil.....	8.511.189	44.400.000	5,22

O Brasil tem apenas 5,22 habitantes por km<sup>2</sup>, em média (2). A região de maior densidade é o Sul, com 16,83, embora seja a menor, em superfície. A de menor densidade é o Norte, com 0,45 habitantes por km<sup>2</sup>, embora seja essa a maior região, em superfície. As regiões Centro-Oeste e Norte, quase despovoadas, somam 5,5 milhões de quilômetros quadrados, área um pouco maior que a da Europa de 1939, excluindo-se os territórios soviéticos. Viviam aqui, então, 400 milhões de habitantes, ao passo que naquelas 2 regiões brasileiras vivem apenas 3 milhões. Só essas regiões representam 64,3 % da superfície total do Brasil. As demais, representando 35,7 % da superfície total do país, contam com 93,4 % da população da República.

A região mais populosa é a Leste, com 16,8 milhões de habitantes, seguida do Sul (S. Paulo, Paraná, Sta. Catarina e R. G. do Sul) com 13,9 milhões e do Nordeste, com 10,7 milhões. Entre os Estados, o mais populoso é São Paulo, com 7,7 milhões, seguido de Minas, com 7,3 milhões, da

Bahia, com 4,2 milhões e do R. G. do Sul, com 3,5 milhões. O Estado menos populoso é Mato Grosso, com 0,4 milhões. "A imigração estrangeira contribuiu principalmente para o crescimento das populações na região do Sul (com forte concentração em S. Paulo) e no Distrito Federal. As imigrações interiores aproveitaram as regiões do Sul, do Centro-Oeste e do Norte, às expensas das do Nordeste e Leste.

Entre as Unidades da Federação tiveram os maiores ganhos, em virtude dessas migrações, o Estado de S. Paulo e o Distrito Federal e as maiores perdas os Estados de Minas, Bahia e Rio de Janeiro".

Quanto às capitais dos Estados, o Brasil possui apenas 12 de mais de cem mil habitantes e 20 de mais de 50 mil (3). Esses números pouca coisa se modificarão, se levarmos em conta as demais cidades brasileiras de mais de 50 e 100 mil habitantes. A Capital mais populosa é o Rio de Janeiro, com 1,9 milhões de habitantes, seguida de S. Paulo, com 1,4, de Recife, com 0,37, de S. Salvador, com 0,3 e de

(2) O censo de 1950 revelou 5,18 habitantes por km<sup>2</sup>.

(3) O censo de 1950 revelou 15 de mais de 100 mil e 21 de mais 50 mil habitantes.



Pôrto Alegre, com 0,29 (4). Os Municípios das Capitais (Federal, dos Estados e dos Territórios) têm, em conjunto, cerca de 6.132.000 habitantes, ou seja, 13,81 % da população total do Brasil (5). Essa pode-se quase afirmar, é a população pensante da Nação, dado o estado de analfabetismo em que vivem as nossas populações rurais. Ela nos faz, insensivelmente, pensar nos 6 milhões de votos da última eleição presidencial havida no Brasil, a cifra eleitoral máxima atingida em nosso país, em qualquer tempo (6).

Ampliando os dados acima, as estatísticas revelam que 10 milhões de brasileiros pertencem ao quadro urbano, 4 milhões ao suburbano e 30,4 milhões ao quadro rural. Temos vontade de indagar: "O que fazem esses 30,4 milhões de habitantes que vivem nos campos, em face de uma produção alimentar insuficiente?"

\*\*\*

**Sobrevivência** — O Serviço Nacional de Recenseamento estima em 40 por 1.000 habitantes a taxa de natalidade geral e em 20 por 1.000 a taxa da mortalidade geral. O Brasil é, pois, o país dos extremos. Possui uma alta taxa de natalidade, prova de fecundidade de seu povo, mas possui, também, uma alta taxa de mortalidade, prova de que não possui organização sanitária.

No Rio, a capital do país, morrem 277 crianças, até um ano de idade, em cada grupo de mil. A duração média da vida, na Capital Federal, é estimada em 43 anos. Na cidade de S. Paulo é de 50 anos, mas a média geral do Brasil é avaliada em 39 anos, ao passo que nos Estados Unidos é de 64 anos.

"Nestes últimos cem anos, tanto a natalidade, como a mortalidade, mostram uma tendência para diminuição; bem pouco acentuada, contudo, em comparação com a verificada na grande maioria dos países da Europa e da América do Norte e nas próprias repúblicas platenses. São taxas muito elevadas, no quadro internacional". Tomando-se por base 40 — 20 = 20 sobreviventes por mil habitantes e levando-se em conta a população avaliada para 1944, tem-se que a população brasileira aumenta de 388.000 indivíduos por ano. Essa é a imigração indígena, para a qual devemos voltar, em primeiro lugar, os nossos olhos.

\*\*\*

**Contribuição imigratória** — A imigração estrangeira baixou consideravelmente, de 1920 para cá. Pela primeira vez o número de imigrantes excedeu de 10 mil em 1853; 20 mil em 1859; 30 mil em 1876; subiu bruscamente para 56 mil, em 1887; 133 mil, em 1888 (Lei Áurea) e atingiu o máximo de 217.000 em 1891 (com o nascer da República). Máximos secundários foram os de 1894, com 168.000 e de 1913 (um ano antes da 1ª Guerra Mundial), com 193.000. De 1915 em diante torna-se decisiva o influência dos fatores políticos na marcha da imigração, em lugar dos fatores econômicos, que até então predominavam. Em 1926, voltamos a ter um máximo secundário, com 120 mil imigrantes. Em 1939, o número de imigrantes pouco excedeu de 20 mil e nos anos seguintes diminuiu rapidamente, até ficar relativamente desprezível (7). Em consequência da progressiva diminuição da imigração, a quota dos nacionais de países estrangeiros na

(4) Pelo censo de 1950: Rio — 2,4 milhões de habitantes; S. Paulo 2,3 milhões; Recife — 0,53 milhão; Bahia — 0,42; Pôrto Alegre — 0,4; Belo Horizonte — 0,38; Fortaleza — 0,29 e Belém — 0,26.

(5) Pelo censo de 1950, os municípios das capitais têm, em conjunto, 6.332.105 habitantes, ou mais 2.200.105 que em 1940. A proporção atual, em relação à população total do Brasil é de 15,3 %.

(6) A eleição de 1950 revelou 10 milhões de eleitores inscritos.

(7) Desde 1947 foram direcionados para o Brasil 20.000 deslocados de guerra. Em 1948 entraram no país 21.500 imigrantes com visto permanente.

população do Brasil ficou sensivelmente menor em 1940 do que em 1920. Em conjunto, esta quota não deve exceder de 4 %.

No Distrito Federal, a quota dos estrangeiros, inclusive os naturalizados, era de 20,65 % em 1920 e desceu para 12,98 % em 1940; no Paraná, desceu de 9,15 % para 5,40%. A proporção dos imigrantes naturalizados brasileiros é avaliada em um décimo dos que hoje restam no país. Nos Estados Unidos, a proporção dos naturalizados está próxima de dois terços. Causa: enquanto que no Brasil as severas exigências, as intermináveis formalidades e o elevado custo do processo de naturalização o tornam acessível apenas a uma minoria privilegiada, nos Estados Unidos o processo é simples, rápido e barato. A insuficiente renovação da população estrangeira reflete-se no envelhecimento da população brasileira, ou seja, no aumento da proporção das idades maduras e senis à custa da proporção das idades moças.

**Sexo** — Segundo o professor Mortara, há, no Brasil de hoje, aproximado equilíbrio numérico entre os dois sexos, ficando compensada pela maior mortalidade do sexo masculino a sua prevalência nos nascimentos e nas imigrações.

**Côr** — “No que diz respeito à cor, a cessação da imigração preta e a intensificação da branca concorreram para acelerar a diminuição das cotas dos pretos e pardos e o aumento da dos brancos, que já se estavam verificando pela maior mortalidade dos primeiros”.

Os brancos, pelo censo de 1940, ascendem a 26,2 milhões, os pardos a 8,8 milhões, os pretos a 6,0 milhões e os amarelos a 0,25 milhões. Pretos e pardos somam 14,8 milhões. Em porcentagem, os brancos constituem 63,5 % da população total, os pardos 21,7 %, os pretos 14,7 %, os amarelos 0,6 % e o grupo pardos mais pretos representa 36,4 %.

Em 1872 os brancos somavam 3.842.560 e os pretos mais os pardos 6.269.440 habitantes. Em porcentagem, os brancos representa-

vam, naquele ano, 38,1 % da população total e os pretos mais os pardos 61,9 %. Em outras palavras, os pretos, em 1872, eram o dobro dos brancos. Hoje, os brancos são o dobro dos pretos. Segundo o professor Mortara, “Este vasto processo de caldeamento, que se vem desenvolvendo com particular intensidade nas zonas de maior mistura dos grupos étnicos, representa um testemunho da civilização superior para o Brasil, contrastando com a rigidez da linha de cor, que os povos tecnicamente mais adiantados, mas moralmente mais atrasados, ainda não conseguiram apagar”.

**Ocupações** — As pessoas ocupadas em atividades extra-domésticas, no Brasil, representam apenas 34,0 %, ou seja, um terço da população de todas as idades. Esses 34,0 % ainda podem ser decompostos em parcelas, segundo grandes grupos de idade, verificando-se, assim, que os adultos de 20 a 59 anos (as esperanças da Nação) contribuem com 23,2 %, ou apenas 10 milhões de habitantes de ambos os sexos, os velhos de 60 anos e mais com 1,8 % e as crianças e adolescentes de 10 a 19 anos com 9,0 % ! Não é por outra razão que um jornalista americano escreveu que o Brasil vale por uma Nação de 8 milhões de habitantes. Diz o professor Mortara:

“É evidente que, enquanto a proporção dos ocupados em atividades extra-domésticas é baixa, alta é a quota das crianças e adolescentes, em parte prematuramente encaminhados para o trabalho no campo ou na usina, em vez de preparados, pelo estudo, para a mais eficaz aplicação de seus esforços”. No capítulo das ocupações, devemos ressaltar ainda o reduzido número de técnicos existentes no país. “Essa escassez, dado que os técnicos constituem o elemento básico para a organização econômica, sanitária, cultural e administrativa do país, representa um fator de inferioridade, cujos efeitos são agravados pela má distribuição desses especialistas, em sua grande maioria concentrados em poucos centros

urbanos. Ela se torna cada vez mais prejudicial, do ponto de vista militar, com a predominância que estão assumindo, na preparação da defesa nacional e na realização da guerra, as aplicações científicas". Finalizando e, como curiosidade, podemos acrescentar ainda que a proporção dos ocupados nas atividades de defesa nacional e segu-

rança pública representam apenas 1,2 % da população total.

*Idade* — Este é o mais importante dos aspectos da população do Brasil. "A características mais saliente consiste na elevada proporção das idades infantis e adolescentes e baixa das idades senis; consequência do rápido crescimento natural da população e da elevada mortalidade de adultos".

#### O Brasil possui :

- 22,9 milhões de habitantes de 18 a 64 anos (ativos)
- 20,3 milhões de 0 a 14 e de mais de 75 anos (passivos)
- 4,0 milhões de 15 a 17 e de 65 a 74 anos (neutros)

Segundo o professor Mortara, para 100 economicamente ativos encontram-se 89 economicamente passivos, proporção extremamente elevada, em comparação com 66 para 100 da Itália na véspera da 1ª Grande Guerra ou 48 para 100 da França, na mesma época. A população masculina entre 18 e 64 anos ascende a 11,4 milhões, ou 24 % da população total (26 % na Itália e 30 % na França, em 1911). Mas esse número ainda baixa para 9,4 milhões, se considerarmos só a população em idade militar (18 a 49 anos). E destes :

Brasil possui 4.830.000 homens nas idades de 18 a 29 anos, ou 51 % do contingente masculino em idade militar. Essa situação, à primeira vista, parece favorecer o problema da mobilização e do recrutamento de trabalhadores. Extenso, porém, é o caminho a percorrer, nesse sentido. As doenças campeiam no inferior do Brasil, reduzindo o número de aproveitáveis. Ainda recentemente, por ocasião da formação da Força Expedicionária Brasileira, o próprio General Dutra, então Ministro da Guerra, fez uma declaração pública acerca das dificuldades em que se encontrava o Exército, em virtude da escassez de elementos fisicamente idôneos. A população do Brasil, por grupos correspondentes às dezenas de idade, distribui-se da seguinte maneira (censo de 1940) :

920.000 têm de 18 a 19 anos  
3.910.000 têm de 20 a 29 anos  
2.690.000 têm de 30 a 39 anos  
1.870.000 têm de 40 a 49 anos

Deve ser salientada a predominância das idades mais moças. O

Até 9 anos.....	12,0 milhões
De 10 a 19 anos.....	9,7 milhões
De 20 a 29 anos.....	7,1 milhões
De 30 a 39 anos.....	4,9 milhões
De 40 a 49 anos.....	3,4 milhões
De 50 a 59 anos.....	2,0 milhões
De 60 a 69 anos.....	1,0 milhões
De 70 a 79 anos.....	0,4 milhões
de 80 anos para cima.....	0,2 milhões

Se representarmos esses grupos por um gráfico, sentiremos melhor a distribuição das idades da população do Brasil. Dispondo os grupos, uns em cima dos outros, na ordem crescente das idades, a partir do grupo mais moço, colocado na base e tomando uma escala arbi-

trária, um centímetro, por exemplo, para representar cada milhão de habitantes, obteremos o gráfico, em forma de pirâmide, representado pela fig. n. 1.

As figuras desse tipo representam países de população de alta fertilidade (representada pela lar-

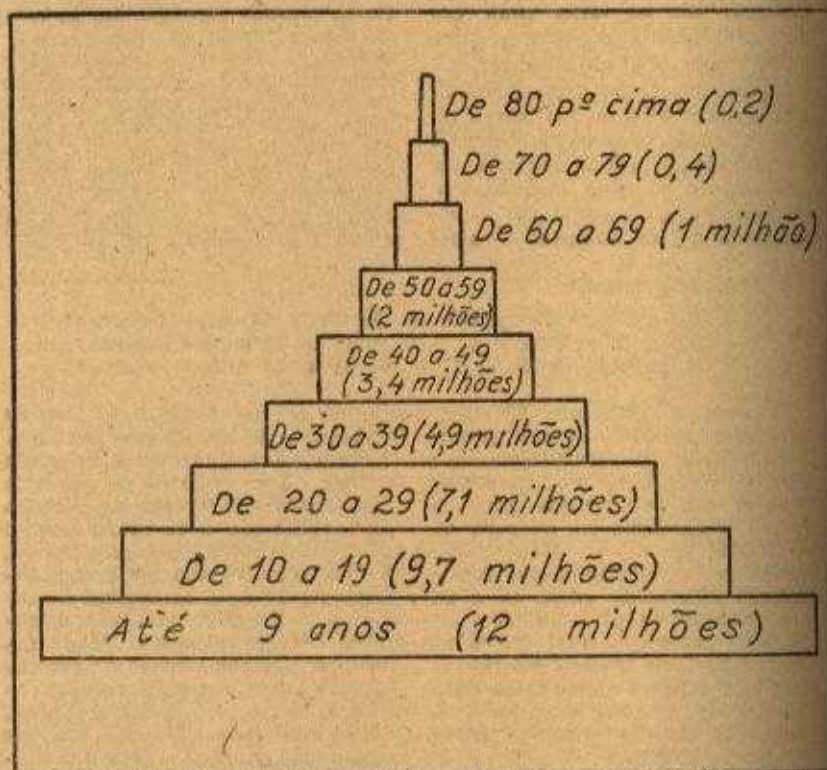


Fig. 1 — População do Brasil

ga base), porém, também, de alta mortalidade, pois é assustador e rápido o estreitamento da pirâmide, à proporção que se sobe nas idades, prova de que as idades maduras não se mantêm. É a falta de organização sanitária do país. São as verbas insuficientes para a saúde pública. E a má distribuição dos médicos do país, concentrados, em sua maioria, nos centros urbanos. O brasileiro é atacado por doenças infecciosas e parasitárias de toda a ordem — “em primeiro lugar a tuberculose, e secundariamente a sífilis, o paludismo, as disenterias, e outras — e as doenças dos aparelhos digestivo e respiratório”.

“Deve-se notar que a elevada mortalidade é apenas uma das consequências da grande difusão des-

tas e de outras doenças. Antes de matar, a doença debilita o organismo, pondo-o às vezes durante longos anos, em condições de menor eficiência; e, mesmo quando debelada, pode deixar traços profundos, e até invalidez parcial ou total, como triste lembrança de sua passagem. As populações com mais baixa mortalidade são as em que a mocidade se apresenta mais robusta e florescente, porque não se escapou à morte prematura, como também evitou muitas doenças”. Contemplando-se, agora, a figura 2, representativa das populações da Europa Central e Noroeste da Europa, isto é, as Nações mais civilizadas do mundo, salta logo à vista o contraste chocante. Aqui as idades maduras se mantêm e só lentamente vão declinando, à

proporção  
das as  
i Nação  
para ler  
quanto  
rigoroso  
As figu  
si nação  
lucos  
vida lu  
Acestrá

As  
sentar  
China  
pós a  
37 an

“Si  
Brasil

proporção que se sobe. Predominam as idades de 20 a 49, de onde a Nação tira a sua fôrça. A figura lembra uma urna funerária e quanto mais inchada é esta, mais vigorosa é a população do país. As figuras em urna representam as nações civilizadas, como os Estados Unidos, onde a média da vida humana é de 64 anos, ou a Austrália, onde a média é de 65.

fico, pode-se observar que este país, embora ocupando um dos primeiros lugares no mundo, pela amplitude de seu território, está ainda em posição secundária pelo número de seus habitantes. Cumpre, todavia, lembrar que o crescimento da nossa população já se está processando com relativa celeridade, em virtude do elevado excedente dos nascimentos sôbre

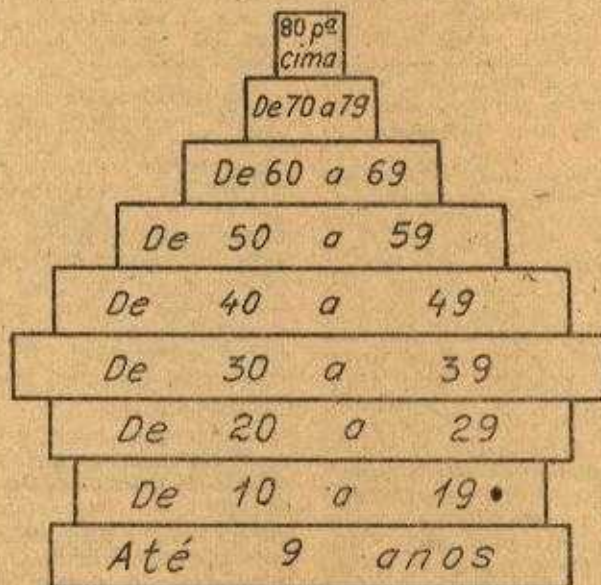


Fig. 2 — População da parte Central e Noroeste da Europa

As figuras em pirâmide representam países como o Brasil, a China e a Índia (neste último país a média da vida humana é de 27 anos).

#### CONCLUSÃO

"Sintetizando a posição atual do Brasil, do ponto de vista demográ-

os óbitos. E se deve salientar que, nos últimos dez ou quinze anos, esse crescimento parece ter sido mais rápido do que o da produção. Daí o piorar das condições de vida que se revela pela atual difundida e profunda sensação de mal-estar econômico. A aceleração do crescimento demográfico, e até a sua

marcha na proporção atual, não somente seriam ineficazes, por si mesmas, para afastar os fatores de depressão econômica, como também contribuiriam para acentuá-lo ainda mais. Parece, portanto, que, embora mereça ser encorajada a imigração de elementos úteis, e às vezes indispensáveis, o problema mais urgente, para a política brasileira da população, não é o da acelerada multiplicação numérica dos habitantes e sim o do melhoramento qualitativo dos homens e das condições em que eles vivem e trabalham. O saneamento humano, a extensão e intensificação da instrução, a elevação do rendimento do trabalho representam os três meios principais dessa melhoria, cada um deles exigindo transformações do ambiente físico e do aparelhamento técnico, além de modificações do comportamento pessoal".

Aliás "melhor organização sanitária, mais difundida instrução, bem-estar econômico, contribuindo para determinar a diminuição da mortalidade, poderá acelerar o crescimento natural da população". "Por outro lado, a criação de melhores condições de existência no meio brasileiro será propícia para atrair imigrantes escolhidos, para fixá-los estávelmente na nova pátria e para facilitar a sua assimilação. Assim, o desenvolvimento demográfico, quantitativo e qualitativo, realizando-se harmonicamente, tornar-se-á fator genuíno de força e de progresso civil para o país." Não nos furtamos ao prazer de transcrever as palavras acima, do professor Giorgio Mortara, porque elas valem por um advertência sobre o problema demográfico do Brasil. Contudo, só poderiam orientar a política interna do país, a seguir em face do problema demográfico. Mas, infelizmente, ainda há outros fatores a considerar, de ordem externa, que podem influir nele. Os de ordem interna dependem de nós. Porém, os de ordem externa sofrem a influência ou até mesmo a pressão de nações ou organizações estrangeiras. Há alguns anos atrás a Inglaterra adquiriu grandes extensões de terra

no Estado do Paraná, com a intenção de localizar nelas nada menos de 100.000 assírios. A questão levantou grande celeuma na imprensa do país, acabando os seus responsáveis por abandonarem tão nefasta idéia. O Brasil está sendo cada vez mais encarado como uma alternativa feliz para a solução de prementes problemas de populações de outros países. Há, mesmo, pelo mundo inteiro, uma acentuada evolução das idéias sobre população e dia virá em que a teremos de encarar seriamente. Já não apelamos para a teoria cínica dos totalitários, que atribuem à situação numérica, tão somente, a intercorrência de perturbações internacionais. O General prussiano Bernhardi escreveu:

"As nações fortes, ricas e florescentes aumentam em número. Desde que exigem expansão contínua de suas fronteiras, novos territórios são necessários para acomodar a sua população excedente. Sendo quase todas as partes do globo habitadas, novos territórios devem, como regra, ser obtidos à custa de seu possuidores, isto é, por conquista, a qual, assim, se torna lei de necessidade". Mas há outras idéias correntes. A teoria de Malthus diz:

"A população tende a aumentar mais rapidamente que os suprimentos de alimentação e pode ser abaixada ou comprimida até ao nível de subsistência por ações positivas ou preventivas.

*Preventivas*: controle dos nascimentos, restrições morais, adiamento de uniões conjugais.

*Positivas*: vícios, pestes, fome, imigração e guerra".

Muitos querem ver na guerra a principal dedução da teoria malthusiana.

Contudo, ainda há outros que apontam outras alternativas para resolver os problemas de população:

— recurso, por exemplo, à cooperação internacional para a utilização das terras disponíveis do

mundo (Quais as terras? As do Brasil?);

— ou, aperfeiçoamento dos métodos agrícolas e tecnológicos.

Do resto, a questão da imigração ou guerra, para resolver o problema de uma área superpovoada, depende:

1. Do ponto de vista de cada um. O Japão, por exemplo, pode julgar que a Califórnia está subpovoada, sob o ponto de vista do padrão de vida japonês, ao passo que, para o americano, ela pode já estar superpovoada.

2. De meios de mobilidade.

3. De energia.

Povos, como o chinês e o indiano, prolíferos e subnutridos, não têm nem meios de mobilidade, nem energia para imigrar e lutar. Para os que os tem, os obstáculos físicos a serem vencidos são menores que os de ordem moral e social. As leis de imigração e as discriminações contra estrangeiros podem aumentar o desejo psicológico da área cobrada. Nas relações internacionais de hoje procura-se, antes, expansão nacional e poder militar que solução de crises econômicas.

As propostas políticas e as discussões do ano de 1930 indicaram larga aceitação da teoria de que se impõe uma redistribuição de terras, para aliviar a pressão de certos "Estados insatisfeitos". Warren Thompson chegou ao ponto de sugerir:

"Para evitar perturbações sérias, os que têm devem voluntariamente empreender reparar, até certo ponto, as grandes injustiça da presente distribuição".

Eis algumas idéias que correm mundo e mostram a acuidade do problema das populações.

Resumindo, devemos ser prudentes e alertas, ao encarar o problema humano, no Brasil, tanto na ordem interna, como na externa. O número, por si só, não é um fator de força, nem de civilização. Devemos buscar antes a qualidade que a quantidade nos contingentes imigratórios que aceitarmos e distribuí-los onde quer que convenha aos interesses brasileiros.

O fator humano, no Brasil, pode ser valorizado por contribuição direta ou indireta. Direta, agindo sobre o próprio homem (saneando-o, educando-o, inculcando-lhe noções de higiene, cruzando-o com raças afins fortes, etc.) e indireta, agindo sobre o meio ambiente. Aqui, trata-se de sanear o país, cortá-lo de vias de comunicações e também elevar o nível técnico do trabalhador, assistir, fixar o homem rural à gleba natal, garantir-lhes preços favoráveis para os seus produtos, etc., tudo com o propósito de facilitar e elevar a produção nacional, principalmente de gêneros alimentícios, porque essa elevação fatalmente trará a melhoria das condições sanitárias, a diminuição da mortalidade e o bem-estar econômico geral. O homem civilizado deve ser capaz de substituir as soluções necessárias (transmigrações da população cearense, em épocas de secas, por exemplo) pelas soluções racionais (fixação do homem ao solo pela açudagem, irrigação e melhoria do nível técnico do trabalho).

## FARMÁCIA SILVA

J. Silva & Pinheiro

Rua Espírito Santo n. 398 — Mimoso do Sul

ESTADO DO ESPIRITO SANTO

# ENERGIA ATÔMICA E SUAS APLICAÇÕES

Tenente-Coronel ORLANDO RANGEL

Desde que foi obtida a liberação da energia universal armazenada no coração dos átomos, a humanidade vive a "ERA ATÔMICA" — dias intranquillos de agitação social e preocupação com os aspectos destruidores da maior e mais revolucionária realização técnica e científica de todos os tempos.

O dia 2 de dezembro de 1942 é considerado pelos cientistas como o ponto singular da trajetória da civilização que marca o início da idade atômica. As 3,15 da tarde desse memorável dia, entrou em funcionamento, na Universidade de Chicago (West Stands of Stagg Field) a primeira máquina de energia atômica ideada e operada pelo homem; a pilha urânio-grafite, montada pelos cientistas, sob a direção de ENRICO FERMI. Conseguiu-se liberar e dominar, nessa tarde histórica, a energia armazenada no interior dos átomos: uma reação nuclear em cadeia, auto-entretida, foi iniciada e controlada pelos homens da ciência reunidos secretamente em Chicago para resolver o problema.

Presenciaram o histórico acontecimento 1 mulher e 41 homens, muitos dos quais provavelmente rotarianos. Quero, porém, destacar um deles, rotariano ativo, que já esteve no Brasil e é de todos conhecido — o insigne físico ARTHUR COMPTON que, com ENRICO FERMI, eram os dois mais conhecidos e famosos cientistas do seletivo grupo. Atualmente chanceler da Universidade de Washington, em St. Louis, Missouri, o professor COMPTON foi, de 1941 a 1945, o encarregado do Laboratório Metalúrgico do "Manhattan District", nome em código do projeto da bomba atômica.

Logo após o funcionamento da máquina de energia nuclear, a primeira do nosso planeta, o professor COMPTON, responsável pela experiência perante o Conselho de Pesquisas Científicas dos Estados Unidos, chamou ao telefone, em Harvard, o Dr. JAMES CONANT, que aguardava o resultado desse ensaio decisivo, e, sem nenhum código previamente combinado, disse somente o seguinte:

— "O navegador italiano desembarcou no Novo Mundo" —

Referia-se ao grande físico FERMI, italiano de nascimento, exilado voluntariamente nos Estados Unidos e citado pelo "War Department" como primeiro homem que obteve e controlou uma reação nuclear em cadeia. O Novo Mundo que a ciência acabava de descobrir é a "IDADE ATÔMICA" que estamos vivendo.

O Dr. CONANT perguntou em seguida: — "Como se portaram os nativos?". A resposta de COMPTON foi sintética e precisa: — "Muito amigavelmente".

Esse interessante e curto diálogo telefônico, bastou para que os dois cientistas se entendessem perfeitamente, sem quebrar o sigilo que as circunstâncias exigiam para salvaguarda do interesses da Defesa Nacional da grande democracia americana, já empenhada na maior guerra da história.

O homem nesse dia desvendou o supremo segredo do mundo físico e, doravante a matéria há de ser por ele utilizada, a seu bel prazer. Quis, porém, o destino que a primeira aplicação prática, realizada quase três anos depois, fosse a detonação da primeira bomba atômica, às 5,30 da madrugada de 18



de julho de 1945, em Alamogordo, Estado de New-Mexico. O mundo só tomou conhecimento, porém, da sensacional realização científica, quando a bomba atômica n. 2 explodiu sobre a cidade japonesa de Hiroshima, às 8,15 da manhã de 6 de agosto do mesmo ano de 1945, destruindo 60 mil edifícios e devastando uma área de 4,4 milhas quadradas. Matou 66 mil e feriu 69 mil pessoas. Três dias mais tarde, às 10,58 da manhã de 9 de agosto explodiu sobre Nagasaki a bomba atômica n. 3. Destruiu 14 mil edifícios, devastou uma área de 1,8 milhas quadradas, matou 39 mil e feriu 25 mil pessoas.

Essas 2 bombas atômicas precipitaram a rendição do Império Nipônico, decidida no dia seguinte à destruição de Nagasaki, poupando aos americanos mais de 1 milhão de vidas, em quanto era calculado o custo da tomada e ocupação do Japão pelas forças militares dos Estados Unidos.

As bombas atômicas ns. 4 e 5 foram utilizadas para as experiências de Bikini — test ABLE (bomba aérea) e test BAKER (bomba submarina) — que assistimos na qualidade de observador brasileiro.

A bomba n. 4 foi lançada de avião, às 9 horas da manhã de 1º de julho de 1946, sobre uma esquadra-alvo fundeada no atoll de Bikini, afundando 23 mil toneladas de navios de guerra (5 navios). A bomba n. 5, submarina, foi detonada pelo rádio, às 8,35 da manhã de 25 de julho de 1946, mergulhada no meio da esquadra-alvo, afundando 100 mil toneladas de navios de guerra (9 navios).

Dos 92 navios-alvos principais dos dois tests de Bikini, somente 9 ficaram completamente ilesos, isto é, em perfeitas condições de serviço, sem sofrer nenhuma avaria ou efeito radioativo, devido à explosão das bombas atômicas. A radioatividade decorrente da bomba submarina excedeu fôdas as expectativas. O material radioativo da explosão nuclear correspondia a centenas de toneladas de rádio. Noveenta por cento dos navios-alvos estiveram inabordáveis por mais de

dez dias e durante várias semanas a contaminação radioativa foi o principal problema.

As experiências de Bikini foram férteis de ensinamentos e lições de fundamental importância sob o ponto de vista militar e científico. Além de fornecerem preciosas informações, serviram para colocar a bomba atômica no devido lugar, acabando com o mito de arma sobrenatural, capaz de destruir, com um único impacto, cidades, esquadras, exércitos e até mesmo provocar fenômenos anormais ou cataclismas, que pusessem em perigo a própria Terra.

Ficou claro, entretanto, que esse tipo de bomba é a mais poderosa arma jamais produzida pelo homem; arma que modificou profundamente a arte da guerra em todos os seus variados aspectos.

No momento atual, a bomba atômica é arma decisiva porque só os Estados Unidos estão em condições de fabricá-las e empregá-las na guerra. No caso de dois ou mais contendores utilizarem a energia nuclear para fins bélicos, a destruição conseqüente seria imensa e a guerra tomaria rumos imprevisíveis.

Quase dois anos após os tests de Bikini, realizaram-se novas experiências com armas atômicas, em "ENIWETOCK ATOMIC PROVING GROUND", nas ilhas Marshall atoll de Eniwetok, a cerca de 200 milhas de Bikini. A Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos anunciou as provas em 19 de abril de 1948, mas não revelou a data exata nem detalhes a respeito. O 4º Relatório semestral da Comissão, publicado em fins de julho do corrente ano, esclarece, porém, que foram realizadas em Eniwetok 3 explosões, utilizando 3 armas atômicas de novo e aperfeiçoado modelo, com resultados altamente satisfatórios. A "Operation Sandstone", como foi denominada, confirmou que a posição dos Estados Unidos no campo das armas atômicas foi sensivelmente melhorada.

Não se pode prever, com certeza, quando e onde serão realizadas novas explosões ou experiências atô-

micas de importância. Fazemos votos para que, muito breve, os Estados Unidos anunciem ao mundo a inauguração oficial da primeira central elétrica movida a combustível nuclear.

A Comissão norte-americana trabalha ativamente no sentido de promover o uso pacífico da cisão nuclear, embora declare que os combustíveis nucleares não substituirão os atualmente utilizados, para o suprimento mundial de energia, antes do prazo mínimo de 20 anos, isto é, até 1968, mesmo contando com as mais favoráveis circunstâncias. Os usos imediatos e benéficos dos novos conhecimentos e processos ficarão adstritos à medicina, agricultura e indústria.

A explosão das bombas atômicas até agora fabricadas pelo homem concentrou a atenção mundial, curiosa a respeito dessa nova e poderosa arma e de seu segredo, tão cuidadosamente guardado pelos Estados Unidos.

A realidade, porém, é que os princípios fundamentais da energia intra-nuclear, inclusive de sua liberação explosiva, isto é, a bomba atômica, já são conhecidos de todo o mundo. Os técnicos e cientistas de qualquer país sabem, teoricamente, como fabricar, a partir dos minérios de urânio e tório, os combustíveis ou explosivos nucleares utilizados na bomba. Faltam, entretanto, alguns dados teóricos e detalhes técnicos indispensáveis das instalações.

A maior dificuldade reside no parque industrial necessário para atender aos requisitos de uma empresa de tal vulto e complexidade.

O ilustre físico E. P. WIGNER, professor em Princeton, salientou que os segredos da bomba atômica consistem em certas constantes físicas usadas na fabricação das bombas, alguns métodos de cálculo e os detalhes técnicos das instalações.

Uma série de indústrias-chave (elétricas, mecânicas, químicas, etc.) são indispensáveis à cadeia de usinas necessárias à produção de combustíveis nucleares. Entre essas indústrias citam-se especialmente as de automóveis, máquinas-

ferramenta, rádios, telefones, relógios, turbinas elétricas, bombas rotativas, corantes e produtos químicos. A comparação entre as indústrias desse tipo existentes nos Estados Unidos e na Rússia, por exemplo, mostraria que a capacidade de produção soviética é de 19 por cento da norte-americana. A média do atraso soviético, nesse particular, em relação ao Estados Unidos, é de 22 anos. Esses dados foram coligidos e publicados por especialistas norte-americanos.

Deve-se, também, considerar a incontestável superioridade dos cientistas americanos, em qualidade e quantidade. Os Estados Unidos aproveitam os melhores cérebros do mundo, que encontram na grande democracia americana fartos recursos materiais para pesquisa científica e o ambiente de liberdade e segurança propício a esses trabalhos.

Somente os países altamente industrializados e organizados para pesquisas, poderão arcar com os pesados encargos de desenvolver o emprego militar e industrial da energia atômica. Em 1946 os entendidos calculavam que somente dentro de 10 anos outros países estariam em condições de produzir combustíveis nucleares e bombas atômicas.

Além do emprego militar, a importância industrial da energia nuclear será uma realidade em futuro próximo. O professor J. R. OPPENHEIMER, Chefe dos Laboratórios de Los Alamos, onde foram fabricadas as bombas atômicas, e, atualmente, Diretor do centro de altos estudos da Universidade de Princeton, fez, em meados do ano passado, 1947, interessantes declarações nesse sentido perante a Comissão de Energia Atômica das Nações Unidas, reunida em Lake Success, New York. Disse o ilustre físico que os últimos obstáculos para o emprego da energia atômica nas centrais elétricas seriam superados nos próximos cinco anos, isto é, até 1952, e acrescentou que dentro de 10 a 20 anos (1957-1967) as usinas atômico-elétricas estariam em pleno funcionamento industrial.

Finalizou prevendo que daqui há 50 anos, pouco antes do início do século XXI, os combustíveis comuns serão substituídos pelos combustíveis nucleares.

A influência decisiva que essa nova fonte de energia exercerá na economia mundial é assunto cuja importância todos compreendem. Será, talvez, a oportunidade do Brasil, pobre de carvão e com reservas de petróleo até agora inexploradas industrialmente. Possuímos minérios de urânio e estamos entre os maiores produtores do mundo de areia monazítica, das quais se pode retirar o metal Tório, que, sob a ação de neutrons, em uma pilha atômica, transformar-se-á, por meio de reações nucleares, em Protoactínio e, depois, em Urânio 233, um dos combustíveis nucleares até agora conhecidos. Os dois outros — Urânio 235 e Plutônio 239 — dependem dos minérios de urânio. O Urânio 235 é o único combustível nuclear encontrado na natureza, junto com o Urânio natural 238, na proporção de 0,7% em relação a este. O Plutônio 239 (como aliás o Urânio 233) é um elemento artificial, obtido a partir do Urânio 238 por meio de reações nucleares, cujo produto intermediário é o Neptunio 239.

Os novos elementos transurânicos, Neptunio (n. 93) e Plutônio (n. 94), foram assim denominados por analogia com os planetas Neptuno e Plutão, que se encontram além de Urânus, no sistema planetário. O engenho humano foi mais adiante, e os dois novos elementos, ns. 95 e 96, descobertos recentemente receberam os nomes de Americium e Curium, em homenagem à grande nação americana e ao insigne casal descobridor do Rádium.

O elemento artificial Plutônio é fabricado nos Estados Unidos, em Hanford, Estado de Washington, em pilhas de urânio-grafite. A quantidade de calor desprendida na reação é tão grande que aquece as águas frias do rio Columbia, utilizadas para a refrigeração. A energia elétrica é fornecida pela Usina do "Grand Coulee". O Urânio 235 é separado do Urânio natural 238

em Oak Ridge, Estado de Tennessee, pelo processo de difusão gasosa na fábrica K-25, verdadeira maravilha de mecânica industrial, com os seus complicados e custosos processos. Situadas no vale do Tennessee, essas instalações utilizam 500 mil Kilowatts de força. A primeira produção de urânio 235 foi obtida em Oak Ridge pelo processo de separação electromagnética (calutron), na fábrica Y-12, atualmente parada.

Para alimentar as atuais fábricas americanas são necessárias mais de 450 toneladas anuais de Urânio metal. A maioria do minério para essa elevada produção vem das minas do Lago do Grande Urso, no noroeste do Canadá, sobre o círculo ártico.

Os problemas a resolver para a montagem e funcionamento de usinas de combustíveis nucleares e o seu aproveitamento são de tal forma complexos e exigem uma capacidade industrial e técnica de tal ordem que, até o presente momento, não puderam ser resolvidos pelas grandes nações européias, cujo potencial sofre ainda as consequências da mais destruidora guerra de todos os tempos. Em toda parte, porém, intensificam-se as pesquisas atômicas, mostrando que, realmente, já estamos vivendo uma NOVA ERA.

As profundas repercussões previstas nas relações internacionais quando se generalizar o aproveitamento da energia intra-nuclear, levaram as três principais nações responsáveis pelo acontecimento — Estados Unidos, Inglaterra e Canadá — a fazerem uma declaração conjunta em 15 de novembro de 1945. O histórico documento salienta, com toda a clareza, a necessidade de um acordo internacional, a fim de proteger a civilização e utilizar, para o bem comum a preciosa energia nuclear, eliminando dos armamentos nacionais as armas atômicas. Essa declaração foi o germe que floresceu e resultou na criação da Comissão Internacional de Energia Atômica, resolvida em 24 de janeiro de 1946, no decorrer

da primeira Assembléia Geral das Nações Unidas, realizada em Londres, de acordo com a Carta de São Francisco, com o comparecimento de 51 nações.

A Comissão de Energia Atômica das Nações Unidas iniciou os seus trabalhos em 14 de junho de 1946 e, até agora, não chegou a um acordo sobre o controle internacional. Desde a sua instalação até 31 de dezembro de 1947, o Brasil esteve representado nesse importante organismo pelo Almirante ALVARO ALBERTO, ex-presidente do Rotary Club do Rio de Janeiro, de quem tivemos a honra de ser assistente. Com a terminação do mandato do Brasil no Conselho de Segurança, deixamos automaticamente a Comissão de Energia Atômica.

Após 2 anos de árduo trabalho e 222 reuniões de delegados e assistentes, a Comissão foi obrigada a reconhecer oficialmente, na sessão de 17 de maio do corrente ano, o impasse criado pela União Soviética. Os trabalhos foram suspensos "sine-die" e o assunto levado à consideração da Assembléia Geral de 58 nações que iniciará seus trabalhos em Paris, no fim do corrente mês de setembro.

Dois razões principais, realmente alarmantes para o totalitarismo comunista, impediram que a União Soviética e seus satélites entrassem em acordo com a grande maioria das outras nações, dispostas a tudo sacrificar para o bem-estar geral da humanidade. Essas razões foram as seguintes:

1 — Abolição, para esse caso especial do privilégio do "VETO", concedido aos membros permanentes do Conselho de Segurança — EE.UU., Inglaterra, França, China e União Soviética.

2 — Possibilidade de inspetores e técnicos estrangeiros poderem entrar no território e nas fábricas Soviéticas, por força do acordo internacional, para efetivar o controle e impedir o uso militar da energia atômica.

A União Soviética não quer desistir da melhor arma contra as decisões do órgão máximo das Nações Unidas, cuja maioria nem sempre

concorda com as suas pretensões. O recurso do "VETO" permitiria à União Soviética invalidar qualquer punição imposta aos infratores do acordo internacional e criar dificuldades insuperáveis nas questões de controle que porventura surgissem. Não convinha também aos soviéticos deixar uma brecha na "cortina de ferro", permitindo que estrangeiros observassem o que se passa no berço do comunismo. Paradoxalmente, esse regime político intromete-se na vida dos outros países para fazer propaganda e impor pela força uma doutrina cuja aplicação prática ninguém pode observar livremente no país de origem, isolado do resto do mundo e privado das liberdades fundamentais que, nas verdadeiras democracias, lhes permite a propaganda insidiosa e dissolvente.

\* \* \*

O emprêgo futuro da energia atômica há de corresponder às expectativas da humanidade, que vê na descoberta dessa força criadora do universo uma salvação para muitos de seus complexos problemas. A providência fez com que chegasse no momento oportuno, quando as reservas existentes de combustíveis comuns começam a causar preocupações, em face do crescente consumo mundial, e a medicina, na eterna luta contra a morte, reclama as substâncias radioativas — medicamentos preciosos e também ferramentas biológicas insubstituíveis para os pesquisadores dos segredos da natureza.

Temos esperança no futuro, apesar dos dias incertos e agitados que estamos vivendo. Os homens que souberam liberar do átomo a energia universal, confirmando de maneira impressionante e definitiva o domínio do espírito sobre a matéria, hão de encontrar um meio eficaz e seguro de empregar essa gigantesca força para a felicidade e bem-estar do gênero humano, iniciando a época de paz e fartura com que todos nós sonhamos.

Será, então, mais fácil a execução do expressivo lema rotariano: "DAR DE SI ANTES DE PENSAR EM SI".

# OS MILITARES E OS PROBLEMAS SOCIAIS

Ten.-Cel. RIOGRANDINO DA COSTA E SILVA

## VII

### OS FUNDAMENTOS DE UMA DOCTRINA

As teses em que se fundamenta a concepção ideológica de Karl Marx podem enquadrar-se nos seguintes títulos: materialismo histórico; luta de classes; supra-valor; concentração capitalista; crises; e a revolução necessária.

Constituem essas teses, no dizer de Tristão de Ataíde, o grande patrimônio do movimento socialista, naquilo que ele tem de mais sólido e de mais vivo, de sorte que se justifica plenamente a apreciação que tentaremos fazer a respeito de cada uma delas, embora num exame sumário e generalizado.

#### O MATERIALISMO HISTÓRICO

É esta, talvez, a teoria básica de toda a ideologia marxista. De acordo com ela, a história da humanidade está sujeita a leis de um determinismo inflexível. A liberdade humana não existe e os acontecimentos se processam de tal maneira que é possível não apenas explicar todos os fatos passados, como, ainda, prever os futuros. Há, assim, uma série de leis, tão invariáveis como as que governam o mundo físico, a presidir os acontecimentos do mundo social. Neste, aliás, os fatores econômicos predominam sobre todos os demais, especialmente no que se refere à técnica de produção, porquanto a sociedade varia na proporção direta do seu aparelhamento industrial.

Convencido de que a base da sociedade burguesa estava na economia política e que a evolução intelectual é, no fundo, um reflexo da evolução econômica, Marx dedicou-se, então, ao estudo daquela ciência, apreciando a formação e o crescimento do capital.

O racionalismo dominante no Século XVIII considerava a história como uma soma de acontecimentos provocados unicamente pela razão; os fatores econômicos e religiosos eram desprezados, enquanto os fatores políticos e militares monopolizavam todas as atenções. Karl Marx constata essa circunstância, mas inverte totalmente os dados do problema, indo ao extremo, no lado oposto: toda a história, para ele, passa a girar em torno da economia e, dentro desta, da técnica da produção, que é o mais material de seus fatores. E isso por quê?

O grande reformador argumenta: por uma rápida apreciação da história, chega-se à conclusão de que, nas diferentes épocas, os homens tiveram concepções variadas e diversas sobre o direito, a moral, a religião, o Estado, a filosofia, a agricultura, a indústria, o comércio, etc. E também tiveram instituições e formas sociais diferentes, passando por uma série imensa de guerras e conflitos de toda ordem.

Para explicar, então, essa perturbadora diversidade de formas da

atividade e do pensamento humano, Marx procura desvendar as causas provocadoras das transformações da vida social e intelectual e conclui o seguinte: as forças motrizes da sociedade humana, que transformam as idéias e os sentimentos, que, em síntese, transformam a consciência e as instituições humanas, não nascem do espírito ou da razão absoluta, como afirmam os filósofos idealistas, mas, sim, das condições materiais da existência. A base da história da humanidade é, pois, em consequência, puramente material.

Convém esclarecer, neste ponto, que se deve entender por condições materiais da existência, na concepção marxista, a maneira pela qual os homens, como seres sociais e com o auxílio do meio natural ambiente e de suas capacidades intelectuais e físicas, organizam sua própria vida material, alcançam os meios de subsistência, produzem, dividem e trocam entre si os produtos indispensáveis à satisfação de suas necessidades. Ora, de todas as categorias da vida material, a mais importante é a produção ou fabricação de meios de subsistência. As forças produtivas é que os determinam, podendo ser *objetivas* ou *personais*. São forças de produção *objetivas*: o solo, a água, o clima, as matérias-primas, as máquinas, os instrumentos de trabalho em geral; ao passo que se enumeram como forças produtivas *personais*: os operários, os sábios, os técnicos e, por último, as raças, ou as qualidades adquiridas por determinados agrupamentos humanos.

Os operários, segundo Karl Marx, estão em primeiro lugar entre todas as forças produtivas, porque são eles as únicas forças da sociedade que criam valores; logo em seguida, vem a técnica moderna, que é uma força essencial e eminentemente revolucionária. Daí tira, então, o reformador do socialismo a conclusão que aplica aos problemas da condição do proletariado, a que se consagra afincadamente:

Se as forças produtivas crescem em consequência da maior habilidade dos operários, do descobri-

mento de novas matérias-primas e de riquezas minerais, ou de novos métodos de trabalho e de novas máquinas, da aplicação da ciência à indústria e do desenvolvimento dos meios de transporte; se a base material, ou infra-estrutura econômica da sociedade se transforma e as antigas relações de produção deixam de servir aos interesses da produção, porque a antiga organização social, as antigas leis, as doutrinas e instituições correspondiam a um estado de forças produtivas em vias de desaparecimento, ou que já não existe mais; se tudo isso se verifica, enfim, a super-estrutura social, ou intelectual, já não corresponde mais, também, à infra-estrutura econômica e se estabelece um conflito entre as forças produtivas e as relações de produção. As contradições entre o novo conteúdo e a antiga forma, o conflito entre as novas causas e os efeitos já caducos começa, a pouco e pouco, a atuar sobre as consciências. E produz-se, também a pouco e pouco, uma transformação do organismo social, em que as classes ou camadas até há pouco desprezadas se tornam poderosas, econômica e socialmente.

A impropriedade dos argumentos desenvolvidos por Marx, no sentido de fundamentar sua teoria do materialismo histórico, resalta mais do que evidente do próprio elemento a que ele pretende aplicar a doutrina que concebeu. E, para demonstrar, sem margem a menor dúvida, recorremos, mais uma vez, à autoridade do Dr. Alceu Amoroso Lima, que assim se manifesta:

"A história, ao contrário do que ensina esse materialismo histórico, é dominada por grandes movimentos não econômicos, concomitantes com certos fatores econômicos, ora secundários, ora predominantes.

Os estudos modernos de Frobenius, Spengler, Kurt Breysig, Ortega y Gasset, Goldenweiser, Wilhelm Schmidt e tantos outros mostraram como o monodeterminismo histórico do século passado de um

Hegel, de um Comte, de um Spencer ou de um Marx não correspondia à verdadeira figura de um universo humano, em seu jôgo de posições no tempo e no espaço. E nos ciclos culturais — seja na forma do determinismo de um Spengler, seja na forma atual do humanismo etnológico de um Frobenius, ou nietzchiano de um Breysig, freudiano de um Sorokin ou cristão de um Demf nesses ciclos, os fatores que intervêm são infinitamente mais variados e complexos do que pretende o unilateralismo sistemático de Marx e seus discípulos”.

Afirma, então, o acatado mestre, que essa observação é confirmada pelos grandes acontecimentos que marcaram a história mundial dos últimos dois mil anos. É assim que, quanto ao cristianismo, por exemplo, que “continua a ser um fenômeno histórico que mudou, em grande parte, a face da terra e dos homens”, seja qual for a posição em que nos coloquemos diante dele, não é possível encaixá-lo dentro de uma causalidade econômica ou técnica. E o mesmo acontece com outros grandes movimentos religiosos, como o budismo e o maometanismo, que também se acham na base de acontecimentos históricos consideráveis, como a expansão árabe na Idade Média e a psicologia profundamente espiritualista dos povos da Índia. A fisjonomia do Renascimento — fenômeno histórico que marca o início do mundo moderno — é de caráter intelectual, político e literário, tendo um aspecto econômico apenas secundário. A reforma luterana e calvinista, quebrando a unidade católica ocidental, foi um movimento exclusivamente religioso em suas fontes, embora suas consequências se estendessem a todos os domínios da sociedade, inclusive o econômico. A Revolução Francesa resultou muito mais do movimento das idéias dos enciclopedistas do que da crise econômica da França no Século XVIII. E até a Revolução Russa evidencia o erro

do marxismo, conforme a argumentação do citado autor, nestes termos irrefutáveis:

“A Revolução Russa, ela mesma, é uma demonstração clara do erro cometido pelo determinismo econômico marxista. Pois o gênero de revolução que Marx predizia para o futuro devia nascer do amadurecimento do capitalismo, que naturalmente, pelo simples jôgo dos fatores econômicos, se traduzia no advento do comunismo. Ora, o regime comunista foi instaurado justamente num país onde o regime econômico era pré-capitalista ou que, pelo menos, estava muito longe de ter atingido as condições de amadurecimento capitalista que Marx via na Alemanha, na Inglaterra, na França ou nos Estados Unidos.”

Como se ainda não fôsem suficientes os argumentos que apresenta, o eminente escritor brasileiro desenvolve seu pensamento e nos oferece novos motivos de convicção, tão fortes e ponderosos que julgamos imprescindível reproduzi-los textualmente, para bem se avaliar o absurdo da tese do materialismo histórico:

“O que o bom senso nos ensina — diz Tristão de Ataíde — é que a técnica é um produto do homem e não o homem da técnica. É pelo seu progresso intelectual, pela tradição de seus antepassados, pelo desenvolvimento da preparação educativa, pela facilidade do aparelhamento já constituído, pela ordem dos regimes políticos mais bem travados — é por tudo isso e pelo mais que a esse progresso político e intelectual vem somar o progresso moral dos costumes e a elevação religiosa das convicções firmes — é por tudo isso que se pode o homem criar e aperfeiçoar uma técnica industrial que melhor lhe permita satisfazer as suas neces-

sidades materiais. Não se nega que, depois, venham também as condições econômicas e técnicas da sociedade a influir sobre o homem, pois, na sociedade, todos os fatores agem reciprocamente uns sobre os outros. Sempre, porém, é a inteligência humana, são as paixões, as crenças, os regimes políticos, os acontecimentos históricos, militares ou civis, morais ou culturais, que predominam e permitem novas conquistas técnicas ou uma utilização melhor ou diversa das anteriores”.

#### LUTA DE CLASSES E TEORIA DO VALOR

A teoria das classes e da luta de classes, formulada por Karl Marx, é a outra grande tese socialista sobre que veio a se fundamentar o comunismo soviético.

Segundo essa teoria, entende-se por classe uma camada social que desempenha determinado papel na produção. Assim, os que vivem de um salário formam a classe operária; os que vivem principalmente à custa do lucro, de juros ou rendimentos, constituem a classe dos capitalistas.

Tanto no que se refere ao modo pelo qual conseguem seus meios de subsistência, como no que se relaciona com a organização da sociedade, dentro ainda da concepção marxista, as duas classes mencionadas estão separadas por antagonismos irredutíveis. O antagonismo primordial, porém, é baseado nas questões de salário e de produção do trabalho. Com o tempo e à medida que a consciência de classe do proletariado se desenvolve, esse antagonismo vai-se transformando em luta encarniçada entre as duas classes, interessando às próprias bases da organização da sociedade.

A classe capitalista procura manter a ordem existente, enquanto o proletariado luta pela transformação da vida econômica e social, no sentido socialista. No conceito marxista, aliás, a própria história é o espetáculo das lutas contínuas, que se processam entre as classes

dominantes e as classes dominadas, umas querendo manter a supremacia conquistada, ao passo que as outras pretendendo derrubá-las e essemohorear-se do poder. A luta assume então, nesse ponto, um caráter nitidamente político, com o objetivo imediato de conquistar o poder. A classe capitalista luta pelo poder a fim de conservar sua posição; o proletariado procura utilizar-se do poder para a realização do socialismo. Marx pretende que a luta acabará, mais cedo ou mais tarde, pela vitória da classe operária, que, no período de transição entre a propriedade privada e a propriedade coletiva, irá instaurar o seu governo — a ditadura do proletariado, a fim de, progressivamente, transformar a sociedade.

Vem a propósito referir, neste ponto, que a expressão “ditadura do proletariado”, hoje consagrada pelos comunistas, apareceu pela primeira vez na obra de Karl Marx intitulada “As lutas de classe em França em 1848”, cuja publicação se fez em 1850. Conforme a definição do próprio Marx, na “Crítica ao programa de Gotha”, publicada em 1875, a ditadura do proletariado, resultante da luta de classes, representa apenas “a forma específica do período de transição, ou do período revolucionário”. É a solução para o conflito perene entre as classes sociais consistir em suprimir a pluralidade das classes, fazendo da sociedade uma classe única, que será exatamente a classe do trabalho, pois todo o valor, toda a riqueza, o capital, em suma, é produto exclusivo do trabalho, é fruto da exploração do proletariado.

Decorre, desse conceito, precisamente, uma outra tese fundamental do marxismo, onde aparece sua teoria econômica do valor, que nada mais é que a soma de trabalho material contida num produto qualquer.

Estudando, a seu modo, a transformação social por influência das forças motrizes, ou produtivas, Karl Marx estabeleceu, como principal problema econômico, descobrir qual a origem do imenso crescimento das riquezas, ou, mais simplesmente,



qual o objeto, ou a força motriz, da economia capitalista. E chega à conclusão de que a riqueza é a massa de valores de uso que uma sociedade produz. Em tempos normais, a economia capitalista produz, em cada ano, mais do que no ano anterior; há, portanto, um excesso que se acumula e se junta ao novo excesso produzido, o que se verifica regularmente, dando lugar ao aumento da riqueza. Quem produz, porém, esse excesso, ou melhor: que classe aumenta a riqueza?

Antes de responder a essa pergunta, Marx procura definir o que é valor, porque é pelo valor que a riqueza pode ser avaliada. Ora, o valor, na doutrina marxista, nada mais é, como já foi acentuado, que a soma do trabalho material contida num produto qualquer. A medida do valor se tem, por conseguinte, na quantidade e duração do trabalho necessário à produção de um determinado valor. Se o operário trabalha além das horas necessárias ao sustento próprio, resulta daí o que constitui o lucro. No regime capitalista, esse lucro é inteiramente absorvido pelo detentor do capital e dá lugar a uma

usurpação ilegítima, que o socialismo pretende corrigir por meio do *supra-valor*, da *mais-valia*, ou "*meh-wert*", a distribuição entre os produtores do valor.

Marx considera que só o trabalho empregado na produção e no transporte das matérias-primas e mercadorias é que cria o valor; ainda mais: a fonte e a medida do valor é o trabalho manual e intelectual socialmente necessário e empregado na produção e transporte das matérias-primas para os locais de produção. E, como o salário que o trabalho criador do valor recebe é sempre inferior ao valor criado, o trabalho produtivo fornece, ordinariamente, ao fabricante, um valor superior ao que ele paga sob a forma do salário. O supra-valor resulta dessa diferença e dele é que o fabricante retira seu lucro, o banqueiro seus juros, o proprietário territorial seus rendimentos e o comerciante o seu ganho, tudo em detrimento e como extorsão da classe operária, onde se encontram os verdadeiros e únicos produtores do valor.

*A seguir: os fundamentos de uma doutrina (Continuação).*

## PADARIA E CONFEITARIA REALENGO

FORNECEDORA DA E.L.E.

PRÓXIMO AO CAMPO DE INSTRUÇÃO FÍSICA

Bebidas finas nacionais e estrangeiras — Conservas alimentícias, queijos, cigarros, etc.

**M. PAULINO**

197, RUA BERNARDO VASCONCELOS, 197 — REALENGO  
TELEFONE BANGU 218

## PADARIA ELÉTRICA VALADARES

DE

**Mathathias Gomes de Barros**

Confeitos, Biscoitos, Roscas, Bolachas, Bolachinhas, Pães, Pãezinhos, Doces, Balas doces, etc.

ASSEIO ESMERADO — SERVE A DOMICILIO

RUA MARECHAL FLORIANO — GUAÇUI — ESTADO DO ESPIRITO SANTO

# CONCEITO MODERNO DE SEGURANÇA NACIONAL

Cap. CARLOS DE MEIRA MATTOS

O mundo atravessa, no presente momento, a fase mais aguda de um período de completa revolução. A sociedade vê, estarrecida, um após outro, derruírem-se os princípios considerados mais sólidos e permanentes, que cedem lugar a outros menos clássicos e mais consentâneos com um universo dominado pela mecânica, pelos electrons e pelos laboratórios.

Nenhum setor de atividade humana pode permanecer indiferente ou afastado do vendaval da revolução. E o Estado, suprema criação do espírito humano, visando a harmonização do instinto gregário do homem, também sofre, no seu conteúdo moral, social e político, modificações profundas que são a causa de toda a inquietação do mundo moderno.

Quem fala Estado, diz poder, e quem diz poder, exprime força.

O Estado existe na sua estrutura jurídica, mas se afirma e se impõe na sua capacidade de se fazer respeitado. Assim, a experiência histórica e a visão do presente têm provado que será utópico, será sonho de fada, imaginar-se um Estado sem forças armadas. Deveras, as organizações militares representam o aspecto mais característico das instituições políticas.

É fato inegável que os regimens políticos evoluem sem cessar, através dos séculos, obrigados que são de se comportarem sempre dentro das necessidades das nações que, como forças vivas e dinâmicas, revelam-se eminentemente sensíveis aos progressos do gênio humano.

A inteligência humana criou o Estado e a ele confiou as imposições irrecusáveis dos conglomerados so-

ciais — de ser o organismo coordenador e juiz de suas múltiplas e complexas atividades. Por isso mesmo, os Estados sempre foram o reflexo dessas "múltiplas e complexas atividades" que, de tempos em tempos, atraem as criaturas para novas fontes de saber e de trabalho e, como tal, mudam o "facies" de suas necessidades e interesses.

Vimos, assim, no correr dos tempos, os Estados se transformarem, procurando adaptar-se aos apelos dos povos que congregavam e, a cada nova concepção de Estado, vir corresponder uma nova noção de organização militar.

Se quisermos exemplificar esses conceitos, citaremos a antiguidade clássica grego-romana, em que os Estados, na sua concepção filosófica, muito se pareciam com as democracias modernas e os Exércitos de então, em seu espírito e estrutura, muito se assemelhavam aos Exércitos democráticos de hoje. A arte bélica fez, então, admiráveis progressos e produziu grandes capitães.

Com o advento da Idade Média, desapareceu a nação, como a concebiam os gregos e romanos; fragmentaram-se os Estados e surgiram centenas de principados. Os Exércitos, inseparáveis que são do Estado, com a atrofia deste também se atrofiaram, perdendo seu sentido de idealismo militante para se tornarem mercenários.

A Revolução Francesa alterou profundamente o conceito de Nação. Com a sua vitória, a Nação tornou-se o povo. O povo era o Estado e, como força soberana, lutava. O Exército, dentro dessa ordem de idéias, consolidou-se com Napoleão, "o gênio da guerra" e

# NÚMEROS NA MENSAGEM PRESIDENCIAL

(Compilados pela Redação)

A primeira mensagem apresentada ao Congresso pelo Presidente Getúlio Vargas está preñhe de dados estatísticos sôbre os diversos aspectos das atividades do Brasil.

Tais dados merecem considerados detidamente por todos os que se interessam pela evolução da Pátria, razão pela qual resolvemos transcrevê-lo, certos de que sua importância e significação armarão de paciência os leitores que não gostam da aridez dos números. El-os :

## *Produção mineral :*

O volume da produção mineral brasileira é da ordem de 15 milhões de toneladas.

Há, no Amapá, reservas de minério de manganês da ordem de 10 milhões de toneladas.

Há 600 mil toneladas de carvão acumuladas nas minas e portos de Santa Catarina, sem transporte para os mercados consumidores.

O Brasil exportou, em 1950, 900 mil toneladas de minério de ferro, 20% das quais pelo pôrto do Rio e 80 % pelo de Vitória. Essa exportação rendeu 7 milhões de dólares. 4/5 provieram das minas da região de Itabira e foram produzidas pela "Companhia Vale do Rio Doce, S.A." A exportação desta Companhia cresceu, de 1949 para 1950, de 53 %, atingindo a cifra de 722 mil toneladas. No corrente ano, a Companhia espera exportar 1.200.000 toneladas. Tal número se elevará para 1.500.000 toneladas em futuro próximo, com a mecanização das minas.

## *Indústrias de base :*

### *Companhia Siderúrgica Nacional.*

Contribuiu, em 1950, com metade da produção nacional de aço

laminado, atingindo a cifra de 287.168 toneladas, no valor de Cr\$ 1.100.000,00 e excedendo em 27 % a produção do ano anterior. Só em barras e perfilados produziu mais de 40 mil toneladas. Beneficiou mais de 600 mil toneladas de carvão nacional, dos quais 1/3 de minas próprias e 2/3 de diversos mineradores. Produziu, assim, cerca de 145 mil toneladas de carvão lavado para coque metalúrgico, as quais, misturadas com 2/3 de carvão estrangeiro, produziram cerca de 300 mil toneladas de coque metalúrgico, combustível utilizado na fabricação do gusa. Como subproduto, obteve também 250 mil toneladas de carvão vapor grosso, próprio para queima em caldeiras fixas e locomotivas.

Volta Redonda trabalha com um só alto forno de 950 toneladas diárias, 55 fornos para 1.100 toneladas diárias de coque e 4 fornos Siemens-Martin para 450 mil toneladas anuais de aço. No ano corrente, a usina deverá atingir a saturação, com as atuais instalações, produzindo 324 toneladas de trilhos, barras, perfilados, chapas e folhas de Flandres. Sua receita deverá atingir a cifra de 1 bilhão e 300 milhões de cruzeiros. Apesar dêsse progresso, o país ainda adquiriu no estrangeiro, em 1950, cerca de 40 % de suas necessidades em ferro e aço. A 2ª etapa da ampliação de Volta Redonda prevê a construção de mais 1 alto forno de igual capacidade, 21 fornos para coque e 2 fornos para aço. Prevê, também, a criação de uma fábrica de estruturas de aço, tudo de modo a elevar de 50 % a sua produção máxima inicial, passando a produzir 460 mil toneladas de aço por ano, além do aumento correspondente da produção dos carvões metalúr-

gico e vapor grosso. A ampliação da usina exigirá investimentos da ordem de 1/3 dos já feitos.

Em 1950, o consumo de aço nacional, quase atingiu a casa do milhão de toneladas, dos quais, a U.S.N. forneceu 287.168 toneladas, as demais empresas particulares 350.000 toneladas e a importação 200.000 toneladas.

As usinas privadas produziram, no referido ano, 400.000 toneladas de gusa.

Em 1930, o Brasil produziu 40 mil toneladas de aço, para um consumo de 350 mil, sendo o consumo per capita de 9 kg. Em 1950, o consumo per capita já se eleva para 19 kg.

Em 1930, a produção nacional contribuía com menos de 1 kg per capita; atualmente, contribui com 14 kg.

A produção total de laminados, em 1950, atingiu o valor de 1 bilhão e 700 milhões de cruzeiros.

A produção siderúrgica nacional, anual, em fornos elétricos, atinge a 80 mil toneladas. Uma nova usina, a "Companhia Aços Especiais Itabira" está pronta para iniciar suas atividades este ano, com uma produção de 55 mil toneladas de aços especiais. Usando carvão de madeira e energia elétrica, essa usina dará ao país mais 28 mil quilowatts.

#### Indústrias químicas de base:

**Ácido sulfúrico:** enquanto o consumo per capita dos E. U. é de 71 kg por ano, o do Brasil é de 1,5.

A capacidade de produção nacional é de 90 mil toneladas anuais, sendo 70 % produzidos em São Paulo. Para essa produção, consumimos enxofre estrangeiro à razão de 100 toneladas por dia e, contudo, só na usina de Capivari, da C. S. N., abandonamos, como refugo, diariamente, mais de 150 toneladas de enxofre sob a forma de resíduos piritosos.

**Alcalis:** as 2 fábricas que possuímos produzem 3 mil toneladas anuais de soda cáustica, ou menos de 5 % de nossa importação atual, que atinge 55 mil toneladas de barrilha e 70 mil de soda cáustica.

**Companhia Nacional de Alcais:** em organização. Deverá produzir 100 mil toneladas anuais de barrilha, das quais, uma parte será transformada em soda cáustica.

#### Indústrias diversas:

De maneira geral, o Brasil importou, no período de após-guerra, equipamentos industriais no valor de 4 milhões de cruzeiros.

**Indústrias têxteis:** o aumento de fusos usados na indústria têxtil algodoeira, de 1949 para 1950, foi de 15 %.

**Papel:** o consumo nacional aumenta de ano para ano. Em 1950 importamos 78 % mais que em 1949 de celulose para fabricação de papel.

**Sal:** consumo per capita nacional: 14 kg, por ano, contra 109 dos E. U.

**Cimento:** em 1930 produzimos 87 mil toneladas; em 1940 já atingíamos 745 toneladas e em 1950, produzimos 1.500.000 toneladas, porém, ainda assim, importamos 330 mil toneladas.

#### Transportes e Comunicações:

**Ferrovários:** as vias férreas brasileiras, em conjunto, produziram um saldo de 106 milhões de cruzeiros, em 1945. Em 1946 produziram um deficit de 250 milhões. Em 1949, o deficit foi de 1 bilhão e 141 milhões e, em 1950, aproxima-se de 1,5 bilhões.

O programa financeiro de 1ª urgência, para o reaparelhamento de nosso parque ferroviário, está aviado em 21 bilhões de cruzeiros. Enquanto que, nos E. U., as vias férreas transportam mais de 2700 toneladas — quilômetro por quilômetro de linha, no Brasil esse número não atinge a 200, devido à debilidade econômica das regiões atravessadas. Significativo é que, enquanto, entre 1934 e 1945, o número de passageiros — quilômetro e toneladas — quilômetro aumentou para mais de 100 %, o número de carros só cresceu de 10 %, o de vagões de 23 % e o de locomotivas de 8 %.

**Portos:** o nosso intercâmbio comercial externo cresceu de 15 para

22 milhões de toneladas no decênio 1940 — 1950. O volume a dragar, nos nossos portos, é da ordem de 45 milhões de toneladas.

**Navegação marítima:** de 307 navios de nossa marinha mercante, acima de 100 toneladas, com uma arqueação total de 622 mil toneladas, nada menos de 112, com 260 mil toneladas, têm mais de 30 anos de serviço. Desde que terminou a guerra, o Brasil pôs em tráfego 114 novos navios, com 270 toneladas, os quais vieram compensar a perda de 152 mil toneladas no último conflito. A expansão do volume de cabotagem mede-se pela passagem de 3.019 mil toneladas de carga transportada, em 1941, para 4.535 mil em 1949.

**Transporte aéreo:** de 1940 para 1950, o percurso das aeronaves brasileiras passou de 7 milhões de quilômetros para 62, o número de passageiros subiu de 86 para 1,5 milhões e a bagagem e a carga elevaram-se de 1800 para 50 mil toneladas.

#### Energia:

Cerca de 80 % da energia não muscular que consumimos é proveniente das nossas matas (lenha).

De 1949 para 1950, o consumo de energia elétrica, para fins industriais, aumentou de 15 % em São Paulo e Rio.

O acréscimo de potência hidrelétrica instalada no país, a partir da data do Código de Águas (1934) foi da ordem de 125 %, atingindo, em 1950, um total de 1.860.000 kw.

Avaliam os técnicos que, para atender ao ritmo de nossas demandas, devemos instalar em todo o país, nos próximos anos, uma média anual de 200 mil kw.

**Usina de Paulo Afonso:** a 1ª etapa compreende a construção de uma usina com o potencial de 120 mil kw e, além de instalações auxiliares diversas, mais 2 linhas troncos com 840 km, sendo estações terminais Recife, ao Norte e Salvador, ao Sul, ao custo total de..... Cr\$ 1.053.448.400,00.

Já está quase toda concretada a barragem de Oeste, com 1147 m de

comprimento e já foram perfurados 2 poços verticais de 80 m de profundidade e 7 m de diâmetro.

Até 31-XII-950, a Companhia já havia gasto Cr\$ 296.446.900,00, inclusive despesas no estrangeiro.

**Petróleo:** o consumo de derivados de petróleo, no país, elevou-se, em 1950, a cerca de 4,5 milhões de toneladas, com um acréscimo de 42 % sobre o consumo de 1948 e 101 % sobre o de 1946.

A refinaria de Mataripe, já em funcionamento, para produção de 2500 barris diários, vai ter a sua produção elevada para 5 mil.

A de Santos terá uma produção diária de 45 mil barris.

Duas outras foram confiadas à iniciativa privada, no Rio e em São Paulo, com uma produção de 10 a 20 mil barris diários, respectivamente.

A refinaria de Santos concorrerá com uma economia de divisas para o país da ordem de 25 a 35 %. Espera o governo que essa refinaria esteja em funcionamento em 1953.

A nossa capacidade de estocagem de combustíveis é da ordem de 18,5 %, apenas, da importação anual de derivados de petróleo, ou seja, para um consumo de 2,5 meses.

Pretende o governo aumentar (com tanques já em construção) essa capacidade para 33,6 %, ou seja, para um consumo de 4 meses.

Foi adquirida, em diferentes países, uma frota de 21 petroleiros, para alimentar as refinarias nacionais, dilatando-se o prazo de construção até junho de 1952. Foram concedidas aos particulares, desde a criação do Conselho Nacional de Petróleo, 67 autorizações para pesquisa de petróleo e gás natural, interessando uma área de 6.100 km<sup>2</sup>.

A metragem perfurada pelos particulares cifra-se em 10 km.

As importações brasileiras de derivados de petróleo atingiram, em 1950, o valor de 125 milhões de dólares. Essa cifra poderá ser reduzida em 25 a 35 %, num futuro próximo, com o transporte em petroleiros nacionais e o refino em refinarias nossas.

**Carvão mineral:** o Brasil produz cerca de 2 milhões de toneladas de

carvão bruto, mas importa, ainda, quase 1 milhão.

Do carvão nacional, 60 % é consumido por ferrovias, 16 % por usinas termoelétricas e 11 % por usinas siderúrgicas, num total de 87 %.

Apenas 13 % são consumidos pela navegação, indústrias e produção de gás, em quantidade mínima, e por outras atividades.

**Lenha:** o consumo anual de lenha do Brasil se cifra em 100 milhões de m<sup>3</sup>.

**Região das secas no Nordeste:** em 1930, havia 1400 km de rodovias nessa região, das quais foram reconstruídas, de então para cá, 700 km.

Novas rodovias foram construídas ultrapassando hoje 3000 km de extensão. Cerca de 3200 poços profundos, dos quais 2300 utilizáveis, foram perfurados.

Até 1930, havia 36 açudes construídos, armazenando 300 milhões de m<sup>3</sup> de água. Hoje, há 320 açudes, armazenando 650 milhões de m<sup>3</sup>.

**Baixada fluminense:** operam nela 68 dos 140 draglines que o Departamento Nacional de Obras e Saneamento possui.

De 1934 a 1950, foram invertidos nas obras desta baixada 363 milhões de cruzeiros.

Foram dragados 1645 km de canais, abertos 3420 km de valas e pequenos canais e limpos 7537 km de rios e cursos naturais.

**Investimentos:** o governo federal iniciou, já antes da última guerra, vasto plano de obras e equipamentos, sendo de notar que aproximadamente 20 % de toda a despesa da União foram aplicados em investimentos de interesse geral.

Em 1949, as inversões totais atingiram 3971 milhões de cruzeiros, ou sejam 19 % da despesa total.

Para 1950 foram previstas inversões num total de 4.707 milhões.

**Capitais estrangeiros:** De 1945 a 1950, o total dos créditos concedidos ao Brasil pelo Export-Import Bank, os organismos internacionais criados em Bretton Woods, o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento e o Fundo Monetário Internacional atinge 170 mi-

lhões de dólares, dos quais 68,4 provenientes do Eximbank e 105 milhões concedidos pelo Banco Internacional, sendo 90 milhões para os programas da Brazilian Traction e 14,9 milhões para a Companhia Hidrelétrica do São Francisco. O Fundo Internacional adiantou-nos 37,5 milhões de dólares e 10 milhões de libras.

#### — População:

Comparando-se os resultados dos censos de 1940 e 1950 conclui-se que o aumento da população do país, nesse decênio, foi de 27 %.

Os Estados de São Paulo, Minas, Bahia, Rio Grande do Sul e Pernambuco contêm, em conjunto, 56,3 % da população do país, com uma densidade demográfica de 16,8 habitantes por km<sup>2</sup> e para uma superfície que soma 20,8 % da área total do país. Nos 79,2 % da superfície restante, a densidade é de 3,4 habitantes por km<sup>2</sup>, apenas.

Todo o país tem uma densidade de 6,2 habitantes por km<sup>2</sup>.

Enquanto que São Paulo teve um aumento de 27,7 %, em sua população, Minas não foi além de 16 %.

O aumento da população dos 19 municípios do Norte paranaense, no último decênio, alcançou cércos de 350 % e na serra dos Almôidas (entre Minas e Espírito Santo) elevou-se a 138 %.

A população registrada nas 25 capitais brasileiras (incluindo as dos territórios) excede a 8,3 milhões de habitantes, ou mais de 1/6 da população do país.

A população das 10 capitais mais populosas passou de 4,9 para 7,3 milhões de habitantes. Cerca de 1/4 do incremento decenal se concentrou nessas capitais.

#### — Educação e Cultura:

Número geral de unidades escolares em 1932: 29.948.

Idem em 1946: 54.480.

Alunos em 1932: 2.274.213.

Em 1946: 4.461.323.

Unidades escolares de ensino secundário em 1932: 394, com 56.205 alunos.

Em 1946: 1344, com 279.508 alunos.

#### — Saúde Pública :

Enquanto a vida média do homem americano, do australiano, do sueco, do dinamarquês, do neo-zeelandês, do canadense, do suíço e do inglês alcança o limite de 60 a 65 anos, a vida do brasileiro só atinge o quinquentenário na capital de São Paulo.

Sómente 4 % de brasileiros vivem mais de 60 anos e sómente 9 % ultrapassa a casa dos 50.

Mais de 50 % de brasileiros estão compreendidos na casa até 20 anos de idade. Em países mais desenvolvidos, esta parcela não passa de 35 %. Pouco mais de 40 % estão entre os 20 e os 60 anos. Esta circunstância de excesso de classes jovens resulta no lançamento antecipado das gerações novas no trabalho, para compensar o déficit da produção das camadas ativas da população do país.

Nem 10 % das povoações brasileiras dispõem dos serviços de água e esgotos.

Nossa mortalidade geral ainda é de 20 por 1000 habitantes em várias capitais e a tuberculose ainda apresenta coeficientes superiores a 300 por 100.000 em 1/3 das nossas capitais.

Mantemos 60 % da mão-de-obra total no trabalho da lavoura para obter menos do que o suficiente para o próprio consumo e menos do que se obtém com 20 ou 30 % de mão-de-obra total, em outros países.

Utilizamos 40 a 50 % da força de trabalho disponível só para alimentar e vestir a população do país.

#### — Imigração :

De 877 mil deslocados de guerra distribuídos por vários países pela O I R, desde 1947 apenas 26 mil vieram para o Brasil.

Imigrantes, propriamente, só recebemos 13 mil em 1946; 18 mil em 1947, e 21.500 em 1948.

#### — Trabalho :

O número atual de sindicatos do trabalho é de 1895, o de federações atinge 87 e o de confederações a 4.

#### — Previdência social :

A dívida da União para os Institutos, em 1945, era de 839 milhões e 541 mil cruzeiros.

Em 1950 atinge a mais de 6 bilhões de cruzeiros. Dessa quantia, o governo apenas indenizou 400 milhões, através da entrega de imóveis.

#### — Fuga dos campos :

Enquanto que a população geral do país aumentou de 25 %, a das capitais aumentou de 50 %.

#### — Produção agrícola :

No ano de 1950, a produção de milho ultrapassou 6 milhões de toneladas. O aumento, em relação ao quinquênio 1935-1939, foi de 8,3 %, enquanto que a de arroz foi de 73 % e a do trigo foi de 200 %.

— Frutas : Depois de exportamos mais de 5 milhões de caixas de laranjas, em 1939, fomos forçados, devidos à guerra, a reduzir as vendas para 1 milhão de caixas, no quadriênio 1942-45.

— Cacau : No Sul da Bahia obtém-se, praticamente, 96 % da produção brasileira de cacau. Há, ali, 200 milhões de cacauzeiros.

— Café : Voltou a contribuir com 64 % do valor de nossas exportações.

A produção mundial que girava em torno de 32,8 milhões de sacos, no biênio 1939-40, caiu para 29,2 em 1949-50, enquanto o consumo, que era de 27,3, subiu para 33,3 milhões, no mesmo período.

A produção de café brasileiro caiu de 22,6 milhões, no período 1935-40, para 14,4 milhões de sacas em 1949-50.

— Algodão : Ocupa o 2º lugar em nosso comércio de exportação.

Nos últimos 4 anos contribuiu com percentagens no valor de 10 a 18 %.

Nossa indústria têxtil consome cerca de 200 mil toneladas por ano de algodão. Contudo, o rendimento por hectare tem baixado : de 68,6 arrobas, em 1941, passou para 29 no último quinquênio.

### — Pesca :

Existem mais de 70 mil pescadores profissionais no Brasil, os quais produzem cerca de 150 mil toneladas de pescado por ano.

Devido à falta de aparelhagem não chega a 2.000 kg. a produção média de cada pescador brasileiro, por ano.

### — Defesa sanitária animal :

O Brasil possui 100 milhões de animais domésticos. Só a febre aftosa causou prejuízos anuais superiores a 400 milhões de cruzeiros. Recentemente uma epizootia dizimou mais de 2 milhões de suínos.

O controle das doenças que provocam a redução dos nossos rebanhos acarretará, por si só, acréscimo de 25 a 30 % na produção de carnes e derivados, o que representa uma estimativa de aumento de valor dessa produção expresso em, aproximadamente, 3 bilhões de cruzeiros.

— Sistema tributário : 73 % da arrecadação do imposto de renda provém do Distrito Federal e de São Paulo.

Verifica-se contante declínio da importância relativa do imposto de importação, no conjunto da receita tributária. Em 1929, esse imposto representava 42,16 % de nossas vendas tributárias; em 1937 descia para 33,89 %; em 1945 caía para 11,59 % e, finalmente, em 1949, para 9,49.

Ao contrário do imposto de importação o do selo vem aumentando. De menos de 1,2 bilhões de cruzeiros, em 1946, passou para 2 bilhões em 1950.

### — Dívida Pública :

#### — Externa :

Em 31-XII-930 : Libras. ....  
267.172.476, ou sejam quase 10 vezes o orçamento federal.

Em 31-XII-950 : Libras. ....  
105.972.610, ou seja, a 4ª parte do orçamento federal.

Os Estados e os Municípios devem à União, por conta de adiantamentos feitos por esta àqueles, para pagamento de dívida externas : Cr\$ 327.615.670,00.

O Brasil ainda tem 307.202 títulos em francos para resgatar.

#### — Interna :

Há 10 anos a dívida interna representava 140 % da despesa. Hoje não ultrapassa 45 %.

A dos Estados e Municípios, que era de 6,5 bilhões de cruzeiros em 1945, aumentou, em 1949, para 12 bilhões, ou seja, 81 % da despesa realizada no exercício.

— Situação Monetária : O volume de papel-moeda em circulação passou de 16.909 milhões de cruzeiros, em 1945, para 31.199 milhões, em 31-I-51, ou seja um acréscimo de 14 bilhões e 290 milhões, ou 84 % mais.

A moeda escritural evoluiu de 23 bilhões a 49 bilhões.

Em conjunto, os meios de pagamento alcançaram, em janeiro último, a cifra de 80,7 bilhões, ou seja, mais 83 % que em 1945.

— Disponibilidade no exterior : ao iniciar-se o ano de 1950, nossas disponibilidades no exterior eram de Cr\$ 6.308.780.087,10. Ao encerrar-se o exercício, esse saldo baixou para Cr\$ 4.677.936.374,00.

— Comércio exterior : o valor das nossas exportações subiu de 20,1 bilhões, em 1949, para 24,9 bilhões, em 1950, ou seja, um aumento de 23,4 %. O saldo favorável é de 4,5 bilhões.

Desde 1947 não se tinha sido no comércio externo.

Contudo, em volume, o aumento de nossas vendas, de 49 para 1950, foi só de 2 %.

— Estrada de Ferro Brasil-Bolívia : A extensão total da linha é de 650 km, estando já construídos 450, a partir de Corumbá e na direção de Santa Cruz de La Sierra.

— Administração dos territórios federais : No quinquênio 1946-50, a União dispendeu com a administração dos territórios federais a soma de 865 milhões de cruzeiros.

#### — Forças Armadas :

Exército : A Diretoria de Remonta e Veterinária organizou, em 1950, 453 postos de Remonta no país.



Diretoria de Transmissões pôde atender apenas a 1/6 das necessidades do Exército.

Diretoria de Fabricação instalou uma fábrica de nitroglicerina na Fábrica Presidente Vargas.

Diretoria de Intendência instalou 1 Estabelecimento de Substância (Niterói), 2 Entrepósitos (Rio de Janeiro e Porto Alegre) e 1 Estabelecimento de Material de Intendência (Joinville).

Diretoria de Obras e Fortificações inaugurou 5 instalações novas para Unidades de fronteira (Iguaçu, Guaira, Boa Vista, do Velho, Cáceres).

Estado-Maior do Exército elaborou 4 documentos de transcendental importância: anteprojeto de Lei de Promoções, anteprojeto de Lei de Reestruturação dos Quadros das Armas e Serviços; Bases para a elaboração dos Testes de Instrução e anteprojeto de organização e emprégo da Guarda Nacional.

Para o reaparelhamento do Exército são necessários, só para a aquisição de material bélico, a quantia de 480 milhões de cruzeiros e só para a aquisição de material de Transmissões a quantia de 170 milhões de cruzeiros.

O orçamento do corrente ano consigna para obras militares a relativamente pequena quantia de 35 milhões de cruzeiros.

A Diretoria de Obras e Fortificações do Exército recebeu recursos para a construção de mais 6 paióis de munição. Somente a construção de mais 24 paióis duplos, no valor de 80 milhões de cruzeiros, possibilitará atender ao mínimo das necessidades em paióis.

*Marinha*: adquiriu recentemente 2 cruzadores.

O novo Colégio Naval despertou o maior interesse entre a juventude brasileira. Para 350 vagas, apresentaram-se 2.000 candidatos.

## APÊLO AOS CAMARADAS!

A Redação desta Revista, no intuito de identificá-la cada vez mais com a oficialidade do Exército e desejando, para isso, divulgar a vida dos quartéis e estabelecimentos das diferentes guarnições do Exército, intermédio da publicação de fotografias, o que também tornará mais interessante a revista, apela para todos os camaradas, de qualquer Arma ou Serviço e de todas as Regiões Militares, para que lhe apresentem fotografias, com legendas claras, de quartéis, estabelecimentos, exercícios, manobras, exercícios e paradas, grupos de oficiais, solenidades e de tudo, enfim, que se referir às atividades do Exército, pois as publicará com imenso prazer em sua nova Secção de Fotografia, a esse fim destinada.

Um muito obrigado antecipado da

Redação.

## NUNES ALCEBIADES

### Mimoso do Sul

## ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

## A GEOGRAFIA E AS OPERAÇÕES MILITARES

Ten.-Cel. SENNA CAMPOS

### II

#### GEOGRAFIA MILITAR

A publicação anterior esboçou o campo vasto de conhecimentos geográficos que irão constituir fonte preciosa de recursos para o estudo de

#### GEOGRAFIA MILITAR

A Geografia Militar surge da apreciação de aspectos focalizados pela Geografia Geral e do julgamento de dados estatísticos e técnicos, particularizados a determinada região e muitas vezes considerados para um espaço de tempo limitado. Isso porque, enquanto os fatores geográficos são fixados ou têm, uns, mutação lenta e quase imperceptível e outros variam em períodos mais ou menos espaçados, os dados estatísticos e técnicos evoluem de ano para ano, alterando constantemente o panorama do quadro anteriormente emoldurado.

A Geografia Militar surge, no geral, da apreciação objetiva de condições várias, tendo em vista operações militares.

No caso particular do Brasil, não é possível estudarmos o conjunto de seu território e os aspectos variados de seus fatores geográficos para querermos tirar conclusões generalizadas que sirvam de base a trabalhos de estado-maior. A apreciação particularizada desta ou daquela região será o normal para os estudos de Geografia Geral e de Geografia Militar.

Dessa forma, a Geografia Geral deverá apreciar cada Estado da

Federação, separadamente, de modo a facultar o estudo de Geografia Militar, que, embora considerando regiões distintas, não obedecerá limites entre Estados e Municípios.

Já houve quem dissesse:

"Não é o bastante saber-se teoricamente manobrar as unidades combatentes, como os piões em um taboleiro. Necessário se torna conhecer tão perfeitamente quanto possível as condições materiais e morais segundo as quais se engajarão as lutas a se prever".

A Geografia Militar considera os três aspectos:

O *Físico*, dentro do qual as tropas devem mover-se e combater;

O *Econômico*, de cujos meios as forças em operações e as populações dependem para a sua vida no momento da luta e o país para levar a bom termo a campanha que empreender;

O *Humano*, que condicionará o esforço nacional em combatentes e operários, suas tendências políticas e seu moral para suportar os embates guerreiros.

Apreciando-se os diversos elementos que a Geografia Geral apresenta ao nosso julgamento para que façamos Geografia Militar, vamos observar os assuntos dentro da seqüência proposta:

A fixação da *linha demarcadora* de nossas fronteiras estabelece a

separação do que é nosso, por efeito de tratados ou de "uti possidetis", daquilo que é dos nossos vizinhos. Então, importa saber, pela história dos fatos, onde estão as zonas que suscitaram discussões e que possam dar origem a reivindicações por parte de países cujas tendências políticas pendam para a desobediência de resoluções tomadas, dentro do Direito Internacional. Assim serão focalizadas as zonas de fricção, onde interesses antagônicos possam dar origem a uma luta armada.

A superfície total considerada e a proporção de partes ocupadas (campos, matas, águas etc.), permitirão concluir sobre a área aproveitável para várias utilidades. E a comparação entre a superfície e a população permitirá a determinação da densidade de ocupação pelo homem; a comparação entre a rede de estradas e a área facultará a avaliação do desenvolvimento dos transportes nessa ou naquela região do país, etc.

A comparação das áreas e dos vários recursos correspondentes dizem do potencial de um país em relação a outro ou outros que lhe são vizinhos.

A sua forma e posição, comparadas aos demais vizinhos e ao conjunto do Continente, permitem conclusões sobre a sua influência nas competições econômicas e na situação relativa, quanto aos aspectos político-militares.

Quando abordamos o estudo do solo, no que tange à sua constituição geológica e no que interessa às operações, vemos, em primeiro lugar, a sua consistência, de modo a fixar as partes onde é possível a realização de organizações do terreno; as regiões onde é permitido o deslocamento através do campo ou é fácil a abertura de novas estradas; a maior ou menor resistência da sua chapa de rodagem ao esforço dos transportes, exigindo conserva menor ou maior, assim como a existência do material apropriado para essas reparações, como cascalho, saibro, pedra, etc. Os trechos arenosos ou alagadiços e os que se tornam impraticáveis pela sua transformação em lama-

çais por efeito de chuvas ou neve; os sujeitos a poeiras grossas ou pedregosas, todos influindo no deslocamento de colunas de tropa, principalmente motorizada. A existência de nascentes, mananciais ou lençóis d'água que permitam o estabelecimento de Pontos de Suprimento da tropa é outra observação importante.

Em consequência, concluir sobre o equipamento das unidades que irão operar nas regiões consideradas, não só as de combate como as encarregadas das reparações indispensáveis, dos transportes e do suprimento. Se associarmos esse estudo ao das chuvas e nevadas, estabeleceremos as épocas mais favoráveis a deslocamentos e operações, assim como poderemos determinar as áreas mais apropriadas a locais de estacionamento, de instalações diversas, etc. O próprio equipamento individual poderá ser influenciado pelas conclusões, como o emprégo de óculos contra o pó, botas de borracha para o trabalho na lama, etc.

Quando consideramos, por exemplo, o derramamento basáltico pelos Estados do Sul e mesmo Mato Grosso dando origem a saltos, gargantas apertadas em nossos rios, e por sua decomposição, a terra roxa, facilmente dissociável e originadora de lama e pó, poderemos apreciar a reação dessa simples ocorrência aos problemas militares a serem estudados: os passos formados pelos afloramentos, as margens abruptas dos rios, a inexistência de pedra para revestimento de estradas e a poeira ou a lama, etc., como dificuldades a serem sanadas.

Quando consideramos as regiões nordestinas, arenosas e carentes d'água, causticadas pelo sol e sujeitas a enxurradas violentas, onde as chuvas tão cobíquadas desperdiçam as suas águas pela ausência de matas que as retenham para uma alimentação metódica e paulatina, havemos que concluir sobre as condições de vida e equipamento de tropas que ali tenham de operar, em inteira discordância com aquilo que nos é dado observar no sul do país.

E se  
zônica  
o exag  
criou  
plácid  
"infer  
diem  
ferent  
cursos  
inexist  
lhadas  
que, o  
e seu  
serva  
bres  
quase  
vastid  
quent  
saúde  
ses fa  
um c  
divers  
Se  
econô  
cuária  
preju  
conve  
terra  
frees  
cultu  
as reg  
pastag  
cial e  
vidad  
A  
Indús  
termi  
prima  
ção, a  
sobre  
ções  
rem  
Foc  
solo e  
descr  
sões t  
movim  
tanho  
vias  
menor  
no v  
ment  
serva  
hatal  
reno  
as aç  
O  
apes  
no m  
reção

E se apreciarmos a região amazônica onde a vastidão da mata e o exagêro da quantidade d'água que criou o caudaloso Amazonas, em plácido deslize através do célebre "inferno verde", então ficamos diante de novos aspectos e de diferentes conclusões, já que os recursos são escassos, as rodovias inexistentes e mesmo desaconselhadas pela valentia da vegetação, que, ciosa de sua pujança, invade o seu leito, dificultando a sua conserva; os núcleos populosos pobres em realizações, distantes e quase sem ligação, perdem-se na vastidão do território; o clima quente e úmido e as condições de saúde dificultando a vida, todos esses fatores colocam-nos em face de um capítulo, por tôdas as razões, diverso dos já focalizados.

Se estudarmos o solo como fator econômico nas atividades agro-pecuárias, vamos encontrar elementos prejudiciais às operações que são convenientes à produção, como a terra roxa em relação ao café e as áreas baixas e alagadiças para a cultura de arroz. Determinam-se as regiões de culturas diversas e de pastagens, localizando-se o potencial econômico, nesse ramo de atividades.

A apreciação do solo quanto à indústria extrativa leva-nos à determinação das fontes de matérias-primas e de material de construção, sua localização e efeitos que sobre elas poderão causar operações de guerra porventura a serem realizadas.

Focalizemos agora o *relevo* do solo e, em traços largos, poderemos descrever o aspecto geral de diversas regiões planas ou levemente movimentadas, montuosas ou montanhosas, influndo no traçado das vias de transporte e em maior ou menor facilidade dos movimentos, no valor das etapas, nos deslocamentos através do campo, na observação, na escolha dos campos de batalha, nas organizações do terreno e nas linhas sucessivas para as ações táticas, etc.

O terreno ainda é, no presente, apesar dos progressos verificados no material, fator capital nas operações militares.

O relevo é de valor absoluto na Geografia Geral, pois que é considerado quanto à sua aparência e sua estrutura, porém, é de valor relativo na Geografia Militar pelo papel, posição, direção e aspecto que apresenta, no caso concreto considerado.

Se o terreno for plano, as manobras são fáceis como os deslocamentos, porém, a observação, o desenflamento, a segurança dos flancos, a defesa antiaérea vão exigir medidas especiais como emprêgo de camuflagem e de fumaça, restrições nos movimentos, etc., e esse equipamento e tropas especiais.

Se o terreno é movimentado, teremos que levar em conta a localização, direção e aspecto do relevo. Assim, poderá estar ele, no campo da luta, em posição *longitudinal*, no centro, como elemento disjuntivo, compartimentando o terreno ou numa extremidade, como apoio de ala; em posição *transversal*, como linha de defesa, base de fogos, massa cobridora, observatórios, etc.

Como decorrência das elevações, surgem os *vales*, com suas relatividades quanto à direção, declividade das encostas, largura, extensão, etc., influndo na manobra.

Assim: — o *desfiladeiro* é de grande importância como de passagem obrigatória e difícil, enquanto que favorável ao defensor;

— o *vale estreito e longo* é favorável à defensiva;

— o *vale amplo e pequeno*, apresenta condições contrárias às anteriores;

— o *vale espaçoso* será um desfiladeiro para grandes efetivos;

— o *estrangulamento*, no interior de um vale, é sempre acidente de grande valor militar;

— os *flancos* das elevações formadoras do vale têm importância variável, de acôrdo com o seu aspecto escarpado, pouco inclinado, etc.;

— o *vale longitudinal*, se paralelo à direção das operações, é mais favorável à defensiva, pois seus flancos permitirão uma manobra contra o atacante que per-

corre o seu fundo; se normal à direção das operações, servirá como linha de recada;

— os *vales transversais*, se são curtos, favorecem a ofensiva e, em geral, delas partem estradas e caminhos que galgam os colos, facilitando a progressão;

— os *vales paralelos*, no sentido transversal, obrigam o partido que está na defensiva, a barrar todos os colos por onde passam as estradas e caminhos, na incerteza de saber por onde o inimigo vai irromper; e levam o partido que estiver na ofensiva a realizar ações em vários pontos para eleger o ponto mais conveniente ao ataque;

— os *vales normais* a um vale longitudinal são desvantajosos para o partido que os ocupa, frente a outro que estiver reunido no vale longitudinal, porque este tem todos os seus meios concentrados e em condições de agir sobre as forças de cada um dos vales normais, isoladamente;

— os *vales paralelos* à direção das operações, facilitam o deslocamento de grandes massas, porém, dividem as forças; o desembocar na planície demanda cuidados, pois o adversário poderá agir sobre cada uma das colunas sem que os outros possam interferir; o atacante pode concentrar suas forças em um vale, enquanto o defensor tem que distribuir suas forças por todos os vales;

— os *vales convergentes* reduzem pouco a pouco as distâncias entre as colunas que se deslocam e permitem a sua reunião no final do movimento; as ligações laterais são difíceis e mesmo impossíveis, e a defesa colocada na convergência, poderá tirar partido da situação, como o desembocar na planície poderá ser dificultado, se o outro partido tomar posição na convergência dos vales, conservando separadas as colunas;

— os *vales divergentes*, aumentam a distância entre as colunas e a ação contra o seu desembocar será cada vez mais difícil, para o partido que estiver na planície, quanto mais afastadas forem as saídas; aquêle que desemboca pode orientar a maioria de suas forças

sobre o adversário dividido, sem que este possa, muitas vezes, reparar o desequilíbrio convenientemente.

As águas superficiais ou subterráneas influirão de modo diferente sobre as operações militares.

Os rios e lagos, canais e lagoas, apresentam maior ou menor valor em função de seu desenvolvimento e posição, extensão, largura, profundidade, volume e regime das águas e correnteza, aspecto das margens e das regiões circunvizinhas, condições de seu leito, etc., e poderão ser utilizadas como linha de defesa, obstáculo retardador, apoio de ala, elemento disjuntor e via de transporte.

Quando a linha d'água é paralela à direção das operações, pode estar localizada lateralmente ao campo de batalha e, nessas condições, constitui, de acordo com o seu valor, um apoio de ala para ambos os contendores, como também via de transporte utilizável pelas duas partes em luta.

Os vaus, em maior número, geralmente, à proporção que nos aproximarmos de sua cabeceira, são vantajosos para a sua transposição, enquanto que a jusante, quanto mais próximo da foz a largura, o volume d'água, a profundidade, etc., apresentam outras vantagens para quem tiver o domínio dessa parte do seu curso.

Se o curso d'água estiver em posição central, divide as operações que se desenvolverão em ambas as margens e é um elemento disjuntor nem sempre favorável ao conjunto das ações em curso.

Se a posição agora for perpendicular à direção das operações, poderá ser um obstáculo de real valor, se batido eficazmente pelas armas da defesa, ou um elemento entravador de movimentos que se tiverem de realizar, atravessando o seu corte obrigatório e nem sempre favorável.

A apreciação do curso d'água, sob os seus diversos aspectos, influirá sobremaneira no equipamento da tropa, na marcha das operações de combate, como nas previsões e no funcionamento do apoio logístico a ser prestado.

A água superficial, como a subterrânea, pode ser considerada como elemento destinado à alimentação da tropa, no estabelecimento de Pontos de Suprimento, a exigir maior ou menor tratamento, de acordo com as suas condições de potabilidade.

Pode se tornar, também, um obstáculo ou estorvo às ações militares, quando formarem alagados e lodaçais, de caráter permanente, obrigando o desvio de movimentos, a exclusão de áreas de estacionamento de organização do terreno.

A vegetação tem influência capital na economia da região, como elemento regulador do líquido depositado pois, em geral, retém 20 % das águas pluviais para sua distribuição parcimoniosa e metódica na alimentação de cursos d'água e mananciais. E, se lançarmos uma vista d'olhos pelo nosso vasto território, vemos a pobreza de vestimenta do Nordeste, acarretando sécas terríveis e devastadoras, região que na sua nudez permanente expõe a ossatura agressiva de suas elevações, à semelhança do maltrapilho a implorar a esmola bemfeita que muita vez, ao ser concedida, excede-se em quantidade e em violência e por isso mesmo não é vestida, porque em suas vestes estarrapadas não há bolsas para o armazenamento da preciosa dádiva celeste. A sua devastação, por efeito do consumo local, só poderá ser contida se a eletrificação correr em seu salvamento.

Já em outras regiões a exuberância vegetal chega a ser prejudicial, sob vários aspectos, à vida das populações, porque separa núcleos populosos, torna de umidade prejudicial o clima regional ou retém o progresso, impotente ainda para enfrentar a agressividade da natureza.

Se considerarmos a vegetação como vestimenta do solo, ligada a operações militares, poderemos concluir sobre proteção contra as vistas aéreas e terrestres, maior ou menor facilidade de penetração, visando o movimento em várias direções, isso implicando em equipamentos especiais para a sua pe-

netração ou para as medidas de camuflagem que a situação exigir.

Os agentes meteorológicos — chuva, neve, nevoeiro, vento, insolação, temperatura, pressão, umidade, etc., apreciados em seus aspectos vários e nas diversas épocas do ano, permitem a apreciação e determinação do clima e das estações e bem assim facultarão os estudos e conclusões sobre equipamentos individuais e coletivos, preservação da saúde, oportunidade de operações, épocas de incorporação e de manobras, dados balísticos, condições de vôo, etc.

Quantas vezes um simples nevoeiro prejudica uma operação combinada, como em certa oportunidade, entre a aviação e a infantaria brasileiras em Monte Castelo, ou a neve e as chuvas, tornando as estradas intransitáveis, impedem a chegada, em tempo útil, de reforços ou suprimentos para uma operação que se está montando ou desenvolve-se fiel a plano traçado.

A campanha da Itália exigiu equipamentos especiais para as tropas não afeitas à vida e ao combate na neve. E o nosso território, que apresenta a temperatura escaldante e úmida do norte, ou seca do nordeste e o frio desconcertante do sul, para aqueles que vivem no setentrão, apresenta campo vasto para os estudos conclusivos a respeito da ação dos agentes meteorológicos sobre o homem e na definição dos climas em que teremos de viver.

O Litoral deve ser apreciado como intermediário entre o mar e o solo firme e, como tal, estudado o aspecto físico da faixa costeira e a sua maior ou menor facilidade às ações de desembarque. A natureza das praias e existência de dunas, encostas escarpadas, lagunas, vegetação, caminhos, consistência da areia, enseadas, ancoradouros e portos, recifes e passagens obrigatórias, ilhas e rochedos que possam ter valor militar.

Não param aí os estudos, pois o solo submarino e a sua declividade, as profundidades em toda a sua extensão, a agitação das águas, as marés e as correntes marinhas

são consideradas no julgamento das maiores ou menores possibilidades de atracação de embarcações de vários tipos. Como complemento, podem ser estudadas as temperaturas em várias épocas do ano e a salinidade. O desembarque na Normândia foi precedido de longos e pormenorizados estudos sô-

bre os vários aspectos apresentados tanto pelo Canal da Mancha, como pelo litoral a ser abordado, de modo que a operação fôsse escoimada, ao máximo, das surpresas e dos contra-tempos que a ignorância dos agentes físicos pudesse acarretar.

### III

Prosseguindo com a apreciação do Aspecto Econômico, poderemos usar a representação gráfica como o processo mais simples e elucidativo da situação de cada Estado e mesmo do conjunto nacional, na determinação das Zonas Físioeconômicas, dos pontos de produção e do valor dessa produção, permitindo rápida conclusão sôbre a sua distribuição, por importância e por zona, dentro de cada Estado.

Localiza-se essa produção ao longo dos eixos de transporte, permitindo concluir-se sôbre a sua circulação mais ou menos conveniente em direção aos centros de consumo. E ainda, pela localização dessas fontes de produção, avaliar-se a influência que uma ação armada poderá ter no conjunto das atividades econômicas de uma região.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística nos faculta o conhecimento, em cada Estado, das Zonas Físioeconômicas e, com isso, poderá ser reproduzido, em escala conveniente, o mapa estadual com essa divisão territorial.

Dessa forma, cada produto será representado isoladamente em seu mapa, onde, por cores ou convenção gráfica, as zonas, em número de 4 ou 5, serão assinaladas na ordem decrescente do valor da produção anual que os dados estatísticos nos fornecem. Em legenda, poderá constar, em dados reais, o valor dessa produção.

Dessa maneira, com alguns mapas representando as produções mais significativas de cada Estado, poderemos ter uma noção do conjunto do valor econômico da região considerada.

Em apreciação à parte, será completado o estudo com outros es-

clarecimentos necessários ao julgamento em questão.

Vejamos o caso da *Produção Extrativa*; enquanto o mapa nos diz sôbre a espécie, locais e zonas de produção e as quantidades anuais por Zonas Físioeconômicas, uma descrição sucinta esclarecerá sôbre processos de extração, rendimento normal, transporte utilizado para que os produtos atinjam os seus destinos, etc.

Se considerarmos a *Produção Agro-Pecuária*, os mapas vão esclarecer sôbre a espécie e zonas de produção e as quantidades anuais por Zonas Físioeconômicas e, se forem rebanhos, as zonas de criação e a sua distribuição, por espécie e número de cabeças.

A parte, poderão ser encaradas as épocas de colheita, a capacidade local de armazenamento, as condições dos transportes e os destinos da produção e, quanto ao gado, as regiões de pastagens e aguadas e a sua distribuição, com relação aos frigoríficos para industrialização da carne, xarqueadas, cortumes, etc.

A *Produção Industrial* poderá ser igualmente representada ou pela sua espécie e quantidade ou pela sua espécie e valor e à parte serão estudados o destino da produção e os meios de transporte, bem assim a energia ou combustível empregado, a matéria-prima e sua procedência.

O estudo dos *Transportes* consistirá na representação gráfica das vias de transporte quanto à sua natureza, traçado, revestimento, extensão e obras darte, e se aéreas ou aquáticas, a rede de campos de pouso e portos em atividade.

A capacidade de tráfego das ferrovias ou rodovias e de carga e descarga de portos, por exemplo,

limitará as possibilidades de apóio logístico a qualquer tropa e pesará drasticamente nos planejamentos; a vulnerabilidade de pontos sensíveis imporá medidas de segurança e exigirá outros, de previsão, para sua reparação, em caso de inutilização parcial ou total; as condições técnicas de pistas de pouso e infra-estrutura limitarão a eficiência dos transportes aéreos e tôdas essas circunstâncias serão julgadas em caráter objetivo e com uma finalidade definida, no conjunto do planejamento a ser executado.

As Comunicações podem ter também, e com maior vantagem, a sua representação gráfica e separadamente, pela sua natureza; o traçado e a conexão entre as várias rêdes, mesmo de companhias diversas, devem figurar no esboço, para fácil e nítida percepção de uma falha a ser consignada, quando menos não seja, na oportunidade exigida.

No terreno das ligações rádio, o gráfico é também simples e elucidativo, inclusive na representação da rêde de amadores que deverá ser conhecida quanto à localização das estações e às suas possibilidades.

Os dados técnicos, a cargo dos diversos Serviços, sômente interessam a quem tiver de fazer planejamentos objetivos e escapam ao estudo de Geografia Militar, em seu caráter genérico e isso tanto se verifica nas Comunicações como nos Transportes.

A quem vai apreciar os vários fatores que influem nas conclusões da Geografia Militar, apenas interessam os dados finais que permitiram avaliar as possibilidades nesse ou naquele ramo de atividade e não os que servirão de base aos estudos dos órgãos técnicos especializados.

No ramo comercial, as considerações sôbre exportação implicam em conhecer os produtos principais, as suas fontes de origem, os meios de transporte até os portos de saída e os destinos ou a circulação, por vias interiores, com seus meios de transporte e destinos.

Dessa forma, ter-se-á a noção do comércio interestadual e interna-

cional, assim como as possibilidades de sua conservação em caso de conflito armado, continental ou extra-continental. Pela capacidade dos transportes e dos portos, poder-se-á avaliar a sobrecarga a ser imposta a outro pôrto ou a uma via de transporte, pela impossibilidade de utilização do pôrto ou da via de transporte normalmente utilizada.

O Nordeste, por efeito dos submarinos do Eixo, sofreu atrozmente com a perturbação de seu comércio de cabotagem e internacional, durante a última guerra.

Isso levou os congressistas a prescreverem, em destaque, na Constituição, a ligação terrestre com o centro do país, para prevenir acontecimentos futuros.

A importação está no mesmo caso que a exportação, havendo necessidade de se considerar os produtos principais, sua procedência e volume, portos de entrada, meios de transporte e circulação até os centros de consumo.

É mais difícil o conhecimento do comércio interestadual, porque muita coisa escapa ao controle das barreiras, em cada Estado, mas o serviço tem sofrido evoluções sucessivas, de modo que já é possível ter-se uma série de dados que possam elucidar o assunto.

Até bem pouco não se levava muito em conta o consumo das populações, em caso de luta armada, tanto interna como externa, colocando-se em plano secundário a vida civil. Hoje, o conceito de guerra total em que as nações se empenham e o fator moral que alicerça a ação militar levam os planejamentos a se preocuparem com a massa humana que direta ou indiretamente colabora no esforço de guerra. Daí não se poder descurar do suprimento nacional para atender a forças em operações e a populações espalhadas pelo território.

O conhecimento do consumo médio "per capita", das fontes e quantidades de produção, do decréscimo dessa produção por efeito da luta ou os acréscimos decorrentes da mobilização econômica, da circulação entre a origem e as regiões de consumo são condições indispen-



sáveis a quem prevê o futuro e cobre-se contra improvisações e contratempos prejudiciais à Nação.

Esse consumo abrange os produtos agro-pecuários, e a indústria, combustíveis e lubrificantes, energia, matérias-primas, etc.

A apreciação do Aspecto Humano quanto à situação Demográfica leva-nos a concluir sobre a distribuição favorável ou não da população pelo território no que tange à economia nacional, às vantagens ou desvantagens da mobilização, aos efeitos de uma ação militar terrestre, aérea ou naval e às condições sociais de vida em coletividade.

A separação por sexos e idades permite a avaliação de potencial humano disponível para o serviço militar, tanto nas forças de combate, como em outras atividades e a determinação de porcentagens dentro das quais serão realizados os planejamentos.

A comparação entre o número de homens e mulheres, nas diversas idades, possibilitará a avaliação do equilíbrio social na formação de núcleos familiares e conseqüente progressão ou regressão quantitativa da população nacional, assim como na determinação do contingente de mulheres que poderá prestar serviços diversos em substituição a homens em idade militar.

A apreciação das nacionalidades e a colocação de núcleos alienígenas no seio da massa humana do país permitirão concluir da eugeniação da raça pela absorção de elementos imigratórios periodicamente chegados de várias procedências.

E das idéias políticas de origem, do procedimento e da distribuição desses núcleos poder-se-á concluir da sua influência regional e dos efeitos que esses fatores possam trazer à segurança interna.

É capital, para a organização de unidades de combate e para o desenvolvimento econômico, em geral, o conhecimento tanto mais detalhado quanto possível, do contingente especializado nos diversos ramos de atividade, pois a especialização marca uma nova época, tanto nas ações militares quanto na vida normal das nações.

O progresso humano, proporcionando condições de vida mais favoráveis, leva-nos a organizações várias de assistência social que aprimoram a educação, despertam sentimentos novos, congregam os elementos e levam o homem a uma realidade mais útil e mais tolerante para com o seu semelhante.

E o maior ou menor desenvolvimento dessa assistência, tanto no seu aspecto de urbanização como sanitário, cultural, de apoio material e de segurança da coletividade, definem o nível educacional de um povo e as suas possibilidades no campo das realizações humanas.

Parece a muita gente que o militar, se se dedica aos vários assuntos abordados pela Geografia Militar, o faz por simples dilettantismo, e com isso desvia a sua atenção das atividades profissionais e perde tempo, fora do ramo que escolheu para a sua prestação de serviços à sua classe e ao país que o sustenta e dele precisa para sua guarda e defesa.

Mas considerando-se o exposto linhas atrás, sentimos que, nos escalão direção, pelo menos, há necessidade e mesmo constitui imposição indeclinável, o estudo dos problemas que, pouco ventilados ou mesmo ignorados, põem as Forças Armadas em inferioridade marcante face aos diversos órgãos responsáveis pela defesa nacional.

O desconhecimento dos diversos fatores que influem nas preparações e oportuna execução das medidas inerentes à defesa do país, em caso de conflito armado, constitui crime de lesa-pátria e aos militares cabe, em primeira mão, focalizá-los e abordá-los sem destemor, provocando a ação dos técnicos e especializados em seus estudos de modo que, da sua apreciação, surjam providências indispensáveis à sobrevivência da nação.

Olhemos com interesse os problemas físicos, econômicos e humanos com os quais toparamos diariamente e assim estaremos concorrendo eficientemente para a solução das múltiplas questões a cargo dos órgãos militares responsáveis pela Segurança Nacional.

# SAN MARTIN, CIDADÃO DA AMERICA

Palestra realizada no Quartel do 2º R.O.-105  
— Regimento Deodoro (Ita), pelo Capitão  
SEIDL VIDAL

## INTROITO

Companheiros do Regimento Deodoro! Estamos reunidos, hoje, para nos associarmos às homenagens prestadas a um general argentino, na data do centenário de sua morte. Cumprindo determinação do Comando, em Boletim de anteontem, devemos realizar uma palestra. Não vamos, entretanto, descrever aos senhores a história de um general. Não! Vamos tentar contar-lhes a vida de um homem.

De que nos vale todavia conhecê-la? O que representa para nós outros a vida de um homem?

Disse, certa vez, um filósofo, que a História do Homem é a História do Desconhecido. Se supuséssemos uma pilha de livros do tamanho do maior edifício do Mundo, o primeiro livro seria o da História Contemporânea; a meia dúzia seguinte abrangeeria as épocas moderna, mediável, e antiga; a dezena em seguida perlustraria a vida do homem na época da pedra e da argila e o restante da imensa pilha seriam livros em branco...

Diante d'êste incomensurável Tempo, iluminar a vida de um homem é semelhante a obscurecer o sol com um sêlo...

Mas há vidas que renascem a cada dia. O Mundo cristão orienta-se pela doutrina de Jesus, um simples carpinteiro que nasceu há dois milênios e foi homem como todos nós. Brahma, Buda, Confúcio e Mahomet deixaram máximas que, atravessando os séculos, têm orientado os povos asiáticos. Isto só para falar naqueles de influência puramente espiritual.

San Martin, o general argentino que homenageamos, o Santo da Espada, é uma figura tutelar da América. Sua vida, digna e laboriosa, verdadeiramente espartana, é, para nós, exemplo e advertência para os dias difíceis que o povo americano tem diante de si.

Vale a pena, portanto, conhecer esta vida, pois seremos todos recompensados pelos minutos de atenção e boa vontade dedicados às despreziosas palavras d'êste conferencista.

Orientaremos a nossa descrição pelas três fases que assinalam a vida de todo individuo, procurando, nelas, o cunho próprio que as caracteriza:

Na *mocidade* — a grande "iniciação", que lhe exige um aprendizado prático, áspero e duro, porém cheio de ensinamentos.

Na *maturidade* — em a qual se distinguem suas brilhantes realizações e o vislumbre do poder e da glória.

Na *velhice* — quando lhe é exigido um preço demasiado alto para as virtudes de herói, obrigando-o à renúncia e para o seu sacrificio e amor pela pátria...

## A PATRIA INDIGENA

O povoado de Yapeyú ficava quase na fronteira do Império Lusitano, as terras brasileiras. Pertenceu ao território das Missões, onde os jesuítas fundaram famosas "Reduções de índios". Serviu de berço a José Francisco de San Martin y Matorras, filho do Capitão Don Juan de San Martin, encarregado do governo da província,

espanhol de nascimento e sua esposa, espanhola da sociedade buenairense.

Por força do destino, este pequeno povoado, algum tempo depois incendiado numa invasão bandeirante, tem o nome de Yapeyú, que, em guarani, a língua nativa, quer dizer: "O fruto chegado a seu tempo"...

#### O APRENDIZADO MILITAR

Com sete anos, José segue, com os pais, para a Espanha e realiza os estudos primários no Seminário dos Nobres, em Madri. Mas o país, com o soldo que ganha e cinco filhos, não pode prosseguir com maiores despesas de educação do caçula. E o menino "indio", aos onze anos, é admitido como cadete no Regimento de Múrcia, a fim de seguir a carreira das armas.

Aos 13, está na África dos mouros, onde suporta 37 horas de fogo ininterrupto com a tropa sitiada. Aos 17, em Rosellon, na França, ganha duas promoções por bravura: Subtenente e Tenente. Aos 20, é feito prisioneiro dos ingleses, quando, a bordo do "Sta. Dorotéia", conhece as tristezas da derrota. Em 1801 e 1807, luta, em Portugal, pelas armas espanholas. A sua bravura põe, a serviço da Espanha, contra a invasão napoleônica. Na Guerra da Independência espanhola, contra os franceses, é promovido a Capitão, por ações em combate. Aos 30 anos, em Bailen, na derrota do Exército de Napoleão, é condecorado e promovido a Tenente-Coronel. Em 1811, em Albuera, e ferido por um sabre francês.

Fôra rápida e brilhante a carreira militar do valente "crioulo", mas ainda estavam para se realizar os bravos feitos que o imortalizariam na memória dos povos americanos.

#### OS IDEAIS DE LIBERDADE

Desde os fins do Século XVII que a burguesia latino-americana insistia em mandar estudar, nas Metrópoles (Portugal e Espanha), os filhos "crioulos".

O estado revolucionário da Europa dava oportunidade de acender, nestes jovens, os ideais de liberdade. Sociedades secretas, como a maçonaria, fundavam centros de irradiação de idéias libertadoras e republicanas que exalçavam os direitos inalienáveis do homem. Foi neste mesmo cadinho de idéias que se forjaram José Bonifácio, Gonçalves Ledo, Clemente Pereira, Januário da Cunha Barbosa, entre os brasileiros e Miranda, Bolívar, O'Higgins e San Martín, dentre os castelhanos.

Em 1808, San Martín, em Cadix, assiste a uma dessas reuniões secretas. É o fogo no rastilho da pólvora da saudade da pátria e a explosão dos sentimentos cívicos pela terra de Yapeyú!

San Martín é, então, Coronel do Exército Espanhol, com o futuro garantido. A tudo resigna. Foge da Espanha, com passaporte falso e, auxiliado por amigos dos movimentos "subterrâneos", dirige-se para a Inglaterra. Ai, conspirando secretamente com outros patriotas, sonha com a Pátria independente.

#### O THEATRO SUL-AMERICANO

Depois das grandes descobertas, Portugal e Espanha dão expansão aos seus interesses coloniais.

Portugal, comprimindo o meridiano das Tordesilhas, invade a costa Leste sul-americana. A Espanha lança-se em tarefas audazes. No Prata, limita a expansão portuguesa, ao Sul, e no Pacifico explora as civilizações incásicas com seus imensos tesouros. Deste conflito de penetrações e interesses e da miscigenação de raças, surge finalmente a delimitação política da América Latina, com seus quatro grandes Vice-Reinados: do Brasil, de Nova-Granada, do Peru e do Prata.

Em 1810, em consequência dos efeitos da política da Metrópole, deflagraram-se movimentos rebeldes na América Colonial Espanhola em Bogotá, Quito, Buenos Aires e Santiago são depostos os vice-reis e seus correligionários. Juntas rebeldes tomam o poder, em nome do soberano legítimo da Espanha, Fer-



nando VII — não apresentado, portanto, indícios de idéias nativistas de liberdade.

#### O CAVALEIRO DA AMERICA

Em março de 1812, San Martín aporta a Buenos Aires, viajando na fragata inglesa "Canning" em companhia de amigos, entre eles Carlos Alvear, que vai ter papel saliente na Independência argentina.

Depois das primeiras suspeitas dos patriotas, San Martín é reconhecido no posto de Tenente-Coronel e recebe autorização para organizar o Regimento de Granadeiros a Cavallo. O valente Coronel dispensa meio soldo e põe mãos à obra.

Instala o quartel dos granadeiros e estabelece, cedo, severo código de disciplina, honra e bravura, cer-

to de que "o soldado se forma nos quartéis e não nas batalhas"...

Em 1813, entra em ação, pela primeira vez, em solo americano. Os espanhóis sobem o Rio Paraná com onze embarcações, em direção a Rosário, para cortar o comércio com o Paraguai e tentar, num desembarque, ameaçar Buenos Aires. À frente de cento e vinte de seus granadeiros a cavalo parte San Martín. Encontra o inimigo desembarcando em frente aos barrancos de San Lorenzo, com tropa superior em número e armas. Mas não se detém. À testa de seus cavaleiros, ataca o inimigo. A primeira descarga tem o seu cavalo morto e, ele próprio ferido a sabre, escapa à morte pelo denodo de dois subordinados — sendo, um, com o sacrifício da própria vida!

Os espanhóis abandonam a luta, deixando quarenta mortos. San Martín aí mesmo redige a sua parte de combate, exaltando a bravura de seus subordinados, sem falar nêle próprio.

#### EM BUENOS AIRES

San Martín é um predestinado. Sente que precisa transfundir a mística da liberdade. Por isso, funda, em Buenos Aires, o movimento secreto de emancipação da Pátria.

Na Loja de Lautaro confabulam os grandes patriotas da nação nascente e irradiam esperanças por toda a América.

No encadeamento das ações secretas, San Martín penetra na sociedade de Buenos Aires, onde vem a conhecer a sua futura esposa, uma jovem de apenas quinze anos.

No afã de suas obrigações militares, casa-se com a senhorita D. Maria de los Remedios, por procuração, uma vez que está afastado da capital, no Comando do Exército do Norte.

#### NA FRENTEIRA DO NORTE

Os argentinos, vitoriosos em duas grandes batalhas com os espanhóis, no Norte, vinham de ser fragorosamente derrotados pelos realistas em Vilcapugio e Ayohuma, pondo em perigo a liberdade conquistada.

San Martín encontra o Exército totalmente desorganizado — disciplina deficiente, armamento obsoleto, oficiais incompetentes, moral abatida.

Inicia ampla reorganização militar, dando, êle próprio, o exemplo. Ministra assíduas instruções sobre o emprêgo da Cavalaria e Infantaria, segundo as recentes doutrinas européas. Concentra todas as tropas num campo entrincheirado, nos arredores de Tucuman, dentro do seu princípio de que "é nos quartéis que se formam os soldados".

Por fim, examinando o inimigo na fronteira, superior em número e armas, desencadeta terrível luta de guerrilhas, onde os seus esfarapados gaúchos mostram-se invencíveis. Os espanhóis param;

não logram mais prosseguir — a revolução para a liberdade está de novo protegida...

Nesta ocasião, recusa a promoção a Major-General, reafirmando o seu desprendimento pelas glórias do poder.

#### A DOENÇA

Quase um ano permanece San Martín organizando e lutando com o Exército do Norte. Em 1814 sobrevém-lhe grave doença. Com trinta e seis anos de idade, após duras jornadas, desde os onze anos por mares, montanhas e pampas, alquebra-se-lhe a saúde. O imenso carvalho queda-se aos golpes da mão fragil do destino. As crises de vômitos de sangue apressam-lhe a saída reservada do Comando, mesmo antes de chegar o substituto.

Acreditou-se que San Martín era tísico (doença que seria fatal à sua mulher, nove anos mais tarde), porém as duras peregrinações do herói, depois disto, e a sua vida sexagenária não confirmam estas suspeitas.

O fato é que era, na ocasião, homem doente, reumático, sofrendo de terrível asma, com dispêpsia crônica — males que, então, aplicava com o abuso do ópio.

Como todos os grandes heróis, San Martín não se intimida às amarguras da carne "a fim de transcender-se pela dor e atingir as mais altas luzes espirituais", como nos diz seu biógrafo Rojas.

O seu retiro em sítio de terras férmas, vizinhas de Córdoba, longe do lar e da esposa, amargurando o mal que o quer extinguir, é um mistério. Os amigos escrevem-lhe e solicitam que se trate em melhor pouso. San Martín permanece. Vive do seu sonho... Nas profundezas do seu espírito, repete em solilóquio: "Serás o que tens que ser, ou não és nada..."

O seu destino é heróico e caprichoso. Atravesar os Andes, cavalgando mula, derrotar os "godos", entrar triunfante em Lima, quebrar os grilhões que manietam o povo de três nações e abdicar as glórias e os lauréis!

Ele perdoará os seus inimigos; a sua agonia, deve arrastar por mais quarenta anos, para morrer no destêrro, e só então, ressuscitar na América sob o pálio deslumbrante da Liberdade das nações americanas!

#### NA "ILHA" CUIANA

Estamos vivendo os fins do ano de 1814, quando San Martín é nomeado para governador da província de Cuyo, hoje Mendoza, na fronteira chilena. Estava ganhando mais um elo para a corrente de realizações de seu plano magistral.

Isola-se na sua província, pobre e sem comunicações, chamando-a "minha ilha cuiana".

Depois de tantas vicissitudes da guerra, a esposa jovem reúne-se a ele. Dona Remédios é, também, uma continuadora da obra do marido e, cuidando do lar, não perde ocasião de encabeçar o movimento patriótico das senhoras cuianas.

San Martín é agora administrador incansável e chefe militar. Dois anos leva a preparar o seu famoso Exército dos Andes, tirando tudo de onde não existe nada...

San Martín vê nascer a sua única filha. E pensa na próxima velhice. Pede a concessão de um sítio ao Governo, onde possa lavar e cultivar a terra, no fim da vida. As terras solicitadas valem apenas duzentos pesos, mas não os tem, pois ainda recebe pela metade o soldo de general...

As vésperas de grande feitos, sonha com uma pequena herdade, na sua "ilha cuiana", no âmago da Pátria...

#### O QUADRO AMERICANO

Más notícias chegam-lhe sucessivamente para a consecução do seu audacioso plano. No Chile, os patriotas foram batidos e fogem desastrosamente dos realistas, sendo acolhidos por San Martín. Na Europa, Napoleão vê desmoronar-se seu grande império. O rei espanhol Fernando VII está no apogeu e resolve mandar tropas metropolitanas para a América. Competen-

tes Generais espanhóis comandam êsse contingentes.

As últimas fagulhas de emancipação política estão sendo apagadas, desde a Colômbia até o Chile.

A situação interna nas Províncias Unidas também é ruim. A ambição envolve os patriotas e os governos não se mantêm.

San Martín entrevista-se, em Tucuman, com o novo "El Supremo Diretor" — Puyredon — e recebe a promessa do necessário auxílio para o seu temerário e patriótico intento, após dois anos de angústias. "Medita, na sua solidão, sobre esta terra americana que está começando a conhecer e que há de ser o teatro de sua façanha".

#### A LIBERTAÇÃO DO CHILE

Em 1817, San Martín dá início ao seu grande plano. Para distrair os espanhóis, adota o sistema das guerrilhas ao Norte e pede permissão ao Chefe dos índios araucanos, ao Sul, para atravessar o seu território.

Os espanhóis dispersam as forças.

O Exército dos Andes realiza a grande marcha, Escala os Andes, Penetra no Chile e ganha os lauréis da vitória em Chacabuco.

O Higgins, chefe patriota chileno, acompanha San Martín e abre as portas da capital ao Glorioso Exército.

Os patriotas oferecem a San Martín o supremo mando. Mas ele resigna sua missão ainda não está completa. Precisa vencer os espanhóis no seu ponto mais forte: o Peru. E sabe que não pode fazê-lo atacando-os nos contrafortes andinos da fronteira argentina. Deve fazê-lo pelo mar.

Porém a vitória de Chacabuco não é completa. Os espanhóis revidam o golpe sofrido. Invadem o Chile, retornando do Peru, comandados pelo general espanhol Osório. A defesa patriota sofre dois rudes golpes. O exército libertador parecia derrotado. Mas San Martín não se intimida, nem mesmo diante de reverses militares. Reagrupa seu famoso exército e trava com Osório a batalha de Maipú,

conquistando para sempre a independência do Chile.

#### A INDEPENDÊNCIA DO PERU

O'Higgins é agora proclamado Diretor Supremo do país e vai cooperar ativamente no plano de San Martín, organizando a esquadra que o transportará a Lima.

Para este fim, contrata Lord Cochrane, afastado da marinha britânica por indecorosas especulações financeiras. É um bravo e competente marujo, que depois teve atuação ativa na independência e nas lutas internas e externas do Brasil.

Cochrane, com quatro navios apenas, faz a esquadra espanhola recolher-se a Callão.

Em agosto de 1820, zarpa a expedição de Valparaíso, com cerca de 4.500 homens, e desembarca na Baía de Caracas, próximo a Lima.

O general espanhol Pezuela deseja negociar com San Martín. Este acede. Ao armistício seguem-se as negociações que não chegam a bom termo.

O pequeno exército de San Martín faz acender a chama da liberdade em todos os patriotas peruanos.

Em outubro de 1820, reiniciam-se as operações militares, em combinação com as ações de Cochrane no mar. As vitórias de San Martín e o clamor público fazem os espanhóis temerem a perda do Vice-Reino. Abandonam Lima. As vitórias dos granadeiros sanmartinenses em Bamba e Pechincha abrem a entrada de Quito para Bolívar, o libertador do Norte.

Solenemente, é declarado independente o Peru e o General San Martín aclamado "Protetor".

#### O ENCONTRO COM BOLIVAR

Bolívar e San Martín eram, ambos, grandes generais, mas com propósitos diversos...

Bolívar, de instrução aprimorada, visava o futuro, tinha projetos políticos, ambição de glória, mando, poder.

San Martín, soldado desde a infância, só pretendia ver as ope-

rações militares e a vitória da independência dos povos americanos.

É assim que se encontram os dois grandes homens, em cujas mãos concentram a maior resistência que a América Espanhola deu a seus dominadores.

São temperamentos contrários. Bolívar, que já anexou o Equador livre à sua Grande Colômbia, faz coroar San Martín com uma coroa de louros, forjada em ouro.

— Eu não mereço esta demonstração. Outros há mais dignos dela, diz o velho soldado, retirando o ouro que refulge sobre sua cabeça.

Os dois chefes conferenciam secretamente.

Ninguém assistiu a estas conversações. É segredo sobre o qual só se faz luz por uma carta de San Martín a Bolívar. Os historiadores exploram em campos opostos o seu real sentido.

Terminada a última conferência, Bolívar oferece um banquete a San Martín, em que o brinda da forma seguinte:

— Pelos dois maiores homens da América do Sul: o General San Martín e eu!

Ao que responde o argentino, retribuindo o brinde:

— Pela rápida conclusão da guerra, pela organização das diferentes repúblicas do Continente e pela saúde do Libertador da Colômbia!

Dai partiu San Martín e desapareceu definitivamente do cenário político e militar.

O que nos esclarece a carta que enviou o valente herói a Bolívar é que, nos entendimentos havidos, pedia a este cooperação militar para a derrota dos 19.000 espanhóis de La Senra, ainda no Peru, submetendo-se, éle próprio, a aceitar o comando geral de Bolívar.

O Libertador não acedeu ao pedido, formulando desculpas não muito convincentes e parecendo pretender prolongar a guerra e a libertação, ou, talvez, terminá-la sozinho...

## EXÍLIO E RENÚNCIA

Depois daquelas memoráveis conferências, San Martín a tudo resigna. Em 1823, parte de Lima para o Chile. Em 1824, está na sua "ilha" de Cuyo, sonhando talvez com o seu sítio para a velhice.

Mas os seus compatriotas tramam contra ele e pretendem descobrir no seu silêncio o inefável fastígio a que pode atingir um sem pátria... San Martín foge de tudo isto. Procura, na Europa, em companhia da filha única, o aconchego para suas reminiscências.

Mas seu coração não pode esquecer a infância em Yapeyú. Em 1829, sem recursos para a vida normal em terras europeias, pretende regressar a Pátria para oferecer seus serviços na guerra contra o Brasil.

Viaja incógnito com o nome suposto de José Matorras. Em Buenos Aires serve apenas de motivo de chacota para os jornais cidadãos. Volta logo ao Velho Continente.

## O FIM DA VIDA

Eis aqui a effigie de um bravo guerreiro, amante da Liberdade, intrépido cavaleiro, digno de corpo e alma. Está velho e alquebrado, quando passou lustros seguidos envergando túnicas luzidias cobertas de medalhas. É San Martín, o Libertador de três pátrias!

Este homem encarna o tipo do homem público "incapaz de subordinar os interesses comuns aos seus próprios; incapaz de impor aos seus impulsos em oposição às realidades nacionais". É o Santo da Espada, o santo político e guerreiro, "capaz de despojar-se, de sacrificar-se, de não se julgar indispensável à vida dos países que fundou e libertou".

Este espírito de renúncia que o fez retirar-se de ação pública na hora propícia é o que faz San Martín diferente de outros grandes cidadãos americanos.

A morte o encontra a 17 de agosto de 1850, cujo centenário hoje comemoramos, em Boulogne-Sur-Mer, na França, em companhia

da filha, cego, doente e amargurado.

Hoje revive nos magníficos bronzes equestres, em quase todos os países sul-americanos e continua a ensinar ao Mundo, aos homens, às nações da América, o verdadeiro sentido da Liberdade e da Fraternidade humanas.



SAN MARTÍN.

Viva o General San Martín, argentino de nascimento, americano de coração!

## BIBLIOGRAFIA

Ricardo Rosas:

O Santo da Espada (San Martín) — Tradução de Lauro Escorel — Ministério das Relações Exteriores — Rio — 1948.

David R. Moore:

História de la América Latina — Tradução de Najmen Grinfeld — Editorial Poseidón — Buenos Aires — 1945.

Carlos A. Vilanueva:

Resumen de la Historia General de América — Casa Editorial Garnier Hermanos — Paris.

Airton Salgueiro de Freitas:

As repúblicas hispano-americanas — Biblioteca Militar — Rio — 1945.



# PATTON

Cap. TACITO THROPHILO

Dentre os mais populares Generais da II Grande Guerra, que ocuparam lugar de destaque no noticiário da imprensa e se tornaram famosos por seus feitos espetaculares, destacam-se: Rommel, Montgomery, Timoshenko e, ao lado destes, no mesmo plano, Patton.

O grande soldado americano, veterano de duas Grandes Guerras e pioneiro da Arma Blindada, na sua pátria, enfeixou suas experiências e observações da recente luta na Europa em "War As I Knew It", que nada mais é que um resumo do seu diário da campanha. A Sra. Patton, ao publicar o livro do falecido esposo, fez inserir algumas de suas cartas, para iniciar a narrativa das Campanhas da África e da Sicília.

A 8 de novembro de 1942, quando ocorreu a invasão do noroeste africano, o General Patton comandava as Forças Terrestres que desembarcaram em Port Lyautey, Fedhala e Safi. A surpresa foi total e, apesar da reação oposta pelos franceses, seis dias depois cessavam as hostilidades, justo quando Casablanca ia ser atacada.

"As 2.30 da madrugada fui despertado pelo Cel. Harkins, que me comunicou a chegada de um oficial francês, de Rabat, com uma ordem de rendição para a tropa de Casablanca. Surgiu, então, o problema de saber se eu deveria, ou não, suspender a ordem de ataque. Muitos oficiais opinaram pela suspensão. No entanto, esta solução não me agradava, pois, parecia-me que, se continuássemos a pressionar, forçaríamos os franceses a se renderem; ao passo que, se mostrássemos desejo de negociar, não se renderiam e, como sua superioridade

era de dois para um, haveria uma perda de tempo vital. Em consequência, mantive a ordem para o ataque. Quando, às 6.45, recebemos a oferta de rendição de Casablanca, passamos uns maus oito minutos, tentando comunicação com a Aeronáutica, que devia bombardear às 7.00, e, com a Marinha, que devia começar o canhoneio às 7.16. Faltava pouco mais de um minuto quando os aviões receberam a contra ordem."

Em março de 1943, depois do insucesso do Passo de Kasserine, Patton foi chamado para assumir o comando do II Corpo de Exército. A 6, apresentou-se a Eisenhower, dele recebendo ordens para substituir o Gen. F. e atacar a 14, segundo planos já aprovados. Vôou a Constantine, entendeu-se com Alexander e, às 9.00 do dia 7, chegou ao Q.G. do Corpo, encontrando a maioria dos oficiais ainda na cama.

"A situação era, evidentemente, muito séria. Três, das quatro Divisões, tinham sido duramente castigadas e sofriam de um complexo de inferioridade; a outra, quase não tinha experiência de combate. Não havia disciplina e cada membro do Estado-Maior dava ordens diretamente, a ponto de poder o G-3 determinar, a uma Divisão, o emprêgo de um Pelotão. No espaço de tempo compreendido entre a manhã de 7 e a noite de 13, falei pessoalmente a cada Batalhão das quatro Divisões e restabeleci a disciplina. Foi um trabalho muito difícil — penso que o mais difícil que já tive. Contudo, fomos felizes em assegurar uma completa vitória em nosso primeiro ataque a Gafsa, na manhã de 14. O su-

cesso obtido corrigiu todos os danos da falta de confiança e, a partir daí, o II Corpo combateu de maneira magnífica."

A 10 de julho de 1943, o Oitavo Exército, de Montgomery, e o Sétimo, de Patton, desembarcavam na Sicília. A ação pessoal do Comandante americano se fez sentir desde o início.

"A praia de desembarque estava sob o fogo inimigo, mas, a maioria dos projéteis, caía n'água, a uns 75 m, sem causar nenhum dano. Havia muita confusão e ninguém trabalhava. Andei por algum tempo, acima e abaixo, acompanhado por oficiais do meu Estado-Maior, e restabelecemos a confiança, particularmente quando deixamos de nos abrigar no momento em que os alemães voaram ao longo da praia, atacando-a."

Proseguindo na sua inspeção à cabeça de praia, Patton penetrou em Gela, batida intensamente pela artilharia e morteiros, e lá permaneceu observando o ataque dos italianos e a progressão de 12 carros de combate.

"Para encontrar o Gen. Allen, era necessário seguir por uma estrada entre esses carros e a 1ª Divisão. Foi, de certo modo, uma operação arriscada, já que tivemos de passar entre dois exércitos engajados (os alemães haviam lançado um contra-ataque com cerca de 60 carros). Não obstante, encontramos o General e acertamos os planos para a continuação do ataque na manhã seguinte."

Alguns dias depois, o General Alexander prescreveu, para segurança do flanco e retaguarda do Oitavo Exército, que os americanos tomassem a defensiva nas proximidades de Caltanissetta. Patton redigiu uma ordem de ataque envolvente sobre Palermo, por Agrigento. Vão à África, mostrou a ordem a Alexander e pediu permissão para executá-la. O inglês concordou, mas esclareceu que Agrigento não devia ser atacado, a menos que o fosse por um reconhecimento em força.

"Realizei, realmente, um reconhecimento em força, mas empre-

gando toda a tropa de que dispunha: a 3ª Divisão, parte da 82ª Aero-terrestre, dois Batalhões de Rangers e um Destacamento da 2ª Blindada. Tivesse eu fracassado e seria destituído do comando. Oito dias depois tomávamos Palermo."

A invasão da Europa, segundo a opinião de Patton, devia ter sido feita na região de Calais, pois,

"... mesmo que o desembarque tivesse sido mais dispendioso, o preço subsequente seria menor. Nas operações anfíbias deve-se desembarcar tão próximo do objetivo quanto possível. Calais estava mais próximo desse objetivo (o coração da Alemanha) do que Cherburgo."

Do Q. G. inicial do Terceiro Exército, no Continente, guardava seu Comandante uma lembrança desagradável.

"Estava obcecado pela crença de que a guerra terminaria antes que eu pudesse combater. Achava, também, que, pressionando fortemente o inimigo, poderíamos avançar rapidamente. Naquela ocasião acreditava, e ainda acredito, que duas divisões Blindadas, precedidas por uma concentração de artilharia pesada, apoiadas pela aviação e seguidas por duas Divisões de Infantaria, poderiam cortar a península, avançando diretamente sobre Avranches, sem precisar esperar por uma "blitz aérea."

Afinal, a 1 de agosto, o Terceiro Exército foi lançado na Bretanha, através dum estreito corredor entre Avranches e o mar.

"A passagem dos dois Corpos do Exército (VIII e XV), através de Avranches, era uma dessas coisas impossíveis, mais que foi feita. Sua realização se deve ao empenho, ao máximo, de veteranos oficiais de Estado-Maior e à participação ativa dos comandantes de Corpos e Divisões que, em certas ocasiões, dirigiram pessoalmente o tráfego. Era evidente que, se ocorresse um congestionamento, nossas perdas, principalmente em infantaria transportada, seriam terríveis; tive de dizer a mim mesmo:

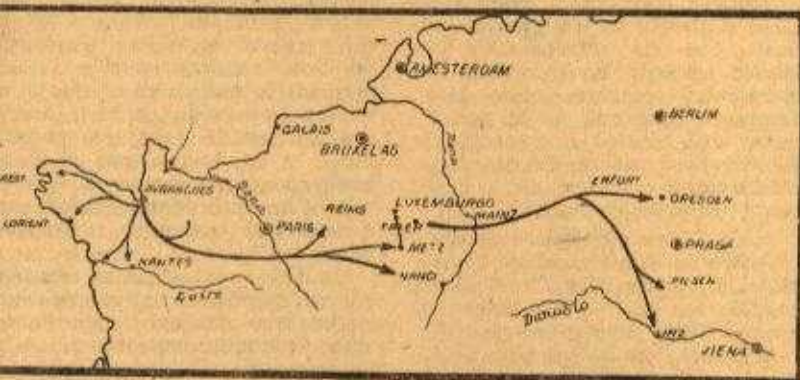
... não aceite conselho de suas apreensões."

Em duas semanas, o Terceiro Exército encurralou os alemães em oriente e Brest; em um mês, ultrapassou Paris; em 45 dias, atingiu o Mosela. A atividade e o espírito ofensivo do seu Comandante foram o móvel desse grande sucesso. Mesmo assim, as coisas não passavam, ainda, como ele desejava. Desde a travessia do Sena, reclamava uma certa prioridade para a sua tropa.

"Senti, naquela ocasião, que a maior oportunidade de vencer a guerra seria deixar o Terceiro Exército avançar com três Corpos, dois à frente e um atrás, para a linha Metz-Nancy-Epinal. Acredi-

Túnia, Sicília e finalmente da França, tínhamos sempre sido postos de lado. No entanto, fui otimista e me lembrei que, em toda minha vida, cada vez que sofria um dissabor, era por que algo de melhor estava para acontecer. E, realmente, aconteceu, embora, naquela ocasião, não pudesse adivinhá-lo."

Para o Gen. Patton, defensiva queria dizer, apenas, diminuição de ritmo. Durante 43 dias as operações se desenrolaram morosamente; além das ordens, o mau tempo. Enquanto a munição e a gasolina iam sendo estocadas e os repletamentos se processando, a tropa ia estabelecendo cabeças de ponte sobre o Mosela. Chegou,



... e ainda acredito, que, fazendo isso, poderíamos ter atravessado a fronteira da Alemanha em 10 dias. Estradas de rodagem e de ferro são capazes de permitir o apoio necessário."

Mas, a rapidez do avanço aliado ultrapassara a possibilidade de alimentá-lo. A 23 de setembro, Bradley comunicava a decisão do Alto Comando: assumir uma atitude defensiva, devido à escassez de suprimentos.

"Este foi um dos piores dias da minha carreira militar... Quando me dei minhas máguas ao Gen. Gay, exclamou — É este o preço da glória? — querendo dizer que, depois das vitórias de Marrocos,

afinal, o momento de retomar a ofensiva, cujo objetivo era romper a linha Siegfried e estabelecer uma cabeça de ponte sobre o Reno. Patton não escondia seu contentamento, por ter sido dada ao Terceiro a "honra de atacar sozinho". Marcou o dia 8 de novembro, às 4.30 da manhã, para o seu início. Na véspera, às 20.00, um Comandante de Corpo e outro de Divisão procuraram-no para ponderar sobre a possibilidade de adiar a operação, devido ao mau tempo reinante:

"A suspensão de um ataque tem um efeito pernicioso sobre a tropa e, àquela hora, era quase impossível fazê-lo, devido à dificuldade

de comunicações. Em consequência, perguntei aos dois oficiais quem eles recomendavam para substituí-los nas suas respectivas unidades por que, frisel, estava disposto a ir fazendo quantas substituições fossem necessárias até encontrar alguém que conduzisse o ataque. Responderam-me que se eu pensava assim, atacariam. A despeito das péssimas condições do tempo, o ataque foi coroado de sucesso. Naturalmente que os comandantes de Corpos e Divisões se cansam mais e estão mais expostos ao perigo do que o Comandante do Exército, o qual tem, por isto mesmo, o dever de impulsionar seus oficiais, quando a fadiga começa a solapar suas energias."

Apesar das grandes dificuldades, a ofensiva conduziu à captura de Metz e atingiu as margens do rio Saar, que foi ultrapassado em muitos trechos. Há passagens interessantes ocorridas nesta fase. Julgava Patton que, se lhe não tivesse sido negado o emprêgo da 83ª DI para atacar Saarburgo, a cidade teria sido tomada e Trier, provavelmente, capturada.

"Com Trier em nossas mãos, a ofensiva de Von Rundstedt não teria sido lançada. Esta foi mais um ocasião em que — por causa de uma unha se perdeu um pé."

E quando, durante o ataque, um General comunicou que sua disponibilidade em munição de artilharia era de 9.000 tiros, Patton respondeu-lhe que gastasse 20.000.

"Eu perderia mais homens com 9.000 tiros, durante três dias, do que disparando 20.000 em um só dia."

O tempo piorava. O terreno encharcado e a lama dificultavam as operações. Patton apelou para o Capelão...

"O tempo estava tão mal que determinei a todos os Capelães do Exército que orassem pedindo tempo seco. Publiquei, também, uma prece com as felicitações de Natal, no verso, e a enviei para todos os membros do comando. A prece era suplicando bom tempo para o combate."

"no dia seguinte, e por mais seis outros, o sol brilhou. O General exultou; recebeu o Capelão com um largo sorriso, dizendo-lhe: "o Sr. é o homem mais popular neste Q.G. e muito querido de Deus e dos soldados"... e o condecorou com a "Bronze Star".

A 16 de dezembro, chegou ao Terceiro Exército a primeira notícia do contra-ataque alemão, nas Ardenhas. A 18, realizou-se a conferência de Verdun, na qual ficou assentado que Patton deveria assumir o comando das operações em Luxemburgo e lançar um potente ataque com, pelo menos, seis divisões, contra o flanco sul do saliente alemão; mas, quando poderia fazê-lo?

"Respondi que poderia lançar um forte ataque com três divisões — a 4ª, Blindada, a 26ª e a 28ª, de Infantaria — no dia 22; para atacar com maiores efetivos seriam necessários mais alguns dias e, se tivesse de esperar, perderia a surpresa. Quando disse que poderia atacar a 22, houve uma onda de excitação; uns, pensavam que eu estava querendo fazer "faro!", enquanto que outros se mostravam contentes."

Os dias e noites que se seguiram foram de intensa atividade e de nervosismo crescente. Obteria sucesso o ataque planejado?

"Como sempre, ao aproximar-se a hora da ação, cada um se sentia cheio de dúvidas, exceto eu. Foi sempre minha triste sina representar o papel de raio de sol e sacó de pancadas antes da ação, tanto para os de baixo como para os de cima. Posso dizer, com toda a sinceridade, que naquela ocasião não tinha dúvidas sobre o sucesso da operação; nem mesmo na véspera, às 17.00 horas, quando a 4ª DI comunicou receber um violento ataque, o qual, depois, se transformou em nada."

E, às 6.00, horas de 23, o Terceiro Exército se lançava ao ataque; a 26, estabelecia contacto com Bastogne; a 31, comemorava belicosamente a entrada do Ano Novo com uma salva, em cadência rápida, de todos os seus canhões, du-

rante vinte minutos. A 28 de janeiro, terminava a Batalha do saliente.

"Durante esta operação, o Terceiro Exército fez maiores deslocamentos, com mais rapidez, e, engajou maior número de divisões, em menor tempo, do que qualquer outro Exército na História dos Estados Unidos e, quiçá, do mundo."

Afastado o perigo, o avanço continuou; a 10 de fevereiro, Bradley telefonou para saber de Patton a data mais próxima em que lhe seria possível passar à defensiva.

"Disse-lhe que era o mais velho chefe, em idade e em experiência de combate, do Exército americano, na Europa, e que, se tivesse de passar à defensiva, pedia para ser substituído."

E, dessa forma, prosseguiu a tropa — enfrentando o mau tempo, cruzando rios, açoitando o inimigo — impulsionada pelo Chefe, cuja figura se ia tornando legendaria. Todos sabiam do que ele era capaz; pois não transpusera, a nado, o rio Saar?

"Atravessamos (Patton e Eddy) o rio numa ponte de assalto, parcialmente submersa e coberta por uma cortina de fumaça. Assim, quando chegamos ao outro lado, um soldado excitado deve ter imaginado que vínhamos nadando, o que não se deu. Contudo, atravessar a ponte de assalto, em meio à fumaça, sem corrimão e sem enxergar mais de 30 cm à frente, foi uma operação muito interessante. Os homens se alegraram por verem ali."

Ao findar fevereiro, todos os Corpos tinham aberto brechas na linha Siegfried. A grande barreira defensiva cedera, ante a violência do ataque.

"Os pacifistas fariam bem em estudar as Linhas Siegfried e Maginot, lembrando-se que estas defesas foram forçadas; que Tróia caiu; que a muralha de Adriano ruuiu; que a muralha chinesa foi inútil e que, pelo mesmo prognóstico, os poderosos mares, que são considerados como a segurança da nossa defesa, podem ser, também, embaídos por um adversário reso-

luto e engenhoso. Na guerra, a única defesa segura é o ataque, cuja eficiência decorre da alma guerreira daqueles que o conduzem."

Trier, chave do triângulo do Saar, caiu a 2 de março; no meiado do mês, o Terceiro Exército atingiu o Reno. Quando, no dia 19, Bradley mostrou que, se os americanos não conseguissem uma cabeça de ponte nesse rio, teriam de passar à defensiva e, talvez, entregar 10 divisões ao Nono Exército que se achava subordinado a Montgomery...

"Hodges e eu decidimos fazer a travessia em Ramagem e na vizinhança de Mainz respectivamente, e convergir inicialmente sobre Geissen."

Chegado o momento da travessia, Patton resolveu fazê-la mais ao sul do que previra:

"Era evidente que os alemães pensavam que iam fazer a travessia em Mainz e puseram dois Regimentos na cidade, com ordens de resistir até o fim. Decidimos, então, lançar uma cortina de fumaça ali, para manter o inimigo iludido, e transpor o rio em Oppenheim. Este lugar era ótimo para uma travessia porque apresentava, do nosso lado, um abrigo para os barcos, ao qual se podia chegar, através da cidade, sem ser visto de qualquer margem do rio. Nossos botes de assalto podiam ser lançados, sem que o inimigo o soubesse, e avançar calmamente para o rio. Eddy havia escolhido esse ponto muitos meses antes. Não obstante, acredito que errei em não ter feito a travessia ao norte da confluência do Mainz com o Reno, isto é, ao N de Mainz. A razão que me levou a isto foi o receio de ser aferrado no terreno elevado ao norte da confluência; mas se o tivesse feito, as transposições do Mainz, na sua foz e em Frankfurt, teriam sido evitadas. Foi esta um das poucas vezes em que tomei boas precauções, mas que foram boas demais."

A travessia em Oppenheim, ao invés de Mainz, fora feita sem nenhuma parada, por uma simples

mudança de direção de duas Divisões enquanto o restante dos dois Corpos continuava normalmente sua progressão. A 24 de março, Patton cruzou o rio.

"Quando chegamos na outra margem torci deliberadamente o pé e cal, apanhando u'a mão cheia de terra da Alemanha, numa emulação de Cipião, o Africano, e Guilherme, o Conquistador, pois, ambos, caíram e ambos gracejaram, dizendo — "Vejo em minhas mãos terra da África" ou... "terra da Inglaterra" — Vi, em minhas mãos, terra da Alemanha."

E a travessia do Reno, por outras Divisões e em outros pontos, continuava:

"...a 87ª Divisão foi bem sucedida na travessia e, ao amanhecer, tinha dois Regimentos além do rio, a despeito de todos os estudos, que já lemos, afirmarem que, entre Bingen e Coblenz, o Reno é intransponível. Ali, novamente, tiramos proveito da nossa teoria de que o lugar impossível é geralmente o mais mal defendido."

A perseguição continuava a leste do rio; iam ficando para trás os prisioneiros, os campos de tortura, os tesouros escondidos na mina de sal, as populações civis. E os nazistas fanáticos? Seria verdade que haviam planejado uma pequena expedição em planadores, para matar Patton?

"Jamais acreditei, mas levava minha carabina para o meu caminhão, todas as noites, ao deitar-me."

O Coronel Hulén, tendo construído uma ponte ferroviária sobre o Reno, convidou seu colega de classe para inaugurá-la; uma tesoura foi entregue a Patton; devolveu-a; tomou de uma baioneta e

cortou a fita simbólicas. Saltou num carro e mandou que o primeiro trem cruzasse a ponte.

"Pessoalmente, sentia-me muito mais apreensivo, com medo que a ponte caísse, do que costumo estar num combate."

No meado de abril, o Terceiro Exército foi lançado na direção SE, visando o ataque ao Reduto Alemão.

"A 22, parecia-me evidente que o fim da guerra estava muito próximo, mas ainda havia quem acreditasse na existência de uma grande concentração alemã, ao sul, no chamado Reduto."

Finalmente, penetrava o Terceiro Exército na Tcheco-Eslováquia e na Áustria, estabelecendo ligação com os russos, a leste de Linz. A 1 de maio, isto é, dois anos e meio após o desembarque na África, Patton, na reunião matinal em seu QG, comunicava aos seus oficiais que aquela seria a última vez que se reuniriam na Europa.

"Em seguida, agradei a todos os membros do Estado-Maior a cooperação prestada e lhes assegurei que nenhum homem sozinho pode conduzir um Exército mas que, ao contrário, o sucesso de um Exército depende do trabalho harmonioso de seu Estado-Maior e da capacidade combativa dos seus oficiais e soldados. Sem esse trabalho de equipe, a guerra não pode ser feita com êxito."

O bravo cabo de guerra sobrevivera à luta, presenciara-lhe o fim, para falecer logo depois, a 3 de dezembro, num desastre de automóvel. Mas o seu espírito permanece vivo e será sempre com admiração que o seu nome e suas ações serão relembrados.

## CEOTTO & CIA.

COMPRADORES E EXPORTADORES DE CAFÉ E CEREAL  
RUA GENERAL ARARIFE — TELEGRAMAS: "CEOTTO"

CASTELO — ESPÍRITO SANTO

# MALLET — O PATRONO DA ARTILHARIA

Cap. JONAS CORREIA NETO

(Discurso pronunciado ante o Comando e a tropa do 3º R.A.Cav.-75, em Bagé, no Dia de Mallet)

## Artilheiros de Bagé!

É recordando e celebrando os feitos gloriosos do passado que as Pátrias grandes ainda mais se elevam perante si mesmas e no concerto internacional e acalentam, nos corações de seus filhos, a chama bela e pura da vibração cívica, que vai perpetuar a magnitude daqueles feitos e ser, no futuro, a garantia de outros, muitos outros...

É pelo culto permanente e entusiástico da nossa História maravilhosa, repleta de heroísmo e abnegação, de intrepidez e coragem, de honra e altivez, que o Brasil pode indicar a cada um de nós o modelo a ser imitado e o caminho a trilhar para dignificá-lo.

É sobre as tradições chegadas do pretérito que se forjam magníficas façanhas, a legar ao porvir. E se é verdade que existe um tão íntimo entrosamento entre os homens e os acontecimentos de que participem, a ponto de não se poder jamais afirmar que uns ou outros sejam os integrais responsáveis pelo sucedido — então, não será possível nem parecerá justo separarem-se dum fato as pessoas que tenham contribuído, pela sua personalidade e pela sua ação, para lhe moldar, num determinado momento histórico, uma feição característica.

É por isso que, ao comemorarmos os sucessos de outrora, somos naturalmente levados a exaltar aqueles que lhes foram presentes e a homenagear, de modo todo especial e carinhoso, aqueles que se destacaram na sua consumação.

Coerentes com esta idéia é que estamos aqui reunidos, num quartel de Artilharia, para lembrar a vida e enaltecer as ações do maior dos artilheiros do Brasil — MALLET.

Há cento e cinquenta anos nascia, na França, na cidade que passaria à História como o teatro da epopéia que foi a "retirada de Dunquerque", uma criança de nobre ascendência, que, por singular fado, também haveria de se notabilizar, em terras distantes, na profissão das Armas.

EMÍLIO LUIZ MALLET, trazido para o Brasil por seu pai, aos 17 anos, sentou praça aos 22, como primeiro-cadete. Apesar dos ideais de liberdade, que acalentava, não pôde tomar parte nas lutas pela consolidação da nossa independência; por não o ter feito, sendo estrangeiro, foi obrigado, por lei de 1831, a afastar-se do Exército, de nada tendo valido ao hercúleo capitão o ter arriscado a vida na batalha do Passo do Rosário, seu batismo de fogo, pelo país que tanto amava; de nada lhe valeu, depois, a eficaz colaboração que prestou a Caxias, durante a Revolução Farroupilha, na qualidade de major honorário, como de nada lhe valeram os conceitos de que gozava entres seus superiores e pares — e somente em 1851 voltou efetivamente à atividade militar, reintegrado no posto de capitão.

Marchou para o sul, na campanha contra Oribe e Rosas, e, quando a sua Unidade — o 1º Regimento de Artilharia a Cavallo, tronco de que procede este nosso

querido Terceiro! — foi desdobrada na concentração, em Colônia, aí permaneceu Mallet, ao lado do Conde de Caxias, no Comando do novo 2º Regimento de Artilharia a Cavallo, até que a vitória decisiva de Caseros pusesse fim ao poderio inimigo.

Em 1864, encontrámo-lo de novo no comando da Artilharia, fazendo parte da Brigada de Osório, atacando Paissandú com os tiros certos dos canhões de três baterias, nas 52 horas que durou a refrega.

Foi na longa guerra contra a República do Paraguai que mais ressaltou a sua figura imponente, irradiante de confiança, simpatia e bondade. Com o seu 1º R.A.Cav. — o "BOI DE BOTAS" — integrava o 1º Corpo de Exército, novamente sob as ordens do "Centauro dos Pampas". Seus 24 canhões colaboraram ativamente, no ataque a Corrientes. Mais tarde, quando o afoito Osório desembarcou com seu piquete e foi o primeiro aliado a pisar o solo paraguaio, foi de súbito atacado por dois mil paraguaios, correndo com suas forças o Maj. Deodoro da Fonseca a salvar o Chefe querido, enquanto Mallet, não podendo desembarcar em tempo todas as peças, pôde que empacaram os muros, fez sair, a braço, cinco delas, e colocou-as em pontos onde pudesse castigar os atacantes. Uma testemunha ocular relatou a sua atividade: "Era bonito ver aquela figura gigantesca de Marte passando banhado com água pela cintura e, de vez em quando, assentando as possantes mãos nas rodas de suas peças, que, com tão nobre ajuda, voavam para a posição que parecia conveniente, assestá-las e metralhar o inimigo". O comportamento de Mallet, neste "combate de confluência", serviu-lhe ser efetivado no posto de tenente-coronel.

A 24 de maio de 1866, os campos de Tuiuti foram o cenário da mais fantástica batalha campal nas Américas; o "Boi de Botas" e Mallet teriam aí o seu dia áureo, a sua consagração: a ação serena e pronta do "grande velho Mallet", a virilidade estupenda dos seus ar-

tilheiros, a precisão e a rapidez dos bombardeios, grangearam para o Regimento a significativa alcunha de "Artilharia-Revólvel" e para sempre lhe ergueram o nome a merecida fama. Entrincheirados atrás do célebre "fóssô de Tuiuti", as baterias derramavam sem cessar fogo mortífero, fazendo recuar em debandada louca os cavaleiros inimigos que tentaram atacar a posição. "Mallet, porém, não os perde de vista, e sobre eles lança os fogos de suas baterias. Tão acertados eram as pontarias e os lances de alças que as granadas pareciam galopar com os cavalos, apostando carreira com eles, para ceifar-lhes pelotões inteiros; daí terem-no denominado "fogo de horror"...

Depois... Mallet e o seu 1º Regimento estiveram nos assaltos a Estabelecimento e Humaitá, nos combates de Itororó, Aval e Lomas Valentinas, e afinal na Campanha da Cordilheira, último exterior do agonizante exército do Paraguai. Feribebuí, Campo Grande e Caraguatá foram o fecho grandioso da carreira militar de Mallet, então comandante geral da Artilharia.

Ainda na guerra, fora promovido a Brigadeiro, por relevantes serviços prestados ao Exército em operações, e, ao findar aquela, regressou ao Brasil, permanecendo neste Estado do Rio Grande do Sul, onde vivera a maior parcela de seus dias. Era o mesmo homem agradável, satisfeito com o dever que tão bem cumprira, nada exigindo, nada reclamando — nem justiça ou gratidão... Entretanto, agora, a Pátria, que ele escolhera e honrara, já o compreendia. Como prova de reconhecimento pelo muito que por ela fizera, agradeceu-o o Império com o título de Barão de Itapeví (1873), promoveu-o a Marechal de Campo (1879), nomeou-o sucessivamente Comandante das Armas da Província do Rio Grande do Sul e Inspetor de Cavalaria e Artilharia, graduou-o Tenente-General (1894) e, finalmente, tendo-lhe dada a efetivação neste posto (1895), concedeu-lhe reforma, que se fazia



ssária ao descanso do seu  
o octogenário.

2 de janeiro de 1886, faleceu  
lho Luiz Mallet, com 85 anos de  
de e 63 duma brilhante exis-  
ncia de Soldado!

\* \* \*

Artilheiros de Bagé!

Ouviste, em pinceladas largas,  
que foi a vida do Patrono da Ar-  
tharia Brasileira.

Que os exemplos fulgurantes  
esta vida vos acompanhem e vos  
aspirem.

Que a nossa Arma poderosa  
conte sempre convosco, tal como  
confiava em Mallet e nos bravos  
"bois de botas".

Que a nossa estremecida Nação  
Brasileira possa, tranqüilla, traba-  
lhar no seu berço esplêndido, certa  
da guarda vigilante dos seus can-  
hões, capazes de repetir, pelas  
bócas trovejantes, quando fôr pre-  
ciso, a afirmação vigorosa de  
Mallet em Tuiuti:

"POR AQUI NÃO ENTRAM"!

## FÁBRICA SYLVIO

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

Claudimiro V. de Mattos & Cia.

Camisas, Cuecas, Pijamas e Gravatas. Especialidade em Bandeiras  
de clubes e nações. Bordados a ouro, prata e linha. Bonés e  
casquetes. Divisas, Talabartes, distintivos de feltro e mastros.

TELEG. "SYLCLAU" — TEL. 43-7137

RUA BARÃO DE SÃO FELIX, 63/65 — RIO DE JANEIRO  
DISTRITO FEDERAL

## CASA DAS LONAS LTDA.

UNICA NO RIO

LONAS, ENCERADOS, TOLDOS, CAPOTAS, PANO-COURO, CHAPEUS  
PARA PRAIA, BARRACAS, CAMAS DE CAMPANHA,  
CADARÇOS, FIOS, ETC.

VARIADO SORTIMENTO DE ARTEFATOS DE COURO, ARTIGOS  
DE MONTARIA, VIAGEM E ESPORTE

8 — RUA DE S. JOSÉ — 10 — TELEFONE 42-3625

RIO DE JANEIRO

## CAFÉ GLOBO

DE

Alexandre Soares da Cruz

Completo sortimento de bebidas, doces, biscoitos, balas, café, frutas, etc.

RUA ESPÍRITO SANTO, 60 — MIMOSO DO SUL — E.F.L. — E. SANTO

## DIRETORIA DE ARMAS

A Redação desta Revista, dentro dos objetivos dos Estatutos de "A Defesa Nacional", qual seja o de cooperar pela existência e desenvolvimento das Forças Armadas nacionais, apoia os pontos de vista de um de seus colaboradores sobre as finalidades e ação da Diretoria de Armas, quanto ao preparo, execução e, até certo ponto, fiscalização da instrução no Exército, publicando a seguir, na certeza de estar debatendo um dos problemas fundamentais do Exército.

O desdobramento das funções da 3ª Seção do E.M.E., com referência à instrução da tropa, sua organização e fiscalização, originou um objetivo bem nítido para a Diretoria de Armas; objetivo que só é igualado, no ramo, em importância, pela organização e fiscalização do Ensino, tarefa da Diretoria de Ensino.

Apesar de ser conhecido o grande serviço que aquela Diretoria vem prestando, citaremos, entre suas obras, além dos 100 manuais que sabemos possuir prontos para publicação e que não foram publicados por motivos estranhos a ela, os já bem conhecidos programas-padrão de instrução, distribuídos a todas as Unidades do Exército e comentados, nas páginas desta Revista, por vários oficiais de todas as Armas e cujos méritos, a princípio discutidos, estão sendo agora reconhecidos; ao lado destes, não podemos deixar de citar, embora não seja o nosso objetivo nestes comentários, os testes-padrão de instrução, documentos auxiliares, novos na forma como foram organizados e que vêm completar o trabalho daqueles programas.

Nem só de papel ou documentos vive ou funciona a instrução, é uma sentença que se ouve constantemente...

Lançado o documento que pretende movimentar a grande máquina da instrução, necessário se torna, não só ajuizar o grau de praticabilidade de seus propósitos,

como fiscalizar o funcionamento desta máquina, bem como ainda reunir e estudar os resultados obtidos.

Aquí chegamos ao ponto que desejávamos — a consideração dos resultados.

A Diretoria de Armas constitui um laboratório de instrução, donde "ordens experimentais" são emitidas e aonde relatórios minuciosos vêm ter; é um órgão que, para se impor, não basta sucessivamente e apenas lançar, em todas as direções do país, volumes e volumes de manuais, crêns e diretivas de instrução, simples "ordens experimentais", que só se imporão quando a publicação dos resultados refletir expressamente a realidade e o lado prático dos problemas de instrução.

Devendo trabalhar na confecção não só de manuais, como programas, testes, exercícios típicos, etc., por tanto, numa série de documentos que serão recebidos diretamente pelas unidades, a Diretoria constitui um órgão que deve possuir o hábito de lidar com coisas objetivas, para ser plenamente compreendida e seus esforços correspondidos pela tropa. Do contrário, sempre seus documentos serão taxados de teóricos ou se apresentarão sem a eficiência desejada.

Então, é necessário uma constante, intensa e direta ligação com a tropa, para que os documentos expedidos não reflitam apenas pontos teóricos. Somente aproveitando

as observações dos executantes e dos comandos encarregados de dirigir-las, a Diretoria de Armas fará obra eficiente, prática e econômica.

Para isto, deveria receber relatórios, onde os resultados, tomados em conjunto, sancionassem ou vestassem o documento original, participando, daí por diante, da evolução deste documento e das responsabilidades que lhe cabem na preparação da tropa.

Na base destes relatórios e da observação direta, às vezes, mas particularmente na base de relatórios, é que viverá e se imporá a D.A.

Não podemos dizer que a Diretoria de Armas deverá criar, entre nós, o hábito dos relatórios, porque ele já existe; há 50 anos fazem-se relatórios neste Exército! O que ela precisa, é que estes novos relatórios, que suas várias seções especializadas pretendem ler e muito meditar sobre eles, sejam relatos reais, verdadeiros, minuciosos e sinceros dos fatos vívidos e das circunstâncias que os rodearam.

O que ela precisa é que aquêles que lhe vão dirigir relatórios fiquem convencidos de que não estão trabalhando inútilmente, pois suas observações serão cuidadosamente lidas, anotadas e comparadas; conforme a "frequência" com que vieram dos diversos elementos de execução, terão um valor e produzirão determinados resultados que eles próprios sentirão mais tarde ou deles serão notificados diretamente.

Nesta Diretoria, cuja vida só será eficiente sobre relatórios, terão eles tratamento especial e não o sossego do fundo de gaveta a que estão muito habituados; doutra forma, não vemos como um órgão, em tal altura da administração militar, se imporá em suas múltiplas relações quase diretas com a tropa!

Que esta Diretoria, que uma vez já existiu muito melhor instalada, com estas mesmas finalidades, saiba se impor, entre os extremos opostos — E.M.E. e corpos de tropa — como um elemento prático e eficiente, para não desapa-

recer e deixar profunda lacuna na orientação da instrução.

Vemos na Diretoria de Armas, apreciando-a sob o prisma muito especial de sua máxima finalidade — a preparação e fiscalização da instrução da tropa — um órgão que precisa se impor, particularmente na fase difícil que estamos atravessando, dada a grande reforma por que passa o nosso Exército.

Entretanto, outro problema, também em campo objetivo, está na mesa, para a Diretoria de Armas, nesta fase a que acima nos referimos.

Parece-nos que está aberta uma solução de continuidade na execução da instrução, motivada talvez pelo abuso da utilização de meios auxiliares de salão, no preparo e aperfeiçoamento dos quadros, ou pelo desequilíbrio real existente entre os meios disponíveis, na maioria das unidades e os meios a que se referem os documentos teóricos muito difundidos.

Temos ouvido, de oficiais dedicados e com longa experiência, referências a este fenómeno: entre a primeira e a segunda guerra, quando vivíamos sob as luzes dos franceses, pobres como nós, o ambiente era outro, com referência à instrução, que não este de hoje, após a segunda guerra; havia um interesse comum e intenso pelo "rumo ao campo"; organizavam-se exercícios de toda a natureza e os vivíamos com muita realidade; Gerició era um campo onde os combates de vanguarda, os ataques, as organizações defensivas faziam fila, esperando a vez para se sucederem; — hoje o que vemos? — ataques sob a proteção de fumaça e com apoio aéreo e outras manobras mais complexas, em que a ação individual é difícil de observar; temos a impressão que, lendo a documentação americana, cuja tropa dispõe de tudo e de mais alguma coisa, em armas, munição, meios de transmissões, etc., perdemos a vontade de continuar trabalhando no terreno, vivendo os detalhes com os nossos pobres píf-

prios meios e a imaginação se recusa a continuar trabalhando e o que vemos é a abstenção no que toca a exercícios no campo.

A preparação teórica dos quadros, altamente atualizada, realmente assim estaria prejudicando a preparação metódica e objetiva da tropa e mesmo dos quadros subalternos.

O que cabe à Diretoria de Armas fazer ?

Transformar novamente Gerició e os outros campos de instrução em reais campos de exercícios, tornado-os campo e não palco onde a nossa imaginação se satisfaz sem pensar nos distúrbios que poderão advir; dando o nó que está faltando para ligar estas duas pontas do cordel da instrução que, momentaneamente, estão afastadas — instrução dos quadros e instrução da tropa.

Conclusão :

— Na confecção dos programas e testes-padrão, a D. A. está sob a alta orientação do E. M. E., buscando a homogeneização da instrução;

— Por enquanto, pelo que sabemos, está na 1ª parte; expediu a documentação e, com certeza, está passando à 2ª, isto

é, está procurando colher os resultados para efetuar retificações e emitir observações sobre os resultados da instrução nas diferentes Regiões, Divisões e Corpos de Tropa;

— Se, como muitos, observou a D. A. a falta de contacto entre a instrução dos quadros e a da tropa, isto é, a falta de íntima ligação que deveria existir; se isto aconteceu, ou se o estudo dos resultados da instrução a esta conclusão a levaram, talvez esteja, neste momento, propondo as providências necessárias.

Vemos aberto, à Diretoria de Armas, o campo mais belo e mais fértil de aplicações no que toca à instrução; que este alto órgão da instrução tenha a felicidade de realizar, com objetividade e, portanto, com resultados altamente práticos para nossas forças terrestres, seus grandes designios, é o que desejamos.

Não nos esqueçamos, entretanto, que sem o concurso dos quadros de instrutores, nada de objetivo poderá produzir a D. A. cujo problema precípua é missão a ser desempenhada com a cooperação estreita do órgão executivo, isto é, a TROPA.

## CASA PANCOTE

GRANDE SORTIMENTO DE FAZENDAS, ARMARINHO E MIUDEZAS

### ORIVAL PANCOTE

A CASA QUE MAIS BARATO VENDE

Av. General Araripe s/n.

CASTELO

E. E. SANTO

## SAID ABY MOHAMED

COMERCIANTE E INDUSTRIAL

ALEGRE

E. E. SANTO

# O MILITAR E A POLITICA PARTIDÁRIA

Ten.-Cel. A. C. MONIZ DE ABAGAO

(Síntese da palestra realizada em 12 de agosto de 1950, perante o Corpo de Cadetes da A.M.A.N.)

## I — CONSIDERAÇÕES

1. As Forças Armadas constituem o órgão de potência do Corpo Nacional. Têm por função orgânica garantir a existência do Estado, colocando-se a serviço dos empreendimentos governamentais.

A divisão absoluta das funções, no âmbito nacional, é indispensável. Ao Governo cabe a orientação da política, interna e externa. As Forças Armadas, as ações vigorosas que a política internacional exigir.

As Forças Armadas, organizadas especificamente para os atos de força, são ineptas para apreciar os atos do Governo. Não se devem intrometer nesse campo de atividades, pois sua intervenção seria ilícita. Tornar-se-iam, em pouco tempo, árbitros da vontade nacional, asfixiando o Poder Estatal.

O regime de governo viria a ser uma oligarquia, essencialmente militar. Perderia o caráter civil. Violentaria a vontade do Povo, que deixaria de ser soberana. Seria ilegítima e, por isso mesmo, tirânica.

2. Os Oficiais e Cadetes, células morais e intelectuais do Exército, não devem assumir compromissos estranhos e contrários aos interesses dessa coletividade. Necessitam possuir valor profissional e grandeza de caráter, que os façam dignos de comandar a ser seguidos. Cumpre, para tanto, que dediquem todos os instantes ao desenvolvimento daquelas qualidades e consagrem a vida à aquisição de uma cultura geral e profissional sólida e atualizada.

Os Oficiais e Cadetes são os sacerdotes voluntários do dever cívico. Precisam conhecer, para que se tornem dignos da confiança da Pátria, o honroso e importantíssimo papel que desempenham. Devem sabê-lo a fundo, consagrando-se de corpo e alma ao seu aperfeiçoamento, sob o triplice aspecto físico, intelectual e moral.

O exercício de qualquer atividade fora da caserna, particularmente a político-partidária, que absorve e apaixona, é nociva ao aprimoramento profissional do Militar e, muitas vezes, colide com o juramento, que prestou à Pátria.

3. O Povo, através de uma intuição clarividente, vê nos Militares os guardiães da dignidade nacional. Em presença dessa noção espontânea, porém, muito viva, é compelido a examinar com rigor as palavras e ações dos Soldados. Sente-se no direito de desejá-los perfeitos, merecedores de sua confiança.

Os Oficiais e Cadetes são objeto de um constante, minucioso e exigente exame dos seus compatriotas. Urge que evitem as impressões desagradáveis, visto como a confiança e a estima, que sube-rem inspirar, são fatores componentes da consagração do Exército.

O aspecto nacional do dever militar impõe aos Oficiais, entre outras, a obrigação de não se filiarem a partidos políticos. Para que sua autoridade se exerça sem vacilações e repugnância, é indispensável que sejam, reconhecidamente, imparciais e justos. É imprescindível que todos os indivíduos, sob

suas ordens, sirvam sem hesitações, desconfianças ou rancôres.

4. O Cidadão Fardado, que ingressa na política partidária, conserva sempre resíduos militares. Arrasta consigo o sentimento básico da classe social em que se criou, o que o torna um desajustado no seio das facções sectárias.

A ação do Militar no governo do Estado, quando honesta, é utilíssima nos momentos de crise, devido à força que encerra e à disciplina que implanta. No entanto, por isso mesmo, é prejudicial à evolução normal da Nação e inadaptável aos regimes organizados em moldes democráticos.

O Soldado, que se faz político, para consecução dos seus objetivos não tem outra alternativa: — ou emprega a coação armada para dominar os partidos e impor sua vontade ao Povo que perde, assim, o privilégio de soberania; — ou se acomoda às exigências dos costumes maquiavélicos, através da tolerância, da transigência e, pior ainda, da transação ou suborno. As instituições militares, então, se enfraquecem devido ao afrouxamento da disciplina e hierarquia, fundamentos de sua coesão e eficiência.

5. A paixão político-partidária é avassaladora e cega. Como as guerras religiosas, as lutas pelo poder são fecundas em ódios e prevenções. Destroem os laços mais sagrados e firmes. Dilaceram as mais belas formas do amor. Sufocam os sentimentos altruísticos. Os parentes se lançam à mútua detração e ruínas. Os amigos se afastam amargurados. A camaradagem edificante, nascida nos campos de batalha ou do longo convívio da caserna, cede lugar à injúria, à calúnia e à delação.

Se a cubição político-partidária penetra os quartéis, a Nação fica em perigo. Está a mercê dos aproveitadores que exploram a bizzarria dos Exércitos. Destruídos todos os conceitos de dedicação, solidariedade e disciplina, os Militares, em brigadas de vaidade e de mando, estimulados pela resignação do Povo e cumplicidade covarde dos

governantes frustrados, se arrojam à aventura que estoura em quarteladas ou revoluções. E, porque estão ébrios e desvairados, não vêem que a Nação caminha para o abismo.

A História da América, apesar da sua juventude, é rica de ensinamentos. As relações características dos Militares com a Política Partidária começaram com as Guerras da Independência e se prolongam até aos dias do presente. A sua principal modalidade é o Caudilhismo, tão nocivo aos interesses do Povo. Até hoje, uma vez por outra, Nações latino-americanas se afogam no sangue de seus Filhos, derramado pela espada de seus Generais.

6. Os Militares, que se intrometem na política, atuam nesse campo, antes como tal, do que como cidadão. Solidários com a classe a que pertencem, preocupam-se mais com os anseios dessa, do que com os altos interesses do Estado. Prejudicam a administração pública, particularmente naquilo que se refere à solução dos problemas castrenses. Tornam-nos dependentes das manobras dos partidos, cujo objetivo é, na realidade e principalmente, criar e ampliar as suas forças eleitorais, e da coação das casernas, cujos apetites são adrede e astutamente estimulados.

A intimidade do Quartel com a Política ocasiona graves inconveniências ao Exército. O Político passa a influir nas promoções, na repartição das funções e, até mesmo, nas mais insignificantes ações militares.

Os Oficiais, para galgar a hierarquia, recorrem à proteção Da-quele. Devotam-se ao partido político que detém o poder. Atíngem, ineptos para compreender e apreciar sentimentos que jamais sentiram, moralmente emasculados por uma existência que tornaram baixa e vil, os altos postos prematuramente. Tornam-se os dirigentes das Forças Armadas, onde difundem maus exemplos e exercem detestáveis influências. Esmagam a

ção do dever patriótico. Tru-  
dam o espírito militar.

## II — CONCLUSÃO

### 7. Senhores Oficiais e Cadetes! Se:

— a intromissão das Forças Armadas, como coletividade, é ilegítima e altamente nociva aos interesses da Nação;

— o Oficial, que se dedica à política partidária, perde eficiência e valor moral;

— o Militar carece de aptidão para a direção das coletividades civis de caráter democrático;

— o pior, o mais desastrado Cidadão é o Soldado que se faz Político sem despir a farda;

— a intimidade da Política com a Caserna abala as convicções de integridade moral dos Quadros.

Que fundamento moral, que justificativa ou que explicação pode o Militar oferecer, aos concidadãos e ao País, para se dedicar às atividades político-partidárias?

8. Como Comandante e mais velho, apresento-vos essas considerações, que merecem meditação e amadurecimento.

Aconselho-vos a resistir às seduções e aos falsos encantos da política-partidária. Não vos abeisreis dela, que conduz sempre à dor, à humilhação, às lamentações, ao abandono e ao arrependimento.

As Forças Armadas, com seus Chefes e Oficiais, terão que seguir conduta de grande discrição e severa independência, ante as lutas políticas surgidas entre o partido do poder e os que disputam as posições de mando. Não se devem prestar à execução de medidas ditadas por interesses facciosos, das quais decorrem sempre males irreparáveis para os cidadãos e a so-

cidade. Precisam evitar servir de instrumento ao jogo de ambições ou ideais políticos, que trocam pela violência os caminhos pacíficos traçados na Constituição e na legislação ordinária.

Exercei o vosso direito de Cidadão, como tal, sem confundí-lo com as prerrogativas do Soldado. Participai da eleição dos Poderes do Estado, porque deles depende o futuro, a felicidade e a prosperidade de vossas Famílias e da Pátria. Evitai, no entanto, a atividade político-partidária que, do contrário teréis aborrecimentos graves. Levareis o desassossego à vossa Classe e ao vosso lar. Transgredireis o vosso juramento. Violentareis a vossa consciência. E, pior... prejudicareis o Brasil.

\* \*

### BIBLIOGRAFIA:

- Patriotismo Militar — Fernando de Magalhães.
- Cartilha da Probidade — Fernando de Magalhães.
- Na Revolução de 30 — Gen. E. Leitão de Carvalho.
- Considerações sobre os Militares e a Política — Cel. J. Batista de Magalhães.
- L'Armée de Métier — Gen. Charles de Gaule.
- L'Art de Commander — André Gavet.
- Le Rôle Social de l'Officier — Lyautey.
- Fundamentos de Sociologia — A. Carneiro Leão.
- Direito Público — Esmeraldino Bandeira.
- Manual de Educação Militar Naval — Ministério da Marinha.
- Servitude et Grandeur Militaires — A. de Vigny.
- Modern Arms and Free Men — Vannevar Bush.

## CASA DO CHAPHY

### CHAPHY CHAMUN

Negociante de fazendas, armário, ferragens, chapéus de sol e de cabeça  
Especialista em sedas e calçados

SECOS E MOLHADOS

CASTELO — ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

# CAMPO DE RECRIA MODELO "LIMA MENDES"

Ten.-Cel. HERMENEGILDO DE O. CARNEIRO

"In memoriam" do Cel. Lima Mendes e do  
bravo Cap. Av. do G.C.E. Lima Mendes

## GENERALIDADES

A Recria de Potros removerá grandes obstáculos da equinocultura: a falta de mercado certo e compensador, a alimentação do Cavallo, que também é problema do homem brasileiro, e, finalmente, a diminuição no tempo de empate capital por parte do criador.

A Recria é uma solução brasileira do problema de criação do muar, e tipicamente mineira; o recriador de muar é uma entidade econômica do Estado de Minas.

O Campo de Recria irá permitir à D.R.V., nas mãos serenas e hábeis do atual Diretor, General Sena de Vasconcelos, o cavaleiro da velha guarda:

a) Verificação dos resultados obtidos com o emprego de puro sangue Inglês e Bretão Postier, na regeneração de nosso rebanho equino nas regiões central e meridional do Brasil;

b) Realização imediata da idéia da criação, em pequena escala, do tipo "Hunter", com o cruzamento do puro sangue Árabe e puro sangue Inglês com as éguas puras e mestiças de sangue bretão Postier e Percheron;

c) Estabelecimento dos gabaritos ou "Standards" dos Cavalos de Esporte, Cavalos de Equitação e alta Escola e Cavallo Militar;

d) Resposta precisa à embaraçosa pergunta do Estado-Maior do Exército:

— Qual o tipo de Cavallo Militar já conseguido pela Diretoria de Remonta e Veterinária, no seu meio

século de trabalho silencioso e patriótico?

e) Quebra do tabu do emprego da alfafa. A Inglaterra não emprega alfafa na alimentação dos seus rebanhos; substitui-a por outros elementos equivalentes em valor nutritivo.

O cavallo, ontem como ainda hoje, interessa à Defesa Nacional e à nossa atividade agro-pecuniária.

Não esqueçamos a lição de ontem, à simples ameaça de um bloqueio marítimo. Imobilizamos viaturas automóveis e a articulação econômica do Brasil quase entrou em colapso.

Nos Estados Unidos, terra do petróleo, da indústria-automóvel e das ótimas estradas, o Cavallo é ainda empregado largamente na tração animal. Em Nova-Iorque, a "vaca leiteira" é tracionada pelo cavallo! O mesmo acontece na Inglaterra e noutros países, europeus e sul-americanos.

A verdade dói como o cautério na ferida. É triste confessar a dura realidade: 50% dos Cavalos das Sociedades Hípicas e do Curso Especial de Equitação são constituídos de animais argentinos e uruguaios.

Não nos iludamos com a comodidade dos Motores. O Cavallo, ontem como hoje, conduzirá também nossos canhões e soldados pelo caminho da vitória, no dia inseguro de amanhã.

## Organização:

a) *Objetivo*: Fomento real e imediato: a criação de bons equinos;

b) *Missão*: Adquirir, na zona de produção de cada coudelaria,



20 % de potros com 1 ou 2 anos, filhos de reprodutores da D.R.V., que satisfaçam a um determinado gabarito.

1 — Fazer a triagem dos tipos aos 3 anos.

Potros destinados à prática de exterior e salto de obstáculos (futuros cavalos d'armas).

Potros destinados à prática de polo, equitação e alta escola e serviço de campo.

2 — Submetê-los a um trabalho racional e a uma alimentação conveniente, para que se evidenciem as qualidades somáticas e funcionais dos tipos desejados.

3 — Habitú-los à variedade de rações, equivalentes no seu valor energético, que possam ser adquiridas e cultivadas na região (não podemos comprar alfafa, no Rio Grande do Sul, para complemento de forragem de animais no Estado do Espírito Santo).

4 — Mantê-los no regime de meia estabulação, para conservar a principal qualidade do cavalo, que é a rusticidade.

c) Órgãos de direção e execução:

Diretor Administrativo;

Diretor Técnico.

Localização:

O 2º Campo de recria "modelo" deverá ser localizado no Estado do Espírito Santo, pelas seguintes razões:

a) Proximidade da terra natal de Lima Mendes, da 1ª R.M. e dos grandes mercados dos bons cavalos;

b) Facilidade de comunicação com a Capital Federal; órgão de direção e fiscalização da D.R.V., 1ª R.M., e outros Estados Criadores;

c) Clima e solo favoráveis, principalmente por existir, em Cachoeiro de Itapemirim, a fazenda Monte Líbano, distante apenas 8 quilômetros da cidade, pertencente ao Estado e onde já existem instalações de boxe e poteiros.

d) A fazenda Monte Líbano possui jazidas de calcário que são

exploradas pela maior fábrica de cimento de Cachoeiro, solo rico em cálcio e boas aguadas.

e) O melhor clima de paz social, consequência da predominância da pequena propriedade, da criação em pequena escala e da origem de sua colonização.

f) A criação, em pequena escala, inteligentemente dirigida pelo Dr. Djalma Hess, que, com seu sadio idealismo, vem realizando, sem alardes nem reclames, um trabalho de verdadeiro patriota, colaborando com lealdade com o Dr. Carlos Lindemberg e a Secretaria da Agricultura, nas mãos serenas do Dr. Fontenele, num problema que tanto interessa à "Defesa Nacional": a criação do Cavalo Militar.

g) A criação do campo de recria Lima Mendes, em Cachoeiro de Itapemirim, mostrará o acerto e discórdia da atual administração, que terá assim assinalado mais um marco de sadio patriotismo, e acrescentar aos inúmeros da administração honesta e serena do Governador do Estado do Espírito Santo.

h) A existência de pequenos lotes de filhos de garanhões da remonta, que, logo adquiridos, iriam despertar grande interesse entre os criadores do Espírito Santo.

Meios:

d) Para a realização de nosso objetivo, vamos precisar naturalmente, de recursos econômicos. Onde iremos buscá-los para organizar e fazer viver o Campo de Recria? Os recursos serão obtidos:

a) Contribuição da Confederação Brasileira de Hipismo (Decreto-lei n. 8.946);

b) Verbas da Secretaria da Agricultura do Espírito Santo;

c) Verbas próprias da D.R.V. (aquisição de animais).

Com esses recursos e interessante também o Ministério da Agricultura, iríamos construir, no campo escolhido, poteiros circulares, troncos para manuseio e pesagem, pistas com obstáculos naturais para

trabalho em liberdade, poteiros com abrigos rústicos e campo de experimentação de forrageiras nativas.

Organizado, com esses recursos, o 2º Campo de Recria Modelo, essa experiência iria permitir, caso obtivéssemos o êxito que imaginamos, reproduzi-lo pelas diferentes regiões ou entregá-lo à iniciativa dos Fazendeiros que se interessam pela criação de equinos, o que me parece mais acertado.

Precisamos repetir para convencer. Vamos enumerar as vantagens que apresenta, na realidade, a Recria de Potros :

a) Real e imediato fomento da criação do bom cavalo (recuperação, em menos tempo, do capital empregado na criação de equino) e acrescido lucro compensador ;

b) Facilitar o adestramento, consequência da doma racional, pesagem e manuseio constantes ;

c) Permitir o desenvolvimento normal e completo de potros, pondô, em evidência as qualidades somáticas de seus genitores. "Mettade da raça entra pela boca". (Para os tipos desejados de Cavalos Militar).

c) Conservar a principal qualidade do Cavalo Militar que é a rusticidade e habituá-lo à variedade de rações, equivalentes em valor energético ;

e) Prolongar por muito tempo a vida útil do cavalo (consequência de boa alimentação na infân-

cia e o trabalho racional a que foi submetido) ;

f) Dar oportunidade, ao médico veterinário, de empregar os meios que a ciência da alimentação lhe põe na mão, para completar principalmente de sais minerais (fósforo, iôdo, enxôfre e cálcio), o que falta em nossos Campos e em nossas forrageiras ;

g) Permitir ao médico veterinário praticar, com êxito, a desgastrofilição dos potros e combater eficazmente as verminoses ;

h) Desenvolver somente as aptidões do cavalo — "O trabalho não cria, desenvolve, aumenta e aperfeiçoa qualidades e aptidões" ;

i) Permitir o trabalho montado do mestiço recriado aos 4 anos ;

j) Permitir a seleção dos reprodutores pela única maneira real e positiva, pelo seu produto (o raçador).

O Campo de Recria "Lima Mendes" permaneceria funcionando como modelo, demonstrando o acerto da iniciativa do Estado, em prol do nosso desenvolvimento Agro-Pecuário.

A Divisão Alemã, que se rendeu à F.E.B., entregou, com seu armamento, também 4.000 cavalos.

NÃO NOS ILUDAMOS COM A COMODIDADE DOS MOTORES.

O CAVALO, ONTEM COMO HOJE, TAMBÉM CONDUZIRÁ NOSSOS CANHÕES PELO CAMINHO DA VITÓRIA, NO DIA INSEGURO DE AMANHÃ.

## ARMAZÉM RAFAEL

Secos e molhados — Grande variedade de bebidas nacionais e estrangeiras

Rafael Daroz

PRAÇA DA BANDEIRA S/N. — GUAÇUI — ESTADO DO ESPIRITO SANTO

## INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE COUROS

José Moulin

Arreios, Calçados — Couros em geral

CAIXA POSTAL, 44

PRAÇA DA BANDEIRA — GUAÇUI — ESTADO DO ESPIRITO SANTO

## **APRESENTAÇÃO DOS OFICIAIS DO E.M.E. RECENTEMENTE PROMOVIDOS**

I — Realizou-se, no dia 8-8-951, no salão de honra do E.M.E., a cerimônia da apresentação coletiva, ao Exmo. Sr. General Chefe do E.M.E., dos oficiais em serviço naquêl alto órgão do Exército e promovidos em 25-VI-951 e 25-VII-951. As apresentações foram feitas pelos Exmos. Srs. Generais Octavio da Silva Paranhos e Fernando de Saboia Bandeira de Mello, respectivamente Subchefes do Planejamento e Executivo do E.M.E. e pelo Coronel Hugo Panasco Alvim, Chefe do Gabinete do E.M.E.

Após receber as apresentações, saudou os recém-promovidos, de improviso, o Exmo. Sr. General Alvaro Fiuza de Castro, Chefe do E.M.E., o qual, congratulando-se com todós, aproveitou a ocasião para salientar que as altas autoridades do Exército e o próprio Exmo. Sr. Presidente da República reconheciam os serviços prestados pelo E.M.E. ao Exército e à Nação e era disso prova o fato de, nas últimas promoções, terem sido contemplados nada menos de 26 oficiais em serviço no E.M.E. Anunciou ainda que êsse reconhecimento era ainda mais significativamente destacado pelo fato de ter sido o E.M.E. galardoado com a medalha de Mérito Militar, auspiciosa notícia que tinha o prazer de transmitir aos presentes, em primeira mão.

II — Respondeu, em nome dos oficiais recém-promovidos, o Sr. Coronel João Punaro Bley, o qual proferiu as seguintes palavras:

"Exmo. Sr. Gen. Fiuza de Castro!

Exmos. Srs. Gens. Octávio Paranhos e Bandeira de Mello!

Prezados camaradas!

Por honrosa delegação dos companheiros aqui formados, é que

tomo a palavra para agradecer as generosas e encorajantes palavras de V. Excia., Exmo. Sr. Gen. Fiuza, ao ensejo da nossa promoção.

Pela sua significação, que muito nos honra e desvanece, ficarão elas eternamente gravadas em nossos corações, testemunho que são de amizade, de consideração e de camaradagem dessa grande, nobre e solidária família, o E.M.E., sob a direção inteligente e patriótica, segura e enérgica, eficiente e humana de V. Excia., cuja vida de sadio idealismo construtor, tôda votada e dedicada ao serviço do Exército e da Pátria, habituamo-nos a admirar desde os tempos da chamada "Missão Indígena", que tão sólida formação nos deu e da qual V. Excia. foi um dos expoentes.

Bem conhecemos as responsabilidades que nos advirão com os novos postos que acabamos de galgar, mórmente quando assistimos ao espetáculo de um mundo atormentado pela incerteza do amanhã, dividido e solapado por hordas inquietas, apátridas e sedentas de domínio, as quais, acampadas às nossas portas, visam à destruição do edificio político e social construído pelos nossos maiores, legado precioso que devemos transmitir intacto às gerações vindouras.

Armados, porém, de uma firme noção do cumprimento do dever, a que nos acostumamos desde os recuados tempos da Escola Militar; fortalecidos pelos exemplos e ensinamentos colhidos na convivência amável dos nossos camaradas; tendo sempre presente o juramento que prestamos ao ingressar na vida militar; imbuídos do propósito de bem servir; alicerçados pelo respeito às leis, aos poderes constituídos e acatamento aos superiores hierárquicos; amparados por uma

fé inquebrantável nos altos destinos da nossa Pátria; reunindo energias físicas, morais e intelectuais, haveremos de conseguir forças capazes de suprimir nossas deficiências e, com sentimento da autoridade imanente aos nossos postos, levarmos a bom termo as tarefas que nos esperam, honrando, destarte, o nosso passado e as tradições do nosso Exército, cerne da nacionalidade, guardião vigilante das características profundas e imperecíveis do espírito brasileiro, nascido e formado ao influxo da civilização cristã.

A V. Excia., aos Exmos. Srs. Generais Paranhos e Saboia, nossos chefes diretos, que com alto discernimento, lucidez, devotamento e experiência amadurecida secundam V. Excia., aos distintos camaradas que, com dedicação e comprovada capacidade, emprestam o seu concurso anônimo a esta oficina de civismo, de trabalho e de renúncias, que é o nosso Estado-Maior do Exército, a certeza da nossa como-

vida gratidão, do nosso apreço, da nossa admiração e da nossa amizade, sejam quais forem os destinos que tomarmos”.

III—Os oficiais recém-promovidos e apresentados foram os seguintes:

Coronéis Adaurio Sampaio Pirasinunga, Nelson Barbosa de Paiva, Firmino Lages Castelo Branco, Antero de Mattos Filho, Oromar Osório, João Punaro Bley, Manoel Monteiro de Barros, Aluizio de Miranda Mendes, Saul Freire da Motta Teixeira e Adalardo Fialho.

Tenentes-Coronéis Carlos Gonçalves Terra, Gutteberg Kleper Ayres de Miranda, Itiberê Gouveia do Amaral, João Costa, Durval Campello de Macedo, Heitor Almeida Herrera, Nelson Mesquita de Miranda, Sylvio Guimarães, Hely Franco Belmino Silva e Ayrton Nonato de Faria.

Majores Ruy José da Cruz, Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira e Luiz Felipe de Azevedo.

## CASA VALORY

Eduardo Antunes Valory

Grande sortimento de fazendas e armário

Rua 15 de Novembro n. 11 — Alegre — E. Espírito Santo

## A. FRAGA, VAZZOLLÉR & CIA. LTDA.

Fazendas — Armários — Calçados, etc.

PRAÇA RUI BARBOSA S/N.

CASTELO

E.E. SANTO

## Palavras proferidas pelo Subcomandante da 7ª D.I. General Fernando Távora, logo depois da pres- tação do Compromisso dos Recrutados, no dia 24 de maio de 1951

### I

#### Concidadãos e Camaradas:

Nossos agradecimentos e reconhecimento ao Exmo. Sr. Governador do Estado, às demais Autoridades aqui presentes ou representadas, aos Comandantes e Comissões dos outros ramos das Forças Armadas, nacionais e auxiliar; e, finalmente, a quantos aqui vieram por devoção cívica, ou deferência ao Exército.

E pela 4ª vez, nosso muito obrigado à Federação Norte-Riograndense de Desportos, pela cessão deste Campo, para a celebração em curso.

### II

#### Companheiros e Compatriotas:

Da Praça ao Generalato, nós, militares de terra, mar e ar, prestamos ante o altar da Pátria, que é a Bandeira Nacional — quatro compromissos sucessivos, — de responsabilidades cada vez maiores:

*primeiro* — o do "noviciado" dos recrutas, quando nos incorporamos na Força Armada e declaramos sujeição e conformidade à servidão militar temporária;

*segundo* — o das "ordens menores" da investidura de Aspirante a Oficial, ou Guarda-Marinha, no fim do currículo das Academias de Aeronáutica, Militar e Naval;

*terceiro* — o das "ordens maiores" do Oficialato, quando Aspirantes a Oficial e Guarda-Marinha são promovidos ao 1º posto (2º Tenente) da Carreira e fazem voto definitivo de acatamento, senão devotamento aos seus cânones;

*quarto* — finalmente, o do ingresso do Militar no Quadro de Oficiais-Generais, que é o primado da Classe e a plenitude do "munus" profissional dos homens de farda.

Hoje e aqui, acabamos de assistir o 1º destes juramentos.

### III

#### Senhores:

Estabelecemos, em igual solenidade de 1949, que, nesta Guarnição, as Turmas de Comprometentes de cada ano — quer de Conscritos prontos no ensino, quer de Aspirantes a Oficial promovidos ao 1º posto, — tomariam o nome dum feito sublimado, ou dum herói assinalado; pertencente, em qualquer caso, às tradições potiguares.

E convencionado ficou igualmente que, neste assunto, o Professor Dr. Luís da Câmara Cascudo, Marinheiro honorário e Comendador de terra e ar, seria o assessor do Comando e o parainfo civil dos Compromissários, a título perene.

As turmas de 1949 e 1950 ficaram sob a invocação dos Heróis e Mártires de Uruassú e Cunhaú, respectivamente.

As deste ano, a 1ª das quais acaba de juramentar-se, terão por patrono D. Antônio Felipe Camarão — Poti, — o Grande, que durante sete lustros — "com braço às armas feito", — defendeu porfiada e denodadamente estas Terras Nordesteiras: de S. Luís do Maranhão a Salvador, na Bahia; de Recife, em Pernambuco, ao Sertão comum e indiviso.

O inclito Presidente da Sociedade Brasileira de Folclore fará o panegírico do Herói norte-riograndense, ressaltando a coincidência de ficar o Compromisso também

sob a égide do Tenente-General Manoel Luís Osório, o mais destacado Soldado, dos muitos e magníficos que tem dado o outro Rio Grande, o do Sul.

## POTI. "O GRANDE"

### Esbôço Histórico-Biográfico

1. D. Antônio Felipe Camarão foi, sem sombra de dúvida, a mais alta expressão do valor da Raça aborígene do Brasil.

2. Ele é um autêntico Nordestino, e ainda que se discuta o lugar de seu nascimento, presumivelmente no último quartel do século do descobrimento (XVI), consideramo-lo, por melhores razões, filho do Rio Grande do Norte (Igapó).

3. Em sua juventude de Cnefe inato, vimo-lo primeiro atuar na pacificação dos Potiguares com os Portugueses, em meados de 1598, sob Jerônimo de Albuquerque, 1º Comandante do Forte dos Reis Magos. Daqui seguiu para a Paraíba, com a Expedição de Gonçalo Coelho, seu Capitão-Mor, que viera ajudar a fazer e firmar a conquista destas glebas levantinas.

4. Em 1614, chefiando os seus, se foi a pé, daqui para o Maranhão, para ajudar o mesmo Capitão-Mor Jerônimo de Albuquerque, na reconquista daquela Capitania.

5. Casou-se com uma índia, Dona Clara Camarão, por sinal da mesma fibra do marido, pois o acompanhou e ajudou em suas façanhas militares, como autêntica heroína.

6. Em 1630, defendeu Olinda, atacada pelo Holandese. E desse ano ao de 1635, bateu-se sem cessar com o invasor alienígena, que admirava, quase assombrado, tanta bravura e prestígio pessoal num aborígene.

7. Em 1636, perto de Pôrto Calvo, após a perda da batalha de Mata Redonda, por D. Luís de Rojas y Borja, Poti, ao lado do Capitão Rebelo, salvou o Exército pernambucano de completa

destruição. Sob as ordens do Conde de Bagnuolo e comandando 300 índios e alguns negros chefiados por Henrique Dias, tomou o reduto de Goiana, matando muitos holandeses e confiscando vultosa presa.

8. Alarmado com a intrepidez e astúcia do Chefe indígena, mandou o Governo do Recife contra ele o Gen. Artishofski, travando-se renhida peleja que durou muitas horas, retirando, afinal, os batavos, cujo chefe chegou a ficar prisioneiro e escapou-se por um artilheiro.

9. A 18-II-1637, ainda nas vizinhanças de Pôrto Calvo, 5.000 holandeses, comandados pelo próprio Príncipe de Nassau, atacaram os nossos, cuja inferioridade numérica e de armas escapava a qualquer sortilégio. Ai, acompanhado e estimulado pela esposa, Felipe Camarão bateu-se heróicamente, como Henrique Dias e sua pequena e valorosa legião negra. Tiveram de recuar desta feita, abandonando o campo da luta às tropas flamengas.

10. Em 1638, em Torre de Garcia D'Avila, na Bahia, Camarão comanda uma guerrilha, dispersa os holandeses e toma parte na defesa da cidade do Salvador, sitiada e atacada pelos soldados de Nassau. Daí ao armistício de 1640, que se seguiu à restauração de Portugal, ainda passou pelejando este índio sem par, na defesa da nacionalidade.

11. Em 1645, incorporou-se com a sua gente, aguerrida e devotada, à Insurreição Pernambucana. E, em 1648, cobriu-se de glória imarcescível, na 1ª Batalha dos Guararapes, ao lado de Fernandes

Vieira e Vidal de Negreiros. Chefiou e conduziu a Ala direita do dispositivo do Exército dos Independentes, derrotando completamente os Holandeses do General Van Schoppe.

12. Neste mesmo ano veio a falecer, vítima duma febre maligna, no Arraial do Bom Jesus, em cuja Capela teve sepultura. O Rei Felipe IV de Hespanha e III de Portugal, após uma de suas

ações heróicas e benfazejas, o havia agraciado com o Hábito de Cristo e o título de Dom. Aliás, quando em visita a Ouro Preto, a cidade-monumento de Minas Gerais, em comêço de 1948, fomos informados de que o Museu da Inconfidência, ali instalado, adquiriu dum judeu e guarda carinhosamente, a vênere que pertenceu ao expoente do valor e amor indígenas à Pátria comum, dêle e nossa.

## Barbosa Marques & Cia. Ltda.

### COMÉRCIO EM GERAL

ENDEREÇO TELEGRAFICO — BEEME

Armazém de Mantimentos e Molhados por atacado

Compradores de Café e Cereais

Máquinas de Beneficiar e Rebeneficiar Café

Máquinas de Beneficiar Arroz

Moinho de Fubá

Torrefação de Café

Correspondentes do BANCO DO BRASIL S. A.

Filial: CELINA — E. E. Santo

Escritório: RUA DA QUITANDA, 195 — 1º Andar — Sala, 5 — RIO

Caixa Postal, n. 59

Cidade de Guaçu — E. F. Leopoldina — Est. do E. Santo

## RELOJOARIA MAIA

DE

CERCINO S. MAIA

Relógios, bijouterias, ótica, artigos escolares, brinquedos, artigos para presentes, etc.  
Completa oficina de concertos — Serviços de altos falantes

PRAÇA DA BANDEIRA — CAIXA POSTAL, 43

GUAÇUI — E. E. SANTO

## Dr. Jorge Acha

MIMOSO DO SUL

# ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

# "A FUNDAÇÃO OSÓRIO"

P. J. BUSATO (Capelão Militar)

A Redação desta revista, associando-se ao nobre apêlo do Padre Busato, Capelão Militar, em favor da "Fundação Osório", faz publicar, antes do mesmo, um breve resumo das finalidades e da situação atual dessa benemérita instituição, para melhor conhecimento de todos os Srs. Officiais, Subtenentes, Sargentos e Praças do Exército.

## I — NOTICIA SOBRE A FUNDAÇÃO OSÓRIO

A "Fundação Osório" não é uma instituição nova. Já está com 25 anos. Funciona em prédios próprios, com grande área para pomar e recreios, num dos bairros mais salubres da capital. É um Colégio-lar para órfãos de Militares, mantendo Cursos Primário, Ginásial e Doméstico, Mecanografia e Estenografia e Desenho. Equiparado e reconhecido pelo Ministério da Educação.

Nêle vivem as alunas, em grande parte internas, estudando e trabalhando, como na casa da família, seguindo os cursos que interessem às suas futuras atividades na vida social e doméstica. O educandário funciona com orientação moderna, de elevada feição prática e normal, de modo a dotar suas alunas dos recursos intelectuais e hábitos sociais tão necessários na vida prática. A aluna não perde contactos com o seu meio e sua família e, entre elas, não se nota, no viver, a menor diferença de nível ou de classe: tôdas são igual e simplesmente — alunas da Fundação Osório — filhas ou órfãs de Militares de Terra, Mar e Ar. Abrigava inicialmente, a benemérita casa, 50 alunas inscritas; hoje, abriga 314, muitas das quais poderemos chamar órfãs de guerra. Os recursos que primitivamente bastavam para o seu desenvolvimento normal, não bastam para acudir à premência de pedidos de admissão; é por isso que a Diretoria aceita

tôda a colaboração que lhe é enviada para beneficiar o maior número possível de órfãs. Entre as antigas alunas há numerosas mães de família, funcionárias em posições de destaque e professoras dedicadas. E, a prova do seu bem querer à Casa-Mãe é a fidelidade com que a ela comparecem, em elevado número, nos dias 10 de maio de cada ano — dia de Osório — tornando a reunião dêsse dia uma verdadeira festa de família. Reclame, a Fundação Osório não tem feito e julga desnecessário. Suas ex-alunas e atuais são o reclame vivo.

## II — PIEDADE PARA COM AS ÓRFÃS

Por acaso se me deparou, no Rio, certa ocasião, uma educanda da "Fundação Osório". Sua fisionomia era alegre, embora uma profunda dor ainda lhe ferisse o coração, pela morte de seu pai, militar de gema, e que tombara no seu pósto, a serviço, num desastre aviatório. Não conhecera a mãe, porque esta morrera quando a órfã tinha poucos meses de vida.

Fiz-lhe algumas perguntas. Se gostava do educandário onde se achava. Foi com imensa alegria que me respondeu: "aquela gente é tão boa! Nunca me faltou nada.

Há uma senhora, tão boazinha, que parece u'a mãe. Eu estudo. Mais tarde, quero trabalhar por "aquêlo colégio" onde estou. Porque o sr. deve saber que, perto da casa do meu padrinho, há u'a me-



nina que também é órfã de pai e mãe e gostaria tanto de estar comigo, mas não há vaga para ela."

Eis como falou à voz da inocência. Franca, sinceramente.

Uma das características do povo brasileiro é o espírito de solidariedade para com o próximo necessitado. Os jornais dão a notícia de uma calamidade pública, seja uma enchente, uma explosão, um grande desastre, com perdas de vidas, de poucas ou com muitas vidas, imediatamente há corações generosos que socorrem as vítimas necessitadas.

No Norte, no Centro, no Sul do país, vicejam muitas casas piás, ou sejam estabelecimentos de caridade, abrigos, orfanatos, patronatos. Nunca faltam, porém, almas de escol que dividem o seu supérfluo com os desamparados da fortuna, para estancar lágrimas, para pensar feridas morais.

No Exército surgiu, há tempo, uma Fundação, chamada Osório. Tem sua sede à rua Paula Ramos, n. 16, Santa Alexandrina, Rio de Janeiro.

Falar nessa Fundação é falar num estabelecimento que honra quem o dirige, (\*) quem o sustenta, quem o ampara. Um pugilo de oficiais, senhoras e civis, se torna émulo na direção da importante casa de piedade.

Há tempo escrevi num jornal sobre a citada Fundação. E afirmei que muitos oficiais, em muitas guarnições brasileiras, destinam, mensalmente, três cruzeiros para essa obra estúpida. E hoje devo retificar esta afirmação. Há também muitos subtenentes e sargentos das nossas gloriosas Forças Armadas que concorrem para o mesmo fim. Isto alegra o coração. Basta dizer que somente na Guarnição de Santa Maria, onde "engajou" a fundo o ten.-cel. Felicíssimo de Aveline, pois é seu mais entusiasta e abnegado propulsor, existem já cento e dez sócios contribuintes, dos quais muitos subtenentes e sargentos.

Os sócios da Fundação se dividem em três categorias: 1) con-

tribuintes, que contribuem mensalmente com três cruzeiros; 2) remidos, que concorrem de uma só vez com mil cruzeiros e 3) beneméritos, que prestam relevantes serviços à mesma, a juízo do Conselho Diretor.

Na revista "A Defesa Nacional", o citado ten.-cel. Aveline escreveu um artigo interessante e prático. À certa altura do seu trabalho, afirma aquele oficial: "A Fundação Osório, a nosso ver, deveria ter o amparo constante dos militares, oficiais, subtenentes e sargentos, da ativa, da reserva ou reformados do Exército, da Marinha de Guerra e da Aeronáutica. Basta pensarmos: se de cinquenta mil de nós, cada um se tornasse Sócio Contribuinte, concorrendo com três cruzeiros cada mês, que desenvolvimento poderia tomar a Benemérita Instituição!".

E mais adiante faz um apêlo para que todos os militares se tornem sócios.

E acrescenta: "Basta que se entendam com os seus chefes ou comandantes, e estes publiquem em seus boletins internos o seguinte: "Fundação Osório — Sócios Contribuintes — Ordem ao Tesoureiro — O Tesoureiro desconte, mensalmente, dos vencimentos do Cel. X, Major Z, Subten. A, Sargento B, etc., a quantia de Cr\$ 3,00 (três cruzeiros), de cada um, e a envie, todos os meses, à Fundação Osório, como contribuição dos mesmos a essa Benemérita Instituição, na categoria de Sócios Contribuintes. Essa alteração deverá constar na caderneta de vencimentos ou guia do que fôr transferido".

Que medida mais prática do que a exposta se quer?

E se, na Academia Militar das Agulhas Negras, se promovesse também uma campanha a respeito, quanto poderiam fazer os futuros oficiais, neste sentido?

Tenhamos piedade para com os pobres órfãs de militares, que Deus terá também piedade de nós, no nosso último alento, neste vale de lágrimas.

(\*) O Diretor atual é o Exmo. Sr. Almirante Aarão Reis.

## DIGNIFICANTE EXEMPLO

Ten.-Cel. de Cav. AROLD RAMOS DE CASTRO

Durante a nossa permanência no Comando do 17º R.C., sediado na Cidade de Pirassununga, Estado de S. Paulo, tivemos oportunidade de presenciar um belo e comovedor exemplo, digno de ser conhecido por todos os cavalarianos.

Ao chegarmos àquela guarnição, vimos, certa manhã ensolarada de um domingo, passar, frente à nossa residência, um cavaleiro, cavalgando um bem tratado e bem ajazado cavalo alazão.

Poucos dias após, tivemos oportunidade de conhecê-lo pessoalmente; era o 1º Ten. da Reserva Manoel Moraes, advogado militante no fóro local. Contou-nos, então, o Ten. Moraes, a história do seu cavalo alazão e, sentimo-nos empolgados pela sua conduta e pelo dignificante exemplo que, talvez sem o saber, estava dando a todos os militares, particularmente àquelles que pertencem à arma dos legendários e heróicos Osório e Andrade Neves.

O cavalo alazão, montado pelo Ten. Moraes, era cego! Tinha sido sua montada no antigo 2º R.C.D., na época em que estivera convocado para o serviço ativo do Exército. Atacado por insidiosa moléstia, cegara de ambos os olhos e, considerado impréstável, fôra condenado ao sacrifício.

O Ten. Moraes, num gesto nobre e dignificante, conseguiu a posse do animal, e conserva-o até hoje, carinhosamente.

Que extraordinária significação e que extraordinário exemplo de amor pelo cavalo se depreende, ao ver-se um jovem e ardoroso cavaleiro guiando, com paciência e segurança, os passos de um cavalo cego! A sua figura e a do cavalo constituem um símbolo e demonstração positiva da dedicação de todos os cavalarianos por um animal que tem a sua existência ligada, desde tempos imemoriais, às grandes lutas guerreiras da humanidade.

Talvez o próprio Ten. Moraes, na sua modéstia, não se aperceba da alta significação do seu procedimento e, por isso, permita-nos que a divulguemos e tecamos um merecido louvor.

Todos os cavalarianos do Brasil devem ver, no Ten. Moraes e no seu cavalo cego, a mais perfeita compreensão que deve existir da parte dos integrantes da Arma de Cavalaria pelo seu fundamental meio de transporte e de combate: o cavalo.

Ainda agora, embora afastado de Pirassununga, quando nos sentimos invadidos por uma onda de desânimo que arrefece o nosso entusiasmo pela luta que a nós próprios nos obrigamos, de pugnar pela grandeza moral e material da cavalaria hipomóvel, no Brasil, recordamos o Ten. Moraes e o seu cavalo cego e, tão dignificante exemplo nos dá novo alento para continuarmos batalhando e esperando.

## CASA POPULAR

Atacadista — Arame farpado, ferraduras, pregos e enxadas — Vinhos estrangeiros e nacionais — Estoque permanente de massas

Varejista — Cravos, chapas, panelas, caldeirões, gasolina e álcool, etc

**JOSÉ ELIAS**

Rua 15 de Novembro N. 5 —o— Alegre —o— Estado do Espírito Santo

## "23 DE ABRIL DE 1811"

### Ao ensejo do 140º aniversário da Academia Militar das Agulhas Negras

No dia 4 de dezembro de 1810, o príncipe regente do Reino de Portugal e Algarves, que se encontrava no Brasil desde 1808, assinava uma Carta Régia, pela qual criava a Academia Real Militar. No dia 23 de abril de 1811 — há cento e quarenta anos, portanto — instalava-se na Casa do Trem a novel Academia. Funcionou ali até o ano seguinte, quando, então, o conde de Linhares, achando impréstável o edifício em questão, voltou suas vistas para a edificação que se fazia da futura Catedral, onde seria instalada a Sé do Rio de Janeiro, e que, havia sessenta anos, estava sendo erguida. Tomou conta do prédio e, em 1812, já ali funcionava a Academia Militar. Foi esse estabelecimento que deu origem à antiga Escola Central, mais tarde denominada Escola Politécnica e hoje rebatizada com o nome de Escola Nacional de Engenharia e que ainda funciona no prédio que deveria ser a Sé do Rio de Janeiro.

Em 1832, fundem-se as escolas de formação militar do Império com o nome de Academia Militar da Córte e, mais um ano, tornam a separar-se. Há cursos das quatro armas: infantaria, artilharia, cavalaria e engenharia, sendo que os três primeiros de duração de três anos, e o último com mais três anos.

Em 14 de fevereiro de 1839, cria-se a Escola Militar, cujos regulamentos eram calçados nos regulamentos da Escola Politécnica e nos da Escola de Aplicação de Metz, na França.

Em março de 1845, a Escola Militar sofre nova reforma. Criam-se os graus de doutores e bacharéis

em ciências físicas e matemáticas, abrindo-se a era dos chamados "bacharéis de espada".

Em setembro de 1851, em São Pedro do Rio Grande do Sul, instala-se o Curso de Cavalaria e Infantaria, o qual, em abril do ano seguinte, é mandado instalar em Pôrto Alegre. Em 1855, organiza-se a Escola de Aplicação do Exército, que vai funcionar na Fortaleza de São João. Em 1858, nova reforma: o estabelecimento de Pôrto Alegre passa a denominar-se Escola Militar Preparatória e o da Fortaleza de São João, Escola Militar de Aplicação. Em 1860, a Escola de Fortaleza passa a chamar-se Escola Militar e a de Pôrto Alegre, Escola Militar Auxiliar.

Posteriormente, em 1863, as duas Escolas tornam-se, apenas, Escolas Preparatórias, sendo matriculados na Escola Central os alunos que demonstrassem positivo aproveitamento. Com a Guerra do Paraguai, as Escolas Militares do Império são fechadas.

Terminado o conflito, em 1874, reorganiza-se o ensino militar, sendo criado o Curso de Infantaria e Cavalaria no Rio Grande, sendo a instrução dos futuros oficiais ministrada nos Depósitos, Escolas Regimentais, Preparatória e Militar. Esta última funcionava, então, na Praia Vermelha.

Em 1889, com a reforma Thomaz Coelho, surge mais uma Escola Militar, sediada em Fortaleza. Em 18 de abril de 1898, uma outra reforma extingue as Escolas de Fortaleza e Pôrto Alegre, surgindo então a Escola Militar do Brasil. As Escolas Práticas são transformadas em Escolas Preparatórias e

Táticas com sede em Rio Pardo e Realengo. Os acontecimentos revolucionários de 1904 levam o Governo a fechar as Escolas da Praia Vermelha e do Realengo. Em 1905, entretanto, reabrem-se os cursos militares: Escola de Guerra, no Rio; Escola de Aplicação de Artilharia e Engenharia, no Realengo; Escola de Aplicação de Infantaria e Cavalaria, em Rio Pardo e Escola de Estado-Maior, na Praia Vermelha. Em 1911 é extinta a Escola de Aplicação de Infantaria e Cavalaria e os seus alunos transferidos para a Escola de Guerra que, então, deixa a Praia Vermelha e vai funcionar no Realengo.

Em 1930, com o advento da Revolução de outubro, assume o comando da Escola Militar do Realengo o General José Pessoa, mi-

litar digno e conhecedor profundo do seu "metier". Levando em alta conta a preparação dos futuros oficiais do Exército, lança suas vistas para um vasto e arrojado programa: a retirada da Escola Militar do local onde funciona, no Realengo, para o Vale do Paraíba. Em 1940 lança-se a pedra fundamental da nova Academia que, pouco depois, construída segundo o projeto sóbrio e magnífico, vai receber os antigos cadetes do Rio. Ela agora passa a chamar-se Escola Militar de Rezende. Recentemente, entretanto, o Presidente da República assina um decreto modificando a sua denominação: passará a chamar-se Academia Militar das Agulhas Negras, tal como pretendia seu realizador, o General José Pessoa.

## CASA KFURI

DE

Nacib Haddad

Especialidade em: BRINS, LINHOS, CASIMIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS  
Grande sortimento de: Chapéus, Calçados, Armário, Perfumarias, etc.

CAMISARIA — ROUPAS FEITAS EM GERAL

RUA CEL. FRANCISCO BRAGA, 77/79

CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM — ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

## ARMARINHO MONTEIRO

PEDRO MONTEIRO CAMPOS

Grande sortimento de Tecidos em geral — Perfumaria — Bijouteria e artigos para presente

PREÇOS MÓDICOS

Rua 15 de Novembro n. 7 — ALEGRE — Estado do Espírito Santo

## CASA ZAHIRA

CALIL KAFURI

TECIDOS, ARMARINHO, PERFUMARIAS, FERRAGENS, LOUCAS, PAPELARIA  
— CALÇADOS, SEDAS, CHAPEUS E ARTIGOS PARA PRESENTES

Rua Espírito Santo, 2/8

MIMOSO DO SUL

—o—

E. DO ESP. SANTO

## FARMÁCIA SÃO SEBASTIÃO

GRANDE SORTIMENTO DE PRODUTOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

ALVARO NÓBREGA FURTADO

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 9 — ALEGRE — E. ESPÍRITO SANTO

# PORTUGUÊS SEM MESTRE

Sgt. GERALDINO MARONES

## (Análise)

lição — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, feminino, singular, grau normal; dissílabo, oxitona.

é — Verbo ser, da 2ª conjugação, 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, irregular, ativo, de ligação, monossílabo, tônico.

difícilima — Adjetivo qualificativo restritivo, feminino, singular, grau superlativo absoluto sintético, polissílabo, proparoxitona.

1º Exemplo: O soldado quer uma promoção. (já analisado).

1º Exemplo: Com a aproximação da noite, a mata começava a animar-se.

Com — Preposição simples, monossílabo, átona.

a — Adjetivo determinativo articular, definido, feminino, singular, monossílabo, átono.

aproximação — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, feminino, singular, grau normal; polissílabo, oxitona.

da — Contração da preposição simples (de), com o adjetivo determinativo articular, definido, feminino, singular — (a).

noite — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, feminino, singular, grau normal; dissílabo, paroxitona.

a — Adjetivo determinativo articular, definido, feminino, singular, monossílabo, átono.

mata — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, feminino, singular, grau normal; dissílabo, paroxitona.

começava — Verbo começar, da 1ª conjugação, 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo, regular, ativo, transitivo, tempo simples; polissílabo, paroxitona.

a — Preposição simples, monossílabo, átono.

animar-se — Verbo animar, da 1ª conjugação, 3ª pessoa do singular do presente pessoal do infinito, regular, pronominal acidental, transitivo, tempo simples; polissílabo, paroxitona.

2º Exemplo: Saudade — "gosto amargo dos infelizes".

Saudade — Substantivo comum, abstrato, primitivo, simples, feminino, singular, grau normal; trissílabo, paroxitona.

gosto — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, masculino, singular, grau normal; dissílabo, paroxitona.

amargo — Adjetivo qualificativo restritivo, masculino, singular, grau normal; trissílabo, paroxitona.

dos — Contração da preposição simples (de), com o adjetivo determinativo articular, definido, masculino, plural — (os).

infelizes — Adjetivo substantivado ou substantivo virtual, comum, concreto, primitivo, simples, masculino, plural, grau normal; polissílabo, paroxítona.

3º Exemplo: Nossas praias lindíssimas encantam os visitantes.

Nossas — Adjetivo determinativo possessivo, feminino, plural, dissílabo, paroxítona.

praias — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, feminino, plural, grau normal; trissílabo, proparoxítona.

lindíssimas — Adjetivo qualificativo restritivo, feminino, plural, grau superlativo absoluto sintético; polissílabo, proparoxítona.

encantam — Verbo encantar, da 1ª conjugação, 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, regular, ativo, transitivo, tempo simples; trissílabo, paroxítona.

os — Adjetivo determinativo articular, definido, masculino, plural, monossílabo, átono.

visitantes — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, masculino, plural, grau normal; polissílabo, paroxítona.

Joãozinho morreu no sábado.

Joãozinho — Substantivo próprio, concreto, primitivo, simples, masculino, singular, grau diminutivo; polissílabo, proparoxítona.

morreu — Verbo morrer, da 2ª conjugação, 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, regular, passivo, intransitivo, tempo simples; dissílabo, oxítona.

no — Contração da preposição simples (em), com o adjetivo determinativo articular, definido, masculino, singular, monossílabo, átono.

sábado — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, masculino, singular, grau normal; trissílabo, proparoxítona.

É fortíssimo o partido deles.

É — Verbo ser, da 2ª conjugação, 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, irregular, ativo, de ligação; monossílabo, tônico.

fortíssimo — Adjetivo qualificativo restritivo, masculino, singular, grau superlativo absoluto sintético; polissílabo, proparoxítona.

o — Adjetivo determinativo articular, definido, masculino, singular, monossílabo, átono.

partido — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, masculino, singular, grau normal; trissílabo, paroxítona.

deles — Contração da preposição simples (de), com o pronome substantivo ou pessoal, caso reto, 3ª pessoa do plural — (êles).

A couve-flor é gostosa.

A — Adjetivo determinativo articular, definido, feminino, singular, monossílabo, átono.

couve-flor — Substantivo comum, concreto, primitivo, composto, feminino, singular, grau normal; trissílabo, oxítona.

é — Verbo ser, da 2ª conjugação, 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, irregular, ativo, de ligação; monossílabo, tônico.

gostosa — Adjetivo qualificativo restritivo, feminino, singular, grau normal; trissílabo, paroxítona.

O indígena merece muita atenção.

O — Adjetivo determinativo articular, definido, masculino, singular, monossílabo, átono.

indígena — Substantivo comum de dois, concreto, primitivo, simples, masculino, singular, grau normal; polissílabo, proparoxítona.

merece — Verbo merecer, da 2ª conjugação, 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, regular, ativo, transitivo, tempo simples; trissílabo, paroxitona.

atenção — Substantivo comum, abstrato, primitivo, simples, feminino, singular, trissílabo, oxitona.

A artista vive felizmente.

A — Adjetivo determinativo articular, definido, feminino, singular, monossílabo, átono.

artista — Substantivo comum de dois, concreto, derivado, simples, feminino, singular, grau normal; trissílabo, paroxitona.

vive — Verbo viver, da 2ª conjugação, 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, regular, ativo, intransitivo, tempo simples; dissílabo, paroxitona.

felizmente — Advérbio de modo, simples, polissílabo, paroxitona.

A onça (macho) mordeu o caçador.

A — Adjetivo determinativo articular, definido, feminino, singular, monossílabo, átono.

onça — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, masculino, singular, grau normal; dissílabo, paroxitona.

mordeu — Verbo morder, da 2ª conjugação, 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, regular, ativo, transitivo, tempo simples; dissílabo, oxitona.

o — Adjetivo determinativo articular, definido, masculino, singular, monossílabo, átono.

caçador — Substantivo comum, concreto, derivado, simples, masculino, singular, grau normal; trissílabo, oxitona.

O jacaré (fêmea) gosta dos pântanos.

O — Adjetivo determinativo articular, definido, masculino, singular, monossílabo, átono.

jacaré (fêmea) — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, feminino, singular, grau normal; trissílabo, oxitona.

gosta — Verbo gostar, da 1ª conjugação, 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, regular, ativo, relativo, tempo simples; dissílabo, paroxitona.

dos — Contração da preposição simples — (de), com o adjetivo determinativo articular, definido, masculino, plural — (os).

pântanos — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, masculino, plural, grau normal; trissílabo, proparoxitona.

O Exército é uma instituição.

O — Adjetivo determinativo articular, definido, masculino, singular, monossílabo, átono.

Exército — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, coletivo geral, masculino, singular, grau normal; polissílabo, proparoxitona.

é — Verbo ser, da 2ª conjugação, 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, irregular, ativo, de ligação, monossílabo, tônico.

uma — Adjetivo determinativo articular, indefinido, feminino, singular, dissílabo, paroxitona.

instituição — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, feminino, singular, grau normal; polissílabo, oxitona.

Num batalhão há muitas armas.

Num — Contração da preposição simples (em), com o adjetivo determinativo articular, indefinido, masculino, singular — (um).

**batalhão** — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, coletivo partitivo, masculino, singular, grau normal; trissílabo, oxitona.

**há** — Verbo haver, da 2ª conjugação, 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, irregular, auxiliar, ativo, transitivo, tempo simples; monossílabo, tônico.

**muitas** — Advérbio de quantidade, simples, dissílabo, paroxitona.

**armas** — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, feminino, plural, grau normal; dissílabo, paroxitona.

Precisamos uma dúzia de cerveja.

**Precisamos** — Verbo precisar, da 1ª conjugação, 1ª pessoa do plural do presente do indicativo, regular, ativo, transitivo, tempo simples; polissílabo, paroxitona.

**uma** — Adjetivo determinativo articular, indefinido, feminino, singular, dissílabo, paroxitona.

**dúzia** — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, coletivo determinado, feminino, singular, grau normal; trissílabo, proparoxitona.

**de** — Preposição simples, monossílabo, átono.

**cerveja** — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, feminino, singular, grau normal; trissílabo, paroxitona.

Vendi um rebanho de galinhas.

**Vendi** — Verbo vender, da 2ª conjugação, 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, regular, ativo, transitivo, tempo simples; dissílabo, oxitona.

**um** — Adjetivo determinativo articular, indefinido, masculino, singular, monossílabo, átono.

**rebanho** — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, coletivo indeterminado, masculino, singular, grau normal; trissílabo, paroxitona.

**de** — Preposição simples, monossílabo, átono.

**galinhas** — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, feminino, plural, grau normal; trissílabo, paroxitona.

Pelos prados ele andava durante a ausência.

**Pelos** — Contração da preposição simples (per), com o adjetivo determinativo articular, definido, masculino, plural — (os).

**prados** — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, masculino, plural, grau normal; dissílabo, paroxitona.

**ele** — Pronome substantivo ou pessoal, caso reto, 3ª pessoa do singular, dissílabo, paroxitona.

**andava** — Verbo andar, da 1ª conjugação, 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo, regular, ativo, intransitivo, tempo simples; trissílabo, paroxitona.

**durante** — Preposição simples, trissílabo, paroxitona.

**a** — Adjetivo determinativo articular, definido, feminino, singular, monossílabo, átono.

**ausência** — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, feminino, singular, grau normal; polissílabo, proparoxitona.

O comandante da patrulha foi preso pelo oficial de ronda.

**O** — Adjetivo determinativo articular, definido, masculino, singular, monossílabo, átono.

**comandante** — Substantivo comum, concreto, derivado, simples, masculino, singular, grau normal; polissílabo, paroxitona.

**da** — Contração da preposição simples — (de), com o adjetivo determinativo articular, definido, feminino, singular — (a).



patrulha — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, feminino, singular, grau normal; trissílabo, paroxítona.

foi — Verbo ser, da 2ª conjugação, 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, irregular passivo, transitivo, tempo simples; monossílabo, átono.

prêso — Particípio passado irregular do verbo prender; dissílabo, paroxítona.

pelo — Contração da preposição simples — (per), com o adjetivo determinativo articular, definido, masculino, singular, dissílabo, paroxítona.

oficial — Adjetivo substantivado ou substantivo virtual, comum, concreto, primitivo, simples, masculino, singular, grau normal; polissílabo, oxítona.

de — Preposição simples, monossílabo, átono.

ronda — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples feminino, singular, grau normal; dissílabo, paroxítona.

O carro parou.

O — Adjetivo determinativo articular, definido, masculino, singular, monossílabo, átono.

carro — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, masculino, singular, grau normal; dissílabo, paroxítona.

parou — Verbo parar, da 1ª conjugação, 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, regular, ativo, intransitivo, tempo simples; trissílabo, paroxítona.

Faltaram a parada, os soldados da guarda.

Faltaram — Verbo faltar, da 1ª conjugação, 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, regular, ativo, transitivo, tempo simples; trissílabo, paroxítona.

a — Adjetivo determinativo articular, definido, feminino, singular, monossílabo, átono.

parada — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, feminino, singular, grau normal; trissílabo, paroxítona.

os — Adjetivo determinativo articular, definido, masculino, plural, monossílabo, átono.

soldados — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, masculino, plural, grau normal; trissílabo, paroxítona.

da — Contração da preposição simples — (de), com o adjetivo determinativo articular, definido, feminino, singular — (a).

guarda — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, feminino, singular, grau normal; dissílabo, paroxítona.

O soldado não fez continência ao general e foi expulso.

O — Adjetivo determinativo articular, definido, masculino, singular, monossílabo, átono.

\*soldado — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, masculino, singular, grau normal; trissílabo, paroxítona.

não — Advérbio de negação, simples, monossílabo, tônico.

fêz — Verbo fazer, da 2ª conjugação, 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, irregular, ativo, transitivo, tempo simples; monossílabo, átono.

continência — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, feminino, singular, grau normal; polissílabo, proparoxítona.

ao — Contração da preposição simples — (a), com o adjetivo determinativo articular, definido, masculino, singular — (o).

general — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, masculino, singular, grau normal; trissílabo, oxítone.

e — Conjunção coordenativa, simples, monossílabo, átono.

foi — Verbo ser, da 2ª conjugação, 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, irregular, passivo, transitivo, tempo simples; monossílabo, átono.

expulso — Particípio passado irregular do verbo expulsar; trissílabo, paroxítone.

Seus gatos roubaram toucinho de José.

Seus — Adjetivo determinativo possessivo, masculino, plural, monossílabo, átono.

gatos — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, masculino, plural, grau normal; dissílabo, paroxítone.

roubaram — Verbo roubar, da 1ª conjugação, 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, regular, ativo, transitivo, tempo simples; trissílabo, paroxítone.

toucinho — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, masculino, singular, grau normal; trissílabo, paroxítone.

de — Preposição simples, monossílabo, átono.

José — Substantivo próprio, concreto, primitivo, simples, masculino, singular, grau normal; dissílabo, oxítone.

O barco virou em virtude do mau tempo.

O — Adjetivo determinativo articular, definido, masculino, singular, monossílabo, átono.

barco — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, masculino, singular, grau normal; dissílabo, paroxítone.

virou — Verbo virar, da 1ª conjugação, 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, passivo, transitivo, tempo simples; dissílabo, oxítone.

em virtude do — Locução prepositiva, polissílabo, paroxítone.

mau — Adjetivo qualificativo restritivo, masculino, singular, grau normal; monossílabo, tônico.

tempo — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, masculino, singular, grau normal; dissílabo, paroxítone.

A bateria conserva carga.

A — Adjetivo determinativo articular, definido, feminino, singular, monossílabo, átono.

bateria — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, feminino, singular, grau normal; polissílabo, paroxítone.

conserva — Verbo conservar, da 1ª conjugação, 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, regular, ativo, transitivo, tempo simples; trissílabo, paroxítone.

carga — Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, feminino, singular, grau normal; dissílabo, paroxítone.

## ARMAZÉM ZANOM

SECOS E MOLHADOS — GRANDE VARIEDADE DE CONSERVAS

Francisco Zanom

RUA GAL. ABARIPE N. 3

CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM — ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

## NOTÍCIAS MILITARES

### AS NOVAS ARMAS DO EXÉRCITO FRANCÊS

#### Um artigo inédito de Georges Maray

A França empreendeu um vasto esforço de rearmamento. Já está elaborado um programa de novas construções. Há dois anos já que estão sendo prosseguidos tenazmente vários estudos: foram adotados alguns protótipos de engenhos de guerra terrestre e empreendidas várias séries.

Como prova dos excelentes resultados dessa política de grande esforço, o Ministro da Defesa Nacional apresentou, recentemente, no campo de Baumholder, em zona de ocupação francesa na Alemanha, numerosos materiais de infantaria, antitanques, artilharia, tanques, de concepção e fabrico inteiramente nacionais.

Entre eles, a pistola automática, de calibre 9 mm, com cartucho Parabellum fabricada à razão de cinco mil peças por mês.

Em matéria de armas ligeiras, a infantaria será munida de uma pistola-metralhadora do mesmo calibre, e de um fuzil automático modelo 1949, de 7 mm .3, utilizável para o tiro das granadas antitanques.

Esse fuzil automático, na estandardização dos armamentos das nações do Pacto do Atlântico será substituído por uma arma similar, mas de calibre de 7 mm .62 (que é o calibre americano) e por uma carabina automática.

Vários protótipos da "arma automática única" foram apresentados pelas Manufaturas de Saint-Etienne, de Châtellerault e de Mu-

lhouse. Essa arma automática única pode ser um fuzil-metralhador ou uma metralhadora.

Um novo morteiro de 120 mm deve igualmente ser pôsto em serviço: pode ser decomposto em quatro partes; montado sobre duas rodas desmontáveis; com pneus maciços; será transportado num jeep.

De fato, o engenho antitanque, o "bazooka" francês, é uma arma ligeiríssima, 7 quilos, mas de grande eficiência. A 250 metros de distância, atravessa uma blindagem de 250 mm de espessura. Perfura e projeta no interior do tanque um punhado de metal em fusão.

Há, além disso, a granada antitanque, disparada por um fuzil ordinário, e a mina antitanque, que lança a várias centenas de metros um feixe de pequenas lâminas de aço que podem atravessar chapas blindadas de 100 mm de espessura.

Entre os engenhos antitanques e os materiais de artilharia, está o canhão de 75 sem recuo.

Esse canhão, montado num simples tripé, maneja-se como uma metralhadora. O tripé pesa 20 kg. O recuo é anulado por meio de válvulas de escape de gás. Essa arma, de concepção inteiramente moderna, é destinada especialmente às formações transportadas por via aérea. Pode disparar dois projéteis de 6 kg, a seis km, um explosivo, e outro antitanque.

O calibre de 75 mm foi sempre o preferido pelos velhos artilheiros franceses, mas, hoje, as materias de divisão são constituídos pelos

obuseiros de 105 e 155 mm. O obuseiro é uma boca de fogo disparando normalmente tiro curvo, enquanto o canhão utiliza o tiro reto.

O obuseiro de 105 mm dispara, a mais de 14 km, um obus de 18 kg. Três flechas que se abrem, fixas no chão em forma de bateria, permitem-lhe disparar em todas as direções. Possui um freio de boca de grande rendimento. O obuseiro de 155 é construído sob a mesma fórmula. Ambos são atrelados diretamente a um trator.

Também existem 105 e 155 mm "automotores". O 155 automotor tem um chassis de lagarta montado em uma casamata blindada, que abriga um canhão de 20 mm para a defesa a curta distância e a ação anti-aérea. Com uma tripulação de seis homens, o obuseiro, que dispõe de um motor de 650 CV, pode marchar a 30 km por hora.

O 105 automotor pode ser transportado por via aérea; é muito manejável e móvel. Está preservado contra os projéteis pesados da infantaria.

Na série de veículos, temos o "carro de ligação e de reconhecimento Dellahaye" e a "chenillette Hotchkiss".

O primeiro é mais conhecido pelo nome de "jeep francês"; é uma versão aperfeiçoada do famoso jeep americano. Tem um motor de 65 cavalos e quatro rodas motrizes e independentes. Faz maravilhas em todos os terrenos; foi, assim, recentemente escolhido para participar no "rallye" africano Argel-Cabo.

A "chenillette Hotchkiss", de 3 toneladas e meia, tem uma carga útil de 850 kg e pode transportar um semi-grupo de combate. Seu armamento anti-aéreo é composto de duas metralhadoras de 8 mm.

### Restam os blindados

E, primeiro, o engenho blindado de reconhecimento Panhard: 12 toneladas e meia, um canhão de 75, três metralhadoras de 20 mm, em média. Seu motor de 200 ca-

valos dá-lhe uma velocidade de 100 km à hora. A principal particularidade desse notável engenho é o seu trem de rodagem; as quatro rodas de direção são calçadas com pneumáticos; as outras quatro rodas são metálicas, e se elevam no momento em que a auto-metralhadora marcha.

Equipado com duplo sistema para marcha à frente e trazeira, é um engenho perfeito para missões de "decouverte", não precisa manobrar para virar uma estrada e pode sair da estrada em alguns segundos em caso de emergência, pulando com facilidade os obstáculos laterais da estrada.

O "clou" da apresentação do campo de Baumholder foi, entretanto, o tanque ligeiro de 13 toneladas, de perfil muito baixo. O teto da torrinha está apenas a dois metros do solo, o que reduz consideravelmente a sua vulnerabilidade. Sua velocidade (70 km em estrada) e seu armamento (um 75 de grande velocidade inicial) superaram os do tanque americano de 26 toneladas e fazem dele um adversário perigoso para todos os tanques que até agora existem. É um excelente "caçador de tanques".

Por último, para acabar a série das novas armas, eis o tanque de batalha de 50 toneladas. Suas características são um canhão de 100 mm que dispara a mais de 1.000 metros; segundo, um obus de 30 kg; um motor de 1.000 cavalos com cinco velocidades, mais um motor auxiliar de 55 CV para lançar o motor maior e fazer girar a torrinha; um trem de rodagem semelhante ao do "Tigre" alemão; uma velocidade máxima de 50 km à hora; um equipamento de rádio de maior perfeição.

Sua silhueta muito baixa, parecida com a dos tanques alemães de fim da guerra, é muito indicada para os combates modernos. Quanto às suas blindagens, de 180 mm na frente, 40 mm nos lados e 45 mm na parte superior, fazem desse engenho o único tipo de tanque que pode competir com o famoso tanque russo José Stalin III.

## COLABORAM NESTE NÚMERO :

Professor Djacir Menezes.  
Gen. Fernando Tavora.  
Gen. Manoel de Azambuja Brilhante.  
Cel. Adalardo Fialho.  
Ten.-Cel. A.C. Muniz de Aragão.  
Ten.-Cel. Arold Ramos de Castro.  
Ten.-Cel. Hermenegildo de O. Carneiro.  
Ten.-Cel. Orlando Rangel.  
Ten.-Cel. Riograndino da Costa e Silva.  
Ten.-Cel. Senna Campos.  
Maj. Floriano Möller.  
Cap. Alberto Furtado.  
Cap. Ayrton de Carvalho Mattos.  
Cap. Carlos de Meira Mattos.  
Cap. Estevam Meirelles.  
Cap. Germano Seidl Vidal.  
Cap. Jonas Correia Neto.  
Cap. L.C. Silveira.  
Cap. Luis Felipe de Azambuja.  
Cap. Tácito Theophilo.  
Sgt. Geraldino Maronés.



É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos publicados nesta Revista, desde que seja citada a fonte.

Cr\$ 10,00

S. G. M. G.  
IMPRESA MILITAR  
RIO DE JANEIRO — 1951